

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**Escola de Música**  
**Programa de Pós-Graduação em Música**

Flávio Garcia da Silva

**NSBM E O SUBTERRÂNEO DO METAL EXTREMO: o black metal e a suas relações  
com o neofascismo em dois casos no Brasil**

Belo Horizonte  
2025

Flávio Garcia da Silva

**NSBM E O SUBTERRÂNEO DO METAL EXTREMO: o black metal e a suas relações  
com o neofascismo em dois casos no Brasil**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Música.

Linha de Pesquisa: Música e Cultura

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Pires Rosse

Belo Horizonte

2025

Silva, Flávio Garcia da.

S586n NSBM e o subterrâneo do metal extremo [recurso eletrônico] : o black metal e a suas relações com o neofascismo em dois casos no Brasil / Flávio Garcia da Silva . - 2025.  
1 recurso online ( 216 f.: il. color.) : pdf.

Orientador: Eduardo Pires Rosse.

Linha de pesquisa: Música e cultura.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Música.  
Bibliografia: f. 212-216.

1. Música - Teses. 2. Música popular – Aspectos políticos – Brasil . 3. Fascismo - Brasil.  
4. Música e sociedade. 5. Extremistas de direita. I. Rosse, Eduardo Pires. II. Universidade  
Federal de Minas Gerais, Escola de Música. III. Título.

CDD 780.07



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Tese defendida pelo aluno Flávio Garcia da Silva, em 12 de setembro de 2025, e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Professores:

---

Prof. Dr. Eduardo Pires Rosse  
Universidade Federal de Minas Gerais  
(orientador)

---

Profa. Dra. Lúcia Pompeu de Freitas Campos  
Universidade Federal de Minas Gerais

---

Prof. Dr. Jorge Luiz Cunha Cardoso Filho  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

---

Prof. Dr. Paulo Henrique Caetano  
Universidade Federal de São João del-Rei

---

Prof. Dr. Paulo Vinícius Amado  
Conservatório Estadual de Música Padre José Maria Xavier  
São João del-Rei



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Henrique Caetano, Usuário Externo**, em 14/10/2025, às 10:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jorge Luiz Cunha Cardoso Filho, Usuário Externo**, em 14/10/2025, às 10:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eduardo Pires Rosse, Professor do Magistério Superior**, em 14/10/2025, às 10:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



---

Documento assinado eletronicamente por **Lúcia Pompeu de Freitas Campos, Usuário Externo**, em 14/10/2025, às 17:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



---

Documento assinado eletronicamente por **Paulo Vinícius Amado, Usuário Externo**, em 15/10/2025, às 10:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4646648** e o código CRC **AB9A2EE3**.

---

Referência: Processo nº 23072.254620/2025-85

SEI nº 4646648

Esta pesquisa é dedicada àqueles que combatem  
o fascismo em suas diversas formas.  
Em homenagem à pesquisadora Adriana Dias  
(1970-2023), *in memoriam*.

## AGRADECIMENTOS

À minha companheira Elisângela (com todo meu carinho), minha enteada Luana e Marcus.

Aos meus pais e irmãos pelo apoio e exemplo de vida; aos meus avós paternos e maternos (*in memoriam*); aos meus tios (*in memoriam*).

Ao amigo/irmão Renato Amarante e família pela força.

Ao meu orientador prof. dr. Eduardo Rosse, pela amizade, pelas contribuições e por acreditar no meu tema.

Ao Grupo de Etnomusicologia da UFMG – (GrEt); aos colegas da Associação Brasileira de Etnomusicologia – (ABET) pelos questionamentos e aporte; aos colegas da IASPM-AL (seção latino-americana da Associação Internacional para o Estudo da Música Popular), em especial a pesquisadora María de la Luz Núñez pelas literaturas e referências na América Latina; aos colegas do 7º Congresso de Comunicação, Som & Música (COMÚSICA) pelas contribuições; às professoras Dras. Sônia Pessoa & Camila Mantovani (PPGCOM); Dra. Miriam Hermeto (PPGH) – [FAFICH/UFMG] pelas importantes colaborações; aos colegas da Antropologia da Imagem e do Som, em especial a Giovanna Benassi pelas valiosas dicas ainda no pré-projeto.

Aos colegas da cena de metal extremo – Márcio Alexandre “Ameba”, Gabriel “Escarnium”, Andrey A.B. Zine, Thiago “Bastardo”, Marcelo “Mort”, Rodrigo Trajano, Fernando Fernández (*in memorian*), Mallú e Markin “Divine” e Vladimir Korg pelas contribuições e disponibilidade.

Aos amigos da UFMG, em especial Gabriel Arruda, Carlitos, Michel Brasil, Aline Magalhães, Nelson, Leo Cruz, Mariana Marina, Ricardo Jamal, Leo Rosse e Paulo Amado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Música da UFMG.

À CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – pelo fomento da pesquisa.

Ao CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Aos amigos da “Eterna” Escola Municipal Maria do Amparo – Magalhães, Maria Isabel, Ádria, Alexandre, Áurea, Bruna, Carla, Celi, Cássia, Elaine, Franciele, Geffeur, Janete, Liza, Luciene, Nayara, Paula, Roni, Washington e Sérgio – vocês são inspiradores! Aos meus ex-alunos, em especial a Raphaela Vitoria (*in memoriam*).

“O fascismo é eterno”  
(ECO, Humberto. 2021).

## RESUMO

O flerte da música metal com o conservadorismo da extrema direita produziu um subestilo chamado *National Socialist Black Metal*, mais conhecido pela sigla NSBM, traduzido em português como black metal nacional-socialista. O objeto desta pesquisa está num aparente paradoxo, na forma como um segmento do metal, tido como *underground*, ou seja, tido como marginal, desenvolveu um elo com a propaganda ideológica da extrema direita mundial. Assim, um dos objetivos é analisar como surgiu esse subestilo reacionário e quais são as estratégias adotadas pelos indivíduos que consomem e, sobretudo, que produzem esse tipo de música em terras brasileiras a partir de sua gênese e “laços” com o território europeu. A partir de dois casos flagrantíssimos, lançando mão de levantamento bibliográfico, depoimentos e entrevistas semiestruturadas com pessoas envolvidas diretamente na cena de metal extremo, além da análise de materiais audiovisuais conexos, foi encontrada uma miríade de bandas NSBM atuando de forma semiclandestina, porém com a conivência da própria cena.

Palavras-chave: NSBM; Música e extrema direita; metal extremo; neofascismo na Música.

## **ABSTRACT**

Metal music's flirtation with far-right conservatism has produced a subgenre called National Socialist Black Metal, better known by its acronym NSBM, translated into Portuguese as national-socialist black metal. The object of this research lies in an apparent paradox: how a segment of metal, considered underground, that is, considered marginal, developed a link with the ideological propaganda of the global far-right. Thus, one of the objectives is to analyze how this reactionary subgenre emerged and the strategies adopted by consumers and, above all, producers of this type of music in Brazil, based on its genesis and "ties" to Europe. Based on two egregious cases, drawing on a bibliographical survey, testimonies, and semi-structured interviews with people directly involved in the extreme metal scene, as well as an analysis of related audiovisual materials, it is clear that a myriad of NSBM bands have been discovered operating semi-clandestinely, albeit with the connivance of the scene itself.

Keywords: NSBM; Music and the far right; extreme metal; neofascism in Music.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – STANLEY BRIAN DA BANDA ECHOES POSANDO NA SUA PRODUTORA UNDERGROUND NOISE PRODUCTIONS – 18 DE FEVEREIRO – 2024.....	64
FIGURA 2 – STANLEY BRIAN DA BANDA ECHOES POSANDO COM O LIVRO “MEIN KAMPF – MINHA LUTA” DE ADOLF HITLER E NO PESCOÇO O COLAR DA CRUZ DE FERRO, UM SÍMBOLO DO EXÉRCITO NAZISTA – 10 DE DEZEMBRO – 2019.....	65
FIGURA 3 – STANLEY BRIAN DA BANDA ECHOES POSANDO COM UM CACHORRO PITBULL DE NOME “HITLER 1”, SEGUNDO SUA POSTAGEM NO INSTAGRAM, E NO DETALHE, DENTRE VÁRIAS TATUAGENS NAS PERNAS, UM SS SÍMBOLO NAZISTA – 25 DE ABRIL – 2019.....	65
FIGURA 4 – MIKE ELIVAL (À ESQUERDA) E STANLEY BRIAN (À DIREITA) DA BANDA ECHOES POSANDO COM UM TERCEIRO EM SAUDAÇÃO NAZISTA – 21 DE SETEMBRO – 2020.....	66
FIGURA 5 – TRECHO DO VÍDEO DA BANDA ECHOES – “DEATH TO THE FAD OF METAL” – 2018.....	73
FIGURA 6 – TRECHO DO VÍDEO DA BANDA ECHOES – “DEATH TO THE FAD OF METAL” – 2018.....	73
FIGURA 7 – TRECHO DO VÍDEO DA BANDA ECHOES – “BLACK METAL OU MORTE – 7 DE SETEMBRO – INDEPENDÊNCIA DO BRASIL” – 2019.....	75
FIGURA 8 – TRECHO DO VÍDEO DA BANDA ECHOES – “THE GODS WERE ASTRONAUTS” – 2019.....	79
FIGURA 9 – TRECHO DO VÍDEO DA BANDA ECHOES – “THE GODS WERE ASTRONAUTS” – 2019.....	79
FIGURA 10 – TRECHO DO VÍDEO DA BANDA ECHOES – “THE GODS WERE ASTRONAUTS” – 2019.....	80
FIGURA 11 – FOTO DE STANLEY BRIAN NO PERFIL DA BANDA ECHOES NO INSTAGRAM – AO FUNDO NA PAREDE REFERÊNCIAS AO NAZISMO E AO VÍDEO “THE GODS WERE ASTRONAUTS” DE 2019 – DENTRE AS HASHTAGS ESTÁ O NSBM.....	80
FIGURA 12 – FOTO DE STANLEY BRIAN NO PERFIL DA BANDA ECHOES NO INSTAGRAM – CENA DO VÍDEO “I HAVE TO KILL THE PRESIDENT” DE 2016 – DENTRE AS HASHTAGS ESTÁ O NSBM.....	85
FIGURA 13 – FOTO DE MIKE ELIVAL NO PERFIL DA BANDA ECHOES NO INSTAGRAM – CENA DO VÍDEO “I HAVE TO KILL THE PRESIDENT” DE 2016 – DENTRE AS HASHTAGS ESTÁ O NSBM.....	85
FIGURA 14 – FOTO DE STANLEY BRIAN NO PERFIL DA BANDA ECHOES NO INSTAGRAM – AO FUNDO NA PAREDE REFERÊNCIAS AO NAZISMO, COM O LIVRO MEIN KAMPF, AO NACIONALISMO E AO BOLSONARISMO– DENTRE AS HASHTAGS ESTÁ O NSBM.....	86
FIGURA 15 – FOTO DE MIKE ELIVAL EM UM DE SEUS PERFIS NO FACEBOOK EM 27 DE OUTUBRO DE 2018 – AO FUNDO NA PAREDE REFERÊNCIAS AO NAZISMO, COM O LIVRO MEIN KAMPF, AO NACIONALISMO E AO BOLSONARISMO – NA LEGENDA ELE ESCREVE: “BLOOD, GLORY AND HONOR. BOLSONARO PRESIDENT!”....	86
FIGURA 16 – FOTO DE STANLEY BRIAN E MIKE ELIVAL EM CENA DO VIDEOCLÍPE “THE AMAZON IS BRAZILIAN” DE 2020.....	90
FIGURA 17 – FOTO DO GRÁFICO DE PAÍSES QUE VISITARAM O BLOG DA BANDA ECHOES.....	94
FIGURA 18 – FOTO DA LISTA DE PAÍSES QUE VISITARAM O BLOG DA BANDA ECHOES. OPTAMOS AQUI EM COLOCAR APENAS OS 25 PRIMEIROS PAÍSES. OS DADOS COMPLETOS CONTEMPLAM TRÊS PÁGINAS, COM AS 119 BANDEIRAS DE PAÍSES VISITANTES.....	95
FIGURA 19 – LOGO DA BANDA KUKULCAN.....	99
FIGURA 20 – LOGO DA BANDA COMANDO DE EXTERMINIO.....	100
FIGURA 21 – CAPA DO SPLIT ALBUM PAGANISMO ANTI-CRISTIANO DAS BANDAS IXTAUKAYOTL E TLILLAN CALMECAC.....	100
FIGURA 22 – LOGO DO SELO ORGANIZACION NACIONAL SOCIALISTA PAGANA – O.N.S.P.....	100
FIGURA 23 – ENCARTE DA DEMO A SOUTHERN WAR FROM THE WINTER'S MARCH, 1996 – EVIL.....	108
FIGURA 24 – ENCARTE DA DEMO ...EVIL STORMING ONWARDS TO THE BATTLEFIELD..., 1997 – EVIL.....	108
FIGURA 25 – ENCARTE DO ÁLBUM REVENGE OF IRON AND THUNDER, 1998 – EVIL.....	110
FIGURA 26 – LUIZ CARLOS OLIVEIRA NA GUITARRA E CAIO BILDNER NA BATERIA (WARLORD E WARGUN) – BANDA EVIL.....	118
FIGURA 27 – LUIZ CARLOS OLIVEIRA E CAIO BILDNER (WARLORD E WARGUN) – BANDA EVIL.....	118
FIGURA 28 – À ESQUERDA, CAIO BILDNER E À DIREITA, LUIZ CARLOS OLIVEIRA (WARGUN E WARLORD) – BANDA EVIL.....	119
FIGURA 29 – À ESQUERDA, CAIO BILDNER E À DIREITA, LUIZ CARLOS OLIVEIRA (WARGUN E WARLORD) – BANDA EVIL.....	119
FIGURA 30 – CAPA DO CD HAMMERSTORM, 2009 – BANDA EVIL.....	131
FIGURA 31 – CAPA DO EP ...TO THE FALLEN AND FREE, 2013 – BANDA EVIL. DA ESQUERDA PARA A DIREITA: CAIO BILDNER E LUIZ CARLOS OLIVEIRA POSANDO AO LADO DO TÚMULO DE HENRIQUE VELASCO.....	133

FIGURA 32 – FOTO USADA COMO DIVULGAÇÃO DE HENRIQUE VELASCO – “BLACK GOAT OF DARKNESS” – DA BANDA EVIL NO SITE METAL ARCHIVES. ....	133
FIGURA 33 – CAPA DO ÁLBUM ASHES OF OLD, 2015 – BANDA EVIL.....	143
FIGURA 34 – CAPA DO ÁLBUM SPLIT UNICA FEDE - UNICA VOLONTA (LIVE AT HOT SHOWER), 2016, EVIL E DER STÜRMER. ....	145
FIGURA 35 – PROPAGANDA DO EVENTO HOT SHOWER NA ITÁLIA COM A BANDA EVIL. ....	146
FIGURA 36 – CAPA DA CASSETE AO VIVO EMPUNHANDO A ESPADA DE ARES, 2020, BANDA EVIL. ....	146
FIGURA 37 – DIVULGAÇÃO DO EVENTO SOLSTÍCIO METAL FEST, 17 DE DEZEMBRO, 2016, CORDEIRÓPOLIS - SP. ....	147
FIGURA 38 – FOTO DE C. HIGA DO SHOW DA BANDA EVIL NO SOLSTÍCIO METAL FEST, 17 DE DEZEMBRO, 2016, CORDEIRÓPOLIS - SP.....	147
FIGURA 39 – CAPA DO ÁLBUM DE VOLTA AOS CRIMES PRIMITIVOS / TRỠ LẠI TỘI PHẠM NGUYỄN THÙY, 2019 – BANDA EVIL E VOTHANA. ....	148
FIGURA 40 – CAPA DO ALBUM AO VIVO EVIL STORMING ONWARDS STEELFEST AND ASGARDSREI, 2022. DA ESQUERDA PARA A DIREITA: SAULO PEGHIN, CAIO BILDNER E LUIZ CARLOS OLIVEIRA – BANDA EVIL....	149
FIGURA 41 – DA ESQUERDA PARA A DIREITA: LUIZ CARLOS OLIVEIRA, SAULO PEGHIN E CAIO BILDNER – BANDA EVIL.....	149
FIGURA 42 – DA ESQUERDA PARA A DIREITA: CAIO BILDNER, SAULO PEGHIN E LUIZ CARLOS OLIVEIRA – BANDA EVIL.....	150
FIGURA 43 – CAPA DO ÁLBUM SPLIT WEREWOLVES OF THE BLACK HOLOCAUST, 2020, EVIL E WALSUNG.....	151
FIGURA 44 – CAPA DO ÁLBUM SPLIT BERSERKS OF THE ASGARDSREI, 2022, ABSURD E EVIL.....	152
FIGURA 45 – CAIO BILDNER – WARGUN – FOTO DE DIVULGAÇÃO DA BANDA EVIL. ....	154
FIGURA 46 – CAPA DO ÁLBUM EP RENASCER, 2021, ALÉM-HOMEM. ....	159
FIGURA 47 – CAPA DA DEMO SAO PAULO INVICTO, 2017, PAULISTARUM. ....	160
FIGURA 48 – CAPA DO EP PAULISTÂNIA, 2020, LE MARCHAND.....	160
FIGURA 49 – CAPA DO ÁLBUM REGIONALISMO COERCITIVO, 2016, FUROR VOLTURNO.....	161
FIGURA 50 – CAPA DO ÁLBUM SOBRE AS CINZAS DO FRACASSO ALHEIO, DE 2015, RAVENDARK’S MONARCHAL CANTICLE. ....	163
FIGURA 51 – BANDA NSBM PAULISTANA RAVENDARK’S MONARCHAL CANTICLE. CAIO BILDNER NO VOCAL E BATERIA, CARLOS PIMENTEL NA GUITARRA E CARLOS CABRAL NO BAIXO. FOTO DE DIVULGAÇÃO.....	165
FIGURA 52 – SAULO PEGHIN – OLDWOLF – FOTO DE DIVULGAÇÃO DA BANDA EVIL. ....	166
FIGURA 53 – CAPA DO ÁLBUM PERPETUAL BLOOD, DE 2016, WALSUNG. ....	173
FIGURA 54 – LUIZ CARLOS OLIVEIRA – WARLORD – FOTO DE DIVULGAÇÃO DA BANDA EVIL.....	173
FIGURA 55 – CAPA DA DEMO-CASSETE A NOVA ORDEM, DE 1997, RESISTENCIA 88. ....	175
FIGURA 56 – CAPA DA DEMO-CASSETE KULTURKAMPF, DE 1998, COMMAND.....	181
FIGURA 57 – CAPA DO ÁLBUM STURMANGRIFF, DE 2004, COMMAND. ....	184
FIGURA 58 – CAPA DO ÁLBUM COMPARTILHADO DE 2016, COMMAND.....	186
FIGURA 59 – CAPA DO ÁLBUM THE REBIRTH OF THE NIGHT AND THE FOG, DE 2023, WEREWOLF BLOODORDER. ....	192
FIGURA 60 – LUIZ CARLOS OLIVEIRA. FOTO DE C. HIGA, 2016.....	198

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

ITEM 1 – TABELA 1 – DADOS SOBRE OS CANAIS DA BANDA ECHOES .....	68
ITEM 2 – TABELA 2 – DADOS SOBRE O CONTEÚDO DO CANAL ECHOES TV .....	69
ITEM 3 – QUADRO 1 – A DISCOGRAFIA DA BANDA EVIL (1995 ATÉ 2024).....	152

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

NSBM – National Socialist Black Metal (Black Metal Nacional-Socialista)

NS – Nacional-Socialista

BM – Black Metal

HH – Heil Hitler

88 – Uma referência a oitava letra do alfabeto o “H”. Repetido duas vezes forma um “apito de cachorro” utilizado por grupos neonazista e supremacistas que significa Heil Hitler.

14 – Também funciona como signo identificado pelo neonazistas e faz referência às quatorze palavras proferida pelo supremacista estadunidense David Lane: “We must secure the existence of our people and a future for white children”. Em português é traduzido como: “Devemos garantir a existência do nosso povo e um futuro para as crianças brancas”.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I. SOBREVOOS .....</b>	<b>17</b>
1.1 Um mosaico sobre o metal (num discurso interno).....	17
1.2 A partir do black metal até o NSBM.....	20
1.2. 1 Primeiro ato: sonoridades e um tema, Ave Satã! .....	20
1.2. 2 Segundo ato: música e violência a partir do norte global .....	23
1.2. 3 Terceiro ato: black metal para a Frente (Pagã) e à direita (extrema) .....	27
1.2. 4 Quarto ato: black metal para o “Terceiro Reich” (NSBM).....	33
<b>CAPÍTULO II. REFLETINDO SOBRE A CENA DO METAL: CONTRADIÇÕES E DESAFIOS.....</b>	<b>37</b>
2.1 A cena metal como comunidade reflexiva .....	37
2.2 A cena metal e as suas contradições parte I: a irreflexividade.....	39
2.3 A cena metal e as suas contradições parte II: a antirreflexividade reflexiva .....	43
2.4 Um comentário sobre investigar extremos.....	48
<b>CAPÍTULO III. O CAMINHO DAS SOMBRAS DO METAL EXTREMO BRASILEIRO.....</b>	<b>53</b>
3.1 Primeiros passos na “Área”.....	53
3.1.1 A banda <i>Echoes</i> : entre o neonazismo, o bolsonarismo e as teorias da conspiração .....	60
3.2 As lentes ideológicas dos roteiros, das criações e associações históricas.....	70
3.3 O mal que nasce do absurdo: uma tradução tropical do NSBM germânico .....	96
3.3.1 Desvendando a trilha do mal.....	103
3.3.2 Codinome <i>Wargun</i> ... entre mais alguns .....	154
3.3.3 Vulgo <i>Oldwolf</i> .....	166
3.3.4 <i>Warlord</i> , a alcunha para além do <i>Evil</i> .....	173
3.3.4.1 As bandas do passado, desativadas ou quase .....	174
3.3.4.2 As bandas em operação até então.....	177
3.3.4.3 <i>Command</i> , a continuação .....	177
3.3.4.4 <i>Werewolf Bloodorder</i> , “um retorno?” .....	187
3.3.4.5 Sobre as dinâmicas e as tramas dos negócios .....	192
3.3.4.6 Comentários sobre a cena, a visão política e as tretas no ABC .....	198
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>204</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>209</b>

## INTRODUÇÃO

Primeiramente gostaria de situar, brevemente, o leitor aos conceitos e algumas características do fascismo, categoria inscrita na epígrafe dessa pesquisa. Segundo Leandro Konder (2009), “o fascismo é um dos fenômenos políticos mais significativos do século 20”. Assim, como comportamento político, para Robert Paxton (2023), marca “uma preocupação obsessiva com a decadência e a humilhação da comunidade, vista como vítima, [...] e passa a perseguir objetivos de limpeza étnica e expansão externa por meio de uma violência redentora e sem estar submetido a restrições éticas ou legais de qualquer natureza” (p. 378).

De acordo com Jason Stanley (2022), “a política fascista invoca um passado mítico puro que foi tragicamente destruído” (p. 19). Ainda para o autor, “na ideologia fascista, há apenas um ponto de vista legítimo: o da nação dominante” (2022, p. 48). Nesse sentido, Stanley argumenta que: “na ideologia fascista, os produtos da vida intelectual que ela sustenta – cultura, civilização e arte – são somente produções de membros da nação escolhida” (2022, p. 60). Para isso, conforme aponta Federico Finchelstein, “a manipulação ou a invenção de fatos era uma dimensão importante do fascismo, mas também o era a crença numa verdade que transcendia os fatos” (2020, p. 28).

Em suma, o fascismo historicamente foi criado na Itália, no início do século passado, como movimento político de Mussolini. Porém, como aponta Vinícios Betiol (2022), “convencionou-se chamar de ‘fascista’ todos os movimentos de extrema direita com características similares ao fascismo original” (p. 20). No caso, o nazismo, na Alemanha, o integralismo e, hoje em dia, o bolsonarismo, no Brasil, são formas de fascismo. Nessa direção, segundo Umberto Eco (2021), “o termo ‘fascismo’ adapta-se a tudo porque é possível eliminar de um regime fascista um ou mais aspectos, e ele continuará sempre a ser reconhecido como fascista” (p. 42-43).

Isso posto, a pesquisa que se segue tem como tema central grupos que se associaram, em vários aspectos, com as políticas da extrema direita. Dessa maneira, esses conceitos servem como balizas para sustentar, as observações a seguir.

O senso comum localiza o grande gênero rock, com vários de seus subgêneros, num lugar de subversão. A ramificação metal, em si mesma um guarda-chuva com muitos segmentos, busca em boa medida, de fato, subverter: timbres, temas, visuais em que padrões são tensionados. O objeto desta pesquisa está num aparente paradoxo, na forma como um segmento do metal, tido como *underground*, ou seja, tido como marginal, desenvolveu um elo

com a propaganda ideológica da extrema direita mundial. O flerte da música metal com o conservadorismo da extrema direita produziu um subestilo chamado *National Socialist Black Metal*, mais conhecido pela sigla NSBM, traduzido em português como black metal nacional-socialista.

Assim, um dos objetivos é analisar como surgiu esse subestilo reacionário e quais são as estratégias adotadas pelos indivíduos que consomem e, sobretudo, que produzem esse tipo de música em terras brasileiras a partir de sua gênese e “laços” com o território europeu. Nesse interim, busca-se entender o caminho percorrido pelo gênero metal que possibilitou o encontro com discursos políticos extremistas, especificamente neonazifascistas.

Posicionando o leitor sobre a justificativa desse trabalho, poderia responder do ponto de vista “técnico”, sobre a urgência em fomentar uma discussão crítica a respeito desse gênero musical e do tema relacionado à extrema direita. Em muitas pesquisas sobre a música metal – como as de Azevedo (2009), Ribeiro (2010) e Campoy (2010), para citar algumas – observa-se a adoção de um olhar conivente e celebrativo com as práticas da cena.

Poderia também responder do ponto de vista pessoal, ainda acadêmico, que o tema “música metal” me acompanha desde o mestrado em Música pela Universidade Federal de Minas Gerais, finalizado em 2019. Tratar desse assunto dentro da Escola de Música foi possível dentro da linha de pesquisa Música e Cultura, sob o olhar etnomusicológico, pois como apontam as pesquisadoras Angela Lühning e Rosângela de Tugny, a etnomusicologia brasileira como prática política abrange “características que vão de uma atuação acadêmica mais “clássica” a uma crescente atuação com várias formas de posicionamento político e de ativismo cultural e social” (2016, p. 41) Assim, ainda segundo as autoras esse perfil amplo é o ponto forte, pois “ele permite, quanto exige um constante diálogo com o cenário acadêmico e os contextos sociais da sociedade brasileira dentro dos quais a disciplina encontra-se inserida, em alguns momentos apenas reagindo e em outros promovendo e provocando ações e reações” (2016, p. 41). Assim, é muito importante discutir questões tão caras à sociedade, como o neofascismo, também partindo da Escola de Música<sup>1</sup>.

Por fim, ainda pelo ponto de vista pessoal ligado aos afetos, esse tipo de música, “metal extremo”, fez parte da minha trajetória profissional como músico e como apreciador do gênero, mantenho meus gostos e preferências.

---

<sup>1</sup> Entretanto, durante a investigação, observamos uma escassez de literatura sobre assuntos relacionados a essa temática na área da música. Assim, busquei disciplinas que tratassem de temas aproximados em outras áreas – como a Comunicação Social e a História Social – na própria instituição.

Muitos livros que orbitam em torno do tema “metal” foram consultados como fonte primária em língua inglesa, como o caso das publicações de Robert Walser (1993), Harris M. Berger (1999), Keith Kahn-Harris (2007), Deena Weinstein (1991), Davide Maspero e Max Ribaric (2015), Ryan Buesnel (2020), Karl Spracklen (2020) além das traduções de autores como Michael Moynihan e Didrik Söderlind (2021) e Dayal Patterson (2022 vol.1 e vol. 2). A ideia inicial era manter uma revisão crítica a partir dos apontamentos político-sociais acerca da postura dos agentes culturais dentro e fora da cena de metal extremo.

O subgênero NSBM, surgido na década de 1990 como uma vertente ideológica do black metal, é marcado pela apropriação de símbolos e discursos associados ao nacional-socialismo e a ideias de supremacia branca. Embora suas origens estejam ligadas ao contexto europeu, a expansão das redes digitais e das plataformas de streaming permitiu a difusão global desse tipo de expressão musical. Tal fenômeno insere-se em uma conjuntura mais ampla de circulação transnacional de ideologias da extrema direita, que, como observa Cas Mudde (2019), ganhou força no cenário político e cultural contemporâneo. Assim, o NSBM pode ser compreendido como parte de um processo de globalização paradoxal: uma estética que exalta identidades nacionais e exclusivistas, mas que se consolida justamente por meio de mecanismos de comunicação globais.

Curiosamente, em resposta à difusão do NSBM e de suas manifestações ideológicas, surgiram, dentro do próprio campo do metal extremo, movimentos de resistência que buscam afirmar uma ética antiautoritária e antirracista. Entre eles, destaca-se o RABM ou *Red and Anarchist Black Metal*, uma corrente formada a partir dos anos 2000 que se posiciona explicitamente contra o fascismo, o racismo e outras formas de opressão, propondo um black metal alinhado a ideais libertários e igualitários. Paralelamente, diversas iniciativas descentralizadas – como coletivos, selos e campanhas sob as designações Anti-NSBM, *Antifascist Black Metal* ou Metal Antifa – vêm articulando redes de denúncia e boicote a grupos extremistas, reivindicando um espaço ético e político dentro da cena. Esses movimentos revelam que o metal extremo, longe de ser homogêneo, constitui um terreno de disputa simbólica e ideológica, no qual a música torna-se também um campo de resistência e de afirmação de valores democráticos (Peel, 2023).

Metodologicamente, a pesquisa foi inicialmente pensada como uma etnografia dentro da cena, a fim de encontrar pistas sobre grupos NSBM. Nessa fase, valeu-se de depoimentos e entrevistas semiestruturadas com pessoas envolvidas diretamente na cena do metal extremo de Belo Horizonte e em trânsito pela cidade. Porém, logo se tornou um estudo de caso, a partir da

descoberta de personagens que mantinham, em suas redes sociais, verdadeiras apologias ao neofascismo, racismo e antissemitismo – ora explícitos, ora mascarados por códigos e “apitos de cachorro”, comuns entre grupos de ódio.

Uma etnografia dentro de uma suposta cena NSBM mostrou-se inviável em vários níveis, entre eles do ponto de vista ético e de segurança física. Assim, como estudo de caso, levantamos dois exemplos flagrantes, lançando mão de levantamento bibliográfico, além da análise de materiais audiovisuais conexos, como discografias (CDs, DVDs, videoclipes) e entrevistas publicadas em podcasts produzidos e disponibilizados pelos próprios autores.

Verificamos, inclusive, a existência de uma miríade de bandas NSBM atuando de forma semiclandestina em várias regiões do país e mantendo ligações internacionais. Essas bandas existem no limiar da publicização, pois o que fazem é ilegal.

Dessa forma, para manter o foco de análise – grupos alinhados ao NSBM a partir do contexto nacional –, destacamos os atores dessa cena e os grupos que nela atuam. Nesse sentido, em Ribeirão das Neves, região metropolitana de Belo Horizonte, encontramos a banda *Echoes*. Uma banda amadora com certa inserção no “universo” digital, proveniente de sua estratégia em divulgar o seu trabalho através de projetos audiovisuais em animação. A banda possui uma temática voltada para o bolsonarismo, o neofascismo e as teorias da conspiração. Assim, em São Paulo, oriunda da região do ABC paulista, estudamos a banda *Evil*. Se trata de uma banda nos moldes profissionais, dentro da cena *underground*. Nesse caso, levantamos vários indícios de envolvimento dos integrantes da banda *Evil* com o neonazismo local e internacional. Analisamos os materiais produzidos e os diversos projetos de seus membros, a maioria versando sobre racismo, neopaganismo, arianismo e claro, nacional-socialismo.

Na fase inicial da pesquisa, um dos objetivos específicos que nos orientou foi analisar o comportamento sócio-político-cultural dos grupos envolvidos com a música metal e orientados à extrema direita do espectro político. A investigação se ancorava na pergunta “como a cena de metal extremo absorvia as bandas e os simpatizantes de grupos NSBM?” Dessa forma, várias outras perguntas movimentaram a pesquisa, dentre elas, qual é a relação da música metal com a extrema direita e o neofascismo? O estilo musical influenciaria na postura ideológica de seu público? O público já apresentaria essa postura conservadora antes de aderir ao estilo musical? Existem bandas com ideologias fascistas na cena metal de Belo Horizonte? Como as pessoas autoidentificadas com o estilo musical em questão e as pertencentes a uma cena metal tratam e entendem essas ideologias? Como o NSBM é visto pela cena metal de forma geral?

Nesse sentido, o capítulo I dessa tese, intitulado *um sobrevoo*, foi dividido em dois subtópicos. No primeiro subtópico, *um mosaico sobre o metal (num discurso interno)*, discutimos através da literatura especializada a história do subgênero do rock. O segundo subtópico, *a partir do black metal até o NSBM*, por sua vez foi dividido em quatro atos. Em cada ato foram analisados elementos históricos que indicam o desenvolvimento do subgênero black metal a partir de duas ondas. A primeira onda, incipiente, relaciona os temas de suas músicas ao anticristianismo, enquanto a segunda onda, desloca o discurso para as práticas de crimes como incêndios em igrejas, assassinatos e autoextermínio. A partir de então, as associações com a extrema direita mundial começaram a se desenhar, com a criação de movimentos como a “Frente Pagã” e a cooptação de elementos da cena black metal para a divulgação de ideologias racistas. Fechando o capítulo, pesquisamos autores que indicam o nascimento da cena NSBM a partir da cena europeia.

No segundo capítulo, *refletindo sobre a cena do metal: contradições e desafios*, discutimos em três subtópicos a cena metal a partir da teoria de “comunidade reflexiva” (Kahn-Harris, 2007), até ancorar nas noções de “antirreflexividade reflexiva”, resumida em “saber mais, mas decidir não saber”, separada tanto da antirreflexividade (não querer saber mais) quanto da irreflexividade (não saber mais), o que faz com que a antirreflexividade reflexiva combine as duas faces em um esforço consciente para se desligar do que se sabe. Assim, em um quarto subtópico, relatamos algumas questões atinentes às pesquisas que envolvem os desafios que pesquisadores enfrentam com temas relacionados a crimes, violência física e racismo, para citar alguns desses temas.

É no terceiro capítulo, o mais extenso da tese, que estão locados os relatos e os dados das bandas relacionadas ao NSBM no Brasil. Esse capítulo pode ser dividido em três tópicos. O primeiro tópico, chamado *os primeiros passos no campo*, traz um relato de um dos vários eventos que frequentei durante a pesquisa. O segundo tópico, chamado *a banda Echoes: entre o neonazismo, o bolsonarismo e as teorias da conspiração e as lentes ideológicas dos roteiros, das criações e associações históricas*, levanta dados sobre a banda *Echoes*, de Ribeirão das Neves, região metropolitana de Belo Horizonte, apontando indícios de crimes de apologia ao nazismo. O terceiro tópico é praticamente um *dossiê* sobre a banda paulistana *Evil*, a partir do subtópico *o mal que nasce do absurdo: uma tradução tropical do NSBM germânico* até o subtópico *comentários sobre a cena, a visão política e as tretas no ABC*, em que abordei grande parte da trajetória da banda, seus membros, seus projetos paralelos, suas entrevistas e analisei

as relações com grupos NSBM europeus. O *Evil* é a banda neonazista mais importante da cena black metal brasileira (Maspero; Ribaric, 2015).

Assim, fechamos com as considerações finais apontando que existem diversos grupos racistas ativos na cena brasileira de metal extremo. A maneira como operam, entre a exposição e o anonimato, é um tipo de estratégia comum na cena NSBM de forma geral. Entretanto, a maioria dos materiais de propaganda neonazista circulam livremente nas redes de internet e anonimamente entre as cenas locais. Dessa forma, faz-se necessário monitorar esses grupos e denunciar às autoridades competentes.

## CAPÍTULO I. SOBREVOOS

### 1.1. Um mosaico sobre o metal (num discurso interno)

Os estudos que trazem a música metal como tema central necessariamente levam em consideração a questão da fragmentação do gênero. O etnomusicólogo Hugo Ribeiro (2010, p. 29) aponta que “uma das características da cultura metal é um processo de fragmentação que leva a numerosos subestilos, cada um desenvolvendo características estilísticas peculiares”. Para o musicólogo Robert Walser (1993, p. 3-4), “o heavy metal não é monolítico; ele abrange muitos estilos musicais e visuais diferentes, muitos tipos de letras e comportamentos<sup>2</sup>”. Nessa direção, a socióloga Deena Weinstein corrobora afirmando que: “os limites desse estilo não são rígidos. Eles se expandem, se contraem e se transformam à medida que artistas, público e mediadores tomam novas iniciativas e alteram seus diversos interesses musicais, sociais e financeiros<sup>3</sup>” (1991, p. 7). Ainda para a autora: “O heavy metal não tem um significado único, nem mesmo uma descrição única. É um composto de diferentes elementos. Mas não é simplesmente uma miscelânea. O heavy metal e muitos dos componentes que contribuem para sua formação são ‘bricolagens’” (Weinstein, 1991, p. 5). Em seu livro, *Heavy Metal: the music and its culture*, Deena Weinstein denota que:

Uma “bricolagem” é uma coleção de elementos culturais. Não é como uma máquina em que cada parte é especialmente adaptada para contribuir para o funcionamento adequado do todo. Uma bricolagem é muito mais flexível do que isso. Suas partes existem tanto para si mesmas quanto para o todo. Eles se mantêm unidos não por necessidade física ou lógica, mas por interdependência, afinidade, analogia e semelhança estética<sup>4</sup>. (Weinstein, 1991, p. 5).

Assim, para a autora, toda a estrutura que compõe o gênero heavy metal pode ser apresentada como “bricolagens sociológicas” (Weinstein, 1991, p. 5-6).

Em outro aspecto, no trabalho etnográfico sobre a cena metal em Akron, uma cidade do estado de Ohio nos Estados Unidos, o etnomusicólogo Harris M. Berger aponta que:

---

<sup>2</sup> Tradução livre de: “Thus, heavy metal is not monolithic; it embraces many different musical and visual styles, many kinds of lyrics and behaviors” (Walser, 1993, p. 3-4).

<sup>3</sup> Tradução livre de: “But the boundaries of that style are not rigid. They expand, contract, and shift as artists, audiences, and mediators make new initiatives and change their various musical, social, and financial interests” (Weinstein, 1991, p. 7).

<sup>4</sup> Tradução livre de: “A ‘bricolage’ is a collection of cultural elements. It is not like a machine in which each part is specially adapted to contribute to the proper functioning of the whole. A bricolage is much looser than that. Its parts exist for themselves as much as they do for the whole. They are held together not by physical or logical necessity but by interdependence, affinity, analogy, and aesthetic similarity” (Weinstein, 1991, p. 5).

A história do metal é frequentemente resumida pelos metaleiros como uma busca progressiva por uma música cada vez mais pesada. Um conceito rico e complexo, interpretado de forma diferenciada entre as cenas, "pesado" refere-se a uma variedade de aspectos texturais, estruturais e afetivos do som musical e é crucial para qualquer compreensão do metal<sup>5</sup> (Berger, 1999, p. 58).

Durante a sua pesquisa, Berger (1999) relata que as bandas de thrash do início dos anos 1980 foram os primeiros produtos de interações do metal com a música *punk*, combinando sons de guitarras distorcidas com vocais graves e ásperos trazendo uma nova agressividade crua ao metal. Nessa sequência, segundo o autor, o speed metal surgiu com bandas tocando em tempos acelerados. Tanto o thrash, quanto o speed metal, produziram bandas que fundiram a energia frenética do *punk* com alguns dos temas líricos e progressões de acordes do metal. Contudo, o grindcore, com músicas ainda mais rápidas, substituiu o speed metal por não ser considerado mais tão rápido assim pelos padrões de hoje. Em resposta oposta à velocidade, o doom metal foi criado como um estilo que se destaca por utilizar andamentos extremamente lentos, efeitos melancólicos e com vocais graves e falados (Berger, 1999, p. 57-58). Ainda segundo o autor, o death metal se refere a uma variedade de estilos, dentre eles o gore, cujas letras tratam de corpos mutilados, e o black metal. Para Berger (1999, p. 57) o “black metal se refere a bandas que discutem explicitamente o satanismo; ao contrário da crença popular, o black metal é uma parte relativamente pequena da cena metal e a maioria dos metaleiros não tem qualquer ligação com o satanismo<sup>6</sup>”. Curiosamente, Robert Walser (1993) relata que os críticos do heavy metal apontam que o “tema principal” do metal é o niilismo, mas para o autor, o heavy metal raramente é niilista. Segundo Walser:

O niilismo é assustador porque mina os mitos que sustentam a ordem social e a luta; pode servir para convidar ou justificar a repressão autoritária, fazendo o mundo parecer irracional. O heavy metal, ao contrário, quase sempre se preocupa em dar sentido ao mundo. Se oferece oportunidades para expressar a raiva individual, dedica-se amplamente a criar laços comunitários que ajudarão os fãs a superar as tensões da modernidade<sup>7</sup> (1993, p. 162).

---

<sup>5</sup> Tradução livre de: “Metal history is most often summed up by metalheads as a progressive quest for ever-heavier music. A rich and complex concept differentially interpreted across scenes, “heavy” refers to a variety of textural, structural, and affective aspects of musical sound and is crucial for any understanding of metal” (Berger, 1999, p. 58).

<sup>6</sup> Tradução livre de: “black metal refers to bands that explicitly discuss Satanism; contrary to popular misconception, black metal is a relatively small part of the metal scene and most metalheads are in no way connected with Satanism” (Berger, 1999, p. 57).

<sup>7</sup> Tradução livre de: “Nihilism is frightening because it undermines the myths that sustain social order and struggle alike; it may serve to invite or justify authoritarian repression by making the world seem irrational. Heavy metal, on the contrary, is nearly always concerned with making sense of the world. If it offers opportunities for expressing individual rage, it is largely devoted to creating communal bonds that will help fans weather the strains of modernity” (Walser, 1993, p. 162).

Porém, com o desenvolvimento das ramificações do metal, com o passar dos anos, vários grupos, sobretudo na linhagem do black metal, defendem não somente o niilismo, mas a misantropia e outros temas que imprimem, na melhor das hipóteses uma indiferença com a humanidade, e na pior, o racismo, a xenofobia e a divulgação de propaganda neonazista em suas letras. Conforme o sociólogo Keith Kahn-Harris (2007, p. 4-5) “os metaleiros fãs de black metal abraçaram o satanismo de todo o coração e, em algumas ocasiões, o fascismo e o racismo também<sup>8</sup>”. Obviamente, esses grupos coexistem na cena e pode-se dizer que os mais radicais não representam o todo. O dissenso é comum dentro da própria cena. De acordo com o antropólogo Leonardo Campoy (2010, p. 28), “a regra é que cada um tenha a sua versão das continuidades e rupturas que teriam dado forma ao estilo, versões essas que estão em constante embate, seja nas páginas de uma revista especializada, em livros e mesmo em uma roda de conversa entre fãs de música em geral.” Dessas discussões acaloradas surgiram pesquisas como de Taís Vidal dos Santos (2013), que trata de “O *true* contra o *poser*”, ou seja, o verdadeiro contra o falso na visão daqueles que ditam uma “verdade” a partir do culto à música e a própria cena.

De forma didática, para Azevedo (2009, p. 103) “Metal” é um “rotulo genérico”, assim como “música de concerto”, para se referir às músicas de Mozart ou Schönberg. Assim, a pesquisadora sugere dois lados para a mesma moeda, um metal extremo e outro não extremo, quando aponta que:

Heavy metal é a designação pela qual os meios de comunicação e os ouvintes não familiarizados com este universo referem-se ao conjunto dos vários subgêneros de metal. Entretanto, é possível considerar o heavy metal como apenas um entre estes subgêneros. Muito esquematicamente, considerar-se-á que o metal dividiu-se, em meados dos anos 1980, em duas vertentes básicas: metal extremo e não extremo. No grupo do metal não extremo, situam-se os subgêneros cujas características sonoras e iconográficas aproximam-se mais da sonoridade de aceitação massiva: heavy metal, power metal,\* prog metal,\* metal gótico,\* metal melódico.\* “Metal extremo” é uma expressão usada por fãs, críticos e músicos para se referir ao conjunto dos subgêneros de metal cuja expressão de agressividade é mais intensa e deliberada: thrash metal, death metal,\* black metal e doom metal.\* Cada um destes subgêneros possui estilos com nuances particulares (Azevedo, 2009, p. 103).

Nesse contexto, o conjunto de estilos e subgêneros do heavy metal como o thrash metal, o death metal, o grindcore, o gore, o doom metal e o black metal, para citar alguns, muitas

---

<sup>8</sup> Tradução livre de: “black metallers embranced Satanism wholeheartedly and on occasions, fascism and racism too” (Kahn-Harris, 2007, p. 4-5).

vezes, são tratados coletivamente como metal extremo (Kahn-Harris, 2007). De acordo com o autor do livro *Extreme Metal: music and culture on the edge*<sup>9</sup>:

Todos compartilham um radicalismo musical que os diferencia de outras formas de heavy metal. Todas as formas de metal extremo compartilham fãs, músicos e instituições. Em contraste com o alcance comercial *mainstream* do heavy metal, o metal extremo é disseminado por instituições “*underground*” de pequena escala que se estendem por todo o mundo. As diferenças entre o metal extremo e a maioria das outras formas de música popular são tão pronunciadas que aqueles que não são fãs podem não perceber suas consideráveis diferenças internas. O metal extremo frequentemente oscila à beira do ruído amorfo. Enquanto o heavy metal era pelo menos inteligível para seus detratores como “música”, o metal extremo pode não parecer música de forma alguma, e suas práticas inerentes podem parecer aterrorizantes e bizarras. À margem da música, à margem da indústria musical, o metal extremo prospera<sup>10</sup> (Kahn-Harris, 2007, p. 5).

Curiosamente, o autor relata que encontrou dificuldades em definir o metal extremo. Assim, na tentativa de uma aceção mais simplificada, Kahn-Harris (2007, p. 7) afirma que o metal extremo “consiste em um conjunto de gêneros com histórias diferentes, que estão em constante desenvolvimento e reconfiguração. É produzido e consumido em todo o mundo por meio de uma ampla variedade de instituições em uma ampla variedade de contextos”.

Dentro dessa configuração, sobre os significados do metal extremo, o black metal emerge dentre vários estilos sendo elevado à categoria de subgênero. A partir daí, originou outras formas mais “radicais” de discurso na música metal. Os discursos satanistas em algumas bandas abriram espaços para o neopaganismo e, em outro braço, as bandas aprofundaram o discurso político, em sua maioria, orientado à direita desse espectro. Esse é o ponto de interesse desta pesquisa. Para isso, o foco passa a ser o black metal e o caminho até o NSBM.

## 1.2 A partir do black metal até o NSBM

### 1.2. 1 Primeiro ato: sonoridades e um tema, Ave Satã!

Várias pesquisas apontam que o black metal nasce em meados dos anos 1970, sob influência de bandas de heavy metal (como *Black Sabbath*, *Judas Priest*, *Motörhead*, para citar

<sup>9</sup> “Metal Extremo: música e cultura no limite” em tradução direta.

<sup>10</sup> Tradução livre de: “All share a musical radicalism that marks them out as different from other forms of heavy metal. All forms of extreme metal share fans, musicians and institutions. In contrast to heavy metal’s mainstream commercial reach, extreme metal is disseminated through small-scale ‘underground’ institutions that extend across the globe. The differences between extreme metal and most other forms of popular music are so pronounced that those who are not fans may not see its considerable internal differences. Extreme metal music frequently teeters on the edge of formless noise. Whereas heavy metal was at least intelligible to its detractors as ‘music’, extreme metal may not appear to be music at all and its attendant practices may appear terrifying and bizarre. On the edge of music, on the edge of the music industry, extreme metal thrives” (Kahn-Harris, 2007, p. 5).

algumas). Segundo Azevedo (2009, p.138), o heavy metal utiliza sonoridades “aceitas” das músicas ocidentais como da música de concerto, blues e gêneros populares. Porém, a origem do black metal para fora do eixo Estados Unidos – Reino Unido afastou a sonoridade/estética blues do subgênero. Ainda, conforme a autora (Azevedo, 2009, p.138), as bandas de países como Suécia, Dinamarca, Suíça e Brasil – *Bathory*, *Mercyful Fate*, *Hellhammer/Celtic Frost* e *Sarcófago* respectivamente, foram responsáveis pela chamada “primeira onda do black metal”. A banda *Venom*, formada no ano de 1979 em Newcastle (Reino Unido), lançou em 1981 o primeiro álbum com temáticas satanistas em primeira pessoa, *Welcome to Hell*. Em 1982, em seu disco intitulado “*Black Metal*”, batizou o novo subgênero. Para Patterson, esse álbum foi “um marco que permitiu dar nome a um gênero inteiro, ao mesmo tempo em que fez uma contribuição imensa ao seu desenvolvimento” (2022, p. 31-32). Contudo, mesmo esses grupos sendo considerados como pivô do desenvolvimento do gênero, Patterson enfatiza que:

Em muitos casos, suas qualidades de “black metal” são uma questão de *interpretação*, já que a cena do metal extremo da época era simplesmente pequena demais para esse tipo de aplicação intensa de rótulos de subgêneros que ocorre hoje. Na época, a maioria dessas bandas eram consideradas apenas grupos do lado mais obscuro e pesado dentro do espectro do thrash metal, e, de fato, conforme os anos foram se passando, muitas delas evoluíram para uma forma mais pura e menos “maligna” do gênero (2022, p. 106).

Ainda sobre essa chamada “primeira onda do black metal”, para Azevedo (2009, p.138), algumas bandas de thrash metal como o trio *Sodom*, *Destruction* e *Kreator*, da Alemanha, *Slayer* e *Von*, dos Estados Unidos, também são citadas por críticos e fãs como base para o black metal. Ainda segundo a autora (2009), nenhuma dessas bandas ainda possuía uma sonoridade tipicamente black metal: “ao final dos anos 1980, era considerada BM [*Black Metal*] a banda cuja temática fosse satânica, a sonoridade apresentando-se diversa” (p. 139). Porém, cada banda em alguma proporção contribuiu com diferentes aspectos para a formação do subgênero.

No livro *Black Metal: a história completa (vol. 1)*, de Dayal Patterson (2022), o autor relata que o fundador da banda norueguesa *Mayhem*, o guitarrista Euronymous, nos anos 1990, mantinha uma grande admiração pelas bandas de thrash metal alemãs, sobretudo as bandas *Sodom* e *Destruction*, além de uma determinação em não deixar que a essência do black metal se perdesse como esses grupos deixaram com o passar do tempo. Isso fica demonstrado em uma entrevista cedida por Euronymous à quarta edição do zine *Kill Yourself*, no qual expõe:

É bem esquisito que todo mundo fale do Venom, do Bathory e do Hellhammer, como essas antigas bandas do Mal, mas ninguém menciona Sodom e Destruction. Elas

saíram na mesma época que Bathory e Hellhammer e seus primeiros álbuns são obras-primas da porra do black metal! Ninguém hoje consegue fazer música que nem eles faziam (Patterson, 2022, p. 107).

Curiosamente, nessa última frase “ninguém hoje consegue fazer música que nem eles faziam” mencionada nos anos 1990, sugere toda uma essência de grupos mais extremos que vieram a se desenvolver na cena black metal *a posteriori*. Uma temática de um passado heroico, icônico e inatingível é um discurso recorrente para grupos que utilizam a tônica do paganismo e do nacionalismo de extrema direita que surgiram nos anos seguintes.

Alguns importantes personagens da incipiente cena norueguesa dos anos 1990, como Euronymous, Fenriz e Apollyon, das bandas *Mayhem*, *Darkthrone* e *Aura Noir/Immortal* respectivamente, foram inspirados por esses grupos teutônicos de thrash metal e desenvolveram uma sonoridade específica para o black metal norueguês mantendo a sua “essência” ou o “espírito primordial” (Patterson, 2022, p. 106). A propósito, em busca dessa identidade sonora nascendo do heavy metal e transitando pelo thrash metal, para a pesquisadora Cláudia Azevedo, “quanto mais extremo o metal, mais tende a afastar-se do emprego explícito dos elementos básicos do blues e do rock, perdendo, inclusive, grande parte de sua natureza dançante” (2009, p. 139). Todavia, o metal extremo não incorre em um bloco homogêneo, possuindo subgêneros que se relacionam com o rock e o blues. Além disso, por exemplo, o *mosh* é uma prática corporal de fruição em shows de metal distintamente dançante<sup>11</sup>.

Assim, a sonoridade foi se moldando a partir de uma segunda onda, porém os temas foram se ampliando para além dos temas satânicos. De acordo com Azevedo, “embora sejam minoria, são de metal extremo bandas que adotam posturas políticas de ultradireita, conhecidas como N.S.B.M., ou *national socialist black metal*. Deste modo, o afastamento das raízes negras do rock, muitas vezes, é, também, uma opção ideológica” (2009, p. 139). Entretanto, essa leitura corre o risco de reduzir qualquer escolha estética no metal extremo a uma adesão política consciente. É verdade que, no caso do NSBM, o afastamento das raízes negras do rock é instrumentalizado como gesto ideológico de ultradireita. Contudo, isso não deve levar à suposição de que toda elaboração estética nesse campo esteja marcada por tal posição. Ressaltar essa distinção é também uma forma de sublinhar a gravidade específica do NSBM, sem naturalizá-lo dentro da cena.

Para construir toda essa estrutura temática a cena black metal passou por uma segunda transformação, chamada de “segunda onda do black metal”, iniciada no fim dos anos 1980,

---

<sup>11</sup> Ver a pesquisa sobre a dança no metal – o *mosh* – de Lúcia Andrada (2013).

como veremos logo adiante. Essa fase ajudou a esculpir uma sonoridade e consolidou ideologias para além dos temas satânicos e antirreligiosos, incorporando a prática de crimes como um resultado dos próprios discursos.

### 1.2. 2 Segundo ato: música e violência a partir do norte global

As bandas norueguesas, no final dos anos 1980, são responsáveis pela segunda onda do black metal. Esses grupos utilizavam uma temática satânica e sonoridades diversas (Azevedo, 2009, p.139). No entanto, segundo o estudo do pesquisador Massimo Introvigne (2017 p. 19), a segunda onda se diferencia da primeira não somente pela relação com a sonoridade das bandas, mas sobretudo pelo discurso. O autor aponta que os grupos dessa cena rompem com o ideal de satanismo de Anton LaVey, criador da igreja e da bíblia satânica e concentraram-se em ações práticas e promoveram um culto ao “verdadeiro” mal, transformando o discurso filosófico satanista para uma prática que envolvia crimes como incêndio e depredação de igrejas, assassinatos e suicídios.

Dentre os assassinatos, talvez o mais reverberado pela mídia especializada e seus consumidores tenha sido o de Øystein Aarseth, guitarrista fundador da banda *Mayhem*, natural de Oslo, Noruega. Euronymous, pseudônimo de Øystein Aarseth, foi executado em 10 de agosto de 1993 por Varg Vikernes, nascido Kristian Vikernes, e que teve como pseudônimo Count Grishnackh na cena black metal norueguesa, multi-instrumentista e único músico da banda *Burzum* criada em Bergen, Noruega. Na época, Varg Vikernes tocava com Euronymous no *Mayhem* e segundo relatos houve um desentendimento entre eles. Segundo aponta Moynihan e Söderlind, Vikernes “menciona o comunismo e a homossexualidade, assim como a desonestidade de Øystein, (...) uma natureza falsa e fraqueza, resumindo ele como ‘o deus da preguiça em sua manifestação terrena comunista’” (2021, p. 248-249). O baterista da banda *Mayhem*, Jan Axel Blomberg, mais conhecido como *Hellhammer*, comentou em entrevista publicada por Moynihan e Söderlind (2021) que não se sentia abalado pelo assassinato do colega e comenta com naturalidade que:

O Euronymous queria ser a pessoa mais extrema, e ele achava que o comunismo era muito extremo, com as coisas da Rússia soviética, sabe? Mas depois de um tempo, uns anos ele descobriu que o comunismo era uma merda. Ele percebeu isso e passou a se dizer fascista, mas eu não sei. Ele era um comunista, infelizmente (Moynihan; Söderlind, 2021, p. 248).

Vikernes foi condenado à pena máxima na Noruega, 21 anos de prisão pelo assassinato, sendo responsabilizado também por vários incêndios em igrejas locais. Segundo Moynihan e Söderlind (2021, p. 260) Varg Vikernes criou um teatro em seu processo judicial onde faria o papel cartunesco do personagem “O Conde”, como ele era chamado na cena black metal norueguesa. Apesar de declarar que “não tinha relação com a cena black metal – seus interesses estavam em outro lugar, nos domínios do nacionalismo e da adoração a Odin”. (Moynihan; Söderlind, 2021, p. 252)

Depois da prisão de Virkenes e da repercussão do caso, outros assassinatos vieram à tona, estes de cunho exclusivamente homofóbico. Por exemplo, o caso de Bård “Faust” Eithun, baterista da banda Norueguesa *Emperor*, que assassinou com trinta e sete facadas um homossexual, em 21 de agosto de 1992, nos arredores do parque Olímpico de Lillehammer. Segundo publicado por Moynihan e Söderlind (2021, p. 213), Eithun foi abordado pela vítima saindo de um bar e, percebendo se tratar de um homossexual, decidiu matá-lo no bosque. Ainda segundo os autores (2021, p. 218-219), Bård, logo após o crime, comentou o feito com Aarseth e Vikernes e, no dia seguinte estavam os três juntos queimando a capela de Holmenkollen, ficando impune por mais de um ano. Entretanto, Virkenes não guardava segredo e sempre comentava com entusiasmo sobre um colega que havia cometido assassinato. Mais de um ano depois, com a prisão de Vikernes, a polícia uniu os fatos e chegou em Bård Eithun.

Sobre as sentenças recebidas por Vikernes e Eithun, Moynihan e Söderlind parecem defender o ponto de vista de Vikernes quando apontam que:

Quando Vikernes alega que de certa forma ele é um preso político, ele tem uma certa razão. Seria quase impossível para alguém da idade de Vikernes sem antecedentes criminais receber uma sentença de vinte e um anos de prisão. Bård Eithun, em comparação, recebeu uma sentença de dois terços do tamanho, por um assassinato de brutalidade semelhante. As diferenças entre as sentenças podem muito bem ser políticas, pois Eithun, apesar de nunca ter expressado muito remorso, não fez questão de provocar o tribunal da forma que Vikernes fez ao usar a oportunidade para declarar sua adesão ao nacional-socialismo (2021, p. 260-261),

Os autores (2021) apontam que as autoridades norueguesas não iriam tolerar tais atitudes e o caso de Varg Vikernes serviria de exemplo ao aplicarem a sentença mais severa permitida pela lei da Noruega.

Alguns anos depois, mais precisamente em 1997, o líder da banda Sueca *Dissection*, Jon Nödtveidt, também cometeu um assassinato de um homossexual. Segundo Patterson (2022, p. 108) Jon participou “do assassinato de Josef ben Meddour, um homem gay argelino morto

com um tiro na nuca”. Ainda segundo o autor (2022), Nödtveidt foi condenado a dez anos de prisão, porém foi libertado depois de cumprir sete anos da pena.

Anterior a isso, em 1995, conforme Patterson (2022, p. 107) Nödtveidt entrou para a *Misanthropic Luciferian Order (MLO)*, uma ordem “Caos-Gnóstica” fundada por um amigo chamado Frater Nemidial, vulgo “Vlad”. A *MLO* foi descrita por Jon como uma “‘Ordem Luciferiana... para a iluminação espiritual e sabedoria proibidas e ocultas’ e a sua banda como ‘a unidade de propaganda sonora’ da *MLO*” (Patterson, 2022, p. 107). Essa ordem lançou um livro chamado *Liber Azerate* em 2002, traduzido para o Brasil em 2014. Nesse livro, no capítulo *Aeonica Magia Negra*, o autor Frater Nemidial (2014) explica alguns de seus rituais de passagens de eras (*Aeons*) e seus “receptáculos”, mencionando como exemplo que:

Adolf Hitler, sem realmente estar consciente disso foi o ponto de foco para muitas ordens satânicas e de magia negra que o usaram para trazer a mudança, a guerra, o desenvolvimento e o Caos a este mundo. Se Hitler tivesse tido conhecimento disso e estivesse disposto a ajudar com o escurecimento da alma do mundo, a fim de contribuir para a aceleração do Interminável Aeon, o nosso mundo causal hoje seria completamente diferente. Mas Hitler não era receptivo às energias que foram canalizadas através dele e o resultado foi a arrogância e a insensatez, e, por conseguinte, a queda do Terceiro Reich. O fato de que Hitler foi influenciado por forças das trevas também explica porque seus inimigos de ordens satânicas que usavam a Cabala foram perseguidos e exterminados durante a sua governança. Por isso, é de grande interesse para os satanistas anticósmicos, encontrar estrategistas políticos e eleitos que a partir de uma perspectiva Aeonica parecem ser candidatos adequados, e em seguida, usá-los como um ponto focal para os ritos anticósmicos, que abrirão as portas do Caos no plano físico. No caso de Hitler era a sua personalidade e suas habilidades mentais que fizeram dele um candidato adequado, e não a ideia política que ele defendia. A própria suástica, o antigo símbolo do Terceiro Reich, é um dos símbolos satânicos, comumente usados de forma similar. No Caminho da Mão Esquerda o Sol Negro representa a dissolução da criação e o retorno ao Caos. Este símbolo não está diretamente ligado com a ideologia política do nacional-socialismo, mas fora usado pelos Magistas negros que estavam em contato com Hitler, a fim de obter maior controle dele e do povo alemão (Nemidial, 2014, p. 13-14).

Essa citação de um livro de base satânica, seguida por grupos de black metal, fornece mais uma pista sobre a formação do seguimento NSBM, uma fórmula contendo black metal, religião, violência e política de extrema direita. Segundo Sena (2019), essa passagem do livro é relevante para os praticantes do black metal ortodoxo nas diversas cenas em que se fazem presentes. Ainda para o autor, “este é o ponto em que a música deixa de ser entretenimento indo além da ideologia e se transformando em religião” (2019, p. 51).

Após a saída da prisão, Nödtveidt retomou a banda gravando um último disco de estúdio e cometendo suicídio em 2006, aos 31 anos de idade, com um tiro na cabeça. “Segundo relatos,

seu suicídio teria sido executado de modo ritualístico, dentro de um círculo de velas acesas e acompanhado por um texto da *MLO*” (Patterson, 2022, p. 110).

O autoextermínio não era novidade na cena black metal norueguesa. A banda *Mayhem* também havia protagonizado um caso que alimentou o universo mitológico da cena black metal local antes até do assassinato do seu fundador, Euronymous. O vocalista Per Yngve “Pelle” Ohlin, curiosamente chamado pelo nome artístico Dead, faleceu em 1991 cortando os pulsos e atirando com uma espingarda contra a própria cabeça. Segundo as crônicas, Euronymous encontrou o corpo do colega e tirou fotos do cadáver recolhendo pedaços de ossos do crânio para fazer colares. Essa cena se tornou, anos mais tarde, capa de um disco não oficial da banda, mais precisamente em 1995, intitulado *The dawn of the black hearts*. Curiosamente, para Moynihan e Söderlind:

O que é surpreendente sobre os membros dos círculos do black metal escandinavo é o quão pouco eles se preocupavam com as vidas e mortes uns dos outros. Quando Dead se matou, isso se tornou simplesmente mais uma oportunidade para Aarseth levar o *hype* do *Mayhem* para outro nível. Quando ele próprio morreu violentamente dois anos depois, seus próprios colegas de banda falaram do assassinato com um tom de indiferença que mais se adequaria a um estenógrafo de tribunal (2021, p. 250).

Quase uma década depois, em 1999, outro músico da segunda onda do black metal nórdico cometeu suicídio. Trata-se do baterista Erik “Grim” Brødreskift, com passagens pelas bandas *Immortal*, *Borknagar* e *Gorgoroth*.

Esses são apenas alguns relatos de músicos da cena black metal escandinava que se envolveram com diversos tipos de crimes e violências. Nesse sentido, Michael Moynihan e Didrik Söderlind pesquisaram e escreveram entre os anos de 1994 e 1997 sobre a cena black metal norueguesa resultando em seu livro *Lord of Chaos*, publicando a primeira edição em 1998. Os autores, lançando mão de uma extensa coleta de dados, apontam que os suicídios, assassinatos, invasões, depredações e incêndios às igrejas locais serviram como um marketing utilizado pelos músicos, selos e a mídia local que se valeram desses eventos para divulgar um “modelo” de música extrema, em todos os sentidos, como seus interlocutores mencionavam o *true norwegian black metal*. Porém, esse modelo exportação não somente exportou a música com a sua sonoridade específica, mas também, as relações com crimes de intolerância religiosa, racismo, homofobia, xenofobia e misoginia, pois os casos de terrorismo e vandalismo se espalharam para a vizinha Suécia e depois por vários países da Europa central. Dessa forma, alguns atores daquela cena criaram um germe para o novo subestilo do metal extremo aproximando o ideário mitológico do nacional-socialismo ao black metal.

### 1.2. 3 Terceiro ato: black metal para a Frente (Pagã) e à direita (extrema)

Muitas literaturas apontam que a partir da segunda onda do black metal, sobretudo o black metal norueguês, as sementes para um estilo “mais extremo” foram plantadas. Trata-se do que viria a ser o NSBM (Patterson, 2022; Moynihan e Söderlind, 2021; Azevedo, 2009; Campoy 2010). Varg Vikernes é um grande responsável por isso, pois a sua trajetória na cena black metal rendeu uma legião de seguidores em vários países. Após a sua prisão, Varg buscou dissociar-se da cena e passou a focar em escritos ideológicos, falando “abertamente sobre o seu Odinismo e opiniões ligadas à raça e à política de extrema direita” (Patterson, 2022, p. 350), inseridas em seu livro *Vargsmål* e em seu diário, *filosofem*, ambos escritos na prisão. Assim:

Suásticas agora apareciam nas margens de sua correspondência por escrito, e há uma citação famosa dele que diz que olhar para alguém de olhos castanhos era como “olhar para dentro de um cu”. Enquanto isso, a *Misanthropy* lançou uma camiseta do *Burzum* com a imagem de uma *Totenkopf* (a caveira da SS), com o pedido aos leitores de que apoiassem o seu *Einsatzkommando* local (um termo usado para descrever esquadrões da morte em territórios ocupados pela Alemanha nazista cujos alvos eram judeus, comunistas e outros inimigos ideológicos). Varg se tornou algo como um ídolo para a cena musical de extrema direita (Patterson, 2022, p. 350).

Em outra citação direta utilizada como epígrafe no capítulo onze do livro *Lords of Chaos* (2021), intitulado “Furor Teutonicus”, Varg exalta o povo e o Estado alemão:

A Alemanha merece tratamento especial (...) Eu amo a Alemanha e o povo alemão (...) Não há povo no mundo que tenha sido mais injustiçado que o povo alemão; o mínimo que eu posso fazer é mostrar que (...) o *Burzum* favorece a Alemanha diante do resto do mundo. Levante, *Deutschland*, retome sua glória. *Wotan* está conosco – Varg Vikernes (Moynihan; Söderlind, 2021, p. 459).

Importante notar que outros grupos da cena norueguesa da Segunda Onda como o *Darkthrone*, *Mayhem*, *Emperor*, *Dimmu Borgir*, para citar alguns nomes, se envolveram em algum momento com menções racistas, antisemitas e xenofóbicas. Enquanto alguns voltaram atrás nas declarações e buscaram se esquivar das acusações de fascismo, Varg manteve o discurso e suas opiniões, insistindo que “seus sentimentos raciais/nacionalistas estiveram presentes desde sua infância” (Moynihan; Söderlind, 2021, p. 588), apesar de muitos na cena acusarem Vikernes de adotar suas visões de extrema direita de forma oportunista depois de exaurir o satanismo e a capacidade de choque que este causara na sociedade (2021, *ibidem*). Como aponta Santos (2013, p. 30), “este personagem da cena norueguesa é o exemplo mais

concreto que se tem do envolvimento da música extrema com ideologias racistas”. Entretanto, rastrear exatamente quando o fascismo entra no black metal parece uma tarefa complexa. Na verdade, é uma coleção de dados e momentos que, devido ao alcance midiático desses personagens, pode ter escalado com o passar dos anos.

Os bateristas Fenriz e Hellhammer, das bandas *Darkthrone* e *Mayhem* respectivamente, possuem uma parcela de responsabilidade na retórica fascista dentro da cena black metal. Fenriz, em 1994, exigiu a inclusão no encarte do álbum lançado na época da frase: “Nós queremos declarar que o *Transylvanian Hunger* está acima de qualquer crítica. Se qualquer homem tentar criticar este LP, ele será completamente desconsiderado por seu comportamento obviamente judeu” (Moynihan; Söderlind, 2021, p. 589-590). Por esse comportamento a banda sofreu boicote de vendas e a gravadora se manifestou contrária ao grupo, resultando em um pedido de desculpas ambíguo do *Darkthrone*, se dizendo uma banda apolítica. Entretanto, o disco saiu com as inscrições em destaque impressas no encarte: “NORSK ARISK BLACK METAL” ou “black metal norueguês ariano”. Curiosamente, a convite da banda, metade das letras desse álbum foram compostas por Varg na prisão. Conforme Moynihan e Söderlind, Fenriz já dizia dois anos antes: “Nós temos uma postura fascista. Nós não achamos que o pensamento individual deve ser permitido no mundo” (2021, p. 591). Nesse sentido, quando os autores de *Lords of Chaos* (2021) trouxeram a seguinte pergunta “*o quão verdadeiras são as acusações de fascismo no black metal?*” – o baterista Hellhammer da banda *Mayhem* respondeu da seguinte forma: “Eu vou colocar assim, nós não gostamos de negros aqui. Black metal é pra brancos” (Moynihan; Söderlind, 2021, p. 591, grifo dos autores). Na entrevista, o músico ainda complementa dizendo que é uma visão geral, não somente sua. Respondendo se tinha visões fascistas ou se estava mais interessado em estar com tipos de pessoas como ele, Hellhammer diz estar convencido das diferenças entre as raças assim como diferenças entre qualquer coisa, citando os animais como exemplo em sua resposta: “um gato é mais inteligente que um pássaro ou uma vaca, ou um cachorro, eu acho que é a mesma coisa com raças diferentes” (Moynihan; Söderlind, 2021, p. 592). Nessa mesma linha de “liberdade de expressões”, os pesquisadores Davide Maspero e Max Ribaric apontam que<sup>12</sup>:

---

<sup>12</sup> Em tradução direta de: Similar opinions were also expressed by Shagrath of *Dimmu Borgir*, back when his band were not yet enjoying global success and a perfect integration within the international metal scene. At the time of their seminal debut *For All Tid*, when asked if he thought black metal music was for white people, he replied: “Yes I do, and I would gladly cut the throat of every black person in the world. HAIL THE ARYAN RACE!!!” (Maspero; Ribaric, 2015, p. 54, grifos dos autores).

Opiniões semelhantes também foram expressas por Shagrath, do *Dimmu Borgir*, quando sua banda ainda não desfrutava de sucesso global e de uma integração perfeita na cena metal internacional. Na época de sua estreia seminal, *For All Tid*, quando perguntado se achava que o black metal era para brancos, ele respondeu: “*Sim, eu acho, e eu cortaria a garganta de todos os negros do mundo com prazer. SAÚDE A RAÇA ARIANA!!!*” (Maspero; Ribaric, 2015, p. 54, grifos dos autores).

Segundo os autores (2015), esses casos são de fato evidências de que uma certa conotação política permeou o gênero desde o início. Em outra demanda, sobre os problemas relacionados à imigração, o ex-baterista da banda *Emperor*, Bård Eithun, explica para os autores, em 1995:

*A conexão com a extrema-direita se deu quando o pessoal ficou mais consciente sobre o próprio passado e o próprio país; as pessoas buscavam formas de saudar sua cultura e sua herança. Eu vejo uma certa moda aqui também. A onda de bandas politicamente extremas que saúdam seu próprio país tem crescido tão rápido quanto o black metal cresceu no início dos anos 90* (Moynihan; Søderlind, 2021, p. 593, grifos dos autores).

Enquanto isso, o seu ex-colega de banda, o guitarrista do *Emperor*, Samoth, diz que “na sociedade de hoje é muito difícil ter orgulho do seu próprio país e da própria identidade sem ser rotulado de racista ou neonazista” (Moynihan; Søderlind, 2021, p. 594). Curiosamente, para Maspero e Ribaric (2015, p. 54-55) “neste momento, seria impróprio falar de bandas de direita, pois não havia nada remotamente comparável à propaganda perversa de alguns nomes importantes da cena NSBM contemporânea, como *Der Stürmer* ou *Wolfnacht*<sup>13</sup>”. Ou seja, para esses autores (2015) naquela época ainda não existiam bandas de black metal com propaganda neonazista e sim músicos e pessoas da cena que partilhavam das mesmas ideias, fascistas diga-se de passagem.

Entretanto, Varg Vikernes se destacou da cena norueguesa não somente espalhando as suas ideias. Diferentemente dos outros músicos com ideias semelhantes, Varg se envolveu com a Frente Pagã, ou *Pagan Front* como é chamada pelos seus interlocutores. Segundo Moynihan e Søderlind, a Frente Pagã é “uma organização concebida para ‘promover o paganismo, o nacionalismo e a solidariedade popular germânica tanto em níveis políticos quanto religiosos, pois esse é o único futuro de toda a nossa existência’” (2021, p. 312). De acordo com os autores, foram muitas as discussões sobre o papel de liderança de Varg na organização, fato negado pela Frente Pagã livrando Vikernes de mais um crime, pois é ilegal na Noruega um preso liderar

---

<sup>13</sup> Em tradução direta de: “at this stage it would be improper to speak of Right-wing bands, as there was nothing even remotely comparable to the vicious propaganda of some leading names in the contemporary NSBM scene, such as *Der Stürmer* or *Wolfnacht*” (Maspero; Ribaric, 2015, p. 54-55).

algum grupo político (2021, p. 313). Ainda conforme os autores (2021), a literatura produzida por Varg na prisão foi distribuída por um braço avançado da Frente Pagã chamado *Allgermanische Heidnische Front* ou AHF. Essa organização desenvolveu divisões por vários países além da Noruega como: Suécia, Bélgica, Dinamarca, Holanda, Islândia, Alemanha – com “subdivisões afiliadas” na Rússia, Finlândia e nos EUA – (2021, *ibid.*). Curiosamente, o culto à personalidade desviante de Varg Vikernes como figura do *underground* funciona como um imã de jovens rebeldes em torno das Frentes Pagãs (Moynihan; Søderlind, 2021, p. 316).

Entretanto, essas relações, possivelmente propositais, confusas e ambíguas que nasceram em países europeus amparadas nas relações de bandas racistas entre as várias divisões da organização “Frente Pagã”, trouxe uma sustentação ideológica com uma estrutura de grupo político extremista para uma cena que se dizia apolítica.

Davide Mapero e Max Ribaric, autores do livro *Wolves among Sheep: history and ideology of National Socialist Black Metal*<sup>14</sup> (2015), publicaram vários “dossiês” ao longo do livro sobre o NSBM e, em um deles, lançam um olhar sobre a Frente Pagã. O texto abre com uma epígrafe, creditada à banda NSBM *Wodulf*, indicando uma definição prévia. Para a banda<sup>15</sup>: “A Frente Pagã é a fortaleza do NSBM — uma ferramenta de recrutamento para o despertar cultural e racial...” (Maspero; Ribaric, 2015, p. 129, grifo dos autores). Nessa direção, segundo os autores<sup>16</sup> (2015):

A Frente Pagã é o berço do paganismo mais militante, contra a tríade monoteísta composta por cristianismo, judaísmo e islamismo. É uma organização que ainda desempenha um papel fundamental na disseminação e no apoio ao fenômeno NSBM e às atividades relacionadas. É essencialmente a maior rede internacional de bandas, criadoras, gravadoras, distribuidoras e publicações que têm como denominador comum um senso de identidade pan-europeu, promovido principalmente pela música extrema. Um “exército do metal pagão”, sob cuja proteção, mais cedo ou mais tarde, todos os nomes mais relevantes da cena racista do metal e do NSBM encontraram refúgio. (...) Para entender a importância da *Pagan Front* dentro do círculo do black metal nacional-socialista, basta considerar que entre seus membros mais relevantes

<sup>14</sup> “Lobos entre Ovelhas: a história e a ideologia do Nacional-Socialismo Black Metal” (2015), em tradução livre.

<sup>15</sup> Em tradução direta de: “THE PAGAN FRONT IS THE FORTRESS OF NSBM-A RECRUITING TOOL OF CULTURAL AND RACIAL AWAKENING... (*Wodulf*)” – (Maspero; Ribaric, 2015, p. 129).

<sup>16</sup> Em tradução livre de: “The Pagan Front is the cradle of the most militant paganism, against the monotheistic triad consisting of Christianity, Judaism and Islam. It is an organization that still has a key role in spreading and supporting the NSBM phenomenon and related activities. It is essentially the largest international network of bands, creative people, labels, distributors and publications that have a pan-European sense of identity as a common denominator, mainly promoted through extreme music. An “army of pagan metal”, under whose protective wing, all the most relevant names within the racist metal and NSBM scene have found refuge, sooner or later. (...) To understand the importance of the Pagan Front within the National Socialist black metal circle, just consider that among its most relevant members there are Graveland, Absurd and Der Stürmer, unanimously recognized as the leading representatives of the NSBM scene worldwide. Followed, in no particular order, by Stormheit, Kataxu, Pantheon, Dark Fury, Xenophobia, Disiplin, Wodulf, Bilskimir and many others, thus proving the network's extent and coverage (*Ibidem*).

estão *Graveland*, *Absurd* e *Der Stürmer*, unanimemente reconhecidos como os principais representantes da cena NSBM mundial. Seguidos, sem ordem específica, por *Stormheit*, *Kataxu*, *Pantheon*, *Dark Fury*, *Xenophobia*, *Disiplin*, *Wodulf*, *Bilskimir* e muitos outros, comprovando assim a extensão e a cobertura da rede (*Ibidem*).

Nesse sentido, os autores apontam que em um trecho do artigo intitulado: *The Pagan Front – Return of the Iron Reich of Black Metal*<sup>17</sup>, inserido no encarte do segundo volume da coletânea *The Night and the Fog*<sup>18</sup>, a Frente Pagã declara o Burzum como uma verdadeira banda de black metal nacional-socialista, além de associar o neopaganismo ao ativismo de extrema direita. O trecho informa que<sup>19</sup>:

*Essa subcultura da juventude branca nasceu, de fato, dos ecos do sangue ariano reprimido e deprimido, nascida e forjada no brilho das igrejas em chamas e no sangue dos sub-homens assassinados. Ao contrário dos pseudo ‘criadores’ nunca sérios do termo ‘black metal’, os heavy metalistas Venom (e seus aspirantes a ‘Hellhammer’, Bathory ou Mayhem), a primeira banda de black metal de verdade foi o National Socialist Burzum. (...) Pretendemos que nossa música seja um meio de espalhar uma mensagem que pode ir além do mero prazer estético. O ouvinte deve ser encorajado a pensar. Gostaríamos que ele se identificasse com o paganismo, visto e compreendido como nós o fazemos. E é por isso que tentamos motivar os nossos camaradas e apoiantes para o ativismo político (Ibidem, grifos dos autores).*

Dessa forma, Maspero e Ribaric (2015, p. 130) apontam que no início – segunda metade dos anos 1990 – houve outras experiências semelhantes de “renascimento atávico”, das quais a Frente Pagã, na verdade, tomou emprestadas algumas características ideológicas e atitudinais, por exemplo, e, especificamente, em seu capítulo alemão, a Frente *Heidnische Alemã*, fundada por Hendrik Möbus, do *Absurd*. De acordo com os autores<sup>20</sup>:

Neste caso, a Frente Pagã assumiu o aspecto religioso em termos de radicalismo *völkisch*, embora visando uma propaganda musical que é, sem surpresa, um dos meios mais frutíferos e eficazes para disseminar a doutrina beligerante que une esses novos herdeiros de Odin espalhados pelo globo (*ibid.*).

<sup>17</sup> “*A Frente Pagã – O Retorno do Império de Ferro do Black Metal*” em tradução direta.

<sup>18</sup> “*A Noite e a Neblina*” em tradução direta.

<sup>19</sup> Em tradução livre de: “*This white youth's subculture was truly born of the echoes from the suppressed and the depressed Aryan blood, born and forged in the glare of the burning churches and in the blood of the murdered submen. Unlike the never-serious pseudo ‘originators’ of the ‘black metal’ term heavy metallists Venom (and their wannabes like Hellhammer, Bathory or Mayhem) the first real black metal band was the National Socialist Burzum*”. (...) “*We intend our music as a means for spreading a message that can go beyond the mere aesthetic pleasure. The listener should be encouraged to think. We would like him to relate to paganism, seen and understood as we do. And that is why we try to motivate our comrades and our supporters to political activism*” (*ibidem*, grifos dos autores).

<sup>20</sup> Em tradução livre de: “*In this case, the Pagan Front took the religious aspect in terms of völkisch radicalism, although aiming at a music-oriented propaganda which is, not surprisingly, one of the most fruitful and effective means to spread the belligerent doctrine that unites these new heirs of Odin scattered across the globe*” (*ibid.*).

A propósito, os autores (2015) reforçam que se trata de uma forma específica de paganismo, que pouco tem a ver com o sincretismo da Nova Era e sua conexão com conceitos como tolerância, igualdade, liberdade, democracia e coexistência. Nesse neopaganismo os interlocutores declaram<sup>21</sup>: “Este ‘pseudopaganismo’, que não quer ofender ninguém e quer se dar bem com todos, se comparado ao paganismo real, parece um cão castrado na presença de um lobo selvagem” (Maspero; Ribaric, 2015, p. 130, grifos dos autores).

Dessa maneira, as bases do NSBM foram formadas não somente concomitantemente, mas a partir do movimento da Frente Pagã, tomando forma assim como apontam Maspero e Ribaric<sup>22</sup>:

No final do último milênio, a Frente Pagã começou a ganhar notoriedade graças a uma série de antologias-manifestos intitulada *The Night and the Fog*, que, em três volumes (respectivamente em 1999, 2003 e 2007), contribuiu para definir a direção do movimento que representa. O primeiro deles formalizou essencialmente o termo “National Socialist Black Metal”, o segundo esclareceu as origens e intenções com um artigo intitulado: *The Pagan Front - Return of the Iron Reich of Black Metal*, enquanto o terceiro volume foi acompanhado por um verdadeiro manifesto da organização pan-ariana – uma lista de doze “mandamentos” bastante explícitos: *Nacional-Socialistas Orgulhosos, Contra qualquer influência judaico-cristã, Tolerância zero para os inimigos de nossa raça, Vamos nos unir sob a bandeira da suástica* e assim por diante, construindo assim as bases ideológicas e políticas da organização, que também são apoiadas por seus grupos afiliados. Envoltas em uma aura de mistério até hoje, a Pagan Front se mostra uma máquina de promoção e propaganda ao mesmo tempo preocupante e bem estruturada. Uma rede capaz de expandir sua influência mundialmente e cooptar entre suas fileiras projetos dos quatro cantos do globo, tornando-se um circuito de produção/distribuição alternativo ao oficial em todos os sentidos, e aproveitando o progresso tecnológico para consolidar sua presença (2015, p. 130-131, grifos dos autores).

O movimento (Frente Pagã) utiliza a música extrema como ferramenta para cooptar apoiadores, e muitas vezes, com o caráter globalizado da internet o resultado pode ser

---

<sup>21</sup> Em tradução direta de: “*This pseudo-‘paganism’, that wouldn’t want to offend anyone and would like to get along with everyone, if compared to the real paganism, looks like a neutered dog in the presence of a wild wolf*” (Maspero; Ribaric, 2015, p. 130, grifos dos autores).

<sup>22</sup> Em tradução direta de: Towards the end of the past millennium, the Pagan Front started to make a name for itself thanks to a series of anthologies-manifestos titled *The Night and the Fog*, which in three volumes (respectively in 1999, 2003 and 2007) contributed to define the direction of the movement that it represents. The first of these has essentially formalized the term “National Socialist Black Metal”, the second has clarified the origins and intents with an article titled: *The Pagan Front - Return of the Iron Reich of Black Metal*, while the third output was accompanied by a true manifesto of the pan-Aryan organization - a list of twelve pretty explicit “commandments”: *Proud National Socialists, Against any Judeo-Christian influence, Zero tolerance for the enemies of our race, Let us unite under the banner of the swastika* and so on, thus building the ideological and political foundations of the organization, which are also supported by its affiliated groups. Wrapped in an aura of mystery to this day, the Pagan Front proves to be a machine of promotion and propaganda both worrisome and well-structured. A network capable of expanding its influence worldwide and co-opting among its ranks, projects from the four corners of the globe, becoming an alternative production/distribution circuit to the official one in every way, and taking advantage of technological progress to consolidate its presence (Maspero; Ribaric, 2015, p. 130-131, grifos dos autores).

imprevisível, do ponto de vista de ocorrência da disseminação de crimes de ódio. Em um caso específico, um membro da Frente Pagã sueca aponta que a sua estratégia de recrutamento passava por não abordar as grandes massas, mas, ao contrário disso, deixar que os indivíduos viessem ao seu encontro. Assim, segundo o seu relato: “Por isso que muitos nos veem como um ‘projeto de internet’ ou como inativos passivos. Nós trabalhamos, mas fazemos pouco barulho, e não muito do que fazemos vem à tona” (Moynihan; Söderlind, 2021, p. 315). Entretanto, nos últimos anos, o barulho tomou forma e não pode ser ignorado pelas autoridades competentes.

#### 1.2. 4 Quarto ato: black metal para o “Terceiro Reich” (NSBM)

De acordo com Sena (2019, p. 51), “o Black Metal é um movimento fortemente influenciado pelos ideais nazistas”. Essa afirmação não é difícil de ser constatada hoje em dia dada a quantidade de informações disponíveis em mídias especializadas ou não, que corroboram com essa constatação. Na tentativa de entender o surgimento do subgênero mais extremo do black metal e da sua cena, o NSBM, o antropólogo Leonardo Campoy (2010) considerou que quando o Estado Nórdico endossou o cristianismo como religião oficial, a “autêntica” cultura escandinava estava fadada à “morte”. Conforme o autor, se os Estados-nação escandinavos estavam dividindo uma cultura “única”, para as bandas, toda a região norte da Europa, entre Alemanha e Islândia, era “um só território dedicado a abrigar uma só cultura, a Germânia, sempre qualificada pelos músicos como ‘naturalmente’ hostil ao estrangeiro” (Campoy, 2010, p. 213). Dessa forma, ainda segundo o autor (2010, *ibid.*), os ataques às igrejas atingiam não somente o cristianismo, mas também o Estado. Nesse sentido, entende-se que o black metal gerado na região da Escandinávia passou a “combater” não somente a religião, mas também caminhava em direção a um espectro político, a extrema direita. Nesse sentido, Santos (2013) aponta que:

As bandas que se proclamam adeptas do racismo não são apenas norueguesas, a Polônia, por exemplo, mesmo após ter sido devastada pela Alemanha nazista possui um grande número de bandas racistas que se denominam N.S. black metal (metal negro nacional-socialista). [...] As ofensas que o metal dirige contra a religião talvez não agridam tanto o Estado laico quanto a defesa de regimes totalitários atinge a democracia. Pois há uma repressão institucional atuante contra atitudes propagadoras do nazismo, tendo em vista que certas bandas omitem o racismo por receio das sanções jurídicas previstas para quem comete este crime (p. 30-31).

Assim, nota-se que o termo NSBM é um rótulo direto, porém imagina-se que como estratégia pode abarcar uma série de peculiaridades. Não por acaso, muitos grupos desenvolvem o seu discurso lírico voltado para o neopaganismo como o pagan metal ou para algo “puro” como o chamado raw black metal. Em outros casos, grupos se identificam como war metal pelos temas relacionados à Segunda Guerra Mundial. Os casos mais notórios possuem uma relação aproximada à cultura *skinhead* neonazista ou os chamados *satanic skinheads* traçando linhas entre si que, não raramente, se cruzam entre as bandas NSBM e os grupos que transitam em ambas as cenas. Nesse sentido, Sena (2019) aponta alguns desses estilos musicais como o “Pagam [*sic*] NS Black Metal, Black Hateful Metal, Aryan Black Metal, Aryan Black / Death Metal, NSBM / RAC (Rock Against Communism - Rock contra o Comunismo em uma tradução literal), NS Pagam [*sic*] Folk Metal, etc” (p. 52). De fato, observa-se, a partir da análise de conteúdos de sites especializados e de conversas com interlocutores da cena metal de Belo Horizonte e região Metropolitana, realizadas em eventos de metal extremo na fase incipiente da pesquisa, essa gama de subestilos. Segundo esses interlocutores, “muitos grupos neonazistas se escondem em rótulos como pagan metal, folk metal e war metal. Lá fora, as bandas se assumem NSBM; aqui, poucas têm essa coragem” (declaração de interlocutores que opto por não identificar, 2023). Curiosamente, nessa pesquisa de campo, os interlocutores da cena apontam que os termos “pagão” ou “*folk*”, em alguns casos, são utilizados por bandas para ocultar o *NSBM*, ou seja, maquiagem os ideais nacionalistas, racistas, xenofóbicos e supremacistas. Assim como Campoy (2010, p. 215) aponta, “o nacional-socialismo não repôs o paganismo e sim reforçou”. Dessa forma, para um grupo se assumir NSBM teria que preencher características básicas como definido por Sena (2019). Conforme o pesquisador, o NSBM é:

Um subgênero do Black Metal que promove o nazismo e ideologias similares através de trabalhos musicais e visuais, propagando crenças neonazistas (como a supremacia branca, o antissemitismo e a homofobia), o paganismo europeu (fazendo referência à honra, guerras, deuses e costumes dos povos pagãos europeus) e o ódio contra algumas religiões, como o cristianismo, o judaísmo e o islamismo (2019, p. 51).

Nesse sentido, o pesquisador Ryan Buesnel (2020), em um estudo de caso sobre a longevidade das ideologias de extrema-direita nas subculturas do heavy metal, corrobora indicando que o<sup>23</sup>:

---

<sup>23</sup> Tradução direta de: NSBM in its broadest sense can be considered a genre that utilizes the musical forms of black metal with the thematic and visual content often associated with neo-Nazism and far-right extremism. A recent survey of the history of NSBM defines it as follows: ‘An ensemble of values and ideals based on territorial needs: anti-Christianity, nationalism, and defense of the race and its traditions – often pagan traditions as opposed to Judeo-Christian ones.’ As such, it is the expression of such themes through the imagery and lyrical content of a

NSBM em seu sentido mais amplo pode ser considerado um gênero que utiliza as formas musicais do black metal com o conteúdo temático e visual frequentemente associado ao neonazismo e ao extremismo de extrema direita. Uma pesquisa recente da história do NSBM o define da seguinte forma: “Um conjunto de valores e ideais baseados em necessidades territoriais: anticristianismo, nacionalismo e defesa da raça e suas tradições - muitas vezes tradições pagãs em oposição às judaico-cristãs.” Como tal, é a *expressão* de tais temas através das imagens e conteúdo lírico de uma banda que pode ser categorizada como NSBM. Isso o separa do black metal como um conceito mais amplo que tem sido tradicionalmente alinhado com temas de misantropia e ocultismo (Buesnel, 2020, p. 2-3).

Nessa direção, buscando entender o caminho percorrido de fato pelo termo NSBM, encontramos nas palavras de Davide Maspero e Max Ribaric<sup>24</sup> (2015) que o termo NSBM surgiu nos anos 1990. Conforme os autores, em 1995, o grupo australiano *Spear of Longinus* lançou uma demo com a definição: *Nazi Occult Metal*, rotulando “dessa forma sua mistura sulfurosa de black metal impregnada de misticismo nazista” (2015 p. 15). Em 1996 um *fanzine* chamado *Hatemonger* definiu o som dos franceses do então *Funeral*, que trocou de nome para *Kristallnacht* entre os anos de 1996 a 2002, retornando para o nome original até o presente momento, como *Black National Socialist Metal*. No texto é descrito: “É um black metal rápido e melódico com letras nacionais-socialistas”. Então, o termo NSBM fez sua primeira aparição oficial na compilação americana de 1999 “*The night and the fog – A tribute to the Nacional Socialist Black Metal Underground* (*ibid.* grifos dos autores).

Em suas pesquisas no Brasil, Campoy (2010) identificou bandas que se proclamavam nacionais-socialistas, a saber, a banda *Nachtkult*, do Rio de Janeiro, e *Thornsland*, de São Paulo. De acordo com o autor (2010, p. 216), essas bandas “trazem nas capas de suas gravações fotos de soldados alemães lutando durante a Segunda Guerra e ornamentam seus logotipos com suásticas”. De fato, ainda como aponta Campoy (*ibid.*), essas bandas “não querem deixar dúvidas quanto sua ramificação dentro do black metal”. Segundo o site que cataloga bandas de metal de diversos lugares do mundo, o Encyclopaedia Metallum: The Metal Archives, a banda *Thornsland*<sup>25</sup>, de Araçatuba (SP), permanece ativa até os dias de hoje. Entretanto, a banda

---

band that can be categorized as NSBM. This separates it from black metal as a broader concept that has traditionally been aligned with themes of misanthropy and occultism (Buesnel, 2020, p. 2-3).

<sup>24</sup> Trecho original: The definition Nazi Occult Metal stems from the first demo by Australian combo Spear of Longinus (1995), who labeled in this manner their sulfurous mixture of black metal drenched in Nazi mysticism. Black National Socialist Metal was instead a definition used by Funeral, French forefathers of Kristallnacht, in an interview published in the first issue of the fanzine Hatemonger (1996): «*It's a fast and melodic black metal with National Socialist lyrics*». The term NSBM made its first official appearance on the 1999 American compilation *The Night and the Fog - A Tribute to the Nacional Socialist Black Metal Underground* (Maspero; Ribaric, 2015, p. 15, grifos dos autores).

<sup>25</sup> Fonte: <<https://www.metal-archives.com/bands/Thornsland/23326>>. Acesso em: 15/07/2025.

*Nachtkult*, do Rio de Janeiro, que esteve ativa durante esta pesquisa até meados de 2023, apresenta no mesmo site, no momento, o *status* “indefinido<sup>26</sup>”. Navegando por esse site, encontramos muitos outros grupos brasileiros catalogados como *NSBM* em várias regiões do país, também ativos, como: *Além-Homem*, *Furor Volturmo*, *Paulistarum*, *Granatus*, *Pagan Circle*, *Command*, *Ecce Hommo*, entre outros. Nesse emaranhado de ligações, observa-se, por exemplo, que a banda *Pagan Circle* é uma banda de *NSBM* da região Nordeste do Brasil, mais precisamente de Parnamirim, Rio Grande do Norte, que, em 2014, lançou um álbum *Split* com os italianos do *Via Dolorosa*. Também encontramos, na cidade de Natal (RN), as bandas *Wolfsfang* e *Escuridão Atordoante*, todas em atividade. Essa última lançou um álbum *Split*, em 2019, com as bandas *Schutzstaffel*, de São Paulo, e *Kommando Pagano*, do México. Nessa direção, de acordo com Sena:

No Brasil, existe um movimento *NSBM* forte e crescente, antigamente velado, mas que hoje mostra sua face sem nenhum tipo de constrangimento, entre as bandas podemos citar o *Evil* (SP), *Nachtkult* (RJ), *Draugurz* (SC), *Woodsmarch* (SP), *Great Vast Forest* (DF) e *Murder Rape* (PR), bandas que adquiriram fama na cena nacional por expressarem suas ideologias neonazistas por meio de atos criminosos, pelos quais muitos dos seus membros possuem passagem pela polícia ou pela cadeia (2019, p. 52).

Dessa maneira, o próximo passo é analisar por que o racismo e neonazifascismo são consumidos, divulgados e tolerados em alguns casos dentro da cena de metal extremo. Para isso, é necessário, primeiramente, averiguar essa cena como uma “comunidade reflexiva” (Kahn-Harris, 2007), paradoxalmente descrita como uma “subcultura da alienação” (Arnett, 1996), com seus próprios códigos de autenticidade. De antemão, sabe-se que a perspectiva de Arnett (1996) se revelou reducionista e patologizante ao longo dos anos, pois desconsiderou a diversidade interna da cena, ignorando o papel do metal como espaço de pertencimento, expressão estética e construção comunitária. Entretanto, a ideia de “alienação” sugerida em alguma medida em suas pesquisas poderia encontrar algum eco nas relações de irreflexividade apontadas por Kahn-Harris (2007). Nesse sentido, a natureza ambígua e muitas vezes irreflexiva revela que o propósito da intolerância se torna uma marca flagrante dentro da cena, como veremos a seguir.

---

<sup>26</sup> Fonte: <<https://www.metal-archives.com/bands/Nachtkult/16857>>. Acesso em: 15/07/2025.

## CAPÍTULO II. REFLETINDO SOBRE A CENA DO METAL: CONTRADIÇÕES E DESAFIOS

### 2.1 A cena metal como comunidade reflexiva

Durante os últimos anos, após a pandemia de COVID-19, minha incursão em shows e eventos relacionados ao metal extremo foi constante, sobretudo para dialogar com interlocutores e seguir pistas que revelassem, por meio da investigação, a possível existência de uma cena NSBM na cidade. Logo no início da pesquisa, era necessário responder à pergunta sobre a existência de grupos ou simpatizantes do NSBM circulando nesses eventos. Assim, a cada apresentação que reunia bandas de metal extremo na cidade, poder-se-ia imaginar um campo em potencial para observar e buscar informações sobre o tema da pesquisa.

A intenção era manter um olhar que não se deixasse contaminar por uma “normalização” do campo investigado. Desse modo, o foco era preservar ativo o exercício de “estranhar” o campo, entendido aqui como a cena metal, a princípio, de Belo Horizonte.

Nessa direção, durante os eventos, observamos a atuação dos músicos em performance nos palcos e fora deles, em bancas de venda de materiais de divulgação como camisetas, CDs, cassetes e fanzines. Campoy (2010, p. 75) considera esse ambiente “a economia do *underground*”. Para Ribeiro (2010, p. 46), são as “regras econômicas e jurídicas” que garantem a manutenção e sobrevivência da cena. De fato, em primeira instância, são interações importantes que movimentam uma rede de pessoas que se identificam a partir da música. Além do fazer sonoro, estético, a cena gira em torno desses aspectos e tudo que isso possa agregar.

De acordo com Keith Kahn-Harris, se a cena fosse comparada a um jogo ou competição, numa perspectiva Bourdieusiana, então o que estaria em jogo na participação na cena é a<sup>27</sup> “posse de capital subcultural e suas recompensas de prestígio, autoestima, comunidade e identidade” (2007, p. 141). Ainda segundo o autor (2007), grande parte dos membros da cena de metal extremo desenvolvem esse capital subcultural de forma suficiente para circular confortavelmente dentro da cena de forma reflexiva, ou seja, apoiados nas próprias experiências e valores. Entretanto, essas interações aparentemente reflexivas desdobram-se em outros tipos

---

<sup>27</sup> Em tradução livre de: the possession of subcultural capital and its rewards of prestige, self-esteem, community and identity (Kahn-Harris, 2007, p. 141).

de reflexividades, pois “os atores reproduzem e manipulam continuamente estruturas por meio de sua gestão reflexiva da vida cotidiana<sup>28</sup>” (*ibid.*).

Kahn-Harris (2007) analisa como esses tipos de atitudes divergentes dentro e fora da cena podem ser caracterizados a partir da própria reflexividade. Segundo Anthony Giddens, “a reflexividade é uma característica definidora de toda ação humana” (1991, p. 47). Porém, ainda segundo o autor (1991), essa reflexividade assume outro caráter a partir da modernidade. Nessa direção, a construção moderna dessa reflexividade, sinalizada por Giddens (1991), indica a ideia de que, no mundo contemporâneo, tudo pode mudar a qualquer momento e de que não existem certezas quanto às ações humanas. Assim, de acordo com Giddens:

A reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter. (...) Todas as formas de vida social são parcialmente constituídas pelo conhecimento que os atores têm delas. (...) A modernidade é constituída por e através de conhecimento reflexivamente aplicado, mas a equação entre conhecimento e certeza revelou-se erroneamente interpretada. Estamos em grande parte num mundo que é inteiramente construído através do conhecimento reflexivamente aplicado, mas onde, ao mesmo tempo, não podemos nunca estar seguros de que qualquer elemento dado deste conhecimento não será revisado (1991, p. 49-50).

Dessa forma, como aponta Kahn-Harris<sup>29</sup> (2007, p. 141), “na modernidade, a reflexividade garante que todos os princípios estruturais estejam continuamente sujeitos a questionamentos”. Para o sociólogo Scott Lash (2012), essa modernidade reflexiva exige o “empoderamento dos sujeitos” que desenvolvem significações e práticas compartilhadas.

Assim, Lash (2012) ampliou o estudo sobre reflexividade, a partir da ideia de “comunidades reflexivas”. De acordo com o autor (2012, p. 247), “a ‘comunidade reflexiva’ pode ser instrutivamente compreendida em relação ao conceito de ‘campo’ de Pierre Bourdieu”. Conforme Lash (2012), dentro do campo social geral, existem vários campos delimitados como o religioso, o político, o acadêmico, o científico, o artístico, para citar alguns. Segundo o autor (2012), todos esses campos são comunidades modernas reflexivas, assim como as subculturas e outras comunidades formadas em torno de práticas compartilhadas. Nessa direção, Lash (2012) argumenta que “os atores sociais de um campo são tanto produtores quanto consumidores de um produto cultural” (p. 247). Para entender melhor, o autor (2012) relata alguns exemplos como os membros de uma torcida organizada de futebol ou fãs que “vestem a

---

<sup>28</sup> Em tradução livre de: Actors continually reproduce and manipulate structures through their reflexive management of everyday life (*ibid.*).

<sup>29</sup> Tradução direta de: In modernity, reflexivity ensures that all structural principles are continually subject to question (Kahn-Harris, 2007, p. 141).

camisa” de determinadas bandas. Por fim, Lash define “comunidade reflexiva” de quatro maneiras:

primeiro, a pessoa não é nascida ou “arremessada”, mas “se arremessa’ nelas; segundo, elas podem estar amplamente espalhadas pelo espaço “abstrato” e, também talvez ao longo do tempo; terceiro, elas conscientemente colocam para si mesmas o problema da sua própria criação, e da constante reinvenção, muito mais que as comunidades tradicionais; quarto, seus “instrumentos” e produtos tendem a ser não materiais, mas abstratos e culturais (2012, p. 248).

Dessa forma, para Kahn-Harris (2007) as “comunidades reflexivas” são continuamente ativas e autoconscientes, se baseando na quebra da certeza que a modernidade gera. Entretanto, apesar disso, evitam a atomização dos indivíduos, oferecendo o fortalecimento da reflexividade. Kahn-Harris (2007) argumenta que a cena de metal extremo pode ser considerada uma “comunidade reflexiva”, pois possui características que, aparentemente, se enquadram perfeitamente nas quatro maneiras que Lash definiu. Por exemplo, os membros da cena se “jogam” na cena; a cena é espalhada no tempo e no espaço; os membros da cena debatem constantemente o tempo e que tipo de espaço a cena deveria ser; os produtos da cena são puramente culturais; nesse sentido, os membros da cena parecem praticar um tipo de “reflexividade acentuada” (Kahn-Harris, 2007, p. 142).

## 2.2 A cena metal e as suas contradições parte I: a irreflexividade

De acordo com Kahn Harris (2007), o problema em se aplicar o conceito de “comunidade reflexiva” à cena musical de metal extremo é que esse conceito pode não abarcar os casos em que a prática da reflexividade parece ser apenas parcial, seletiva ou ambos. Para o sociólogo, esses fatos dentro da cena, que soam como múltiplos incidentes, poderiam ser chamados de “irreflexividade” (*ibid.*). O autor, em seu livro *Metal Extremo: music and culture on the edge*<sup>30</sup> (2007), cita como exemplo uma entrevista dada por um músico da cena black metal europeia que justifica a utilização de um selo antirracista nas novas produções da gravadora onde trabalhava, porém, a forma como foi justificada na entrevista pareceu ambígua. No relato o músico comenta que<sup>31</sup>:

<sup>30</sup> “Metal Extremo: música e cultura no limite”(2007) em tradução direta.

<sup>31</sup> Em tradução livre de: As some have probably noticed we (Euphonious Records/Voices of Wonder DK where I work) have placed an anti-nazi logo on our releases. This doesn't mean we are nigger-lovers or something like that. But since Voices of Wonder have been accused of being a nazi-label several times we just had enough!! (Kahn-Harris, 2007, p. 143).

Como alguns provavelmente já notaram, nós (Euphonious Records/Voices of Wonder DK, onde trabalho) colocamos um logotipo antinazista em nossos lançamentos. Isso não significa que sejamos amantes de negros ou algo do tipo. Mas como a Voices of Wonder já foi acusada de ser uma gravadora nazista diversas vezes, já chega!! (Kahn-Harris, 2007, p. 143).

Na análise de Kahn-Harris (2007), não podemos cair na tentação de confiar em uma explicação fácil para essa citação – que o músico é um completo idiota. Em termos mais sociológicos, ao não levar em conta a óbvia contradição entre imprimir logotipos antinazistas e usar o termo “*amantes de negros*”<sup>32</sup> em uma entrevista, o músico poderia estar demonstrando uma ruptura em ser integralmente reflexivo. Entretanto, ao imprimir um logotipo antinazista em seus lançamentos, o músico reconhece e tenta evitar as críticas de antirracistas. Nesse caso, o músico e a gravadora para a qual trabalha estão manifestando uma consciência reflexiva das consequências de seus atos. No entanto, o músico também está se antecipando reflexivamente às prováveis críticas de racistas/neonazistas de que os funcionários da gravadora são “*amantes de negros*”. De acordo com Kahn-Harris (2007, p. 143), em suma, dada sua suposição implícita de que é possível satisfazer ambos os lados, o dos racistas e o dos antirracistas, a prática do músico da cena de metal extremo europeia parece irreflexiva.

Durante as pesquisas de campo, mantive contato com alguns personagens da cena de metal extremo, como o caso de um músico da cena e *tour manager* de uma banda alemã de black metal, que estava em turnê pelo Brasil e que aceitou responder a algumas perguntas. O interlocutor é da cena de Salvador e quando perguntei como é a cena na cidade, a resposta foi: “Cara é o seguinte, eu penso que o metal extremo em Salvador é um pouco ‘*classista*’, né. Tem as bandas da periferia, que o povo chama de ‘*os black metal favela*’ e tem os Metal da Orla, né. Então, é acho que basicamente, se divide mais ou menos dessa forma” (2023, grifo nosso).

Uma resposta aparentemente comum e sutil. Entretanto, ao transferir para “*o povo*” a retórica que divide a cena por classes, “*os black metal favela*” e os “*metal da Orla*”<sup>33</sup> acaba reforçando o próprio discurso “classista”, pois a ideia de “povo” é, no mínimo, generalista. Em sua pesquisa sobre a cena do metal extremo europeia o pesquisador Kahn-Harris (2007) encontrou muitos exemplos aparentemente desconcertantes de irreflexividade – nos quais a prática da reflexividade parecia inexistente ou limitada –, como o caso em que relata um distinto

<sup>32</sup> O termo pejorativo usado foi “*nigger-lovers*”, traduzido livremente.

<sup>33</sup> Acredito ser pertinente acrescentar a contribuição da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Melina dos Santos Silva ponderando que a Orla consiste em uma parte de Salvador de classe alta, com a predominância de dinâmicas de branquitude. Por outro lado, a periferia de Salvador, com alta concentração de favelas, destaca o panorama habitacional das populações de baixa renda.

músico de black metal norueguês que fez muitos comentários racistas, apesar de possuir ascendência marroquina. Nesse caso, pode-se pontuar que ele ilustra como discursos de intolerância podem ser internalizados independentemente da origem étnica do sujeito, pois o racismo não é apenas uma questão “de cor” ou “de origem”. Na verdade, ele é um sistema estrutural e cultural que pode ser reproduzido por qualquer pessoa, mesmo alguém pertencente a grupos discriminados. Nesse sentido, ao observar a cena da cidade de Belo Horizonte, encontrei alguns casos emblemáticos de irreflexividade como o de um guitarrista de uma tradicional banda de death metal com temas relacionados à violência sexual, orgias e ocultismo, que, nas redes sociais, defendia ativamente o slogan “Deus, Pátria e Família”. Em outro caso, conheci um músico e técnico de som de Belo Horizonte, fã de black metal, cristão evangélico, que se orgulhava de ter comparecido ao único show da banda norueguesa *Emperor* no Brasil, ocorrido em maio de 2022, em São Paulo.

De certa forma, os casos de irreflexividade podem surgir em cenas de vários lugares do mundo. Para Kahn-Harris (2007), a contradição pode ser uma parte essencial do discurso humano e o exercício da reflexividade visa unir as contradições em narrativas coerentes. Entretanto, em muitos casos na cena, a contradição não é abordada, restando apenas estranhos silêncios. “Tais silêncios fazem parte de um fenômeno mais amplo (e, novamente, aparentemente irrefletido) no qual questões complexas são simplesmente ignoradas<sup>34</sup>” (p. 144).

Em uma incursão a campo em Belo Horizonte, encontrei uma musicista, que eu conhecia há muitos anos, baixista de uma reconhecida banda de death metal da cidade, e comentei sobre a pesquisa que estava desenvolvendo na cena. Porém, quando comecei a explicar que se tratava de analisar bandas com discurso neonazistas, a interlocutora se afastou e disse que: “existem assuntos que nós da banda *não emitimos opinião e nazismo é um deles*” (2023, grifo nosso). Ali, a conversa chegou ao fim.

Ampliando o olhar para a mídia especializada, por exemplo, que habitualmente alimenta a cena de forma retroativa com informações, discussões e opiniões, parece haver muitas vezes uma maneira de se desviar de polêmicas e manter o foco apenas no tipo de música que tais artistas produziam. O “silêncio” da mídia se tornou parte de um mecanismo de irreflexividade da cena. Nessa direção, Kahn-Harris argumenta que<sup>35</sup>:

<sup>34</sup> Tradução livre de: “Such silences are part of a wider (and again, apparently unreflexive) phenomenon in which difficult issues are simply ignored” (Kahn-Harris, 2007, p. 144).

<sup>35</sup> Em tradução direta de: An examination of stories about bands and individuals caught up in violent acts in *Terrorizer magazine* reveals a remarkable coyness. The January 1995 issue contained a feature on the Norwegian black metal band *Emperor* that mentioned the imprisonment of the band's drummer Faust for murder, but contained no explanation or discussion of this apparently extraordinary episode. More extraordinarily. an interview

Um exame de matérias sobre bandas e indivíduos envolvidos em atos violentos na revista *Terrorizer* revela uma timidez notável. A edição de janeiro de 1995 continha uma matéria sobre a banda norueguesa de black metal *Emperor* que mencionava a prisão do baterista da banda, Faust, por assassinato, mas não continha nenhuma explicação ou discussão sobre esse episódio aparentemente extraordinário. Mais extraordinariamente, uma entrevista realizada na prisão com Varg Vikernes em março de 1996 (e ilustrada com a imagem mostrada na Figura 7, p. 47) não mencionou a causa de sua prisão nem suas visões racistas, concentrando-se, em vez disso, em sua música. O mesmo se aplica a uma entrevista realizada em fevereiro de 2005 com Jon Nödtveidt, do *Dissection*, recentemente libertado em liberdade condicional de uma sentença por cúmplice de assassinato, que não discutiu seu crime. Entrevistas com várias bandas das quais Faust se tornou membro após sua liberdade condicional também não mencionaram o assassinato pelo qual ele foi condenado (2007, p. 144).

Dessa forma, podemos somar ao caso que ocorreu em 2016 quando Phil Anselmo, ex-vocalista da banda de groove metal estadunidense *Pantera*, fez ao final de uma apresentação uma saudação em referência ao movimento “*white power*” de supremacia branca, ligado ao neonazismo. O fato gerou repúdio em vários lugares do mundo. No entanto, no Brasil, segundo o portal de notícias *geledés*<sup>36</sup>, vários fãs apoiaram o ocorrido e abriram um debate sobre “coitadismo” do povo negro. Esse comportamento reflete o racismo estrutural no Brasil. O racismo, no contexto brasileiro, é estrutural, pois se manifesta nas práticas sociais, instituições e representações culturais que perpetuam desigualdades raciais. Como observa Silvio Almeida (2019), ele não depende apenas de atitudes individuais, mas de um sistema que naturaliza hierarquias e exclusões. Segundo Dennis de Oliveira, em sua obra *Racismo estrutural: uma perspectiva histórico-crítica*:

Silvio Almeida alerta em sua obra que, embora existam níveis de compreensão e expressão do racismo na perspectiva individual/comportamental e institucional (...), a dimensão da estrutura é que torna possível a manifestação individual/comportamental e institucional do racismo. Desse modo, não se trata de uma “classificação” do racismo se ele é individual/comportamental, institucional ou estrutural, mas níveis de interpretação – e, conseqüentemente, da forma de enfrentamento. (...) o caráter *estrutural* do racismo (...) normaliza determinadas tipologias de relações e que estas são aderentes à sociedade de classes (2021, p. 63, grifo do autor).

---

conducted in prison with Varg Vikernes in March 1996 (and illustrated with the picture shown in figure 7, p. 47) did not mention the cause of his imprisonment nor his racist views, focusing instead on his music. The same was true of an interview conducted in February 2005 with Jon Nödtveidt of *Dissection*, recently paroled from a sentence for accessory to murder, which did not discuss his crime. Interviews with various bands of which Faust became a member following his parole have also failed to mention the murder for which he was convicted (Kahn-Harris, 2007, p. 144).

<sup>36</sup> Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-heavy-metal-nao-e- apenas-racista-e-intolerante-no-geral/>> Acesso em: 30/06/2025.

Assim, mesmo em ambientes aparentemente desvinculados de questões raciais, como a cena do metal extremo, é possível identificar a presença de discursos e comportamentos que refletem esse sistema mais amplo de hierarquização racial. Conforme noticiado pelo site, muitos canais especializados em metal não cobriram o assunto com a devida atenção por, justamente, saber que o assunto não é debatido com veemência pela comunidade que consome a música metal. Esses fatos parecem distantes, porém, no início de 2023, o baixista da banda sueca de black metal *Marduk* fez uma saudação nazista no palco e anteriormente, em 2018, o guitarrista da banda conterrânea *Watain* também praticou o mesmo ato, ambos tendo sido afastados dos respectivos grupos, ainda que a demissão desses indivíduos aparentemente estivesse ligada mais ao temor das consequências jurídicas e comerciais que as bandas poderiam sofrer e não à representação dos atos em si. Observa-se que a banda *Pantera*, de Phil Anselmo, atualmente reativada, continua atraindo um grande público em seus concertos em estádios mundo afora sem sofrer nenhum tipo de censura pelo ocorrido em 2016.

Mesmo que não exatamente na cena de metal extremo, é curioso notar também, por exemplo, o episódio ocorrido no Brasil, em 2018, quando Roger Waters, fundador da banda *Pink Floyd*, protestou nos telões de seu espetáculo contra vários presidentes neofascistas, dentre eles Jair Bolsonaro, muitos fãs se escandalizando e reclamando do viés político da apresentação<sup>37</sup>. Essas pessoas aparentemente não se atentaram para o teor das músicas do artista em questão, declaradamente à esquerda do espectro político.

### 2.3 A cena metal e as suas contradições parte II: a antirreflexividade reflexiva

Pode-se concordar com Keith Kahn-Harris (2007) que os exemplos apresentados por ele, descritos acima, ao que parece mostram os membros da cena como intencionalmente ignorantes ou carentes de autoconsciência e, para não dizer, politicamente ingênuos. Embora essa consideração certamente se conforme na representação social de metaleiros alienados, a pergunta que o autor busca responder é “como podemos entender a aparente coexistência de práticas decididamente reflexivas e irreflexivas dentro da cena?”<sup>38</sup> (p. 144). Essa questão poderia ser respondida de diversas maneiras se nos restringíssemos apenas ao contexto social da cena brasileira. No entanto, ao considerar, por exemplo, o argumento de Kahn-Harris (2007,

<sup>37</sup> Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/cultura/com-elena-no-palco-roger-waters-e-vaiado-em-show-politizado/>>. Acesso em: 30/06/2025.

<sup>38</sup> Em tradução livre de: “how do we understand the apparent coexistence of determinedly reflexive and unreflexive practices within the scene?” (Kahn-Harris, 2007, p. 144).

p. 145) de que a revista *Terrorizer* é uma publicação pioneira em alguns dos textos críticos mais sofisticados do cenário europeu – e ainda assim apresenta falhas –, percebe-se uma visão eurocêntrica, pois, mesmo que a questão seja intrigante para o autor, acaba por hierarquizar as cenas do restante do mundo.

Nesse sentido, ainda que essas ações pareçam inicialmente desprovidas de reflexão, uma análise mais cuidadosa revela um cenário mais complexo. Práticas consideradas irreflexivas são, na verdade, expressões de desconhecimento ou perda de entendimento. Em outras palavras são práticas ignorantes, prática que “não sabe melhor”. No caso, as práticas irreflexivas se mostram vulneráveis diante dos fluxos de significados e do capital que caracterizam a modernização reflexiva conforme descrita por Lash (2012) e Giddens (1991). Os exemplos mencionados não indicam necessariamente uma incapacidade dos indivíduos para refletirem; pelo contrário, sugerem uma escolha deliberada por reprimir a reflexividade transformando-a em uma postura *antirreflexiva*. Enquanto a irreflexividade nasce de uma limitação ou falha, a antirreflexividade é um esforço consciente de bloquear os questionamentos próprios (da reflexividade) da modernidade. A prática irreflexiva expõe os indivíduos aos efeitos da modernização reflexiva, enquanto a prática antirreflexiva nega a própria existência de tais processos. Se refletir implica reconhecer a complexidade e a imprevisibilidade das ações, a antirreflexividade parte da premissa enganosa de que tudo é evidente e óbvio. Nos exemplos abordados, os membros da cena preferem aceitar explicações simplificadas, ignorando tensões e contradições. Dessa forma, a antirreflexividade produz uma realidade artificialmente simplificada, onde nada é questionado e tudo parece estar em seu devido lugar (Kahn-Harris, 2007, p. 145). Nesse sentido, para o autor<sup>39</sup> (2007):

Se entendermos a cena musical como uma comunidade reflexiva, torna-se difícil separar, de maneira nítida, práticas aparentemente antirreflexivas das dinâmicas mais amplas de reflexividade que a compõem. As práticas antirreflexivas, nesse contexto, estão quase sempre implicadas em algum grau de práticas reflexivas. Por isso, é mais preciso nomear tais práticas, conforme discutido na seção anterior, como antirreflexivas de modo reflexivo. Se a irreflexividade pode ser compreendida como “não saber mais” e a antirreflexividade como “não querer saber”, então a antirreflexividade reflexiva corresponderia a uma escolha consciente: “saber mais, mas decidir não saber”. Nesse sentido, a antirreflexividade reflexiva diz respeito a

---

<sup>39</sup> Em tradução livre de: If the scene is a reflexive community, then it is difficult to separate apparently anti-reflexive practices from this wider reflexivity. Anti-reflexive practices must always at some level be implicated in reflexive practices. It is more appropriate, therefore, to refer to the practices we discussed in the previous section as reflexively anti-reflexive. If unreflexivity is ‘not knowing better’ and anti-reflexivity is ‘not wanting to know’, then reflexive anti-reflexivity is ‘knowing better but deciding not to know’. Reflexive anti-reflexivity can therefore be defined as anti-reflexivity practised by members who are capable of producing reflexive practice within the reflexive space of the scene. In fact, given the intense reflexivity of the scene and the intense reflexivity required to become involved in it, unreflexivity and anti-reflexivity are relatively rare within the scene (*ibidem*).

sujeitos que, embora plenamente capazes de produzir discursos ou ações reflexivas no interior da cena musical, optam por não fazê-lo. Considerando a alta densidade reflexiva que caracteriza muitas cenas musicais – especialmente aquelas voltadas à experimentação estética, à articulação simbólica e à mediação cultural intensa – tanto a irreflexividade quanto a antirreflexividade tendem a ser relativamente raras nesse contexto (*ibidem*).

A prática da antirreflexividade reflexiva pode ser observada de várias formas. Desde a capa de um CD, cujos músicos estão apenas de coletes em algum lugar na Noruega coberto de neve, a saber, a capa do terceiro álbum de estúdio da banda norueguesa *Immortal*, de 1995, chamado *Battles in the North*<sup>40</sup>, com os músicos posando sem nenhum agasalho aparente, apenas com seus instrumentos em uma paisagem coberta de gelo; ou o contrário, quando indivíduos da cena de metal extremo de Aracaju (Ribeiro, 2010, p. 140) frequentam os shows locais trajando roupas como casacos longos estilo sobretudo para o “inverno severo”. Em outro aspecto, observam-se em entrevistas disponíveis em podcast e plataformas de vídeo atores que expõem suas opiniões conscientemente contraditórias. Nesse caso, podemos citar a entrevista do líder da banda baiana *Mystifier*, Armando “Beelzebubth”, ao programa Clube do Risco #85 (no canal do YouTube Estúdios Panelaço) do músico *punk* João Gordo da banda *Ratos de Porão*. Na entrevista, transmitida ao vivo em 27 de abril de 2021, as perguntas direcionadas produzem respostas contraditórias sobre a cena black metal, o racismo e o neonazismo na cena. A seguir, um trecho da entrevista<sup>41</sup> entre o 12min 24s até o 16min 57s:

(12min 24seg.) **João Gordo** – Mas você faz parte do black metal e no meio do black metal tem um monte de nazi, tá ligado? E você é negro, cara. Como é que você já teve alguma confusão com esses caras? Já sofreu algum tipo de racismo, cara?

(12min 40seg.) **Armando “Beelzebubth”** – João, eu só tive virtual mesmo. Ali ao vivo, na cara, é foda.

(12min 46seg.) **João Gordo** – Eles são “uns bundas-moles”, né? “Eles não têm” coragem.

(12min 50seg.) **Armando “Beelzebubth”** – João, cara, nunca, eu acho que fui no caso tão claro com relação a isso como vou ser agora. Os nazistas europeus, eles são fãs do *Mystier*. Eles são meus fãs. E eles me abraçam, me beijam, bebem comigo, caem no chão comigo, bebem, me carregam, me levam para casa. Você já deve ter passado por isso, porque os europeus não te julgam no caso pela sua cor. Eles te julgam pela sua etnia, de onde você é, de onde você veio. Se for o caso, veja que a Alemanha ali tinha todo aquele problema, meu irmão. Quando eu estive lá em 2010, foi foda, porque ainda tinha um ranço né, da galera que veio da parte oriental, que não sabia inglês, que eram mais grosseiros, que eram mais rústicos. E a galera da parte oriental os discriminavam. Imagina quem é latino, que quer morar lá. Agora, claro que eu sei, João, que eu sou artista, você é artista. E outros, de Bandas, vai, é super bem tratado, coisa e tal. Eu nem sonho em nunca morar lá, cara, porque eu odeio o frio. A minha mesmo é verão. No caso, amo aqui o Nordeste. Agora, eu tenho duas casas aqui. Agora, sim, eu nunca tive problema. E até afirmo isso, é que os ex-Nazis,

<sup>40</sup> Fonte: <[https://www.metal-archives.com/albums/Immortal/Battles\\_in\\_the\\_North/237](https://www.metal-archives.com/albums/Immortal/Battles_in_the_North/237)>. Acesso em: 30/07/2025.

<sup>41</sup> Disponível em: <[https://www.Youtube.com/watch?v=5sppp75UW\\_c](https://www.Youtube.com/watch?v=5sppp75UW_c)>. Acesso em: 30/07/2025.

nazis, sei lá que porra é, são assim, João, simpatizantes, que estão no mundo globalizado, incomodados. São de países colonizadores e que agora tomaram no cu. É tipo a França, que está cheia de negros. Culpa tem, como é o nome dele? Aquele filho da puta lá do cavalo?

(14min 45seg.) **João Gordo** – O Napoleão?

(14min 47seg.) **Armando “Beelzebubth”** – É, o Napoleão Bonaparte. Culpa tem Hitler também, que invadiu a África. Então, é “dano” a que se recebe. Então, toma lá. Mas eu nunca tive problema.

(14min 58seg.) **João Gordo** – O que você acha desse pessoal do Brasil, o Brasil é maior miscigenado, cara? Tem um monte de nazi aí, tem esses metaleiros conservador, cara. Meu, headbanger conservador, desde quando satanista é conservador? Fala para mim, cara. Conservador do quê?

(15min 14seg.) **Armando “Beelzebubth”** – É foda. Porra, João. É um assunto tão sério, cara. É o maior... E assim, João, não adianta eu brigar, você brigar, se as outras bandas, como a galera diz, passar o pano. É para brigar, vamos. Agora, João, sinceramente, não vale a pena. Agora sim, onde o *Mystifier* está, essa galera bota o rabo nas pernas. E eu acredito que sua banda também, o *Krisiun* também, o *Sepultura* também. Agora, quando eles estão entre eles lá, aí a coisa muda. Aí tem aquela merda daquela saudação lá deles, blá, blá, blá, né? Heil Hitler. Teve até banda que já fez agradecimento no encarte.

(16min 05seg.) **João Gordo** – Mas é engraçado que entre eles, cara, tem cara que é igual eu, porque eu não sou branco, cara. Eu sou tipo latino. Misturado, tem negro, índio, tudo misturado, cara. Tem gente que nem você, que é negro. E os caras são nazi, velho. Os caras são... Os caras são nazi, é. É, white power, cara. Os caras fazendo... É engraçado isso, cara.

(16min 28seg.) **Armando “Beelzebubth”** – Tatuam suástica. Agora, João, falando em suástica, rapaz, aí a galera vem, Armando, tal cara tem uma suástica, mande ele tirar a camisa, eu vou mandar homem tirar a camisa, rapaz? Por que aquela coisa, João? Porra, sinceramente, velho, o mundo é grande, tem espaço pra todo mundo aí, meu irmão. Deixa essa porra se proliferar. Agora, chato foi o que chegou. É um candidato deles ao poder, sinceramente. Pra mim, o Brasil tá à beira de uma guerra civil, meu irmão (Estúdios Panelaço, on-line, 2021).

Dessa forma, a conversa segue com o entrevistado “refletindo” de maneira bem contraditória entre questões relacionadas ao metal extremo e a política nacional da época, totalizando pouco mais de uma hora e dez minutos de entrevista. Curiosamente, tais “incidentes” permanecem isolados e não se traduzem em campanhas preocupadas em esclarecer as inconsistências. A entrevista<sup>42</sup> acima descrita é carregada dessas inconsistências, equívocos e ambiguidades como pode-se notar. Em outro exemplo, na entrevista que um músico espanhol deu a um zine de Salvador (*Osculum Obscenum*, #3, outubro de 2007) citada por Taís Santos:

O entrevistador apenas pergunta ao músico se tem contatos com bandas da América Latina e é respondido assim: “Claro brother! Nós todos falamos espanhol. Por que não vou ajudar minha gente? [...] Aqui [Espanha] se fala de imigração, por minha

<sup>42</sup> A entrevista chegou ao meu conhecimento através de uma conversa com um informante que era conhecido de Armando “Beelzebubth”. Na ocasião, o informante ofereceu o contato do líder do *Mystifier*, comentando sobre a sua proximidade com o artista e que tinha o telefone de Armando. Mencionou que a banda baiana tocou no *Steelfest*, um festival finlandês que comporta várias bandas da cena NSBM internacional. Tomando conhecimento dessa pesquisa, o informante disse que poderia passar o contato, se o próprio Armando autorizasse. Por algum motivo desconhecido, o retorno não foi feito.

parte todas as pessoas, inclusive as daqui não passam de uma verdadeira merda. Mas convido a todos os fanáticos do Black Metal a virem aqui!!” (2013, p. 30).

Na interpretação da autora:

Quando se quer sustentar uma postura contrária aos separatismos o discurso tenta eliminar barreiras como Europa X América Latina, nivelando as condições “centro” e “periferia” atribuídas às regiões, mas não se confunde com um discurso de tolerância usual, a retórica *black metal* precisa conservar seu conteúdo maligno e não pode parecer benevolente. Por isso a ofensa aparece na resposta e é por meio dela que o entrevistado tenta se afirmar como não adepto de separatismos, dirigindo sua agressão a todas as pessoas (do mundo) (*Ibidem*, grifo da autora).

Nessa direção, percebe-se que o exercício constante de ambiguidade no pensamento de parte dos membros da cena poderia levar aos resultados que observamos em ambos os depoimentos. No caso, a antirreflexividade reflexiva não é pura ignorância, podendo se aproximar de uma ignorância intencional. Dessa forma, Kahn-Harris (2007), indica que a prática da antirreflexividade reflexiva não é adotada de maneira unânime por todos os integrantes da cena, muito menos possui a mesma relevância ao longo de toda a sua trajetória histórica. Ainda assim, especialmente nos períodos mais recentes, essa forma específica de prática, antirreflexividade reflexiva, passou a ocupar uma posição central, ofuscando outras manifestações reflexivas dentro da cena. Sob uma perspectiva funcionalista, mesmo que de forma provisória, pode-se argumentar que a antirreflexividade reflexiva passou a dominar a cena por exercer um papel eficientemente “defensivo”, contribuindo para manter o frágil equilíbrio entre a transgressão simbólica e a vida cotidiana. O modo como a música é construída no metal extremo, sob esse viés reflexivamente antirreflexivo, funciona como o principal meio de sustentar essa tensão.

Além de garantir a coesão e continuidade da cena, a antirreflexividade reflexiva também alimenta experiências estéticas e afetivas particularmente valorizadas pelos participantes. No interior desse espaço, os membros se veem autorizados a acessar discursos transgressivos presentes na cultura ocidental – inclusive aqueles de cunho racista – sem enfrentar consequências significativas. A cena, nesse sentido, oferece um tipo de “refúgio simbólico”, no qual se pode expressar o inaceitável de forma lúdica ou ambígua, preservando simultaneamente a estabilidade do cotidiano. Os sujeitos são, assim, autorizados a “ter tudo”, transgredir e permanecer confortáveis. Essa dinâmica repousa sobre a construção de uma ilusão de simplicidade – um mundo no qual as ações não carregam implicações definitivas. Manter essa ilusão requer um esforço contínuo de antirreflexividade reflexiva, mas esse esforço não é visto como um fardo, pois ele pode, por si só, ser experimentado como prazeroso, como um jogo

performativo no qual rir ou ser sério são possibilidades igualmente válidas e reversíveis, sempre dentro dos limites seguros da cena (Kahn-Harris, 2007, p. 156).

Dessa maneira, entende-se que a “antirreflexividade reflexiva”, resumida como “saber mais, mas decidir não saber”, separada tanto da antirreflexividade (não querer saber mais) quanto da irreflexividade (não saber mais), faz com que a antirreflexividade reflexiva combine as duas faces em um esforço consciente para desconsiderar ou se desligar do que se sabe. Podemos observar, também, que essa relação antirreflexiva pode ser aplicada em várias outras situações fora da cena metaleira, pois esse tipo de ignorância seletiva não se limita ao black metal. Slavoj Žižek (2014) argumenta que o que ele chama de “negação fetichista” é crucial para o funcionamento do próprio capitalismo. Segundo Žižek essa “negação fetichista” é um gesto que implica naquilo que: “‘Sei, mas não quero saber o que sei, e por isso não sei’. Sei, mas recuso-me a assumir inteiramente as consequências desse saber, pelo que posso continuar a agir como se não soubesse” (2014, p. 54). Como os animais abatidos, muitas vezes de forma cruel, para que possamos consumi-los. Determinados grupos, por exemplo, inseridos no sistema capitalista, ignorando problemas como a precarização e a *uberização*<sup>43</sup> das relações contemporâneas de trabalho ou as pautas ambientais, para citar alguns. A *uberização* do trabalho vem de uma referência ao aplicativo de celular usado para transporte de passageiros por motoristas cadastrados, porém sem nenhum vínculo empregatício com tal empresa. Conforme Betiol (2022), “esse modelo de trabalho se tornou símbolo de todo um processo de utilização de mão de obra ociosa para a realização de serviços precários e sem garantias trabalhistas” (p. 32). Nesse caso, longe de querer relativizar esses processos, a intensão seria apenas indicar que a ignorância proposital se torna uma prática perversa que mascara determinadas demandas e que no fim das contas, tumultuam o debate público sobre questões que se apresentam como importantes para a sociedade.

#### 2.4 Um comentário sobre investigar extremos

As pesquisas que discorrem sobre grupos que praticam algum tipo de violência, seja física ou de qualquer outra natureza, enfrentam um grande desafio por si só, sobretudo nas ciências humanas, no campo da etnografia. A grande pergunta, ainda, é como se aproximar desses grupos e manter a integridade física. Naturalmente, a pesquisa acaba expondo também

---

<sup>43</sup> Fonte disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2023/07/24/como-a-terceirizacao-e-a-uberizacao-precarizam-as-condicoes-de-vida-dos-trabalhadores/>>. Acesso em: 30/07/2025.

o pesquisador que, muitas vezes, pode sofrer ameaças reais e graves por parte dos grupos investigados. Essas pesquisas, no fim das contas, se tornam denúncias de potenciais crimes cometidos pelos grupos pesquisados.

Adriana Dias, em sua dissertação, pontuou que:

Dar conta, etnograficamente, destes racistas, nazistas e revisionistas, se revelou, nestes últimos cinco anos, um desafio intelectual e uma reafirmação de minha postura política: por um lado era preciso explicá-los, por outro era preciso denunciar os crimes que cometiam. Foi necessário pouco tempo de pesquisa para perceber que o terreno era perigoso: o discurso incitava não apenas ao racismo, mas também à prática do assassinato, e às diversas outras iniciativas contra a vida, contra os direitos humanos, contravalores, defendidos por mim como essenciais para a convivência humana. Particularmente, se mostrou especialmente doloroso observar que grupos humanos investiam, exaustivamente, na tentativa de desacreditar o valor da vida humana como universal, e que deveria ser restringido aos que eles denominavam de “parasitas sociais”, negros e judeus, animalizados no discurso como “baratas e ratos” ou “baratas e piolhos” (2007, p. 27).

A antropóloga em toda a sua trajetória acadêmica investigou, por praticamente vinte anos, o discurso neonazista e supremacista branco nas redes se tornando uma especialista em localizar grupos extremistas neonazistas. Dias aponta que “no Brasil muitos grupos se dedicam a criar zines e revistas neonazistas e produzir material de download sobre o nazismo, a negação do holocausto, [...] disponibilizando álbuns e vídeos de músicas neonazistas” (2020, p.137). A autora localizou em suas pesquisas no Brasil 349 células de grupos de ódio, entretanto, “a quantidade de pessoas que faz download do material por elas é imensamente superior: passavam de 500 mil pessoas em março de 2020” (*ibid.*). Ainda segundo a autora, dentre os grupos com maior número de células estão os grupos neonazistas de fundo ultranacionalistas/supremacista, hitleristas, ultraconservadores religiosos, grupos de *Skinheads* e bandas RAC (2020, p. 137-138).

Em outro aspecto, a pesquisa conduzida por Taís Santos, sobre a cena de metal extremo de Salvador, revelou não encontrar bandas NSBM na cidade. Segundo a autora (2013, p. 30-31) “o nacional-socialismo no black metal de Salvador carece de registros e inviabiliza sua inclusão como elemento estético/político da produção local das bandas do gênero”. Entretanto, para a autora (2013):

Talvez a coisa mais próxima do que seria o nacional-socialismo da cena baiana seja um exemplo às avessas de um fundamentalismo levado às últimas consequências, o *Crucificador*: uma banda que se nomeia como “patriota”, “nacionalista”, notável pelos atos de violência que comete contra os que a acusam de apoiar o nacional-socialismo (Santos, p. 32, grifo da autora).

Nesse sentido, Santos (2013) pondera que “em nome da conservação de minha integridade física, não contatei os músicos para falarmos do assunto” (p. 32). Ou seja, quando se trata de pesquisar grupos violentos, por força maior, novos rumos são tomados para manter uma “distância” de segurança e novas rotas são recalculadas. No caso, a estratégia metodológica escolhida por Adriana Dias (2007), em seu campo, a fez argumentar que: “pensar, etnograficamente, este universo significou, também, investigar a própria experiência etnográfica e como esta se dá no espaço digital” (p. 28). Ainda segundo relato de Dias (2007):

na medida em que eu acompanhava os sites, os links, os textos, músicas e vídeos disponibilizados por eles, e que estudei acerca da Internet, das ferramentas que ela mesma me daria para discutir meu objeto, surgiu a necessidade de acompanhar e conhecer, mais profundamente, os elementos que apareciam nestas narrativas, mas também problematizar como a rede, um fato técnico, se relaciona com as noções de pessoa, espaço e tempo. Nesta análise, a minha inquietação principal era entender como a rede era utilizada por este movimento social subversivo, o cyber-racismo, e como a WEB se constrói como espaço preferencial para a divulgação de suas idéias (*ibidem*).

Assim, pesquisar a partir da grande capilaridade de grupos que promovem o ódio, a partir das redes é um trabalho extenso. No caso, como a autora aponta “é preciso ver, portanto, a dimensão rizomática do cyber-racismo e como ele se vale das mais variadas formas midiáticas, espalhando-se pela rede, valendo-se do link para arranjar suas camadas, seus platôs” (*ibid.*). O campo escolhido por Adriana Dias, entendido como as redes de internet que abrigam grupos racistas e neonazistas, pode-se dizer que, está longe de oferecer alguma segurança para quem está investigando. Explicando como os grupos racistas atuam nas redes a pesquisadora (2007) indica que:

o cyber-racismo, demarca seu “estilo de vida” e, por fim, sistematiza a afinidade destes signos e práticas, implantando-os em esquemas discursivos para garantir a perpetuação de seu mito racial e a comunicação dos mitos que o compõe, fixando-os em seus rituais, de forma a amalgamar, definitivamente, seu “*opus operatum*” a seu “*modus operandi*”. O espaço digital configura-se como um terreno fértil para que o *habitus* racista assoalhe as suas disposições, como um mediador das tramas que o definem e dos agentes nelas inseridos (Dias, p. 28-29).

Em outros casos, o pesquisador em nome da ética da pesquisa, não revela as fontes, muito menos os envolvidos em crimes, buscando no final se resguardar legitimamente. Vejamos em outro universo extremo que, como comércio, movimentam um submundo de conteúdos extremos disponíveis com fartura na web e na deep web. A antropóloga Maria Elvira Diaz-Benítez, investigando o universo da pornografia, encontrou outras maneiras para manter

a sua integridade durante a sua investigação. No caso, a pesquisadora em seu artigo – o espetáculo da humilhação, fissuras e limites da sexualidade – optou “por não localizar nem caracterizar melhor os sujeitos da pesquisa como uma maneira básica de resguardar suas identidades” (Diaz-Benítez, 2015, p. 65). Neste artigo, a autora se concentrou em analisar as práticas, “excluindo dados etnográficos sobre as relações e a sociabilidade no set de filmagem ou as biografias dos sujeitos” (*Ibidem*). Observa-se que, mesmo o trabalho resguardando os sujeitos de pesquisa, o material pornográfico, no caso, é encomendado e consumido por um público blindado pelo anonimato das redes e esse público alimenta uma gama de violências discutidas no texto da autora. Nesse sentido, a internet abriga uma miríade de conteúdos de ódio e, nesse ambiente, usuários se escondem por trás de pseudônimos, máscaras, ou imagens distorcidas.

Retornando ao campo político, como abordado nas pesquisas de Dias (2007, 2020) e corroborado por Lourenço Cardoso:

As organizações neonazistas, assim como, outros grupos e indivíduos que comungam pensamentos de ultradireita crescem e se fortalecem utilizando sobretudo a Internet como ferramenta de contato e mobilização. A virtualidade dos contatos é também uma forma de se esquivarem de penalidades pela prática de “crimes de ódio” e/ou crimes contra a humanidade (Lourenço Cardoso, 2010, p. 621).

Curiosamente, ao contrário, existem também aqueles que não escondem a sua identidade e mantêm em suas redes um conteúdo de ódio exposto e ao alcance de qualquer usuário da internet, casos que veremos a seguir.

Dessa forma, ampliando o panorama, a dificuldade em pesquisar grupos racistas desafia a própria episteme, pois, de acordo com Cardoso, a própria “teoria anti-racista, de maneira geral, tem restringido em pesquisar o oprimido, deixando de lado o opressor. Desta forma, é sugerido que a opressão é somente um ‘problema do oprimido’ em que o opressor não se encontra relacionado” (2010, p. 610). Assim, analisar o problema do “outro”, sendo esse “outro”, negro, periférico ou pertencente a qualquer outra minoria, segundo o autor, mascara uma incapacidade acadêmica de atuar em pesquisas com grupos racistas que mantêm o hábito da violência física como prática. Entretanto, se pesquisar grupos de ódio se apresenta como tarefa complexa para a academia, para o observador que decide levar a investigação adiante, os desafios são maiores. Por isso, naturalmente, muitas pesquisas que tocam nesses assuntos acabam mantendo uma distância de segurança que resguarde a integridade física dos autores. Nesta investigação, procuramos levantar os dados preferencialmente em ambiente virtual, tomando o cuidado de manter um nível de anonimato durante as pesquisas, ainda que saibamos

que nenhum ambiente virtual é totalmente seguro e que a própria pesquisa possui caráter público. A estratégia consistiu, eticamente, em evitar o contato físico ou pessoal com os atores envolvidos. No entanto, foram coletadas informações junto a terceiros que possuíam algum tipo de acesso aos grupos investigados.

O capítulo a seguir foca nos dados da pesquisa propriamente dita, onde foi levantada uma gama de informações sobre a cena de metal extremo, sobretudo do subgênero black metal e grupos de NSBM, no contexto nacional e local. Apresentam-se as suspeitas de grupos amadores e os indícios de grupos profissionais envolvidos com uma rede internacional de música racista e neofascista.

## CAPÍTULO III. O CAMINHO DAS SOMBRAS DO METAL EXTREMO BRASILEIRO

### 3.1 Primeiros passos na “Área”

A cena metal na cidade de Belo Horizonte está ativa. Essa afirmação se dá por observação atuante em campo. Esse campo abrange pontos de encontro físicos como lojas especializadas em discos e produtos relacionados ao universo metaleiro, bares e casas de shows em Belo Horizonte. Os shows, a propósito, acontecem periodicamente em várias casas noturnas da região central da cidade e nas periferias da capital mineira. Nesses eventos de música ao vivo vários grupos tocam juntos e muitas vezes são organizados festivais que reúnem um contingente de bandas de vários estilos como thrash, death, doom, grind e black metal, para citar alguns.

Entretanto, nem todas as bandas são sociáveis dentro da própria cena. Essa observação remete aos conflitos que a pesquisadora Taís Vidal dos Santos pontua em sua dissertação (2013), a partir da cidade de Salvador, e que observamos também na grande Belo Horizonte. A autora sublinha que a identidade de um grupo é forjada pelo culto à música e é representada como verdade, além de ser uma qualidade daquilo que pode vir a ser considerado como autêntico por um conjunto de práticas de seus interlocutores. Dessa forma, ainda para a autora:

As designações *true* e *poser* são categorias de afirmação e negação, respectivamente, assumidas na composição da identidade dos atores conforme se dão a adesão e o engajamento dos mesmos na cena *underground*, isto é, dado o grau de inserção no nicho, reconhecível através de um conjunto de discursos e práticas (Santos, 2013, p. 18, grifos da autora).

Sendo assim, nesse conjunto de práticas e discursos observados no trabalho da socióloga, encontram-se semelhanças e, por que não dizer, paralelos temporais com a cena belo-horizontina. Quando falamos de Belo horizonte, entendemos também toda a região metropolitana, pois muitas bandas e seguidores da cultura metal moram em locais mais afastados das áreas centrais. Contudo, frequentam várias regiões da cidade criando um emaranhado geográfico de interlocutores com presença física. Um exemplo disso é uma miríade de bandas de metal extremo espalhadas por toda a capital mineira e região metropolitana.

Assim, na busca por bandas de metal extremo do nicho black metal, em específico aqueles que se autoproclamam de NSBM, no Brasil e no mundo, encontramos em Ribeirão das

Neves – MG uma banda chamada *Echoes*. Essa banda chama a atenção em vários sentidos. Primeiramente, em uma pesquisa ao site responsável por catalogar bandas de todo o mundo, Encyclopaedia Metallum: The Metal Archives, na descrição sobre o gênero musical, a banda se declara como raw black metal, ou seja, uma ramificação do black metal que se diz um black metal “puro”. Essa pureza pode-se ler como uma sonoridade primitiva, radical ou “raiz”, do ponto de vista da criação do estilo black metal. Para os interlocutores e apreciadores, “pureza” não significa “limpeza” nesse caso, e sim “sujeira”. Para entender, as guitarras, por exemplo, são tocadas com pedais de distorção, criando uma ideia proposital de dissonância que remete a um som “sujo” e “agressivo”. Além disso, *Echoes*, como a maioria dos grupos identificados como raw black metal, parece voluntariamente se distanciar da ideia de expertise da técnica instrumental. Na ideologia do que seria o raw black metal – “true” para alguns dos interlocutores –, essa estética faz parte do chamado metal extremo. O negativo se torna positivo nesse fundamento.

O segundo ponto observado sobre a banda *Echoes*, diz respeito ao conteúdo lírico indicado, pois no site onde encontram-se as informações sobre quais temas a banda aborda em suas letras, está elencado, até então, na seguinte ordem: satanismo, anticristandade, nacional-socialismo e humor negro (expressão em si já de cunho racista). Dessa maneira, vamos analisar o material disponível dessa banda e suas redes sociais contrapondo aos outros grupos declaradamente NSBM no Brasil e no mundo. Uma digressão contextual e impressões de interlocutores da cena ajudarão a entender como a banda surge no mapa dessa pesquisa.

Em uma incursão a campo na busca por informações sobre a cena de metal extremo da capital mineira, a convite de um interlocutor, estive presente no festival “*Triunfal Aliança*”. Esse evento aconteceu em uma casa de shows chamada *Área 51*. A casa é basicamente um espaço na sobreloja de um galpão, às margens de uma grande avenida da área central da cidade. Voltaremos posteriormente aos detalhes dessa casa de shows.

O festival reunia cinco bandas: a banda de abertura foi a *Krushhammer*, de Belo Horizonte, no estilo blackened thrash metal, segundo informações do folder do evento. Na sequência, também da capital mineira, se apresentou o *Violency*, rotulado como speed thrash metal e, de Varginha-MG, a banda de death metal, *Descerebration*. Por fim, as bandas de black metal *Obscure Relic* e *Velho*, ambas da cidade de Duque de Caxias, Rio de Janeiro, foram as principais atrações daquela noite. Segundo um comentário de um interlocutor, “o *Obscure Relic* é a banda *Velho* cantando em inglês”, pois a formação é praticamente a mesma. Porém, o *Velho* possui um tempo maior de estrada no *underground* nacional, lançando seu primeiro EP em

2009. Posteriormente, desenvolveram mais dezesseis trabalhos, desses: três discos de estúdio; uma demo; três *Splits*; um *Split Video* em DVD; três compilações; quatro discos ao vivo e para completar outro EP, todos com letras em português. Esse tempo todo na estrada, e por que não de mercado, conferiu ao *Velho* um certo “*status*” na cena *underground*, notado pela receptividade do público durante o show e, também, na banca de *merchandising*, pois havia uma grande procura, por parte do público, pelo material do grupo como CDs, fitas cassete, vinil e camisetas.

Dessa maneira, observando essa situação e pensando de forma ampla sobre as atividades que circundam o fazer musical, recordamos que o antropólogo Leonardo Campoy (2010, p. 74) pontua que o *underground* brasileiro pode ser definido como um mercado nos parâmetros da economia, levando em consideração a produção, distribuição e consumo de um dado produto. Sendo assim, o autor o interpreta “como um coletivo constituído por meio de relações de troca” (2010, p. 74). Exatamente como observa-se, em vários eventos do tipo: as bancas de discos, camisetas, zines e outros são parte fundamental do show. Os próprios músicos nos palcos ressaltam a importância do material de divulgação à venda para ajudar na viabilização e manutenção das atividades das bandas.

Sabendo disso, as casas de shows costumam oferecer, dentro do próprio espaço, uma área destinada ao *merchandising*, com o objetivo de minimizar os custos que as bandas assumem para divulgar sua música e, de certo modo, sua própria marca. Essa feira do *underground* movimentava os eventos, sobretudo nas trocas entre as bandas no palco, em que o público aproveita os intervalos depois de conferir o som das bandas e, muitas vezes, acabam consumindo os materiais expostos nas bancas. A produção e venda dos produtos ficam a cargo das bandas, onde os próprios músicos fazem esse papel de vendedor na sua “barraca de feira”. Ou seja, não é somente a música metal, mas obrigatoriamente passa por ela.

A comercialização de materiais do *underground* extremo nesses eventos segue determinados padrões e regras. No final das contas, essa venda de materiais em shows é uma regra como apontado por Ribeiro (2010, p. 46). Em alguns casos, os materiais impressos como zines e livros, os materiais fonográficos como CDs, fitas cassetes e vinis ou de vestuários e acessórios como camisetas e patches nem sempre são das bandas que estão tocando. Nesses casos, alguém ligado à produção do evento e à cena, mais precisamente alguém com uma loja física ou virtual, faz o papel de vendedor de produtos no festival. Esses produtos são materiais raros ou clássicos dentro de uma lógica *underground*. Também nessa lógica, o material sendo vendido no evento permite uma fluidez maior na comercialização pois, na teoria, quem está ali

acaba transmitindo uma relação com o evento que não é questionada pelos outros participantes. Sendo *true* ou *poser* o fato de estar no evento diminui as desconfianças entre essas categorias.

O interesse nesse evento, além dessa imersão em uma parte da cena de Belo Horizonte, continha uma esperança de avançar a pesquisa sobre a existência de grupos de NSBM na cidade e, porventura, em outros lugares. O intuito, a princípio, era de encontrar com um interlocutor, um membro de uma banda de black metal de Ribeirão das Neves, região metropolitana de Belo Horizonte. Assim, esse foi o ponto de partida para algumas descobertas, sendo a principal dela a banda *Echoes*.

Durante o festival, a latente ideia de criar uma certa “distância” do ambiente para estranhar algo no campo, de fato, foi (ainda é) o grande desafio. Como criar então esse estranhamento? Logicamente, o fato de procurar me aproximar de alguns interlocutores em rodas de conversa criou uma dúvida, pois a todo momento me perguntava: será que as pessoas aqui conhecem o NSBM? Será que elas distribuem ou, antes disso, será que consomem materiais de bandas NSBM?

Observando as bancas de *merchandising*, notei que havia uma banca especial para os cariocas da *Velho/Obscure Relic* e outra mais ao lado com muitas camisetas, CDs e fitas cassete de várias bandas de metal extremo nacionais e internacionais. Assim, olhando as pilhas de discos, cuidadosamente organizadas, encontro um CD à venda da banda polonesa *Graveland*. Essa banda é conhecida no cenário por seu pioneirismo no NSBM e no pagan NS black metal, sobretudo no leste europeu. Mas, isso responde apenas que sim, tem algum tipo de material NSBM exposto ali naquele contexto. A pessoa que tomava conta da banca não estava muito receptiva para conversa, pois parecia preocupada procurando algo em uma caixa no canto escuro. De qualquer forma, não pude notar se foi vendido ou se permaneceu na banca até o final do evento. Assim, voltei-me para a segunda banca, a das bandas cariocas (*Velho/Obscure Relic*). Duas pessoas pareciam revezar no atendimento aos clientes. Perguntei sobre o material à venda, produzido pelas bandas. A conversa foi bem amistosa, o interlocutor apresentou os discos, falou sobre as capas e produções ao vivo. Notei que o material da banda vendia bastante naquele momento, com uma movimentação intensa, inclusive. Em dado momento tive a oportunidade de mencionar um assunto da pesquisa que estava fazendo. Perguntei se já tinha ouvido falar sobre o estilo NSBM. A resposta foi incisiva: “não...”, expliquei o que era o nacional socialismo black metal, um estilo que tem uma certa entrada no país e que algumas bandas brasileiras se identificavam com a ideologia nacional socialista. Então, suscitou o comentário: “ah, mas aqui acredito que não tenham pessoas que curtam esse estilo”

(Interlocutor, 2023). Perguntei sobre a cena carioca e citei o *Nachtkult*, uma banda declaradamente NSBM, ainda ativa naquela ocasião e catalogada no livro *Trevas sobre a luz: o underground do heavy metal extremo no Brasil*, do antropólogo Leonardo Campoy, em 2010. A resposta também foi negativa. O interlocutor pontuou que: “havia muitos carecas neonazistas no Rio de Janeiro, porém eles sumiram de uns tempos para cá” (2023). Quanto a esse comentário, acredita-se que no período posterior ao golpe de 2016 até 2022 esses grupos tenham tomado força, sobretudo nos grandes centros urbanos, como indicam as pesquisas da antropóloga Adriana Dias (2020), assim como revelam também os laboratórios que monitoram células neonazistas e grupos de ódio no país<sup>44</sup>, dentre eles o Observatório da Extrema Direita, ligado à Associação Nacional de História e à Universidade Federal do ABC<sup>45</sup>, o grupo Mapa do Ódio, vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro e ao Núcleo Brasileiro de Estudos de Nazismo e Holocausto (NEPAT) na Universidade Federal de Minas Gerais, para citar alguns. Assim, descrevendo um pouco mais sobre o tema da pesquisa que estava desenvolvendo, mencionei a cena metal de Belo Horizonte e coloquei a dificuldade de chegar nessas bandas de NSBM. Então, um terceiro interlocutor (2023), ouvindo toda a conversa, me pergunta: “você conhece a banda *Echoes*?” Respondo que não. Assim, ele me avisa: “acho que esses caras são daqui de BH, eles são muito bolsonaristas, tem uns vídeos toscos na internet. Olha lá, talvez seja o tipo de banda que esteja procurando” (Interlocutor, 2023). Anotei imediatamente, agradei a dica e deixei a banca onde, logo, outras pessoas se aproximaram. Nesse momento, fui assistir à próxima atração que já figurava no palco para se apresentar.

Dessa forma, voltando a uma breve descrição da casa de show onde acontecia o evento, a *Área 51*, observamos que a casa funciona de sexta a domingo, de 14h às 2h, segundo a página da casa em uma rede social. O espaço é simples, nada sofisticado, sem ventilação aparente e escuro. A pequena porta da rua se encontra com uma longa escadaria pouco iluminada conduzindo até a entrada do evento. Cabe pontuar que o espaço destinado aos fumantes se localiza em frente a essa escadaria de entrada/saída e sem qualquer divisória, resultando assim de forma inevitável na circulação do público fumante por toda a área de shows concomitante

---

<sup>44</sup> Disponível em: <<https://ufmg.br/comunicacao/noticias/programa-conexoes-aborda-crescimento-do-movimento-neonazista-no-brasil>> acessado em: 28/10/2023

<sup>45</sup> Em uma entrevista à Rádio UFMG Educativa, o professor Alexandre Almeida, que é pesquisador do Observatório da Extrema Direita, coordenador do grupo de trabalho História das Direitas São Paulo, ligado à Associação Nacional de História, e professor da especialização em Direitos Humanos da Universidade Federal do ABC, descreveu as manifestações caracterizadas como neonazistas e explicou de que formas o movimento se manifesta no contexto brasileiro. Disponível em: <[https://soundcloud.com/radioufmgeducativa/entrevista-conexoes-02-de-fevereiro?si=4f61fc9bea824ed7a0ffdcce51b41e2&utm\\_source=clipboard&utm\\_medium=text&utm\\_campaign=social\\_sharing](https://soundcloud.com/radioufmgeducativa/entrevista-conexoes-02-de-fevereiro?si=4f61fc9bea824ed7a0ffdcce51b41e2&utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing)> acessado em: 28/10/2023

com os não fumantes. Inclusive, um interlocutor (2023) em meio a uma conversa tirou um cigarro e avisou: “vou fumar aqui mesmo, pois quero ver o show e se alguém falar alguma coisa, que fale com todo mundo que está fumando aqui!” Realmente, as pessoas ali presentes pareciam não querer cumprir a lei federal nº 12. 546/2011 que trata do uso de cigarros em espaços fechados, mesmo com os avisos das placas de proibido fumar, espalhados pelo ambiente. Algumas pessoas até ficavam na área indicada, mas como era aberta e com o ir e vir, nenhum responsável pelo evento ficou monitorando esse público fumante. Como resultado disso toda a área se tornou uma área de fumante/fumantes passivos.

Mas, o que isso tem a ver com a minha pesquisa? Fiquei pensando sobre isso. O público de um nicho *underground*, de forma geral, não parece ser muito preocupado com algumas regras sociais estabelecidas. Não que essas regras não existam para eles. As regras desses grupos existem, como apontado por Hugo Ribeiro (2010), porém dentro de um contexto estabelecido pelo próprio grupo de forma espontânea. Nesse caso, basta lembrarmos, também da “antirreflexividade reflexiva” (Kahn-Harris, 2007) que aplicado no contexto, ignora seletivamente qualquer tipo de regra social, até mesmo aquelas em formato de Lei. Explicando melhor, as pessoas ali se validavam umas nas outras pela atitude do coletivo, mesmo que isso ultrapasse o limite do “politicamente correto”. Assim, podemos pensar que a natureza “transgressora” do evento tem como convencionado um tipo de trato entre os organizadores e produtores, somado ao público consumidor, o que não é um problema em si. De certa forma, faz parte da natureza do próprio evento que remete ao lema da cultura punk “*do it yourself!*” (faça você mesmo) ou, ainda, construa as suas próprias regras.

Assim, para que as coisas funcionem nesse trato, o salão onde ocorrem os shows possui, basicamente, um espaço que acomoda o público, o palco, as bancas de *merchandising*, o bar e os banheiros. Quanto à disposição, observamos que, na direção oposta ao palco, localizava-se o bar e, ao lado dele, os banheiros.

Olhando em direção ao palco, à esquerda, encontravam-se as bancas de *merchandising*. O palco tinha cerca de um metro de altura em relação ao público e estava separado por grades móveis de proteção. Ao fundo, nas laterais direita e esquerda, posicionavam-se os amplificadores e as caixas de som. A bateria ficava ao centro, entre eles, e as caixas de retorno estavam dispostas na parte frontal.

A iluminação predominava na cor vermelha, e o cenário era alterado a cada apresentação. Enquanto uma banda desmontava seus adereços, a seguinte colocava o pano preto

com seu logotipo, preso às ferragens da iluminação. Algumas acrescentavam ornamentos, como um pedestal em formato de pentagrama, um crânio de bode com chifres ou castiçais.

Quanto ao público presente nesse evento, vale salientar que todos, majoritariamente, vestiam roupas pretas, geralmente camisas de bandas de metal e acessórios como colares de pentagramas e cruzes invertidas, cintos e braceletes no estilo *spike*, no caso, aqueles espinhos ou tachinhas pontiagudas de metal, calças pretas e coturnos. Esse vestuário é comum nesse tipo de evento. Os cintos, a título de documentação, variavam os modelos entre os citados de tarraxas e *spikes* para cintos ornamentados com projéteis de arma de fogo. Imagino que essas balas sejam réplicas ou cartuchos vazios. Algumas pessoas circulavam com os rostos pintados no estilo *corpse paint* (pintura de cadáver) bastante comum entre as bandas e fãs do estilo black metal.

Concomitante a isso, notamos que a faixa etária parecia variar entre vinte e sessenta anos, ainda que essa informação esteja balizada apenas por observação momentânea. Da mesma forma, quanto ao gênero, observamos que o público era majoritariamente masculino. Aproximadamente, foi observada uma predominância de pessoas brancas ou pardas, com uma minoria de pessoas pretas.

Assim, para complementar, também não seria possível mensurar a predominância de classe das pessoas presentes na *Área 51* àquela noite. Podemos sugerir que a classe média seria o máximo que poderíamos prever no evento, pois olhando atentamente para as pessoas na saída do evento, poucas estavam com automóveis e algumas comentavam sobre horários de ônibus para a região metropolitana da cidade e outras pediam carona para chegar ao seu destino.

Em suma, o perfil predominante do público presente no festival *Triunfal Aliança*, realizado na casa de shows *Área 51*, era composto majoritariamente por homens, em média com cerca de quarenta anos, brancos e pardos, pertencentes à classe média baixa e, provavelmente, cisgêneros. Esta última categoria também necessitaria de mais precisão em uma análise mais específica que, no caso, não foi possível aplicar. Todas essas suposições estão baseadas em observações feitas durante os shows do festival.

Contudo, pensando em um público mais específico dentro do black metal que consome a música do estilo NSBM, como seria mensurar esse público? Quem são essas pessoas? Estamos falando de um país do sul global, periférico e com histórico de uma forte estrutura racista. Quais categorias de pessoas se identificam com os ideais do black metal nacional socialista? A classe social, a orientação sexual, o gênero, a faixa etária, e, sobretudo, a raça dessas pessoas são fatores preponderantes para o consumo e, ou, participação ativa na cena

NSBM nacional? Muitos adeptos se escondem nas redes sociais fazendo coro às milhares de visualizações de materiais expostos em plataformas de streaming e vídeos. Reitero a pergunta, quem são essas pessoas (que consomem a música do estilo NSBM)? Além disso, qual seria o seu perfil médio? Alguns protagonistas da cena NSBM nacional não agem tanto no anonimato como observaremos nessa pesquisa. O caso da banda *Echoes* ilustra essa afirmação como veremos a seguir.

Dessa maneira, depois da descoberta da banda *Echoes*, questionei um interlocutor na saída do evento se ele conhecia essa banda e se saberia dizer algo sobre seus membros. Esse interlocutor (2023) havia revelado que é morador da cidade de Ribeirão das Neves, mesma cidade dos músicos da banda *Echoes*. Confirmou que conhecia o grupo, mas foi cauteloso em dizer: “Não gosto do trabalho deles!” Perguntei a razão. A resposta foi que ele achava os integrantes da banda “estranhos”, não explicando o que significava essa estranheza. Nesse caso, explicando um pouco sobre minha pesquisa em busca de grupos de NSBM na cidade, o interlocutor aponta que em Vespasiano, uma cidade pertencente à região metropolitana de Belo Horizonte, morava um conhecido dele simpatizante de bandas NSBM. Ainda nessa conversa, o interlocutor apontou que, nos anos 2000, uma região de Belo Horizonte teria nas palavras dele: “uma proeminente cena de metal neonazista” (2023). Trata-se da região do Barreiro. Curiosamente, nessa região realmente a cena metal em geral se tornou tradicional e atuante no contexto da cidade. Descreveremos melhor o caso do Barreiro em outro momento.

Voltando para casa, entendi que descobri algo importante para a minha pesquisa: a banda *Echoes* entrou no mapa da minha investigação. Assim, resta saber o que temos, de fato, a partir dessa descoberta e o quão influente seria esse grupo para a cena da cidade, bem como o seu alcance no universo amplo das redes sociais.

### 3.1.1 A banda *Echoes*: entre o neonazismo, o bolsonarismo e as teorias da conspiração

A banda *Echoes*, segundo consta no site Encyclopaedia Metallum: The Metal Archives e em suas “redes sociais”, foi formada em 1989 na cidade de Ribeirão das Neves, região metropolitana de Belo Horizonte. A banda passou por algumas formações ao longo desses trinta e cinco anos e atualmente se estabilizou como um duo composto por Mike Elival na guitarra e vocal e Stanley Brian, filho de Elival, no contrabaixo e bateria. Vale pontuar que Mike é nascido em 1961, hoje tem 63 anos de idade e é o fundador da banda *Echoes*. Stanley é nascido em Belo Horizonte em 1986 e hoje está com 38 anos de idade. O estilo que a banda se identifica é o raw

black metal, uma espécie de black metal “puro”. Segundo os interlocutores consumidores desse estilo, o raw black metal possui uma sonoridade “*crua*” mais próxima dos grupos escandinavos dos anos 1990 que contavam com guitarra, voz, baixo e bateria para produzir suas músicas envolvendo temas como rituais, satanismo, mortes, e até antissemitismo e neonazismo. Para divulgar as suas músicas e os seus conteúdos audiovisuais como vários videoclipes, sendo a maioria em animação, a banda *Echoes* possui vários perfis em diversas redes sociais. As produções são caseiras, tanto das músicas quanto dos vídeos. Os áudios dos discos sugerem uma produção em *Home Studio* de baixo custo, assim como os vídeos em animação 3D. Alguns vídeos disponibilizados são de performances dos músicos em ensaios, além de pontuais imagens externas de paisagens campestres e urbanas. Dentre as temáticas elaboradas pela banda, condizente com o estilo raw black metal, está o satanismo, o anticristianismo e o NSBM. A banda *Echoes* viralizou na web justamente com os videoclipes em animação, chamando a atenção de uma mídia especializada, nacional e internacional. No entanto, se para algumas pessoas as temáticas da banda são descritas – de forma racista – como “humor negro”, para outros seguidores os temas são levados a sério, como se observa nas discussões acaloradas nas redes sociais da banda. Esse aspecto será abordado posteriormente.

Considerando o tempo de estrada, poderíamos dizer que uma banda com mais de trinta anos em atividade sobreviveu às adversidades do *underground* nacional e atingiu uma estabilidade na carreira? A resposta parece óbvia. Contudo, notam-se aqui algumas particularidades específicas no caso dessa trajetória. A principal delas talvez seja que a banda *Echoes* não precisaria ou não dependeria de um mercado ou circuito para sobreviver. Em outras palavras, a banda não precisaria de dinheiro, nesse caso, de um circuito de remuneração pela produção e performance para existir. Em outro ponto, é importante também dizer que a banda se pretende como um projeto de longo prazo que se confunde com um ou dois indivíduos, pai e filho, é o que também marca essa longevidade. Assim, para que possamos tentar compreender a atuação do grupo na cena metal *underground* uma breve atenção à sua carreira se faz necessário.

Observando a cena *underground* da região metropolitana de Belo Horizonte nota-se um certo nível de profissionalismo, pois para que os shows, as turnês e festivais aconteçam, além da produção dos discos e dos *merchandisings* comercializados, existe um claro compromisso e responsabilidade dentro da cena que se retroalimenta. Entretanto, existe alguma informalidade nessas atividades comerciais das bandas locais que participam da cena da cidade. Curiosamente, existem grupos que ficam à margem dessa cena e assumem um lugar *underground* dentro do

*underground* se realizando, muitas vezes, dentro de ambientes praticamente anônimos e virtuais. Isso faz pensar sobre a ideologia dos integrantes das bandas e o estilo musical mais extremo que desenvolvem, pois é algo que marcam a existência desses grupos na cena. Quanto mais *underground* mais verdadeiro, puro ou true, como dizem na cena. O caso da banda *Echoes* seria um exemplo disso, a margem da margem.

Assim, analisando a carreira da banda *Echoes*, observa-se que, na verdade, se trata de um personagem essencial, no caso o membro fundador Mike Elival, que fez da banda uma espécie de “projeto” de vida. De acordo com um interlocutor conhecido do duo, ambos vendiam pulseiras e colares aos domingos em uma tradicional feira de artesanato de Belo Horizonte, também conhecida na cidade como feira *hippie*. Nesse ambiente de comércio tradicionalmente artesanal, Mike e Stanley vendiam os seus artesanatos e se apresentavam como integrantes da banda *Echoes*, criando assim o seu próprio ponto de encontro entre alguns simpatizantes da cena metal que, por ventura, frequentavam a feira. Dessa maneira, o grupo mantinha uma certa independência de um circuito comercial exclusivo dentro da cena e com a independência de outros integrantes na banda, observa-se que esses pontos também fazem com que a longevidade e produção da *Echoes* se confundam simplesmente com a história de vida de Elival e em seguida também de Brian. Nota-se que a banda é um tipo de projeto que curiosamente também se embaralha com as próprias identidades dos membros, pai e filho, se tornando, além de tudo, mais um tipo de referência nas redes sociais e esse talvez seja um tipo de ganho para eles.

Contudo, ainda assim pode-se dizer que a banda *Echoes* tem uma carreira com algumas especificidades, definida dentro dos limites e moldes capitalistas por dois motivos: Primeiramente porque a banda poderia se tornar qualquer outro projeto, com qualquer outro nome, a qualquer momento ao longo da vida dos participantes, assim como observa-se no projeto RAC – Rock Anticomunista –, chamado *Aniquilação*, de Stanley e Mike, que é praticamente uma extensão da banda *Echoes* sendo divulgada da mesma forma, com a mesma estética, apenas com uma sonoridade mais próxima da música *punk*. O segundo ponto é porque o fazer musical da banda está encerrado na ideologia das pessoas envolvidas com o projeto e, sem essa ideologia, a banda não se sustenta. Então, ser um músico profissional no sentido capitalista de fazer da profissão de músico uma fonte de renda e subsistência, para os membros da banda, talvez não seja algo que se nota como um objetivo fundamental, pois isso seria incongruente com a ideia que o grupo tem de viver o *underground*, ou seja, ser true. Assim, o ponto que se observa é que não é a existência da banda como banda em si, e sim, são indivíduos isolados que produzem de forma caseira e a seu tempo o próprio material na contramão de uma

ideia mercadológica habitual. Ademais, os músicos da banda *Echoes* se encerram neles mesmos a partir do momento em que as apresentações ao vivo são praticamente inexistentes. A título de observação, dentro ou fora da cena metal da cidade, é bem comum entre os músicos circularem entre diferentes bandas e trilharem uma estrada no meio *underground* e inclusive fora dele que não é, essencialmente, o caso dos membros da banda *Echoes*.

No *underground* nacional é comum que grupos descubram uma forma de longevidade nas cenas locais. Nesses casos, alguns aspectos podem contribuir para tal, como as performances recorrentes em festivais organizados pelas próprias cenas locais ou as produções independentes de discos, camisetas e materiais de divulgação que acabam ajudando na manutenção de suas carreiras, pois muitas vezes os músicos exclusivos das cenas *underground* não utilizam as bandas como único meio de subsistência. Obviamente, em uma cena metal como a de Belo Horizonte, com mais de quarenta anos de história, vários grupos surgiram e encerraram suas atividades por uma miríade de motivos que não cabe apontar nessa pesquisa.

Assim, os membros da banda *Echoes* encontraram uma maneira além do comum na cena – shows e produção constante de materiais fonográficos ou de camisetas – para se manterem ativos. A propósito, em conversa com um interlocutor (2023) que disse conhecer os membros da banda, ele afirmou que os músicos são imperativos em dizer, com certo “orgulho” de ser *underground*, que não tocam ao vivo, “isso é coisa de modismo”, segundo relato. Entretanto, avesso a isso, a banda está presente em várias redes sociais mantendo perfis ativos em plataformas como Facebook (com dois perfis), Tik Tok, Instagram, Myspace, Blogspot, X (ex-Twitter), YouTube (também com mais de um perfil) e LinkedIn. Então, poderíamos dizer que esse longo período em atividade se tornou possível graças às estratégias adotadas pelo grupo a partir da apropriação de tecnologias digitais e da utilização das redes sociais como forma de divulgação de suas ideologias e do seu material audiovisual? Seguindo essa trilha, o que se pode observar é que a banda *Echoes* produziu, de forma caseira/independente, vídeos em animação 3D utilizando técnicas de colagens e montagens no cromaqui (ou *chroma key*) e desse material audiovisual divulgado nas diversas redes do grupo renderam uma certa visibilidade e fãs mundo afora. A banda atrai nas redes sociais números que validam o seu pensamento, pois existem aqueles que consomem ou apoiam as suas ideias.

Figura 1 – Stanley Brian da banda *Echoes* posando na sua produtora *Underground Noise Productions* – 18 de fevereiro – 2024.



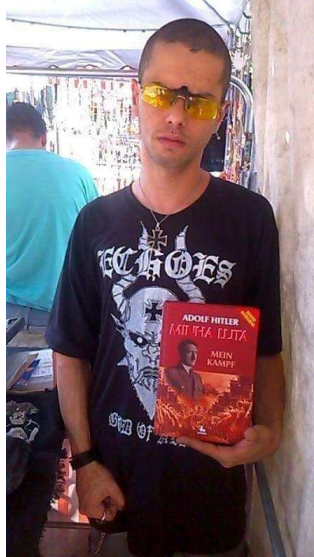
**Fonte:** <<https://www.Facebook.com/photo/?fbid=717254223829635&set=a.717254247162966>>.  
**Acesso em:** 25/05/2024.

Para começar a ilustrar um quadro, podemos trazer aqui uma entrevista dada ao blog *le scribe du rock* do jornalista francês *Pierre Avril* publicada em maio de 2019, onde o baixista Stanley Brian se declarou fã de Hitler e de grupos de NSBM. Esta fala surgiu quando o jornalista pediu a opinião do entrevistado sobre alguns subgêneros do black metal, como o DSBM, raw black metal, post-black metal, NSBM, death/black metal e o black and roll. Assim, depois de opinar sobre cada subgênero, Stanley declara sobre o black metal nacional socialista:

Apreciamos muito a ideologia crua e direta e o som do NSBM. Gostamos do som e da atitude de bandas como Gestapo666, Absurd e 1389. Hitler foi o personagem histórico mais injustiçado que já existiu. A história foi distorcida e denegrida pela mídia sionista. Hitler foi um herói que lutou para livrar o país dos inimigos. Os parasitas internacionais (Brian, on-line, 2019).

O link para essa entrevista está no blog da banda, assim como outras reportagens, resenhas, videoclipes e álbuns.

Figura 2 – Stanley Brian da banda *Echoes* posando com o livro “*Mein Kampf* – Minha luta” de Adolf Hitler e no pescoço o colar da cruz de ferro, um símbolo do exército nazista – 10 de dezembro – 2019.



**Fonte:** <<https://www.Facebook.com/photo.php?fbid=4394492110622436&set=p.4394492110622436&type=3>>.  
**Acesso em:** 25/02/2024.

Figura 3 – Stanley Brian da banda *Echoes* posando com um cachorro pitbull de nome “Hitler 1”, segundo sua postagem no Instagram, e no detalhe, dentre várias tatuagens nas pernas, um SS símbolo nazista – 25 de abril – 2019.



**Fonte:** <<https://www.instagram.com/p/Bwrg3JonZ7P/?igsh=ZWY1M2hlYWtiMjEy>>.  
**Acesso em:** 25/02/2024.

As imagens trazidas estão no perfil da banda *Echoes* no Facebook e no Instagram. Naturalmente causam repúdio de muitos internautas que manifestam, sobretudo na página do Facebook, sua insatisfação ou surpresa por descobrirem as ideologias do grupo, como esta logo abaixo, onde um internauta (2020) expõe as fotos da banda *Echoes* alertando outras pessoas e escreve:

LUTE CONTRA O NAZISMO OS LIXOS DO "" ECHOES "" AINDA RECEBEM APOIO, CURTIDAS E LIKES ... TA NA HORA DISSO ACABAR ... OQUE PARECIA UMA INOCENTE BANDA, AGORA MOSTRA SEU VERDADEIRO OBJETIVOS..." (sic.) Devido nossa descoberta dessas fotos, agora temos sido vitima de ataques diários desses NAZISTAS e resolvemos vim a público deixar bem claro oque está acontecendo e que em alguns comentarios em nossa pagina do Youtube nos chamaram de " macaquinhos tentando imitar outras bandas (sic.) Não podemos deixar isso crescer em nosso país e ainda mais em MG o templo de grandes bandas Que eu amo e carrego como influência ... Abaixo os membros da banda *ECHOES* em foto com apoio de white powers, fazendo saudações nazistas O baixista stanley brian faz saudações nazista e segura o livro de Hitler 'Main kumpf' E ainda tem quem apoia esses caras que vivem fazendo chacota do metal e agora então nos ajude a apagar esses lixos do planeta (sic.) (Facebook, on-line, 2020).

Figura 4 – Mike Elival (à esquerda) e Stanley Brian (à direita) da banda *Echoes* posando com um terceiro em saudação nazista – 21 de setembro – 2020.



**Fonte:** <<https://www.Facebook.com/photo/?fbid=1041206959671336&set=p.1041206959671336>>.  
**Acesso em:** 25/02/2024.

Contudo, monitorando essas mensagens em protestos ao posicionamento ideológico da banda e de seus membros feitas em suas páginas, nota-se que as mensagens são apagadas regularmente, acredita-se que pelo administrador da página. Muitas vezes também são respondidas com ataques verbais por vários perfis suspeitos. Os perfis que respondem sugerem ser de fãs ou amigos. Observando mais de perto, são perfis com poucas publicações, contendo poucas atividades, sendo algumas publicações de vídeos da banda *Echoes*, além de poucos seguidores, conexões em localizações estrangeiras, com amizades curiosamente em perfis

árabes, africanos e orientais. Seriam esses perfis *trolls*<sup>46</sup> criados pelos administradores da banda? Nada impede que sejam perfis verdadeiros, pois a banda conquistou muitos apoiadores nesse caminho e também o conteúdo da banda atrai olhares de um público ligado às ideologias extremistas implicadas nas postagens.

O que se observa nesse conjunto de materiais audiovisuais da banda *Echoes* é que, para além das questões relacionadas aos temas anticristãos, a produção do grupo está voltada para o nacionalismo, a política de extrema direita e o bolsonarismo, criações estas que convergem em algumas produções de conteúdo antivacina e de negação da ciência, ou seja, de posicionamento fascista. Para esse fim, a banda produz vídeos curtos, muitos deles com menos de um minuto, que facilitam o acesso e a sua disseminação nas redes.

Umberto Eco certa vez apontou que a internet deu voz aos imbecis e eles são muitos. No caso, o filósofo colocou que a posição e opinião colocada por qualquer pessoa está em pé de igualdade, do ponto de vista da democratização da internet, com um especialista em determinado assunto. Posto isso, o que é perigoso – e parece não ser levado a sério pela comunidade metaleira nas redes sociais – está “mascarado” de “humor negro”, como sugerem alguns internautas, termo que reforço em dizer de cunho racista. O conteúdo, na verdade, não está nada mascarado; está bastante explícito, como podemos de fato observar nas produções da banda *Echoes*.

Segundo dados do próprio YouTube, o canal da produtora *Underground Noise Productions*<sup>47</sup> foi inscrito na plataforma em 15 de agosto de 2015, contando com 798 inscritos, 3 vídeos e 67.792 visualizações. Curiosamente, o canal *Echoes TV*<sup>48</sup> foi inscrito na plataforma na mesma data, 15 de agosto de 2015 e hoje conta com 937 inscritos, 4 vídeos e 71.703 visualizações. Pela data de início dessas atividades e a quantidade de material postado, apenas três e quatro vídeos, respectivamente, acredita-se que foram protótipos preliminares no YouTube desenvolvidos pela banda *Echoes*, pois alguns meses depois outro canal foi inscrito com atividades constantes e mais recentes como observado pelos detalhes do canal. Trata-se do canal *Echoes – Raw Black Metal – Brasil*<sup>49</sup> que foi inscrito na plataforma em 15 de dezembro de 2015 (quatro meses exatos da criação da *Echoes TV* e do canal da produtora *Underground*

<sup>46</sup> Para aprofundar no assunto ver o artigo: “GESTÃO DE CONTEÚDO DE ÓDIO NO FACEBOOK: um estudo sobre *Haters, Trolls e Naysayers*” de Luiz Rogério Lopes Silva & Rodrigo Eduardo Botelho-Francisco publicado na revista *P2P & Inovação* em 2020. Disponível em: <<https://revista.ibict.br/p2p/article/view/5114>>. Acesso em: 05/03/2024.

<sup>47</sup> Fonte: <<http://www.Youtube.com/@UndergroundNoiseProductions>> Acesso: 25 mai. 2024.

<sup>48</sup> Fonte: <<http://www.Youtube.com/@echoestv6593>> Acesso em: 25 mai. 2024.

<sup>49</sup> Fonte: <<http://www.Youtube.com/@ECHOESRawBlackMetalBrazil>> Acesso em: 25 mai. 2024.

*Noise*) e até maio de 2024 apresentava 2,83 mil inscritos, 27 vídeos, 124.273 visualizações. Outros canais estão ligados ao grupo e ajudam a propagar o conteúdo nas redes, porém não levam o nome da banda. É o caso do *Cult Arts TV*<sup>50</sup>, inscrito em 18 de março de 2017, contando com 233 inscritos, 20 vídeos e 43.391 visualizações. O *Cult Arts* traz as seguintes informações no detalhe do canal: “Artes visuais de entretenimento do gênero trash (sic.). Obras autorais da produtora independente ‘UNDERGROUND NOISE PRODUCTIONS’”. Essa produtora independente criada em 2015 gerou um novo canal, o *Underground Noise Productions TV*<sup>51</sup> inscrito em 02 de setembro de 2022, contando em maio de 2024 com 13 inscritos, 14 vídeos e 2.286 visualizações. Este último canal é o mais recente como se pode notar e condensa alguns videoclipes produzidos pela produtora da banda. Nesse sentido, o idealizador de todas as produções audiovisuais e músico da banda *Echoes*, a saber Stanley Brian, possui mais duas páginas pessoais no YouTube, além do citado projeto paralelo de RAC (Rock Anticomunista) chamado *Aniquilação*, um grupo não de black metal, mas com influências da música *punk*, segundo o próprio autor da página. Dessa forma, o primeiro canal pessoal no YouTube de Stanley Brian<sup>52</sup> foi inscrito em 2 de fevereiro de 2009, contendo, em maio de 2024, 265 inscritos, 10 vídeos e 39.549 visualizações. Posteriormente, o segundo perfil no YouTube de Stanley<sup>53</sup> (homônimo) foi inscrito em 12 de dezembro de 2013, contendo até a mesma data 116 inscritos, 4 vídeos e 123.177 visualizações. Sobre o projeto *Aniquilação*<sup>54</sup> – projeto paralelo dos membros da banda *Echoes* – o seu canal no YouTube, inscrito em 21 de outubro de 2016, conta com 452 inscritos, 2 vídeos (um autoral e outro da banda *Echoes*) e 9.971 visualizações. Esse projeto será detalhado em outro momento, pois apresenta outros elementos de apologia ao nazismo que serão apontados a *posteriori*. Nesse sentido, referente às produções da banda *Echoes* disponíveis na plataforma de vídeos YouTube, podem-se observar os dados mencionados pela tabela a seguir:

Item 1 – Tabela 1 – Dados sobre os canais da banda *Echoes*

Canal do YouTube	Data de criação	Membros inscritos	Número de vídeos	Visualizações
<i>Underground Noise Productions</i>	15/08/2015	798	3	67.792

<sup>50</sup> Fonte: <<https://www.Youtube.com/@cultartstv7116>> Acesso em: 25 mai. 2024.  
<sup>51</sup> Fonte: <<http://www.Youtube.com/@undergroundnoisetv>> Acesso: 25 mai. 2024.  
<sup>52</sup> Fonte: <<http://www.Youtube.com/@Stanbrian>> Acesso: 10 mar. 2024.  
<sup>53</sup> Fonte: <<http://www.Youtube.com/@stanleybrian9210>> Acesso: 10 mar. 2024.  
<sup>54</sup> Fonte: <<http://www.Youtube.com/@aniquilacaorac9223>> Acesso: 10 mar. 2024.

<i>Echoes TV</i>	15/08/2015	937	4	71.703
<i>Echoes–Raw Black Metal–Brasil</i>	15/12/2015	2,83 mil	27	124.273
<i>Cult Arts TV</i>	18/03/2017	233	20	43.391
<i>Underground Noise Productions TV</i>	02/09/2022	13	14	2.286
<i>Stanley Brian</i>	02/02/2009	265	10	39.549
<i>Stanley Brian</i>	12/12/2013	116	4	123.177
<i>Aniquilação</i>	21/10/2016	452	2	9.971

Fonte: YouTube

No canal dedicado à banda no YouTube, a *Echoes TV*, observamos quatro vídeos. Na verdade, se trata de videoclipes de músicas autorais, a saber, “God is dead”, “God of hell”, “Death to the fad of metal” e “Satan, look to me”. Observamos também números relativamente baixos se compararmos com grupos que possuem um certo sucesso entre o público consumidor da música black metal nacional e internacional. Porém, entre as marcações de “gostei”, as visualizações e os comentários de internautas, os números se tornam relevantes se levarmos em conta para onde os conteúdos apontam. Na descrição de “God is dead” no canal do YouTube, postado em 22 de setembro de 2020, observam-se até o momento 163 marcações de “gostei”, 3.202 visualizações e 23 comentários. Em “God of hell”, postado em 25 de setembro de 2019, observam-se até o momento 245 marcações de “gostei”, 4.890 visualizações e 31 comentários. O videoclipe com mais visualizações, 46.386 para ser exato até o momento dessa pesquisa, e com 1,4 mil marcações de “gostei”, além de 279 comentários, segundo as descrições da plataforma do YouTube, é creditada à música “Death to the fad of metal”, postado em 20 de abril de 2018. Enquanto o vídeo mais antigo, datado de 14 de dezembro de 2017, “Satan, look to me”, possui 424 marcações de “gostei”, e 17.236 visualizações e 59 comentários de internautas. Observam-se melhor esses dados na tabela abaixo:

Item 2 – Tabela 2 – Dados sobre o conteúdo do canal *Echoes TV*

Conteúdo na <i>Echoes TV</i>	Data de criação	Marcação de “gostei”	Número de comentários	Visualizações
Satan, look to me	14/12/2017	798	59	17.236
Death to the fad of metal	20/04/2018	1,4 mil	279	46.386
God of hell	25/09/2019	245	31	4.890
God is dead	22/09/2020	163	23	3.202

Fonte: YouTube.

Nos comentários dos vídeos, a maioria dos usuários tecem elogios. Contudo, observa-se também que aqueles que criticam são respondidos por terceiros que acabam criando uma discussão sobre a qualidade do vídeo ou da música convergindo, algumas vezes, para ofensas pessoais. Nesses casos, as ofensas partem dos defensores contra os críticos. Sobre os comentários, nota-se uma certa variedade de idiomas mesclando entre português, inglês, russo, francês e em espanhol, para citar alguns. Vários comentários positivos são curtidos e comentados pelo administrador da página. Curiosamente, observam-se que muitas opiniões de usuários estrangeiros pendem para a exaltação e positividade, enquanto a maioria das críticas e discussões lê-se em português. No canal *Echoes TV*, nota-se que o vídeo da música “Death to the fad of metal” demonstra um resultado um pouco mais robusto, em todas as categorias, que os demais. Acredita-se que esse vídeo, por se tratar de um tema sensível – o verdadeiro *versus* o falso – à comunidade metaleira, tenha encontrado um ponto de engajamento e se tornado viral pela *web*. A seguir, faremos alguns breves apontamentos sobre alguns dos vídeos produzidos pela banda.

### 3.2 As lentes ideológicas dos roteiros, das criações e associações históricas

O vídeo da música “Death to the fad of metal”, “morte para a moda do metal” em tradução da própria banda, é uma produção em animação 3D de 2018. Nesse vídeo de pouco mais de dois minutos e meio, os membros da banda *Echoes* promovem uma caça aos grandes personagens da cena metal mundial. Os modelos digitais animados são montagens utilizando os rostos de nomes como: *Dave Mustaine*, *Ozzy Osbourne*, *Gaahl*, *Fenriz*, *Varg Vikernes* e *Scott Ian*, dentre outros. Todos os artistas representados no vídeo são reconhecidos pelo público metaleiro em grande escala. No roteiro do vídeo as personalidades são perseguidas e assassinadas por, supostamente, serem falsos metaleiros e “traírem” os valores do verdadeiro metal. No vídeo a música cantada em inglês é acompanhada por uma tradução legendada em português. O curto texto vai de encontro com a ideia de um purismo doutrinário e mitológico a ser seguido pelos “verdadeiros” metaleiros e aponta, de forma violenta e radical, a eliminação simbólica dessas personalidades na produção. A obra determina que:

*O som sujo da podreira das trevas foi enterrado pelo modismo (sic.)  
Antigos ícones das chamas negras foram vendidos para a mídia pop  
musical (sic.) As ovelhas, cristãos e vermes judeus infestando a cena  
Metalheads modistas seguindo as tendências da moda do metal (sic.)*

*Morte para o modismo do metal, morte para o modismo do metal...*  
(YouTube, on-line, 2018, grifos nossos).

Dessa maneira, a letra parte de uma ideia comum, de que os grupos que se tornam mais conhecidos na cena metaleira são traidores. Geralmente, por esse ângulo são grupos que modificaram a sua música deixando para trás uma estética primariamente datada que deveria ser, no pensamento conservador, retroalimentado a cada nova produção musical e filosófica. Dessa maneira, os artistas perseguidos são aqueles que transformaram sua música com influências externas à vertente metal de sua origem. No caso, bandas que usaram ao decorrer da carreira de hibridismos ou modificaram significativamente a sua sonoridade como por exemplo as bandas *Sepultura* e *Darkthrone* ou também artistas que se tornaram populares nas rádios como o *Metallica*, *Ozzy Osbourne* e o *Black Sabbath*. Inclusive, no vídeo, pessoas comuns com camisetas de bandas como *Soufly*, *Angra*, *Nightwish*, *Marilyn Manson* e o próprio *Metallica* também são atacadas.

Observando os comentários postados por internautas a maioria acompanha e exalta a ideia de humor negro. Contudo, quando alguém pergunta por que eles estão matando os grandes personagens da música metal, um internauta responde que como a banda é de um estilo “puro” e “primitivo” de black metal (raw black metal) eles julgam essas figuras como personalidades hipócritas. Ainda segundo o comentário, os artistas representados se contradizem entre discurso e prática. No vídeo Varg Virkenes aparece gesticulando em frente a uma câmera filmadora e gravando seus discursos que estão disponíveis em grandes plataformas como YouTube. Nesse caso, Virkenes divulga um discurso conspiracionista e contra essas grandes corporações tecnológicas. Varg, líder da banda *Burzum* e uma voz ativa de um nicho da extrema direita mundial, é “executado” no videoclipe com um tiro na cabeça. Dave Mustaine, fundador da banda *Megadeth*, declaradamente crítico do socialismo e hoje convertido ao cristianismo, aparece ajoelhado rezando em frente a uma igreja em chamas quando é decapitado por Mike Elival. A sua cabeça é levada por Mike para se juntar aos outros personagens torturados, esquartejados e empalados. Dentre as “vítimas” está Gaahl, polêmico ex-vocalista da banda norueguesa de black metal *Gorgoroth*. Na cena do videoclipe, Gaahl, que assumiu sua homossexualidade perante a comunidade em 2008, aparece com seu namorado sendo ambos fuzilados por Stanley Brian e Mike. Os relatos de ataques homofóbicos são comuns em ambientes como redes sociais e em alguns casos dentro da própria cena metal. Apesar de encontrarmos grupos que defendem a pauta da diversidade, os relatos sempre atravessam questões como preconceito e violência física.

Nesse sentido, o canal no YouTube *Heavy Metal Online* abordou o assunto em um documentário<sup>55</sup> levantando toda essa discussão e trazendo o olhar de artistas e músicos da cena metal de algumas regiões do país. São artistas da cena, que assumiram a sua sexualidade perante a sociedade e estão inseridos na luta dos direitos LGBTQIA+, segundo aponta o próprio documentário. Sobre esse ponto, a banda *Echoes* corrobora ao coro daqueles contrários a todo tipo de diversidade, apontando assim para vários tipos de intolerâncias como por exemplo a intolerância religiosa. Observa-se que os grupos de metal extremo, sobretudo de black metal, são conhecidos pelo discurso de ódio às religiões. Ódio esse levado às vias de fato quando grupos noruegueses passaram a assassinar homossexuais e a queimar igrejas em determinada parte da história do gênero. Assim, quando um artista convertido ao cristianismo é decapitado, com a imagem de uma igreja em chamas ao fundo, poder-se-ia naturalmente fazer a leitura de uma apologia à violência pura e simples. Porém, segundo alguns comentários de internautas, na postagem do vídeo isso não passa de um tipo de “humor negro” e é positivado por alguns usuários na plataforma do vídeo.

Entretanto, casos em que artistas são atacados no palco são reais. Exemplo disso, o caso do ex-guitarrista da banda *Pantera*, “Dimebag” Darrell Abbott, assassinado em 2004<sup>56</sup> no palco por um fã insatisfeito com o término da banda, curiosamente, 24 anos exatos depois da morte de John Lennon também por um fã em 08 de dezembro de 1980. Vale lembrar que, uma realidade que aqui não vem ao caso, a decapitação por intolerância religiosa não é ficção para outros grupos extremistas<sup>57</sup> mundo afora. Ademais, curiosamente, a divulgação de materiais audiovisuais em grandes plataformas digitais é uma ferramenta que a própria banda *Echoes* utiliza e isso trouxe uma visibilidade midiática nacional e internacional para o grupo. No tocante a isso, destacamos novamente que a banda *Echoes* está presente nas principais redes sociais da *web*. Apenas nessas sequências de imagens podemos observar que a banda reforça discursos e opiniões extremistas e contraditórias. Entretanto, os conteúdos audiovisuais apontam também para outros caminhos.

---

<sup>55</sup> O documentário completo, *LGBT+ no Heavy Metal brasileiro*, está disponível no endereço: <<https://www.Youtube.com/watch?v=eC6w9SzijMg>>. Acesso em: 25/02/2025.

<sup>56</sup> Fonte: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1012200429.htm>>. Acesso em: 25/02/2025.

<sup>57</sup> Ver sobre em: <<https://www.estadao.com.br/internacional/gustavo-chacra/guia-para-entender-a-decapitacao-de-21-cristaos-pelo-isis-na-libia/>>. Acesso em: 25/02/2025.

Figura 5 – Trecho do vídeo da banda *Echoes* – “Death to the fad of metal” – 2018



Fonte: <<https://www.Youtube.com/watch?v=3NdofmoIO30>>. Acesso em: 25/02/2024.

Figura 6 – Trecho do vídeo da banda *Echoes* – “Death to the fad of metal” – 2018.



Fonte: <<https://www.Youtube.com/watch?v=3NdofmoIO30>>. Acesso em: 25/02/2024.

“Black metal or death – Independence day of Brazil” é o título do vídeo mais curto do canal *Echoes – Raw Black Metal – Brasil* na plataforma do YouTube. Em outra publicação do mesmo vídeo na mesma plataforma o título é traduzido para “Black metal ou morte – 7 de setembro – Independência do Brasil”. Esses vídeos em animação 3D contêm apenas quatorze e treze segundos, respectivamente, e trazem os membros da banda ao lado de Pedro I às margens do rio (Ipiranga) montados em cavalos com duas bandeiras da república brasileira, uma de cada lado dos personagens e um canhão ao fundo. Enquanto empunham espadas, se notam vários corpos mutilados pelo chão, alguns sendo levados pela correnteza do rio, além de caveiras empilhadas e esqueletos espalhados na cena. A música que ilustra o vídeo é basicamente um ruído produzido por distorções de guitarra, uma bateria programada e um vocal inaudível no

arranjo. No final do vídeo, o título da música surge em um balão estilo diálogos de quadrinhos como se fosse o “grito do Ipiranga” e o endereço da banda no Facebook surge no rodapé da tela. O grito “Independência ou morte” é transformado em “Black metal or death”. Nota-se também que na descrição do vídeo a banda deixa endereços de outras redes e o seguinte texto:

*Ó Pátria amada! Pátria amada!*  
*Brasil! Ame ou Deixe-a!*  
**BLACK METAL OR DEATH! Independence Day of Brazil!!!**  
*PATRIA LOVED! Brazil! Love it or leave it! Hello! Brazil!*  
**SEPTEMBER 7: INDEPENDENCE DAY OF BRAZIL**

A produção tem data de postagem em 7 de setembro de 2019 e conta com mais de três mil visualizações e quase de cento e cinquenta curtidas somando as duas publicações do vídeo – uma versão com legendas em inglês de 14 segundos e a outra em português de 13 segundos. Esses números de visualizações e curtidas são relativamente baixos se comparados com outras audiências na plataforma. Porém, o conteúdo funciona como algo desprezioso que pode sinalizar para um público com ideologias extremistas. As mensagens parecem confusas até certo ponto, pois são completamente paradoxais e atemporais. Por exemplo, pode-se citar o fantástico encontro entre pai e filho caracterizados como metaleiros com caras pintadas (estilo *corpse paint*) montados em cavalos ao lado de Dom Pedro I com bandeiras do Brasil ao fundo. Ora, observa-se que a bandeira da república federativa do Brasil foi criada após a proclamação da república. Logo, não existia no grito do Ipiranga. Assim, no máximo poder-se-ia imaginar a bandeira do período do Brasil império, porém essa bandeira também fora criada algum tempo depois do grito de independência. Então, completando a cena improvável, lembra-se que o Imperador representa o regime colonial e a monarquia que manteve o poder governamental do país nas mãos da família Real portuguesa, mesmo depois da sua independência.

Dessa maneira, as cenas do videoclipe se desenvolvem em tempos históricos distintos, encontrando como complemento as declarações em amor à pátria na descrição do vídeo, resgatando o *slogan* utilizado durante o período da ditadura militar entre 1964 e 1985: “Brasil, ame-o ou deixe-o!”. Assim como a rede de televisão comercial aberta Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), segundo reportagem do site Poder 360, resgatou esse slogan em 2018<sup>58</sup>, ano

---

<sup>58</sup> Ver mais em: <<https://www.poder360.com.br/brasil/brasil-ame-o-ou-deixe-o-sbt-revive-slogan-e-musicas-da-ditadura/>>. Acesso em: 25 fev. 2024.

das eleições presidenciais que elegeram Jair Bolsonaro, a banda *Echoes* publica em 2019 essa declaração no dia da independência do país. Assim, encontramos alguns desencontros históricos que, na verdade, são encontros em golpe e autoritarismo. Sendo assim, se a produção caseira diverte alguns internautas e, reiterando, pode parecer despreziosa, na verdade revela posições bem claras e compactua com uma ideologia fascista através de uma criação mitológica demonstrada pelo roteiro e pela associação de símbolos históricos apresentados no videoclipe da banda.

Figura 7 – Trecho do vídeo da banda *Echoes* – “Black metal ou morte – 7 de setembro – Independência do Brasil” – 2019.



Fonte: <<https://www.Youtube.com/watch?v=mVsdrZfT9vc>>. Acesso em: 25 fev. 2024.

Observando outros conteúdos audiovisuais da banda, nota-se que o paradoxo é normatizado. No videoclipe da música “the gods were astronauts” (os deuses eram astronautas), as referências são, além do universo ficcional, baseadas em teorias conspiratórias. A pergunta *eram os deuses astronautas?*, diferentemente da afirmação, é o nome de um livro escrito por volta de 1968 pelo suíço Erich Von Däniken, um teórico da conspiração conhecido pela sua ideia que as antigas civilizações humanas são um resultado da presença de alienígenas que se deslocaram para o planeta terra. Esse tipo de teoria conspiratória ganhou espaço na mídia sensacionalista, como em tabloides, canais de TV abertas e por assinatura mundo afora, aguçando a curiosidade e, posteriormente, capturando ideologicamente um determinado público.

Um exemplo atual é o canal por assinatura *History*, ou *History Channel*, que apresenta vários programas de conteúdo duvidoso em sua grade de programação. Muitas dessas produções em formato de documentário relacionam a presença de alienígenas às grandes civilizações humanas no passado. Esse formato de documentário sugere um certo tipo de credibilidade para um telespectador fã de ficção científica, desavisado ou alienado sensível a essas superproduções. Observa-se que o canal *History* faz parte do grupo *Walt Disney Television*, o que explica o grande investimento da produção audiovisual e da tecnologia de última geração utilizada nos conteúdos produzidos. Contudo, vamos reforçar que estamos falando nesse caso de grandes indústrias de entretenimento. São programas como “alienígenas do passado” que estão disponíveis também no canal do *History* no YouTube<sup>59</sup>, além do canal da TV por assinatura.

Curiosamente, no canal *History* do YouTube<sup>60</sup> lê-se a seguinte descrição de um dos vídeos:

History oferece séries, documentários e produções originais que não apenas entretêm, mas conectam você com seu lado curioso e emocional. Convidamos você a conhecer a história por trás da história, a explorar o misterioso, o desconhecido e o intrigante. Este é o ponto de encontro para responder a perguntas sobre o passado ou encontrar uma perspectiva diferente de fatos históricos (Canal History Brasil, on-line, 2012).

Essa “perspectiva diferente” anunciada é o ponto que chama atenção no anúncio, pois os criadores dos documentários se baseiam em teorias da conspiração e sendo mais direto, essas teorias andam de mãos dadas ao que se tornou popularmente conhecido com *fake news*<sup>61</sup>. Esses laços existem há bastante tempo, tendo inclusive, sido amplificados na ascensão e na queda do Terceiro *Reich* de Hitler como aponta o historiador especialista sobre a Alemanha Nazista, Richard Evans (2022)<sup>62</sup>.

Dessa forma, sobre essas teorias conspiracionistas, o Brasil também produziu casos marcantes relatados e divulgados pela mídia sensacionalista nacional, como o caso do ET de Varginha, o ET Bilu e recentemente o caso da cidade perdida na Amazônia brasileira, Ratanabá. Esses dois últimos casos protagonizados pelo empresário Urandir Fernandes de Oliveira, um

<sup>59</sup> Disponível em: <<https://www.Youtube.com/watch?v=3lwgBDQktZU>> Acesso: 10/04/2024.

<sup>60</sup> Disponível em: <<https://www.Youtube.com/@CanalHistory>> Acesso: 10/04/2024.

<sup>61</sup> Ver o texto, fake News e teorias da conspiração, publicado pelo sociólogo Renato Ortiz no blog a terra é redonda. Disponível em: <<https://aterraeredonda.com.br/fake-news-e-teorias-da-conspiracao/>> Acesso: 10/04/2024.

<sup>62</sup> Nota observada através da resenha do livro de Richard Evans, “Conspirações sobre Hitler: o Terceiro Reich e a imaginação paranoica”, publicada por João Fábio Bertonha, Universidade Estadual de Maringá - UEM/DHI. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/66824>> Acesso: 10/04/2024.

personagem que desfilou por programas de entrevistas da televisão aberta nacional e, inclusive, foi recebido em 2022 por lideranças da extrema direita do país<sup>63</sup>. Esse personagem criou a sua fama com o apoio da grande mídia<sup>64</sup> que, na busca pela audiência, acabou colaborando na propagação de teorias da conspiração que, posteriormente, foram disseminadas pela *Web*. No caso, Urandir Fernandes surgiu na mídia como um “paranormal” com experiência em abdução extraterrestre, segundo seus próprios relatos, sendo hoje um empresário, presidente de um instituto chamado Dakila. Além disso, segundo o site dessa instituição, o seu fundador se define também como patrono das artes, filantropo, cientista e indigenista. Esse instituto fundado por Urandir é uma *Think Tank* e está diretamente ligada às políticas neoliberais e aos grupos da extrema direita do país. Ademais, pode-se notar que as teorias da conspiração se tornaram um negócio lucrativo para várias pessoas, atraindo a atenção e seduzindo um público específico para seu capital político.

Assim, depois desse breve panorama e voltando ao vídeo da banda *Echoes*, observa-se que os seus membros acompanham e reverberam essas teorias conspiratórias e, em pouco mais de três minutos de um videoclipe em animação 3D, misturam essas teorias ao som do seu raw black metal. O vídeo começa com Mike e Stanley caracterizados com *corpse paint* e roupas pretas estampadas com demônios e cruzes invertidas em cima de um penhasco observando a cidade em ruínas. Em seguida, surge um disco voador sobrevoando a cidade que se aproxima dos dois membros da banda abduzindo e conduzindo-os para o interior da nave. Nessa cena do vídeo, a banda repete a narrativa de Urandir Fernandes sobre a sua abdução que, na verdade, é um depoimento comum nas obras de ficção científica: uma luz que sai da nave e transporta os personagens da abdução. Uma vez dentro do disco voador, os extraterrestres viajam com os membros da banda por planetas e tempos distintos da humanidade. Então, uma guerra entre povos do espaço é representada e vários personagens – deuses extraterrestres ou astronautas – protagonizam passagens da mitologia judaico cristã. A maioria das cenas em animação 3D são compostas com a participação de Mike e Stanley. Ambos integrantes participam das cenas ora observando, ora cantando, no caso do pai, ora voando em discos voadores armados e atirando

---

<sup>63</sup> Em reportagem publicada pela revista Veja, o então ex-secretário de Cultura do governo de extrema direita de Jair Bolsonaro, Mário Frias recebe em seu gabinete Urandir Fernandes de Oliveira, presidente do instituto Dakila, para tratarem de assuntos relacionados à cidade perdida de Ratanabá na Floresta Amazônica brasileira. Fonte: <[https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/todo-animado-mario-frias-cai-no-papo-de-cidade-perdida-da-amazonia/#google\\_vignette](https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/todo-animado-mario-frias-cai-no-papo-de-cidade-perdida-da-amazonia/#google_vignette)>. Acesso: 02/04/2024.

<sup>64</sup> O programa do humorista Jô Soares, conhecido por entrevistar personalidades e celebridades da época, é um exemplo de um programa de TV aberta que proporcionou espaço para Urandir Fernandes divulgar suas experiências de cunho duvidoso e suas teorias da conspiração. Fonte: <<https://www.Youtube.com/watch?v=sALQ0brMDiQ>> Acesso: 03/04/2024.

contra humanos na terra. Todas as cenas sugerem que os deuses adorados pela humanidade vieram de outros planetas, corroborando assim para uma teoria conspiratória como aquelas brevemente explanadas.

No canal do YouTube onde este vídeo da banda *Echoes* está disponível, observam-se quase 63 mil visualizações, quase três mil likes e 316 comentários. A maioria dos comentários são de apoiadores, escritos em português, inglês e, em menor proporção, em russo. Os comentários críticos feitos por alguns internautas são sempre respondidos de forma grosseira por outro perfil de seguidor. A letra da música aparece traduzida como legenda no decorrer do videoclipe e está em inglês na descrição do vídeo, além de alguns endereços eletrônicos da própria banda. Na letra o conteúdo conspiracionista é reproduzido de maneira simplista, como pode-se observar:

*THE GODS WERE ASTRONAUTS*<sup>65</sup>

*Extraterrestrial races visiting our planet in primitive times*

*The old human mind could not understand all that technology*

*Astronauts in the past visiting the earth in modern spaceships*

*Evolved beings from another planet described by the human mind as divine gods*

*They never left*

*They continue to follow our evolution*

*The truth is out there.*

*They are among us*

*The gods were astronauts*

O material audiovisual – “The gods were astronauts” – é uma *ode* ao conspiracionismo internacional, visto que a letra descrita remete às teorias conspiracionistas do livro *Eram os deuses astronautas?* de Erich Von Däniken (1968). Nota-se logo pela primeira frase, “Raças extraterrestres visitando nosso planeta em tempos primitivos”, além do próprio título da música e os versos seguintes: “a velha mente humana não era capaz de entender toda aquela tecnologia”, “Astronautas do passado visitaram a Terra em naves espaciais modernas”, “Seres

---

<sup>65</sup> “OS DEUSES ERAM ASTRONAUTAS/Raças extraterrestres visitando nosso planeta nos tempos primitivos/A velha mente humana não conseguia entender toda aquela tecnologia/Astronautas do passado visitaram a Terra em naves espaciais modernas/Seres evoluídos de outro planeta descritos pela mente humana como deuses divinos/Eles nunca partiram/Eles continuam acompanhando nossa evolução/A verdade está lá fora/Eles estão entre nós/Os deuses eram astronautas”. (Tradução livre).

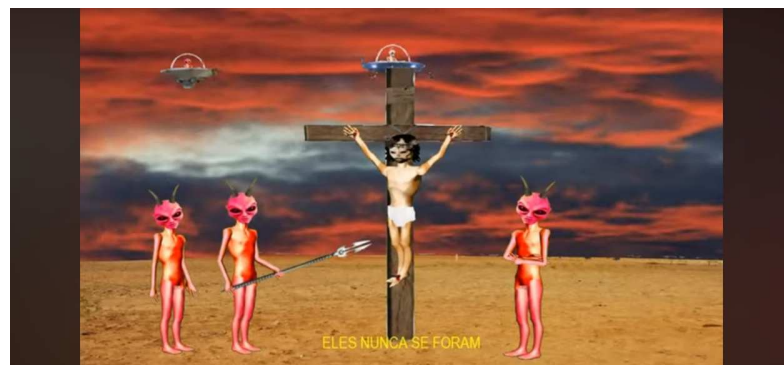
evoluídos de outro planeta descritos pela mente humana como deuses divinos”. Essas são ideias centrais partindo basicamente de uma ficção onde todos os deuses e personagens religiosos são representados por extraterrestres. Portanto, as teorias da conspiração colocadas se fecham em si mesmas com as justificativas seguintes: “Eles nunca partiram”, “Eles continuam acompanhando nossa evolução”, “A verdade está lá fora”, “Eles estão entre nós”. Então, é dessa maneira, do contraponto de um “eles” contra um “nós”, que os autores da canção apontam para a afirmativa conclusiva conspiracionista: “Os deuses eram astronautas”.

Figura 8 – Trecho do vídeo da banda *Echoes* – “The gods were astronauts” – 2019.



Fonte: <<https://www.Youtube.com/watch?v=X9qwq8NmSII>>. Acesso em: 10/04/2024.

Figura 9 – Trecho do vídeo da banda *Echoes* – “The gods were astronauts” – 2019.



Fonte: <<https://www.Youtube.com/watch?v=X9qwq8NmSII>>. Acesso em: 10/04/2024.

Figura 10 – Trecho do vídeo da banda *Echoes* – “The gods were astronauts” – 2019.



Fonte: <<https://www.Youtube.com/watch?v=X9qwq8NmSII>>. Acesso em: 10/04/2024.

Figura 11 – Foto de Stanley Brian no perfil da banda *Echoes* no Instagram – ao fundo na parede referências ao nazismo e ao vídeo “The gods were astronauts” de 2019 – dentre as *hashtags* está o NSBM.



Fonte: <<https://www.instagram.com/echoesblackmetal/>>. Acesso em: 10/04/2024.

Curiosamente, um vídeo listado no blog oficial da banda *Echoes*<sup>66</sup>, do single “I have to kill the President!” foi encontrado em um canal do YouTube de nome *Shark Shop*<sup>67</sup>. Esse canal foi inscrito em 31 de agosto de 2021 e, segundo consta na plataforma do YouTube, possui quase 1.700 visualizações, 3 inscritos e 2 vídeos. Seria esse mais um canal extraoficial da banda? O vídeo mais antigo com exatos 32 segundos, postado na data de criação do canal, possui pouco mais de 1.500 visualizações. O título “Revólver de brinquedo de espoleta com defeito de

<sup>66</sup> Fonte: <<https://echoesblackmetal.blogspot.com/search/label/Video%20Clipes>> Acesso: 10 mar. 2024.

<sup>67</sup> Fonte: <<http://www.Youtube.com/@sharkshop3184>> Acesso: 10 mar. 2024.

fabricação (Tambor não roda automaticamente)” é autoexplicativo e se trata de um vídeo demonstrando um teste de uma arma de brinquedo/espoleta aparentemente com defeito. Assim, a relação desse vídeo solto com o vídeo da banda *Echoes* postado no canal é curiosa, pois não é evidente, apesar de aparente. Dado notado pelo conteúdo produzido nos vídeos da banda e pelas atividades que Mike e Stanley exercem em feiras livres. Quanto ao vídeo da banda *Echoes* nesse canal, consta que possui até o momento 143 visualizações, 9 notificações de “gostei” e sua estreia foi em 12 de janeiro de 2024 com o título em caixa alta: “ECHOES - I HAVE TO KILL THE PRESIDENT!!! A banda mais Extremista do Black Metal Brasileiro!”.

Esse single e o vídeo, segundo o site Encyclopaedia Metallum: The Metal Archives, foi lançado em 2016. Porém, o vídeo no blog da banda foi postado em uma quinta-feira, 6 de julho de 2017 e entre o título – *Echoes - I have to kill the president* – está um breve texto em inglês:

War by freedom of nation through the shedding of blood of the entire national and international government that explores the riches of Brazil. Masterpiece of extreme nationalism brutal against this Communist government that diverts the “Public money national” to strengthen international communism (Echoes, 2017).

Em uma tradução da própria banda:

*Guerra pela liberdade de nação através do derramamento de sangue de todo o governo nacional e internacional que explora as riquezas do Brasil. Obra-prima do nacionalismo extremo e brutal contra este governo comunista que desvia o “dinheiro público nacional” para fortalecer o comunismo internacional”* (Echoes, 2017, grifos nossos).

Assim, a letra da música, cantada em inglês, aparece legendada em português no vídeo com conteúdo em acordo ao texto do blog. Observando a transcrição da legenda inserida ao vídeo, lê-se:

*Eu vejo o sofrimento das pessoas e não posso fazer nada  
Vivendo em completa miséria  
Sufocado na desgraça do poder  
Minha fúria vai ao extremo  
Eu não sei se vou suportar  
Eu tenho que matar o presidente.*

Nota-se que o conteúdo aponta para questões sociais, em primeira instância, contudo se resolve em um imperativo ataque à vida. No caso, a Presidente da República à época do

lançamento do single (2016) era Dilma Rousseff e o ex-Presidente Lula vivia, naquele período, uma intensa investigação e perseguição política<sup>68</sup> liderada pelo então juiz Sérgio Moro e pelo procurador do caso, Deltan Dallagnol. Aquele foi mais um momento conturbado na política brasileira<sup>69</sup>, foi o ano de um golpe político apoiado por grande parte da sociedade entre mídia, elite econômica, boa parte da classe média e outras camadas da população menos instruídas. Foi o ponto nevrálgico que possibilitou a ascensão da extrema direita no país com o auge do lavajatismo e a gestação do bolsonarismo<sup>70</sup>. No imperativo, “Eu tenho que matar o presidente”, que antecede a fúria e o transbordar desse sentimento no texto, se torna uma “solução” violenta em várias camadas.

O vídeo começa justamente com um atentado, no Palácio do Planalto, das figuras da então Presidente Dilma Rousseff e do ex-Presidente (naquele período) Luiz Inácio “Lula” da Silva. Mike Elival engatilha a arma e atira em Dilma e Stanley repete o gesto contra Lula em um cenário que sugere uma coletiva de imprensa. No púlpito de Dilma está o Brasão de Armas Nacionais, enquanto no púlpito de Lula está uma bandeira do Brasil estilizada com o círculo central substituído por um fundo vermelho, uma estrela, a foice e o martelo em referência ao comunismo. Composto a cena, nas bordas do vídeo aparecem cortinas vermelhas amarradas como se fosse palco de um teatro. Por trás dessas cortinas surgem os algozes com armas em punho e atiram nas vítimas. Não satisfeitos com os tiros, as cabeças são arrancadas e expostas como troféus pelos membros da banda. Essa cena está ambientada pelo som da banda e observando esse roteiro inicial, pode-se lembrar de alguns casos verídicos posteriores à produção do vídeo.

Segundo aponta o escritor Oscar Wilde, em seu ensaio a decadência da mentira de 1891, “a vida imita a Arte bem mais do que a Arte imita a vida”. Ponderamos que esses casos a seguir não têm relação com a banda, porém ilustra a existência de uma possibilidade onde eventos próximos a essa natureza do vídeo possam se tornar reais. O primeiro caso aconteceu no dia 01 de setembro de 2022 com a então Vice-presidente da Argentina, Cristina Kirchner. Na ocasião, não foi ficção a cena que rodou o mundo onde essa figura pública da política daquele País sofreu um atentado criminoso. Assim como um personagem que surge detrás das cortinas, por

---

<sup>68</sup> Fonte: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/10/politica/1560184368\\_580216.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/10/politica/1560184368_580216.html)>. Acesso: 10/03/2024.

<sup>69</sup> Fonte: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2016/12/27/2016-o-ano-que-mudou-a-politica-brasileira.htm>>. Acesso: 10/03/2024.

<sup>70</sup> Fonte: <<https://www.brasildefato.com.br/2023/01/10/tudo-comecou-em-2016-com-o-golpe-contradilma-rousseff>>. Acesso: 10/03/2024.

sorte, a tentativa foi frustrada devido à falha da arma no momento do ataque<sup>71</sup>. Entretanto, outros não tiveram a mesma sorte<sup>72</sup>, os casos de Fernando Villavicencio, então candidato a presidência no Equador em 2023, e do ex-primeiro ministro do Japão Shinzo Abe em 2022, ambas vítimas de atentados perpetrados por franco-atiradores.

Assim, voltando ao videoclipe sob o discurso lírico da banda, as cenas revelam Mike e Stanley em um tiroteio no entorno do Palácio do Planalto contra a polícia federal e, no detalhe, os agentes federais atingidos possuem estrelas vermelhas em boinas, como se fossem uma polícia “comunista”. Nessa cena, um segundo caso emerge na memória, aquele de um ex-Deputado extremista que recebeu a Polícia Federal com tiros de fuzil e granadas em 2022<sup>73</sup>. Mas, nessa mesma cena no qual o pano de fundo está o centro administrativo da capital federal do país, pode-se evocar também, como um terceiro caso, o fatídico 8 de janeiro de 2023, em que bolsonaristas, falsos patriotas e golpistas atentaram contra o Estado Democrático de Direito e a democracia brasileira buscando um golpe de Estado, que se tornou frustrado<sup>74</sup>. Curiosamente, em apenas um minuto de videoclipe a banda *Echoes* demonstra nessas imagens um ideário golpista e violento projetando alguns acontecimentos que se tornaram próximos ao real com a ascensão da extrema direita pelo mundo e do extremismo político.

Percorrendo a sequência do vídeo, a banda parte para ataques à comunidade internacional. Então, uma bomba atômica é lançada do Brasil em direção a Israel atingindo diretamente o primeiro ministro Benjamin Netanyahu. Em seguida, Stanley Brian aparece em uma cena queimando uma bandeira de Israel e ao fundo, nota-se a expressão *Juden Raus* escrito em um muro. Essa expressão, “Fora Judeus” em tradução livre, foi mais que um slogan usado no período da Alemanha nazista, foi também um jogo de tabuleiro nazista para crianças<sup>75</sup> fabricado por volta de 1938.

Seguindo o trajeto, Mike e Stanley decolam em um helicóptero deixando à mostra o muro com dois logos da banda *Echoes* cercados por símbolos de anticomunismo, antijudaísmo, nazismo e a bandeira do Brasil ao centro. A primeira parada do voo é em Cuba e em uma cena

<sup>71</sup> Fonte: <<https://jornal.unesp.br/2022/09/02/ataque-contra-cristina-kirchner-e-reflexo-do-historico-de-violencia-politica-na-argentina-diz-pesquisador-da-unesp/>>. Acesso: 10 mar. 2024.

<sup>72</sup> Fonte: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/bolsonaro-kirchner-maduro-relembre-ataques-recentes-a-politicos/>>. Acesso: 10 mar. 2024.

<sup>73</sup> Fonte: <

<sup>74</sup> Fonte: <<https://jornal.usp.br/artigos/o-que-foi-o-8-de-janeiro/>>. Acesso: 10/03/2024.

<sup>75</sup> Fonte: <<https://menorah.com.br/exposicao-israelense-exibe-jogo-de-tabuleiro-nazista-para-criancas-fora-judeus/>>. Acesso: 10/03/2024.

parecida ao ataque no Brasil, Mike aparece armado por trás das cortinas e atira em Fidel Castro. Seguindo para a Casa Branca, pai e filho atacam o Presidente norte-americano Barack Obama com mais de dez tiros. Na fuga sobrevoam a Estátua da Liberdade e, no corte do vídeo, chegam na Venezuela de Nicolas Maduro, outro chefe de Estado atacado por Mike, assim como Evo Morales na Bolívia, atacado por Stanley. Depois desse giro por Israel e as Américas, o helicóptero retorna ao Palácio do Planalto, em Brasília, onde Mike Elival e Stanley Brian encontram a ex-Presidente Dilma Rousseff e atiram nela pela segunda vez no videoclipe. Finalizam empunhando cada um uma bandeira do Brasil com armas em punho e o Palácio do Planalto ao fundo.

Sobre essa volta internacional, os ataques direcionados aos símbolos judeus em Israel são claramente antissemitas e nota-se que o ataque ao primeiro Ministro Benjamin Netanyahu não leva em conta a sua posição dentro do espectro político na extrema direita de Israel. Lembrando que nessa posição esse ator político se tornou, depois das eleições de 2018, um importante aliado do ex-Presidente Jair Bolsonaro e da extrema direita brasileira. Nesse sentido, se na época da produção do videoclipe, ao contrário do primeiro Presidente estadunidense negro – o Democrata Barack Obama –, tivesse sido o Republicano Donald Trump, seria ele também atacado? Poderíamos imaginar que a construção “extremista” da banda *Echoes* poderia não ter uma posição clara naquele momento dentro de uma postura ideológica à direita sobre determinadas pautas, sendo nacionalistas ou patriotas com ressalvas. Outro ponto é que a ex-Presidente Dilma Rousseff é brutalmente atacada por duas vezes no vídeo. Isso seria um uma maneira de deixar clara a posição da banda quanto ao ódio ao governo vigente, à época do Partido dos Trabalhadores, ou seria apenas misoginia? Seria até um pouco de cada? Contudo, ainda assim, estamos tratando no campo das hipóteses e nesse sentido o que a banda revela é seu viés ideológico extremista, inclusive uma face antissemita e bolsonarista.

Figura 12 – Foto de Stanley Brian no perfil da banda *Echoes* no Instagram – cena do vídeo “I have to kill the President” de 2016 – dentre as *hashtags* está o NSBM.



**Fonte:** <<https://www.instagram.com/echoesblackmetal/>>. **Acesso em:** 10/04/2024.

Figura 13 – Foto de Mike Elival no perfil da banda *Echoes* no Instagram – cena do vídeo “I have to kill the President” de 2016 – dentre as *hashtags* está o NSBM.



**Fonte:** <<https://www.instagram.com/echoesblackmetal/>>. **Acesso em:** 10/04/2024.

Figura 14 – Foto de Stanley Brian no perfil da banda *Echoes* no Instagram – ao fundo na parede referências ao nazismo, com o livro *mein kampf*, ao nacionalismo e ao bolsonarismo– dentre as *hashtags* está o NSBM.



**Fonte:** <<https://www.instagram.com/echoesblackmetal/>>. **Acesso em:** 10/04/2024.

Figura 15 – Foto de Mike Elival em um de seus perfis no Facebook em 27 de outubro de 2018 – ao fundo na parede referências ao nazismo, com o livro *mein kampf*, ao nacionalismo e ao bolsonarismo – na legenda ele escreve: “*Blood, glory and honor. Bolsonaro President!*”.



**Fonte:** <<https://www.Facebook.com/photo.php?fbid=2722214087917149&set=pb.100003857540328.-2207520000&type=3>>. **Acesso em:** 10/04/2024.

Em 2019 quando o jornalista Dom Phillips perguntou a Jair Bolsonaro como o seu governo iria convencer o mundo de sua preocupação com a conservação da Amazônia, a resposta dada pelo ex-presidente foi que “a Amazônia é do Brasil, não de vocês!”<sup>76</sup> Essa discussão sobre a internacionalização da Amazônia está posta há bastante tempo e, com ela, todas as tensões que isso possa implicar, sobretudo para os povos da floresta, os verdadeiros guardiões desse bioma, que são diretamente impactados. As emergências climáticas são um pano de fundo dessa discussão e as ações atribuídas ao governo brasileiro entre 2018 e 2022 estavam na contramão dessas políticas, pois as pretensões nacionalistas na área eram exclusivamente extrativistas<sup>77</sup>. O jornalista inglês Dom Phillips foi assassinado no Vale do Javari junto ao indigenista Bruno Pereira em 2022.

A afirmação “The Amazon is Brazilian” ou literalmente “a Amazônia é brasileira” é o título de mais uma música transformada em videoclipe disponível em plataformas digitais da banda *Echoes*. Essa faixa foi lançada no EP *The Gods Were Astronauts*, em março de 2021. Contudo, o videoclipe foi postado no blog oficial da banda em 25 de maio de 2020 com os dizeres em inglês: *This is the first launch of Echoes in 2020. The war has started!* – “Este é o primeiro lançamento do Echoes em 2020. A guerra começou!” – e na sequência, o título e a letra da música também em inglês:

*THE AMAZON IS BRAZILIAN*

*Foreign legions are stealing our natural riches*

*But now this is over*

*The war started*

*The Amazon is Brazilian*

Porém, como tem sido comum nos videoclipes da banda, uma legenda com a tradução da letra acompanha o vídeo onde se lê:

*Legiões estrangeiras estão roubando nossas riquezas naturais*

*Mas agora isso acabou*

*A guerra começou*

<sup>76</sup> Fonte: <<https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2022/06/video-amazonia-e-do-brasil-nao-e-de-voces-disse-bolsonaro-a-jornalista-ingles-desaparecido-em-2019.ghtml>>. Acesso: 10 mar. 2024.

<sup>77</sup> Fonte: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/06/05/passar-a-boiada-politica-ambiental-de-bolsonaro-e-alvo-de-acoos-na-justica>>. Acesso: 10 mar. 2024.

*A Amazônia é brasileira*

Esse videoclipe foi disponibilizado três dias antes da postagem no blog oficial em um canal ligado à banda na plataforma do YouTube, o *Cult Arts TV*, em 22 de maio de 2020. Esse vídeo contabiliza quase 19.000 visualizações, 504 curtidas e 97 comentários. Essa música está presente em um *Split* álbum independente intitulado *Black Sun Rises over Mobius* lançado em 2022 juntamente com a banda estadunidense *Donut Lord*. Essa banda e a *Echoes* possuem afinidades entre os temas NSBM e antissemita.

Com os dizeres *Underground Noise Productions Presents* estampado em um tanque de guerra e *Echoes The Amazon is Brazilian* em um lança míssil, o videoclipe em animação 3D começa com cenas em uma floresta virtual, em que soldados marcham sob o olhar de Mike Elival e Stanley Brian ao lado de uma grande bandeira brasileira tremulando. Na sequência surge uma máquina escavadeira extraíndo algum tipo de mineral na floresta amazônica sob escolta de soldados do exército brasileiro. Essa cena avulsa sugere a atividade mineradora com aval do Estado. Uma anuência que marca as disputas de terras na região. Segundo divulgado em vários canais de notícias<sup>78</sup>, o então Presidente Jair Bolsonaro assinou um decreto em 2022 para estimular a mineração artesanal e em pequena escala na região Amazônica. Contudo, para os especialistas citados nas reportagens, o texto do decreto buscava legalizar o garimpo clandestino, uma atividade que não é por definição algo sustentável e na prática acabaria incentivando ainda mais esse tipo de crime na região.

Então, retomando a sequência do videoclipe, uma espécie de guerra mundial é travada na floresta Amazônica. O exército brasileiro luta sob o comando dos membros da banda *Echoes* contra navios, aviões e soldados de várias nacionalidades, destacando os exércitos invasores da França, Estados Unidos, Alemanha, Noruega e União Soviética, este último podendo ser uma referência ao “fantasma do comunismo”. Curiosamente, em meio a todos esses exércitos de potências mundiais que invadem a Amazônia, um navio do *Greenpeace* também é atacado pelo exército brasileiro, sendo afundado na cena. Essa referência que a banda *Echoes* faz às “invasões” de ONGs em território amazônico possui um certo rastro. O *Greenpeace* atua no Brasil há mais de 30 anos se estabelecendo em virtude da COP-92<sup>79</sup>, segundo o site da própria

<sup>78</sup> Fonte: <<https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2022/02/14/decreto-que-estimula-mineracao-artesanal-legalizar-garimpo-apontam-ambientalistas.ghtml>>. Acesso: 10/03/2024.

<sup>79</sup> A COP 92 – Conferência das Partes – ocorrida no ano de 1992, na cidade do Rio de Janeiro, também chamada de ECO ou RIO 92, foi uma das maiores convenções sobre o meio ambiente já realizadas no mundo. Fonte: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/eco-92.htm#:~:text=A%20ECO%2D92%20foi%20uma,o%20caso%20da%20Agenda%2021.>>>. Acesso: 10/03/2024.

organização<sup>80</sup>. Essa ONG é talvez a mais importante organização civil sem fins lucrativos que trabalha a favor de causas ambientais em várias partes do planeta. Dessa maneira, em uma busca feita pela plataforma de busca Google sobre as ONGs que atuam na região Amazônica, a primeira notícia que surgiu, datada de 2023 em um site patrocinado<sup>81</sup>, foi que “mais de 100.000 ONGs atuavam na Amazônia brasileira”. Entretanto, passando por outros resultados sobre essa busca surge a informação que essa notícia é uma *Fake News*<sup>82</sup>. Essa notícia falsa circulou por redes sociais em 2019 e foi endossada pelo então embaixador do Brasil na França, Luís Fernando Serra, baseado na insinuação que o então Presidente da época, Jair Bolsonaro, fez sobre as ONGs estarem por trás das queimadas na Amazônia. Ou seja, é preocupante notar que até hoje essas notícias falsas circulam livremente pela internet criando um universo paralelo de revisionismo e desinformação. Recordamos que o videoclipe da banda *Echoes* foi lançado em 2020, um ano depois das declarações do chefe do Poder Executivo da época.

Na sequência final do vídeo, Mike e Stanley passam a tropa brasileira em revista fechando o videoclipe com exatos dois minutos e dezoito segundos. Vale salientar que no figurino de pai e filho, estão calças e jaquetas camufladas do exército, mesclando ao *corpse paint*, ou pintura de cadáver, tradicional no estilo black metal e na cena metal de forma geral. Outro ponto que se observa é que apenas Mike Elival canta e interpreta nos videoclipes em animação 3D produzidos pela banda, enquanto Stanley Brian não aparece com instrumentos musicais nesses vídeos. Ambos estão entre mãos vazias ou armas em punho.

---

<sup>80</sup> Fonte: <<https://www.greenpeace.org/brasil/quem-somos/>>. Acesso: 10/03/2024.

<sup>81</sup> Fonte: <[https://www.portaldointacto.com/principais-resultados-do-estudo-retrato-das-ongs-da-amazonia#:~:text=A%20Amaz%C3%B4nia%20Legal%2C%20abrangendo%20uma,Mapa%20das%20ONGs%20\(IPEA\).](https://www.portaldointacto.com/principais-resultados-do-estudo-retrato-das-ongs-da-amazonia#:~:text=A%20Amaz%C3%B4nia%20Legal%2C%20abrangendo%20uma,Mapa%20das%20ONGs%20(IPEA).>)>. Acesso: 10/03/2024.

<sup>82</sup> Fonte: <<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2019/08/27/e-fake-que-haja-100-mil-ongs-na-amazonia-e-nenhuma-no-nordeste.ghtml>>. Acesso: 10/03/2024.

Figura 16 – Foto de Stanley Brian e Mike Elival em cena do videoclipe “The Amazon is Brazilian” de 2020.



Fonte: <<https://www.Youtube.com/watch?v=RZ0LbPOPfL0&t=7s>>. Acesso em: 10/04/2024.

Os materiais pesquisados até aqui estão disponíveis nas diversas redes sociais ativas da banda. As análises desses conteúdos apontam para elementos relacionados à política com vieses extremistas, negacionistas, conspiracionistas e neonazistas. Naturalmente, as redes sociais em que a banda *Echoes* atua são ferramentas que ajudam a divulgar o seu material audiovisual. A banda mantém perfis em três plataformas *streaming* de áudio, a saber, uma conta no Myspace<sup>83</sup>, uma conta no Last.fm<sup>84</sup> e uma conta no Palco mp3<sup>85</sup>. Contudo, a banda é mais atuante apenas nessa última plataforma de *streaming*. Os outros perfis têm atividades quase nulas. Segundo a página do grupo no Palco mp3, trinta e sete canções são disponibilizadas para *download* com total de 4.753 *plays*. Conforme consta na página oficial do Palco mp3, essa plataforma de *streaming* é uma empresa nacional que oferece espaço para artistas independentes. Assim como outras plataformas, essa empresa possui uma gama de artistas inseridos no seu *cast*. Acredita-se que os filtros de conteúdo nessas empresas apresentem algumas falhas, daí acabarem hospedando esses conteúdos de ódio ou grupos que se associam a discursos duvidosos. No layout da página da banda *Echoes* no Palco mp3, logo abaixo da barra de busca, à direita, estão os seguintes dados: *Estilo – Heavy Metal, Cidade/Estado – Ribeirão das Neves/MG, Plays – 4.753*. À esquerda, está uma foto de perfil da banda com o nome ao lado e logo abaixo dois

<sup>83</sup> Fonte: <<https://myspace.com/echoesmetal>>. Acesso: 10/06/2024.

<sup>84</sup> Fonte: <<https://www.last.fm/pt/music/ECHOES+-Raw+Black+Metal-Brazil>>. Acesso: 10/07/2024.

<sup>85</sup> Fonte: <<https://www.palcomp3.com.br/echoes/musicas.htm>>. Acesso: 10/07/2024.

comandos, sendo um para tocar as músicas e outro para tornar-se fã. Na sequência vemos um sinal de reticência que serve de botão arborescente, se abrindo para *download* de todas as músicas em pacote, para ouvi-las, para compartilhá-las (com pré-direcionamento para o Facebook, Twitter, WhatsApp ou cópia de *link*), ou ainda, por último, para “*denunciar artista*”. Essa última opção aparece de forma não muito explícita, quase oculta.

Nos termos de uso<sup>86</sup>, encontramos um texto onde se concentram as regras e condições importantes que um usuário precisa saber para se manter ativo na plataforma. O enunciado sobre a postagem e controle de conteúdo afirma que a empresa é apenas provedora e não se responsabiliza pelos conteúdos publicados. Segundo o texto, isso ficaria a cargo dos usuários e, por essa razão, é muito importante que o mesmo, na qualidade de usuário, tenha atenção com o conteúdo que vier a postar, como letras, vídeos, fotos, arquivos de música ou qualquer outro formato, evitando, por exemplo, a violação de direitos autorais, de direitos da personalidade como imagem, voz e nome de terceiros, ou de direitos sobre marcas de indústria e comércio. Até aqui, a maior preocupação da empresa é sobre direitos autorais e de imagens.

Sobre as obrigações assumidas pelos usuários, ainda no texto contratual, observam-se as seguintes vedações:

(e) transmitir, divulgar material ilícito, proibido ou agredir, caluniar, injuriar ou difamar qualquer pessoa ou empresa; (f) propagar informações sobre atividades ilegais e incitação ao crime; (g) disponibilizar conteúdo que tenha cunho discriminatório de qualquer natureza, como de etnia, gênero, orientação sexual ou qualquer outro; (Palco MP3, on-line, 2024).

Essas regras da plataforma são previstas para determinadas situações, transferindo, porém, a fiscalização dos conteúdos aos próprios usuários. Teria alguém em algum momento utilizado esse comando de denúncia pelo conteúdo de ódio produzido pela banda? Dessa forma, se as empresas de streaming agem por demanda e não há denúncia, o conteúdo permanece na plataforma de forma íntegra.

Enquanto isso, o blog da banda está em uma plataforma gratuita chamada Blogger. Os blogs criados nessa plataforma são hospedados pela Google no subdomínio *blogspot.com*. Segundo o texto da política de conteúdo<sup>87</sup>, o Blogger é um serviço de manifestação livre. Dessa forma, disponibiliza diretrizes para eventuais abusos cometidos por usuários. Contudo, fica mais uma vez a cargo dos próprios usuários denunciar possíveis abusos. Dentre as cláusulas,

<sup>86</sup> Fonte: <[https://www.palcomp3.com.br/aviso\\_legal.htm](https://www.palcomp3.com.br/aviso_legal.htm)>. Acesso: 10/07/2024.

<sup>87</sup> Fonte: <[https://www.blogger.com/content-policy?hl=pt\\_BR](https://www.blogger.com/content-policy?hl=pt_BR)>. Acesso: 10/07/2024.

existem algumas específicas que poderiam se enquadrar no material disponibilizado pela banda, versando, por exemplo, sobre discurso de ódio, falsificação de identidade e declarações falsas, organizações e movimentos violentos, violência e imagens sangrentas. Segundo o texto, o conteúdo denunciado não é retirado automaticamente das redes. Para isso são avaliados por uma equipe da empresa. As sanções vão da inclusão de um aviso de “conteúdo sensível” até a denúncia às autoridades competentes, cabendo a contestação do usuário sobre alguma aplicação dessas políticas.

Além disso, o primeiro parágrafo do texto aponta que o serviço prestado é baseado na liberdade de expressão. Essa talvez seja uma tática neoliberal em prol da liberdade de opinião que, em hipótese, alinharia essas empresas à defesa de uma “liberdade de expressão irrestrita” cara à extrema direita mundial. Uma liberdade irrestrita que funciona próxima ao paradoxo de Karl Popper (1974), que diz que tolerância irrestrita leva ao desaparecimento da tolerância, algo comprovado por exemplo pela ascensão do império nazista na Alemanha pós Primeira Guerra Mundial. Em outras palavras, uma liberdade de expressão que, mascarando os discursos de ódio, podem induzir a ações bem concretas.

Segundo o site do Blogger, cada conta Google pode ter até uma centena de blogs. Assim, o produtor, baterista e baixista da banda *Echoes*, Stanley Brian, possui doze blogs registrados na plataforma. A lista começa com um blog chamado “*Cachorro Sujo*”<sup>88</sup>, contendo nove textos pessoais em formato de “poesia” ou letra de música. O blog “*Estilo Moda e Atitude*”<sup>89</sup> contém anúncios de venda de pulseiras, cordões e um anel com a cruz de malta. O “*Underground Noise Productions*”<sup>90</sup>, blog de 2023, contém fotos, vídeos e um texto com o seguinte título: “ECHOES (Black Metal infame, extremo e provocador com muito humor negro)”. No texto lê-se:

Bem-vindo ao nosso blog, dedicado a explorar a obscura e polêmica cena do Black Metal brasileiro, com foco especial em uma banda que enfrenta desafios únicos dentro do cenário nacional. Aqui, vamos mergulhar nas nuances da música, nas controvérsias que a cercam e na resistência que a banda demonstra diante de boicotes e calúnias. Nossa jornada começa com o clipe provocador e infame "I HAVE TO KILL THE PRESIDENT", uma obra que não apenas desafia os limites convencionais, mas também enfrentou a censura, sendo banida e excluída do YouTube inúmeras vezes. Este é apenas o começo de uma exploração profunda da arte e da expressão desta banda que, apesar de enfrentar resistência em seu próprio país, encontra apoio e seguidores fervorosos em terras estrangeiras. Ao longo das próximas postagens, vamos desvendar os elementos únicos que caracterizam essa banda e seu som distintivo. Abordaremos as calúnias e boicotes que eles enfrentam na cena nacional do Black Metal, analisando as motivações por trás dessas ações e examinando como a banda permanece firme em sua jornada musical. Convidamos você, leitor, a se juntar

<sup>88</sup> Fonte: <<https://cachorrosujo.blogspot.com/>>. Acesso: 07/07/2024.

<sup>89</sup> Fonte: <<https://estilomodaeatitude.blogspot.com/>>. Acesso: 07/07/2024.

<sup>90</sup> Fonte: <<https://undergroundnoisetm.blogspot.com/>>. Acesso: 07/07/2024.

a nós nesta exploração corajosa e desafiadora do Black Metal brasileiro, mergulhando nos mistérios e controvérsias que cercam essa banda única. Prepare-se para uma viagem intensa pelos meandros do som obscuro e pela resistência cultural que continua a moldar a cena do Black Metal em solo brasileiro (Underground Noise Productions, on-line, 2023).

No final da página é disponibilizado o videoclipe na plataforma de vídeo *Vimeo*<sup>91</sup>.

O blog seguinte está cadastrado como “*Aniquilação*”<sup>92</sup> – dedicado ao projeto paralelo *punk/RAC* de Stanley e Mike. O blog listado na sequência é chamado “*Echoes*”<sup>93</sup> e parece inutilizado, pois contém apenas o logo da banda. O “*Gangstoys*”<sup>94</sup> é também um blog sobre vendas, porém exclusivo para um tipo de revólver de brinquedo de espoleta, como o exposto em um vídeo do YouTube citado anteriormente. Outro blog também com nome “*Aniquilação*”<sup>95</sup> segue na lista, porém vazio. Em seguida, o blog em caixa alta “*ECHOES*”<sup>96</sup>, o mais completo, contendo atualizações relativamente recentes, datadas em janeiro de 2024. Nesse blog o grupo disponibiliza os álbuns, as entrevistas, reportagens e resenhas, textos, fotos, letras de música e os videoclipes. A segunda versão do blog “*Underground Noise Productions*”<sup>97</sup>, essa mais antiga, de 2010, contém a chamada – “Blog oficial da UNDERGROUND NOISE PRODUCTIONS, uma produtora trash que trabalha na produção de filmes e clipes musicais.”. O blog “*Aniquilação Clipes*”<sup>98</sup> possui um vídeo e os seguintes dizeres em caixa alta:

BLOG EXCLUSIVO DE VIDEO CLIPES DA BANDA ANIQUILAÇÃO. BANDA MINEIRA DA CIDADE DE RIBEIRÃO DAS NEVES FORMADA EM MEADOS DE 2005. O GRUPO MUSICAL FAZ UM SOM SUJO E DIRETO COM LETRAS EXPLICITAS CHEIAS DE ODIÓ, REVOLTA E REALIDADE SOCIAL. O ESTILO MUSICAL DESSA BANDA ESTA EM ALGUM LUGAR ENTRE O PUNK E O META (sic.) (Aniquilação Clipes, on-line, 2011).

O blog “*HQ Digital*”<sup>99</sup> é uma página sobre HQ no estilo mangá, contendo três imagens de personagens nesse estilo. Finalizando, o blog “*Echoes Metal Clipes*”<sup>100</sup>, contendo vários videoclipes da banda.

A plataforma Blogger oferece um contador de visitantes. Nele, observa-se que o blog que Stanley Brian utiliza como a página oficial da banda – o blog em caixa alta “*ECHOES*” –

<sup>91</sup> Fonte: <<https://vimeo.com/384038340>>. Acesso: 07/07/2024.

<sup>92</sup> Fonte: <<https://aniquilacaopunkcrossover.blogspot.com/>>. Acesso: 07/07/2024.

<sup>93</sup> Fonte: <<https://echoesmetal.blogspot.com/>>. Acesso: 07/07/2024.

<sup>94</sup> Fonte: <<https://gangstoys.blogspot.com/>>. Acesso: 07/07/2024.

<sup>95</sup> Fonte: <<https://aniquilacaocrossover.blogspot.com/>>. Acesso: 07/07/2024.

<sup>96</sup> Fonte: <<https://echoesblackmetal.blogspot.com/>>. Acesso: 07/07/2024.

<sup>97</sup> Fonte: <<https://undergroundnoisefilms.blogspot.com/>>. Acesso: 07/07/2024.

<sup>98</sup> Fonte: <<https://aniquilacaoclipes.blogspot.com/>>. Acesso: 07/07/2024.

<sup>99</sup> Fonte: <<https://hqdigitalbr.blogspot.com/>>. Acesso: 7 jul. 2024.

<sup>100</sup> Fonte: <<https://echoesmetalclipes.blogspot.com/>>. Acesso: 7 jul. 2024.

foi visitado por 119 países. Os Estados Unidos estão como o país com maior número de visitas, seguido por Brasil, União Europeia, Alemanha e Rússia, como podemos notar a seguir:

Figura 17 – Foto do gráfico de países que visitaram o blog da banda *Echoes*.



Fonte: <<https://s05.flagcounter.com/more/w9i6/>>. Acesso em: 07/07/2024.

Figura 18 – Foto da lista de países que visitaram o blog da banda *Echoes*. Optamos aqui em colocar apenas os 25 primeiros países. Os dados completos contemplam três páginas, com as 119 bandeiras de países visitantes.

Paises 1 - 50 de 119. [Países ausentes](#) | [Regiões ausentes](#) Região mais recente:  Nebraska, [Estados Unidos](#) ( 42/51 ) 

Página: 1 [2](#) [3](#) >

Pais	Visitantes ↓	Último novo visitante
1.  <a href="#">Estados Unidos</a>	4.505 	2 horas atrás
2.  <a href="#">Brasil</a>	1.722 	6 de julho de 2024
3.  <a href="#">Alemanha</a>	692 	29 de junho de 2024
4.  <a href="#">Rússia</a>	687 	10 de dezembro de 2023
5.  <a href="#">Índia</a>	512 	25 de abril de 2024
6.  <a href="#">Vietnã</a>	457 	8 de fevereiro de 2021
7.  <a href="#">Canadá</a>	438 	28 de janeiro de 2024
8.  <a href="#">França</a>	362 	25 de agosto de 2023
9.  <a href="#">Cingapura</a>	340 	15 de março de 2024
10.  <a href="#">Reino Unido</a>	287 	6 de abril de 2024
11.  <a href="#">Indonésia</a>	275 	5 de dezembro de 2023
12.  <a href="#">Holanda</a>	218 	27 de junho de 2024
13.  <a href="#">Bangladesh</a>	188 	4 de outubro de 2022
14.  <a href="#">Espanha</a>	168 	7 de março de 2023
15.  <a href="#">Ucrânia</a>	157 	23 de junho de 2023
16.  <a href="#">Paquistão</a>	132 	7 de setembro de 2022
17.  <a href="#">Polônia</a>	131 	18 de agosto de 2023
18.  <a href="#">Japão</a>	123 	5 de outubro de 2022
19.  <a href="#">Taiwan</a>	113 	30 de agosto de 2022
20.  <a href="#">Romênia</a>	113 	1 de janeiro de 2021
21.  <a href="#">Peru</a>	106 	26 de dezembro de 2020
22.  <a href="#">República Checa</a>	93 	19 de maio de 2022
23.  <a href="#">Tailândia</a>	88 	31 de janeiro de 2023
24.  <a href="#">Portugal</a>	86 	3 de maio de 2024
25.  <a href="#">México</a>	84 	18 de agosto de 2023

Fonte: <<https://s05.flagcounter.com/countries/w9i6/>>. Acesso em: 07/07/2024.

Nessa direção, em um espaço do blog oficial próximo ao *link* sobre os dados de visitantes, observamos um *link* para o perfil de Stanley Brian no LinkedIn, uma rede social com foco profissional (negócios, emprego, empreendedorismo). O *link*, que poderia passar despercebido, é curiosamente anunciando com a ênfase de três exclamações. Entrando no perfil do baixista nessa rede, ele se define profissionalmente como Designer 2D e 3D, cineasta, músico, ator, seller e artesão. Por questões éticas, opto por não colocar o endereço dessa rede de Stanley nas referências bibliográficas, contudo essa rede se mantém aberta. Assim, o próprio anuncia em seu currículo:

*Crio animações loucas e insanas com técnicas únicas, mergulhando em mundos imaginários e personagens fascinantes. Minhas criações audiovisuais transcendem os limites da criatividade, trazendo à vida visuais cativantes e efeitos visuais impressionantes. Pronto para colaborar em projetos que buscam algo verdadeiramente extraordinário. Minha jornada como um artista cineasta nerd que*

*toca em uma banda de black metal e produz vídeos com animações 3D tem me permitido explorar os limites da criatividade e mergulhar em diferentes formas de expressão artística. Estou sempre em busca de novos desafios e colaborações emocionantes que me permitam expandir meu repertório e alcançar novos horizontes na indústria do entretenimento (LinkedIn, on-line, 2025, grifos nossos).*

Na sequência os vídeos da banda estão elencados na página, como exemplos do trabalho do autor. Observa-se que nessa rede social de cunho profissional aparecem mais de mil seguidores.

Por outro lado, na rede social Instagram, Stanley Brian mantém duas contas – *stanleybrianss* e *stanleybrians88* – ambas com referências ao neonazismo no nome da conta, através do ss e do 88 no final dos nomes, como pode-se notar. A primeira tem 377 seguidores e a segunda, mais recente, 72. A título de comparação, a conta da banda Echoes nessa mesma rede social<sup>101</sup> soma 3.465 seguidores, chegando, no Facebook<sup>102</sup>, 15 mil seguidores e 14 mil curtidas. Ao fim da jornada, a banda ou seus integrantes, pai e filho, possuem uma grande rede de perfis espalhados por todas essas redes sociais. Um exemplo disso é a página do Facebook chamada “Beavis and Butthead Black Metal”<sup>103</sup>, criada em 19 de janeiro de 2024, contendo várias propagandas de brinquedos para venda e várias fotos de Stanley e Mike, além dos videoclipes da banda. Pode-se perceber que o grupo é bastante atuante nas redes sociais, colecionando todos esses perfis. Alguns perfis são reconhecíveis pelos seus nomes ou pelos nomes das bandas que divulgam – *Echoes* e *Aniquilação* –, outros permanecendo camuflados, como foi observado.

A partir desse ponto manteremos a atenção em outros grupos que se identificam verdadeiramente com o NSBM. Esses grupos estão pulverizados em várias regiões do país. Alguns deles têm algo mais em comum, além do estilo musical e da ideologia entre si. A grande maioria mantém um tipo de relação com uma gravadora e distribuidora de discos de São Paulo chamada *Hammer of Damnation*. Esses personagens não mascaram o seu trabalho com a definição de “humor negro”. Entretanto, paradoxalmente, esses grupos agem nas sombras das redes, não revelam a sua identidade facilmente, procuram ao máximo um certo tipo de anonimato e alinham os seus códigos para atingir um público mais selecionado.

### 3. 3 O mal que nasce do absurdo: uma tradução tropical do NSBM germânico

<sup>101</sup> Fonte: <<https://www.instagram.com/echoesblackmetal/>>. Acesso: 13/07/2024.

<sup>102</sup> Fonte: <<https://www.Facebook.com/echoesblackmetal/>>. Acesso: 13/07/2024.

<sup>103</sup> Fonte: <<https://www.Facebook.com/profile.php?id=61555644577124>>. Acesso: 13/07/2024.

O NSBM possui representantes em todos os continentes do mundo. Essa frase parece um exagero. Obviamente existem lugares, “remotos” ou não, em que essa manifestação está longe de ser uma preocupação real. Nos grandes centros urbanos onde a música metal se faz presente, contudo, pode-se arriscar dizer que algum simpatizante do NSBM circula nos bastidores dessa cena *underground*. Esses centros urbanos são lugares onde os crimes de ódio acabam se transformando em notícias frequentes e banalizadas. Na internet essas pessoas se conectam, para além da música. Acredita-se que muitos desses indivíduos se identifiquem entre si por questões ideológicas<sup>104</sup>.

Davide Maspero e Max Ribaric, no livro *Wolves among sheep* (2015), se debruçam sobre a história e a ideologia do NSBM, revelando dentre outros aspectos a forma pela qual o subestilo metal se faz presente também em lugares teoricamente improváveis, como vários países da América Latina. O Brasil está representado nessa literatura em um capítulo chamado “Raza blanca, orgullo blanco – NSBM in Latin America between elitism and inconsistencies”<sup>105</sup> (p. 503). Nesse sentido, além de um panorama sobre os grupos que atuam no continente, os autores indicam as traduções e ressignificações que as bandas NSBM utilizam em cada país latino-americano.

Curiosamente, os autores abrem o capítulo com uma epígrafe extraída de um diálogo do filme *The boys from Brazil* (1978), baseado no livro homônimo de Ira Levin (1976), autor do clássico *O bebê de Rosemary* (1967). Esse longa-metragem foi dirigido por Franklyn J. Schaffner, conhecido por dirigir filmes de ficção científica, como o premiado *Planeta dos macacos* (1968). O filme *Meninos do Brasil* consiste exatamente em uma obra de ficção científica. O enredo aborda a clonagem humana e a caça aos nazistas que escaparam do julgamento após o fim da Segunda Guerra Mundial. O diálogo extraído entre o médico nazista Joseph Mengele (Gregory Peck) e o caçador de nazistas Erza Lieberman (Laurence Olivier) é, ao meu ver, um ponto chave sobre a ideologia neonazista ainda nos dias atuais. No embate entre forças opostas, Mengele diz: “Do you know what I saw on the television in my motel room at one o'clock this morning? Films of Hitler. They are showing films about the war! The movement! People are fascinated! The time is ripe! Adolf Hitler is alive!”<sup>106</sup> (The boys from

---

<sup>104</sup> Aqui tratamos especificamente daquelas pessoas que se realizam no contexto da música NSBM, sobretudo nas mensagens, que, por sua vez, exaltam o racismo, a xenofobia, a misoginia e o nacionalismo. Assim, não estamos tratando de indivíduos que consomem ou produzem outras vertentes da música metal.

<sup>105</sup> “Raça branca, orgulho branco – NSBM na América Latina entre elitismo e inconsistências”. Tradução livre.

<sup>106</sup> “Sabe o que vi na televisão em meu quarto de hotel à uma da manhã? Filmes sobre Hitler. Eles estão mostrando filmes sobre a guerra! O movimento! O povo está fascinado! A hora chegou! Adolf Hitler está vivo!” Tradução livre.

Brazil, *apud* Maspero; Ribaric, p.503, grifos dos autores). De certa forma, o fascínio das pessoas pela Segunda Guerra, pelos personagens marcantes e por uma “romantização” desse período, promovida pela indústria cultural, causam efeitos que ecoam nos dias atuais. O fascismo e sua variação nazista ganharam inclusive o prefixo *neo* não por acaso, pois continuam vivos. A propósito, o longa-metragem que carrega o Brasil no título conta uma história que se passa em boa parte no Paraguai (ainda que, na verdade, nenhuma locação para as filmagens tenha sido feita na América Latina, pois segundo consta nos créditos da película, as locações foram feitas em Portugal, Áustria, Inglaterra e Estados Unidos). Isso parece uma anedota, porém ilustra bem o que pode vir a ser o NSBM no Brasil e na América Latina. Imagina-se que não é por acaso que os autores do livro *Wolves among sheep* (2015) tenham escolhido esse diálogo como epígrafe para inaugurar esse capítulo do livro. Nota-se que o subestilo do metal extremo é tratado em todo o texto do livro com muita propriedade e como aponta Ryan Buesnel<sup>107</sup> (2020 p. 2), os autores Davide Maspero e Max Ribaric são simpatizantes do movimento NSBM. Isso explicaria um certo “tom” de valorização que os autores imprimem quando relatam as produções pioneiras e canônicas do NSBM de determinados lugares em detrimento a outros mais distantes geograficamente deste centro, mas sobretudo lugares vistos como racializados pela lógica Eurocêntrica. Ainda assim, essa publicação constitui uma importante referência nesta pesquisa, mesmo que apresente maior afinidade com o viés de propaganda NSBM do que com abordagens voltadas ao enfrentamento dessas práticas.

Para falar sobre a América Latina, os autores começam pelos colonizadores da Península Ibérica. Então, depois de uma breve explanação sobre a cena do metal extremo em Portugal e na Espanha, os autores afirmam que: “não faltam iniciativas, selos, bandas, fanzines e assim por diante, mas o fato é que o resultado final é muito pobre e sombrio para considerar seriamente sua contribuição musical”<sup>108</sup> (Maspero; Ribaric, 2015, p.503). Os autores comparam esse dado ao resto do continente europeu, especificamente focados no NSBM. Assim, Maspero e Ribaric indicam que<sup>109</sup>:

---

<sup>107</sup> O pesquisador Ryan Buesnel cita essa observação em seu artigo: “National Socialist Black Metal: a case study in the longevity of far-right ideologies in heavy metal subcultures”, de 2020.

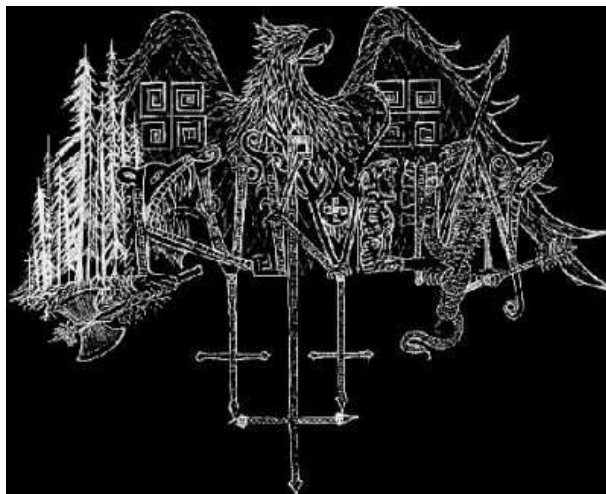
<sup>108</sup> “There is no shortage of initiatives, labels, bands, fanzines and so on, but the fact remains, that the end result is too poor and bleak to seriously consider their musical contribution.” (Tradução livre).

<sup>109</sup> “Setting sail from the wretched Ibero-Portuguese roster, and following the route opened by two of the greatest colonial empires of the past history, reaching South America opens even more exotic and unruly horizons for National Socialist-inspired metal. The NSBM that has arisen in the lands of the Southern hemisphere in recent years, offers all kinds of surprises and upheavals, often radically distorting canons and precepts as originally understood in many other areas of the globe.” (Tradução livre).

Partindo do miserável rol ibero-português, e seguindo a rota aberta por dois dos maiores impérios coloniais da história passada, chegar à América do Sul abre horizontes ainda mais exóticos e indisciplinados para o metal de inspiração nacional-socialista. O NSBM que surgiu nas terras do hemisfério sul nos últimos anos oferece todos os tipos de surpresas e reviravoltas, muitas vezes distorcendo radicalmente cânones e preceitos como originalmente entendidos em muitas outras áreas do globo (2015, p. 504).

Dessa maneira, os autores do livro criticam o incipiente movimento NSBM na Península-Ibérica apontando um tipo de amadorismo nas produções musicais dos grupos nessa região. Dali em diante miram na América Latina, indicando que em muitos países o conceito do NSBM foi ainda mais distorcido, exotizado. Na verdade, observa-se que em alguns lugares o NSBM foi apropriado e ressignificado pelos seus seguidores utilizando a mesma lógica com que o fascismo atua mundo afora, com uma base conservadora, nacionalista e mitológica em cada território onde emerge. Segundo indica Maspero e Ribaric (2015, p.504-6), o México é um país onde as bandas NSBM transformaram esteticamente a suástica em símbolos pré-colombianos e marcaram presença como exemplo dessa distorção. Bandas como *Ixtaukayotl*, *Comando de Exterminio* e *Kukulcan* surgem nesse mapa como referências. Esses grupos de NSBM mexicanos fazem parte de um selo indígena chamado *Organizacion Nacional Socialista Pagana* – O.N.S.P. – que se destacou por incluir a vanguarda do chamado metal nacional-socialista puro de sangue mestiço. Nesse sentido, gravadoras sensíveis à causa da identidade pré-colombiana na linha da honra mesoamericana, como a chamada *Elite Ancestral Nacionalista Mexicana* – E.A.N.M. – também se firmaram na cena, segundo os autores.

Figura 19 – Logo da banda *Kukulcan*.



Fonte: <<https://www.metal-archives.com/bands/Kukulcan/88382>>. Acesso em: 07/07/2024.

Figura 20 – Logo da banda *Comando de Exterminio*.



Fonte: <[https://www.metal-archives.com/bands/Comando\\_de\\_Exterminio/94540](https://www.metal-archives.com/bands/Comando_de_Exterminio/94540)>. Acesso em: 07/07/2024.

Figura 21 – Capa do *Split album Paganismo anti-cristiano* das bandas *Ixtaukayotl* e *Tlilan Calmecac*.



Fonte: <[https://www.metal-archives.com/albums/Ixtaukayotl/Paganismo\\_anti-cristiano/268322](https://www.metal-archives.com/albums/Ixtaukayotl/Paganismo_anti-cristiano/268322)>. Acesso em: 07/07/2024.

Figura 22 – Logo do Selo *Organizacion Nacional Socialista Pagana – O.N.S.P.*



Fonte: <<https://www.metal-archives.com/labels/O.N.S.P./2560>>. Acesso em: 07/07/2024.

Maspero e Ribaric (2015, p.506) apontam também que, no Brasil dos anos 1980, a banda de Belo Horizonte *Holocausto* é um exemplo de grupos que utilizaram da estética e temática da Segunda Guerra mundial, porém sem se definirem como simpatizantes da causa nazista. Segundo seus integrantes, a *Holocausto* se define como precursores do subestilo de metal extremo War Metal. Diferente do NSBM, mas com algumas similitudes, o War Metal trata de temas relacionados ao terror das guerras. Assim, Maspero e Ribaric, comparando as cenas, indicam que<sup>110</sup>:

Olhando para trás, poder-se-ia fazer uma associação temática espontânea com certas bandas de thrash latino-americanas dos anos 80, como *Holocausto* do Brasil: *Campo de Extermínio*, seu aclamado álbum lançado em 1987, deixou uma marca indelével entre os fãs do gênero. No entanto, é justo separar as aspirações débeis e contraditórias das bandas acima mencionadas do que foi pura exploração do fenômeno nazi na cena musical. *Holocausto* foi e continua a ser uma banda de metal sem tendências políticas específicas, mas com um forte gosto pela provocação, e *Campo de Extermínio* é mais uma representação teatral dos horrores do nazismo, exorcizados através de uma interpretação musical. Quinze anos depois, para a reedição em CD, a gravadora optou por renovar a brutal arte eliminando prudentemente todas as suásticas da capa usadas pela banda, acrescentando um selo bilíngue no encarte onde isso fica claro, para evitar qualquer mal-entendido, que o álbum não pretende de forma alguma celebrar o regime nazista (2015, p.506).

No caso, o álbum citado da banda *Holocausto* possui no seu repertório músicas como a faixa título do disco, *Campo de extermínio*, além de títulos como: “regimento da morte”, “*III Reich*”, “Vietnã”, “guerrilheiro suicida”, “setembro negro”, para citar alguns. No caso da música chamada *III Reich*, a letra<sup>111</sup>, como pode-se notar, descreve as barbaridades cometidas pelo regime nazista:

### *III REICH – Holocausto*

#### *Prisioneiros se arrastam*

---

<sup>110</sup> “Looking backward, one could make a spontaneous thematic association with certain Latin American thrash bands of the Eighties, such as Holocaust from Brazil: *Campo de Extermínio*, their acclaimed album released in 1987, left an indelible mark among fans of the genre. However, it is fair to separate the feeble and contradictory aspirations of the bands mentioned above from what was pure exploitation of the Nazi phenomenon within the music scene. Holocaust were and remain a metal band with no particular political leanings but with a strong taste for provocation, and *Campo de Extermínio* is more of a theatrical representation of the horrors of Nazism, exorcised through an interpretation in music. Fifteen years later, for the reissue on CD, the label chose to revamp the brutal artwork prudently eliminating all the swastikas on the cover and worn by the band, adding a bilingual slip in which it is made clear, to avoid any misunderstanding, that the album does not in any way wish to celebrate the Nazi regime”. (Tradução Livre).

<sup>111</sup> Fonte: <<https://www.letras.mus.br/holocausto/767125/>>. Acesso: 25 jul. 2024.

*Na marcha para a máquina da morte  
Menguelle seleciona pessoas  
Para as suas experiências  
O esqueleto 509  
Ergue lentamente o crânio  
Seu corpo esquartejado  
É devorado pelos cães leprosos.  
O campo menor se encontra em chamas  
De fogo e destruição  
Na torre de vigia  
Sentinelas deixam metralhadoras desguarnecidas  
As sirenes gritam alto  
Anunciando mais um bombardeio  
O chão estremece pelas bombas atiradas  
Causando dor no cérebro.*

*Auschwitz, concentração da morte  
Crematórios, alimentam-se de judeus  
III Reich, o maior dos massacres  
Hitler, Führer do império nazista  
III Reich.*

*Os corpos são despídos  
E jogados nas covas coletivas  
Entre os mortos ergue-se  
A mão de um sobrevivente  
Os mandamentos da humanidade  
Foram derrubados  
As leis da vida  
Cuspidas e açoitadas.*

Em contraponto ao grupo de war metal mineiro, nos anos 1990 em São Paulo, na grande região industrial conhecida como ABC<sup>112</sup> paulista, berço do grupo *Skinhead* neonazista chamado de “carecas do ABC”, parte do movimento metal sofria influência dessa ideologia, mesmo que de forma indireta, pois algumas bandas começaram a transitar entre o black metal e a ideologia neonazista próxima aos *Skinheads*. Curiosamente, no Canadá nos anos 1980, essa aproximação também aconteceu com a banda *Blasphemy*, mesmo com incoerências visíveis em sua formação, pois o guitarrista Geoff Drakes conhecido como *Caller of the Storms* é afrodescendente. Essa relação tênue entre as ideologias *skinheads* e a música metal em terras paulistas fez surgir bandas pioneiras de NSBM como *Evil*, *Resistencia 88* e *Command*. Todos esses grupos estão relacionadas a uma figura até então obscura na cena metal, esse ator segundo está catalogado no Metal Archives se chama Luiz Carlos Oliveira<sup>113</sup>. A importância de Luiz Carlos se dá não somente por integrar bandas que se tornaram referências do NSBM brasileiro, mas também por criar selos, gravadoras e distribuidoras do universo *underground* de metal extremo, sobretudo grupos abertamente NSBM. Luiz Carlos criou os selos *Southern Productions*<sup>114</sup>, *Hammer of Damnation*<sup>115</sup> e a loja/selo *Black Metal Store*<sup>116</sup>. Mais adiante abordaremos esses empreendimentos um pouco mais detalhadamente. A princípio, aprofundando na história da banda *Evil*, notamos uma extensa discografia e uma dezena de álbuns compartilhados com grupos declaradamente NSBM entre 1994 até 2024. Assim, é importante frisar que o caminho trilhado pelos membros da banda *Evil* mirou ao longo de sua trajetória em conteúdos, líricos e audiovisuais, no mínimo supremacistas, para não dizer de apologia neonazifacista.

### 3.3.1 Desvendando a trilha do mal

Analisando mais a fundo o NSBM no Brasil, Maspero e Ribaric apontam que a banda paulista *Evil* chama atenção por sua história e importância na cena. Segundo os autores<sup>117</sup>, “entre altos e baixos (bastante comuns com muitos outros músicos devotados ao metal extremo)

<sup>112</sup> Essa macro região de São Paulo possui popularmente essa sigla porque aglutina as iniciais dos nomes das cidades de Santo André (A), São Bernardo do Campo (B) e São Caetano do Sul (C). Ocasionalmente, a cidade vizinha de Diadema (D) costuma completar essa sequência do imaginário regional.

<sup>113</sup> Fonte: <<https://www.metal-archives.com/artists/Warlord/26256>>. Acesso: 12/04/2025.

<sup>114</sup> Fonte: <[https://www.metal-archives.com/labels/Southern\\_Productions/786](https://www.metal-archives.com/labels/Southern_Productions/786)>. Acesso em: 20/04/2025.

<sup>115</sup> Fonte: <[https://www.metal-archives.com/labels/Hammer\\_of\\_Damnation/399](https://www.metal-archives.com/labels/Hammer_of_Damnation/399)>. Acesso em: 20/04/2025.

<sup>116</sup> Fonte: <[https://www.metal-archives.com/labels/Black\\_Metal\\_Store/53647](https://www.metal-archives.com/labels/Black_Metal_Store/53647)>. Acesso em: 20/04/2025.

<sup>117</sup> “Among ups and downs (quite common with many other musicians devoted to extreme metal) we find several contradictions, including murder victims, typical of life within an environment where the situation can get out of hand.” (Tradução livre).

encontramos diversas contradições, incluindo vítimas de assassinatos, típicas da vida dentro de um ambiente onde a situação pode sair do controle” (2015, p.506). A banda *Evil*, segundo consta no site *The Metal Archives*, foi formada em 1994. Durante essa pesquisa e a confecção do texto, em alguns momentos a banda parecia estar desativada, essa impressão logo caindo por terra, frente aos lançamentos relativamente recentes e a indicação de banda ativa no mesmo site<sup>118</sup>. Contudo, depois de uma matéria sobre a relação entre o NSBM e o aumento dos crimes de ódio no país, levada ao ar pela rede Globo de Televisão no programa *Fantástico*<sup>119</sup> do dia 26/01/2025, a banda *Evil* no site *Metal Archives* reaparece como desativada, mas ainda assim consta a informação que estava ativa até 2025. Assim, pode-se observar uma estratégia comum aos grupos NSBM, pois dentre as bandas relacionadas aos membros do *Evil*, várias estão ativas, ou seja, os atores do NSBM desviam a atenção de um investigador sobre um grupo óbvio e pulverizam-se em subgrupos como uma tática de “guerra”.

Logo a seguir, apontaremos as bandas relacionadas aos membros do *Evil* e a teia de relações entre esses grupos. Mas, para iniciar uma primeira análise da banda *Evil*, observa-se que Maspero e Ribaric<sup>120</sup> (2015) revelaram que:

Em termos de discografia, deparamo-nos com uma quantidade exorbitante de colaborações. Os álbuns *split* envolvendo *Evil* são numerosos e bastante variados, começando com o RAC dos compatriotas do *Locomotiva* (com quem compartilham a fita intitulada *Blood and Honor*), e finalizando com o lançamento depressive black do *Lone Suffer* do Japão (*We Bring the Gallows of Hope*, lançado em 2011). No meio destas duas colaborações há mais uma dezena com bandas como *Celestia*, *Moonblood*, *Masochrist*, *Aryan Blood*, *White Diamond Death*, *Thallium*, *Lechia*, *Der Stürmer*, *Nacht und Nebel*, *Satanic Warmaster*, *Bilskimir*, *Pantheon*, e a lista poderia prosseguir. Olhando rapidamente estes nomes, é fácil ver que mais da metade deles cai facilmente no caldeirão do NSBM (p.507).

A lista realmente prosseguiu. A pesquisa dos autores do livro *Wolves among Sheep* cobre o período até 2011, mas, desde então, muitos outros materiais foram lançados, dentre eles um álbum completo, de 2015, chamado *Ashes of old*, além de diversas colaborações em *Split* álbuns, compilações, EPs, singles, demos e dois álbuns ao vivo. O primeiro dos álbuns ao vivo

<sup>118</sup> Fonte: <<https://www.metal-archives.com/bands/Evil/9623>>. Acesso em: 25 jul. 2024.

<sup>119</sup> Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/13290429/>>. Acesso em: 04 abr. 2025.

<sup>120</sup> In terms of discography, we are faced with an exorbitant amount of collaborations. The split albums involving *Evil* are numerous and quite varied, starting with the RAC oriented one with fellow countrymen *Locomotive* (with whom they share the tape titled *Blood and Honor*), and ending with the depressed black release with *Lone Suffer* from Japan (*We Bring the Gallows of Hope*, released in 2011). In the middle of these two collaborations there are a dozen more with bands like *Celestia*, *Moonblood*, *Masochrist*, *Aryan Blood*, *White Diamond Death*, *Thallium*, *Lechia*, *Der Stürmer*, *Nacht und Nebel*, *Satanic Warmaster*, *Bilskimir*, *Pantheon*, and the list could go on. Skimming through these names, it is easy to see that more than half of them easily fall into the NSBM cauldron. (Tradução Livre).

é chamado *Empunhando a espada de Ares*<sup>121</sup> e foi gravado em Cordeirópolis – SP, no *Solstício Metal Fest*, em 17 de dezembro de 2016. O segundo é chamado *Evil Storming Onwards Steelfest and Asgardsrei*<sup>122</sup>, lançado em 2022, contendo dois DVD's com as apresentações ao vivo no *Steelfest* e *Asgardsrei*, além de um CD contendo o áudio de ambas as apresentações. Segundo informa a página da banda no Metal Archives, os DVD's de 2022 possuem uma medida antipirataria que os torna ilegíveis em PC's. Além dos dois DVD's e do CD, acompanham ainda o produto mais dois pôsteres, sendo que algumas versões podem conter um adesivo exclusivo com um cartão assinado pelos integrantes da banda. Ainda segundo o texto, as faixas 1 a 10 foram gravadas ao vivo em Hyvinkää, Finlândia, no *VIII Steelfest*, no dia 17 de maio de 2019, e as faixas 11 a 19 foram gravadas ao vivo em Kiev, Ucrânia, no *VIII Asgardsrei*, no dia 14 de dezembro de 2019. Segundo informação de interlocutores, o festival *Asgardsrei* na Ucrânia é o maior festival dedicado ao NSBM/RAC/White Power do mundo. Esse festival é patrocinado pelo selo NSBM *Militant Zone*, ligado aos músicos da banda Russa *M8L8TH*.

Apesar de não estar sozinha, a banda *Evil* de São Paulo, muito provavelmente, é a mais importante na cena NSBM do país. Quando vemos as ligações nacionais e internacionais da banda percebe-se a influência que o grupo exerce. Não por acaso, se tornaram membros do *Pagan Front*, um seletto grupo de bandas NSBM no mundo. Mas como esse grupo alcançou essa evidência no seletto “microcosmo” NSBM?

Para tentar remontar a história da banda – como surgiu, seus integrantes, as mortes, os crimes e as suas colaborações – vejamos o que Maspero e Ribaric registraram no livro *Wolves among sheep*. Segundo os autores, “a banda era formada por dois amigos, *Warmaster* (codinome de Luiz Carlos Oliveira) e *Black Goat of Darkness* (codinome de Henrique Velasco<sup>123</sup>), mas este último logo abandonaria o metal para se dedicar em tempo integral à cena *skinhead* neonazista local, deixando tudo nas mãos de seu companheiro” (2015, p. 507). O ano desses acontecimentos seria 1994, porém a data da primeira demo da banda *Evil*, segundo o site Metal Archives, é 1995 com o título *From the Black Horde of Pure Evil*<sup>124</sup>. Nessa demo, *Black Goat of Darkness* toca bateria e acumula a função de vocalista, enquanto *Warmaster* toca guitarra. Este último assume outro pseudônimo próximo em algum momento, aparentemente depois de 2011, teto cronológico da pesquisa de Maspero e Ribaric. *Warmaster* reaparece no

<sup>121</sup> Fonte: <[https://www.metal-archives.com/albums/Evil/Empunhando\\_a\\_Espada\\_de\\_Ares/875453](https://www.metal-archives.com/albums/Evil/Empunhando_a_Espada_de_Ares/875453)>. Acesso em: 25 jul. 2024.

<sup>122</sup> Fonte: <<https://encurtador.com.br/MCqvR>>. Acesso: 25/07/2024.>.

<sup>123</sup> Fonte:<[https://www.metal-archives.com/artists/Black\\_Goat\\_of\\_Darkness/45769](https://www.metal-archives.com/artists/Black_Goat_of_Darkness/45769)>. Acesso: 12/04/2025.

<sup>124</sup> “Da horda negra do mal puro”. Tradução livre.

site Metal Archives como *Warlord* (codinome de Luiz Carlos Oliveira<sup>125</sup>). Em alguns projetos paralelos ao *Evil*, o músico assume outros pseudônimos como *Herr Wolf*, *Serpent Priest Shadows*, *Warlord von Ravenclaw*, *L.C.* e *Christians Exterminator*. Curiosamente, *Warmaster* não aparece nas pesquisas recentes relacionando ao *Evil*. Pesquisando no Metal Archives, o nome artístico *Warmaster* possui oito ocorrências diretas em vários países, enquanto *Warlord* possui vinte e uma ocorrências (por enquanto), sem contar as diversas variações de ambos nomes como *Pyromaniacal Warlord* ou *Infernal Warmaster*, este último sendo membro de uma banda NSBM alemã. Assim, essas trocas não devem estar relacionadas com a busca de um pseudônimo exclusivo, mas sim com uma estratégia para não ser identificado facilmente fora da cena metal. Na realidade as pessoas por trás desses personagens, em especial *Warlord*, são bem conhecidas da cena local e nacional como veremos mais adiante. Ademais, os pseudônimos na cena metal são recorrentes em vários locais e épocas, vide o vocalista *Antichrist* do Sarcófago no disco *I.N.R.I.* de 1987 e *Tormentor* guitarrista do Sepultura em 1985 no Split álbum *Bestial Devastation*, apenas para citar alguns exemplos.

A relação entre Luiz Carlos Oliveira e Henrique Velasco vem de antes da banda *Evil*. Juntos, eles tocaram em uma banda de black metal entre 1993 e 1994 chamada *Bael*. Essa banda, segundo consta no Metal Archives<sup>126</sup>, foi formada em Santo André – São Paulo e lançou duas demotapes no formato cassete com temáticas típicas do estilo (satanismo, ocultismo, magia negra e blasfêmias). Essas demos, *Fuck You, Nazarene!!!* de 1993 e *The Bloody Pussy of Mary, Virgin?* de 1994 apontam que na formação os vocais ficaram a cargo de *Asphyxiator of Christ*, na bateria *Lord of Witch* (pseudônimo de Henrique Velasco nessa banda) e *Christians Exterminator* (Luiz Carlos Oliveira) nas guitarras. Esse grupo antecedeu a banda *Evil* e marcou a primeira colaboração entre esses dois personagens da cena paulistana.

Contudo, com o envolvimento integral de Henrique na cena *Skinhead* neonazista local, Luiz Carlos continuou numa trilha entre o black metal clássico e mais do que algumas concessões ao NSBM, pelo menos até alguns anos atrás, segundo Maspero e Ribaric (2015, p. 507). Assim, como mencionamos, esses personagens são figuras conhecidas das cenas locais e Henrique Velasco, *Black Goat of Darkness*, se envolveu em um crime de ódio. Trata-se do assassinato de um homossexual em São Paulo no ano de 2000. Segundo noticiado à época, Henrique e outros 17 skinheads avistaram o adestrador de cães Édson Neris da Silva e Dario

---

<sup>125</sup> Fonte: <<https://www.metal-archives.com/artists/Warlord/26256>>. Acesso: 12/04/2025.

<sup>126</sup> Fonte: <<https://www.metal-archives.com/bands/Bael/3540354648>>. Acesso: 12/04/2025.

Pereira Neto andando de mãos dadas pela Praça da República, centro de São Paulo. Então, o grupo de *Skinhead* neonazistas cercou as duas vítimas agredindo Édson até a morte e ferindo gravemente Dario. Esse crime teve sua motivação clara e incontestável relacionada ao ódio pela comunidade LGBTQIA+ que os grupos neonazistas nutrem no cerne de sua ideologia. Pelos crimes de homicídio, tentativa de homicídio e formação de quadrilha, em 2002, Henrique Velasco foi condenado a 19 anos e seis meses de prisão<sup>127</sup>.

Esse acontecimento, segundo Maspero e Ribaric (2015), levou Luiz Carlos a “distanciar-se de certas políticas e a publicar uma espécie de biografia/declaração oficial em seu site, para esclarecer de uma vez por todas a posição do *Evil*” (p. 507). Conforme os autores de *Wolves among Sheep* publicaram, Luiz Carlos se pronunciou da seguinte forma:

*Numa manhã de domingo de fevereiro de 2000, li no jornal que o Black Goat of Darkness foi preso, além de alguns skinheads, acusado de homicídio de um homossexual. Acho importante deixar algumas coisas claras aqui. Primeiro de tudo, NÃO foi um crime de ódio cometido por um membro ativo do Evil, porque ele (Black Goat of Darkness) deixou a banda e a cena black metal 5 anos antes de sua prisão [...] Um dia antes de sua prisão, ele estava em minha casa e conversamos sobre nossos bons e velhos tempos e como nossa amizade havia se distanciado devido à decisão dele de se tornar skinhead. Embora eu tenha respeitado a sua decisão, a nossa antiga camaradagem enfraqueceu. Black Goat of Darkness foi condenado a 20 anos de prisão. Um ano depois, a polícia fez uma busca à minha casa, confiscou-me o meu PC e alguns materiais.... (2015, p. 507-508, grifos dos autores).*

Como resultado, aparentemente o *Evil* refez os seus passos concentrando-se em questões geralmente misantrópicas e anti-humanas e a sua filiação ao *Pagan Front* foi posta de lado naquele momento, ainda como indicam Maspero e Ribaric (2015, p. 508).

As primeiras demos da banda *Evil* estão catalogadas no Metal Archives entre 1995 e 1997. No primeiro ano, 1995, observam-se dois lançamentos *...from the Black Horde of Pure Evil!* e *All Evil*. No ano de 1996 lançaram *A Southern War from the Winter's March* e em 1997 *...Evil Storming Onwards to the Battlefield...*, ano em que também lançaram o álbum compartilhado *Blood and Honour* com a banda de Rock Anticomunista, *Locomotiva*, além de uma compilação chamada *Warlike songs*. Observando esse material, a demo que traz uma mudança estética notória e explícita em direção ao NSBM é de 1996, pois a arte da capa traz elementos neonazistas claros, como a cruz de ferro e a cruz celta. Já em 1997, a demo lançada apresenta na capa um tanque de guerra e dentre as três músicas, a primeira faixa instrumental chamada “Aryanhord holocaust 88” acena para um público supremacista neonazista pelo título

<sup>127</sup> Fonte: <<https://www.dgabc.com.br/Noticia/125749/-careca-e-condenado-a-19-anos-de-prisao>>. Acesso: 12/04/2025.

da música. Assim, “Blood and war” e “Marchando para o Holocausto” completam as faixas dessa demo.

Figura 23 – Encarte da demo *A Southern War from the Winter's March*, 1996 – Evil.



Fonte: <[https://www.metalarchives.com/albums/Evil/A\\_Southern\\_War\\_from\\_the\\_Winter%27s\\_March/249345](https://www.metalarchives.com/albums/Evil/A_Southern_War_from_the_Winter%27s_March/249345)>.

Acesso em: 15/09/2024

Figura 24 – Encarte da demo *...Evil Storming Onwards to the Battlefield...*, 1997 – Evil.



Fonte: <[https://www.metal-archives.com/albums/Evil/...Evil\\_Storming\\_Onwards\\_to\\_the\\_Battlefield.../27364](https://www.metal-archives.com/albums/Evil/...Evil_Storming_Onwards_to_the_Battlefield.../27364)>.

Acesso em: 15/09/2024

No ano de 1998, a banda *Evil* faz o seu primeiro lançamento de um álbum completo. Trata-se de uma fita cassete chamada *Revenge of Iron and Thunder*. Essa produção conta com oito faixas, quatro delas instrumentais. Observa-se também que, mesmo que a mídia de lançamento seja a fita cassete, esse material foi reeditado e relançado por outras gravadoras ao longo dos anos em outros formatos como o vinil e CD. A essas versões foram adicionadas outras faixas e em alguns casos também houve mudanças na arte da capa. No lançamento original, em cassete de 1998, um breve texto é colocado no encarte onde lê-se o seguinte:

*Depois de longos períodos de trabalho de bardo. Minha primeira batalha solo começou! Esta é a prova da resistência pagã e da guerra contra sionistas, cristãos, anarquistas e comunistas nas terras do Sul... Esta é a minha contribuição para a guerra pagã mundial... É o renascimento do antigo espírito de sangue, honra e lealdade! O paganismo retorna... à guerra!*<sup>128</sup> (*Evil*, 1998, grifos nossos).

Esse texto é assinado por *Warlord von Ravenclaw* assim como todas as letras, arranjos e músicas. Segundo consta, Luiz Carlos supostamente gravou todos os instrumentos e assume uma postura intelectual independente, mencionando no texto uma “batalha solo”. Nesse sentido, o aceno aos grupos neonazistas toma formas sutis, porém concretas. O texto do encarte menciona uma “guerra pagã mundial” e a ideia de paganismo tem sido apropriada, não somente por grupos NSBM, mas também pela extrema direita mundial<sup>129</sup>. Segundo um informante da cena metal de Belo Horizonte, muitos grupos NSBM, com o intuito de desviar a atenção das autoridades e evitar perseguições, adotam rótulos como *pagan metal* ou, até mesmo, *folk metal*. Nessa direção, o pesquisador Karl Spracklen (2020, p. 120) aponta que, em países como Polônia, Rússia e Ucrânia, as bandas de metal extremo – sobretudo de black metal – utilizam o paganismo como forma de oposição ao cristianismo. Porém, diferentemente do ideal de *Vikingidade*<sup>130</sup> construído como uma metáfora polivalente na Noruega, segundo o autor, o paganismo e o heidenismo – um tipo de neopaganismo germânico – têm sido explicitamente associados ao racismo, ao fascismo e ao nacionalismo nesses países. Assim, parece não estar muito distante quando Luiz Carlos menciona no texto “Esta é a prova da resistência pagã e da guerra contra sionistas, cristãos, anarquistas e comunistas nas terras do Sul...”. Curiosamente,

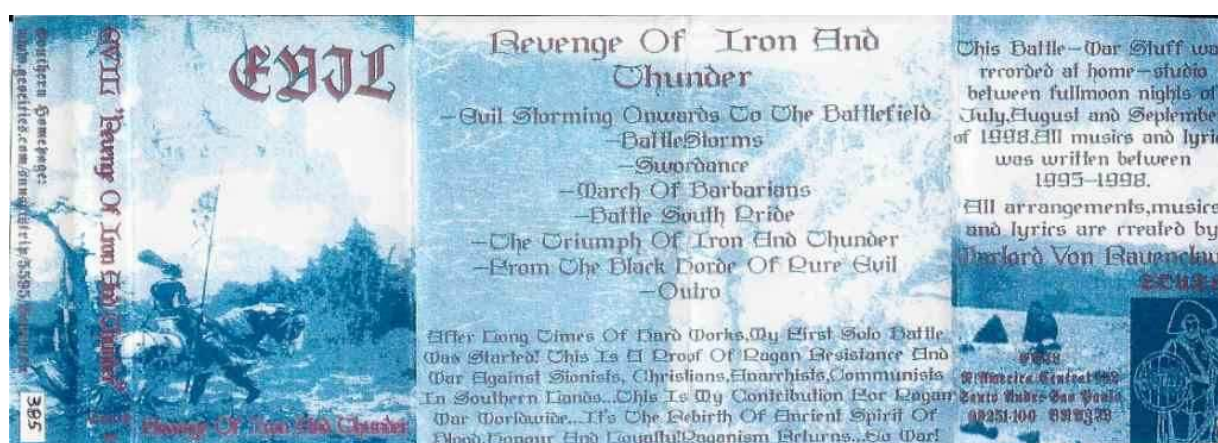
<sup>128</sup> Tradução Livre. *After long times of bard works. My first solo battle was started! This is proof of pagan resistance and war against sionists, christians, anarchists and communists in Southern lands ... This is my contribution for pagan war worldwide... It's the rebirth of ancient spirit of blood, honour and loyalty! Paganism returns... to war!* (*Evil*, 1998, grifos nossos).

<sup>129</sup> Ver texto de Vasconcelos (2023). O suprafascismo de Julius Evola e os fundamentos da nova direita iliberal. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/6PWpC6RWN9n3XYWtK7SPFSv/>. Acesso em: 29/04/2025.

<sup>130</sup> Tradução livre do termo “*Vikingness*”. (Spracklen, 2020, p. 120).

a frase afirmativa declarativa – “É o renascimento do antigo espírito de sangue, honra e lealdade!” –, levanta os seguintes questionamentos: na verdade esse renascimento do “antigo espírito” seria às custas do sangue de quem? Honra do quê? Lealdade a quem? Desse “espírito” imagina-se algo em torno de um totalitarismo, militarismo ou autoritarismo velados pelo autor da frase estampada na capa do cassete.

Figura 25 – Encarte do álbum *Revenge of Iron and Thunder*, 1998 – *Evil*.



Fonte: <[https://www.metal-archives.com/albums/Evil/Revenge\\_of\\_Iron\\_and\\_Thunder/31371](https://www.metal-archives.com/albums/Evil/Revenge_of_Iron_and_Thunder/31371)>. Acesso em: 15/09/2024

As faixas que compõe o álbum são:

1. *Evil Storming Onwards to the Battlefield* - 01:43 (instrumental)
2. *BattleStorms* - 03:52
3. *Swordance* - 04:26
4. *March of Barbarians* - 02:26 (instrumental)
5. *Battle South Pride* - 04:25
6. *The Triumph of Iron and Thunder* - 01:09 (instrumental)
7. *From the Black Horde of Pure Evil* - 03:34
8. *Outro* - 01:24 (instrumental)

Entre 1998 e 1999, a banda lança mais uma demo, uma compilação e dois álbuns compartilhados, ambos com bandas NSBM (*Celestia* da França e *Moonblood* da Alemanha). No ano 2001, a banda lança o segundo álbum completo batizado de *Hate spirit*. Esse álbum também utilizou como mídia de lançamento o cassete. Conforme catalogado no Metal Archives, a formação da banda nesse disco seria de *Warlord* (Luiz Carlos Oliveira) na guitarra e baixo e

*Black Goat of Darkness* (Henrique Velasco) na bateria e vocal. Essa informação adicionada é curiosa, pois nesse ano Henrique se encontrava preso esperando o julgamento dos crimes comentados acima. Uma hipótese seria que esse material estaria pré-gravado e acabou sendo utilizado na composição do álbum, fator confirmado quando observamos a sequência de músicas desse disco, pois nota-se que a quinta música é a faixa homônima da primeira demo da banda *Evil*, “...From the Black Horde of Pure Evil!” quando Henrique Velasco gravou a bateria e a voz naquela ocasião, faixa que também estava presente no primeiro álbum completo da banda. Porém, na versão do segundo disco comparado ao primeiro observa-se um acréscimo de mais de um minuto de música no arranjo. Assim, as outras composições ficaram por conta de Luiz Carlos. Nesse segundo álbum completo as faixas são:

1. *Hate Spirit* 01:37
2. *Black Moon* 04:11
3. *The Black Arts of the Goat* 04:15
4. *Southern Thrones in the Moon's Shadows* 03:31
5. *From the Black Horde of Pure Evil* 04:23
6. *The Era of Darkness Prevails* 03:13

Justamente, a faixa “From the Black Horde of Pure Evil” possui letra disponível em site de tradução e letras de música<sup>131</sup>. Importante notar que nessa página dedicada à banda *Evil* está escrito em nota de rodapé “enviada por Luis” (com “s”). Coincidência ou não, esse espaço, por ser colaborativo, serve para divulgação das músicas e ideologias de Luiz Carlos Oliveira. Essa letra foi composta na fase inicial da banda com uma temática comum ao black metal praticado depois da segunda onda europeia do subgênero. Nota-se pelo eixo temático nesse período como a banda relaciona sua visão de mundo a uma ideia catastrófica orientada pelo bélico, autoritário e misantrópico que, mais adiante, se desenvolveu para formas mais extremistas de pensamento. Assim, a letra diz:

*Somberlands...*

*Where black prevails...*

---

<sup>131</sup> O site “Letras.mus.br” é uma plataforma digital brasileira dedicada à divulgação de letras de músicas, traduções e informações sobre artistas, com participação colaborativa de usuários. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/evil/from-the-black-horde-of-pure-evil/>>. Acesso em: 02/05/2025.

*Unholy war within - a diabolical  
Holocaust - is pure satanic - war...*

*Pure evil!  
Hateful - hordes of darkness  
Hordes of armageddon...  
From the black horde of pure evil*

\*\*\*

Terras Sombrias...  
Onde a escuridão prevalece...  
Guerra profana interior - um diabólico  
Holocausto - é pura guerra satânica...

Pura maldade!  
Odiosa - hordas das trevas  
Hordas do armagedom...  
Da horda negra da pura maldade<sup>132</sup>

Entre os anos de 2001 até 2005 a banda manteve a sua atividade com o lançamento de três compilações, uma demo e dois álbuns compartilhados: em 2002 o álbum *Only the war is hygiene of the world* com os grupos de Santa Catarina *Krimparturr* e *Masochrist* e em 2005 com o grupo alemão ainda em atividade *Aryan Blood* ampliando a participação na cena NSBM europeia. Para Maspero e Ribaric (2015, p. 508), “um dos discos mais contundentes que os brasileiros deixaram como legado é também o mais consistentemente relacionado ao NSBM, *Arktogää* (2006), não surpreendentemente produzido pelo selo grego *Totenkopf Propaganda*”. É importante salientar o caráter celebrativo com que os autores apontam esse feito. Ainda segundo os autores, “É um CD focado nas teorias do ariólogo vienense Guido von List, que aborda especificamente o tema da antiga Pátria Ártica do povo ariano, tudo de acordo com o Odinismo oculto conforme elaborado pelo escritor austríaco” (2015, p. 508). As notas do livreto deixam bem claro que: “*Este álbum é uma contribuição para o ressurgimento de um sentimento animal instintivo, um inconsciente coletivo encarnado no arquétipo do Wotanismo e da*

---

<sup>132</sup> Tradução livre.

*Ariosofia que foi reprimido nos últimos 2.000 anos por forças anti-vida como o Cristianismo, o Marxismo e o capitalismo” (Evil, 2006, grifos nossos).*

O EP é composto por seis faixas. Para Maspero e Ribaric (2015) a relevância dessas composições é porque foram “criadas graças à inestimável contribuição de Widar, vocalista da conhecida banda teutônica *Bilskirnir*, e é dedicada a Ulv Gegner Irminsson, o músico russo entre os fundadores do círculo extremista NSBM *Blazebirth Hall*, que foi assassinado em outubro de 2005” (p. 508). O fato é que a banda *Evil* segue criando laços com reconhecidos grupos de NSBM pelo mundo e com essas referências não deixam muitas dúvidas quanto à possível filiação ideológica do grupo. As faixas do EP *Arktogäa* (2006) são intituladas:

1. *Oskorei* 04:47
2. *Into Distant Lands of Arktogäa* 03:43
3. *Wotan Redivivus* 05:04
4. *When Autumnal Greyspirit Returns* 03:41
5. *Our Swords Will Rise Once Again* 00:56
6. *Galdr* 03:41(*instrumental*)

Na terceira faixa, “Wotan Redivivus”, a letra traz esse universo mitológico de países do hemisfério norte como pode-se notar:

*Howling winds in lonely nights  
When the forest begins to speak  
Telling of ancient battles and victories  
That took place long time ago*

*The whispering of the wind  
Bring voices from ancient times long gone  
Speaking of what once was  
Again it shall be once more*

*The one-eyed master of life and death  
Lord of the runes, the highest one  
Sorcerer king of supernatural forces*

*Sleeping yet, but for how long?*

*Hail our gods, still alive in our blood*

*In times of greatest unrest they'll come to life again*

*And nature will reign again*

\*\*\*

“Wotan revivido”

Ventos uivantes em noites solitárias

Quando a floresta começa a falar

Contando batalhas e vitórias antigas

Que aconteceram há muito tempo

O sussurro do vento

Trazendo vozes de tempos antigos há muito tempo passados

Falando do que um dia foi

Novamente será mais uma vez

O mestre caolho da vida e da morte

Senhor das runas, o mais elevado

Rei feiticeiro das forças sobrenaturais

Ainda dormindo, mas por quanto tempo?

Salve nossos deuses, ainda vivos em nosso sangue

Em tempos de maior inquietação, eles voltarão à vida

E a natureza reinará novamente<sup>133</sup>

Na sequência, na faixa “When Autumnal Greyspirit Returns”, observa-se a mesma ideia mitológica onde se lê:

*Thus spoke the old wizard*

---

<sup>133</sup> Tradução livre.

*The last war in the world, i well remember  
 Old gods and fallen heroes i saw  
 Balder is back from his silence  
 Hyperborean spirit and strenght  
 Our fate written by runes of high god  
 Sacrifice for honour  
 Yggdrasil trembles 'till world ruins  
 Twilight of the gods who gave us victory  
 Crosses broken...churches burn't  
 Nidhogg sucks blood of christians  
 Wolf monsters Fenriz running free  
 No place for mercy*

\*\*\*

“Quando o Espírito Cinzento Outonal Retorna”

Assim falou o velho mago  
 A última guerra do mundo, eu me lembro bem  
 Velhos deuses e heróis caídos eu vi  
 Balder está de volta do seu silêncio  
 Espírito e força hiperbórea  
 Nosso destino escrito pelas runas do deus supremo  
 Sacrifício por honra  
 Yggdrasil treme até o mundo ruir  
 Crepúsculo dos deuses que nos deram a vitória  
 Cruzes quebradas... igrejas queimadas  
 Nidhogg suga o sangue dos cristãos  
 Monstros lobos Fenriz correndo livremente  
 Sem lugar para misericórdia<sup>134</sup>

Essas faixas são exemplos desse universo mitológico, heroico que remonta um passado glorioso imaginário de povos arianos, nada que represente uma nacionalidade real dos membros

---

<sup>134</sup> Tradução livre.

da banda *Evil*. Nesse ano de 2006, a banda ainda lançou outro EP, *Distant in forest's deep*, e dois álbuns compartilhados. O primeiro deles, *Chaos to Unleash a New Age*, com as bandas paulistanas *Thallium*, que se autodenomina uma banda de black metal pagã, e *S.A.R.*, uma banda declarada de black metal com influências RAC abordando temas como o nacional-socialismo, o arianismo, o antissemitismo e guerras. O segundo *Split* de 2006, *Warriors of Pagan Victory*, é com a banda de metal pagão polonesa *Lechia*, e constatamos no Metal Archives que entre os temas abordados por essa banda, além do paganismo, está o arianismo e os valores ancestrais. Assim, em 2007, a banda *Evil* se mantém em atividade e lança mais um álbum compartilhado. *Those Who Want to Create... Must Have the Will to Destroy!*<sup>135</sup> é o único lançamento desse ano, contudo reforça parcerias com influentes grupos NSBM em uma teia que conecta o Brasil, o Canadá e a Grécia. Os canadenses do *Nacht und Nebel* e os gregos do *Der Stürmer* são grupos declaradamente de black metal reconhecidos por abordarem temas como o nacional-socialismo, neopaganismo, guerras, heroísmo, antissemitismo e o racismo.

Em 2008, Henrique Velasco (*Black Goat of Darkness*), o ex-companheiro de Luiz Carlos na banda, morreu durante a sua detenção na prisão. Quanto a isso, as informações disponíveis são demasiado escassas e fragmentadas. Segundo as pesquisas de Maspero e Ribaric, *Warlord* (Luiz Carlos) mencionou na página oficial da banda, à época:

[...] tudo o que sei e posso comentar sobre este triste acontecimento é que ele foi encontrado morto na prisão devido a uma insuficiência cardíaca em 17 de julho de 2008. Ele fundou o *Evil* comigo e foi membro durante 1994 e 1996, além de suas atividades, ele foi o melhor irmão que tive e uma das pessoas mais ativas que conheci em toda a minha vida. 4 meses antes de sua morte ele me perguntou sobre a possibilidade de retornar ao *Evil* após sua libertação e eu concordei com sua proposta. Com certeza isso nunca acontecerá nesta vida (2015, p. 509, grifos dos autores).

Realmente não existem muitas informações sobre esse fato. Nos anos em que Henrique ficou preso até sua morte, Luiz Carlos projetou a banda assumindo todos os créditos. Porém, alguns personagens fizeram parte dessa história e tiveram sua parcela de contribuição, ainda que mantendo um certo “anonimato”. Pesquisando mais a fundo, observamos que o primeiro baterista de uma banda de Santo André – SP, a *Dethroned Christ*, de pseudônimo *E. Lord Diabollus*, que hoje é membro de outra banda de Black metal em Campos do Jordão -SP, a *Corpse ov Christ*, trabalhou para Luiz Carlos em vários lançamentos da banda *Evil*. Segundo foi apurado no Metal Archives, tudo indica que Luiz Carlos tocou nessa banda de black metal

---

<sup>135</sup> “Aqueles que querem criar... devem ter a vontade de destruir!” Tradução livre.

*Dethroned Christ* em 1994. Conforme o catálogo do Metal Archives, *E. Lord Diabollus* esteve presente como baterista nos seguintes momentos:

- 1995 - *All Evil* (Demo)
- 1996 - *A Southern War from the Winter's March* (Demo)
- 1997 - *Blood and Honour* (Split)
- 1997 - *Warlike Songs* (Compilação)
- 2005 - *Aryan Blood / Evil* (Split)
- 2008 - *German-Southern Brotherhood* (Split)

Contudo, não foi encontrado nenhum registro de divulgação – fotográfico ou audiovisual – onde esse baterista, quase “anônimo”, apareça ao lado de *Warlord* (Luiz Carlos). Assim como um guitarrista/baixista detentor do pseudônimo de *F. Daemon* que participou nos primeiros anos da banda *Evil* e também foi integrante da banda *Dethroned Christ*. Segundo encontrado Metal Archives, *F. Daemon* esteve presente na banda *Evil* nos seguintes lançamentos:

- 1996 - *A Southern War from the Winter's March* (Demo) - Guitarra na faixa 3
- 1997 - *Blood and Honour* (Split) - Guitarra
- 1997 - *Warlike Songs* (Compilação) - Guitarra
- 2005 - *Aryan Blood / Evil* (Split) - Guitarra
- 2008 - *German-Southern Brotherhood* (Split) - Guitarra
- 2012 - *We Know How to Hate* (Split) - Baixo e guitarra

No ano de 2008, Luiz Carlos insere um novo companheiro na banda *Evil*. Trata-se do baterista Caio Bildner, este utilizando o codinome de *Wargun*. Curiosamente, segundo foi apurado no Metal Archives, tudo indica que Luiz Carlos e Caio tocaram na banda de black metal *Dethroned Christ* em Santo André – SP, porém em momentos diferentes. Dessa maneira, Caio Bildner (*Wargun*) assume a função de baterista e membro oficial da banda *Evil* creditado a partir do álbum compartilhado com os paulistanos do *Thallium, ...of Winter Woods*, de 2008. As fotos de divulgação retratam o grupo como um duo, *Warlord* e *Wargun*, ou seja, Luiz e Caio. Por exemplo, como na página dedicada à divulgação da banda no Metal Archives onde esses personagens estão em um palco. Aparentemente, eles estão se apresentando ao vivo em

algum evento dedicado a grupos com ideologias aproximadas, pois observa-se uma faixa ao fundo do palco com os dizeres: “*black metal against antifa*”, ou seja, “black metal contra os antifascistas”. A bateria de caio está coberta por uma bandeira preta estampada com uma águia, o logotipo da banda e um sol negro, símbolo de uma vertente esotérica do neonazismo. Esses adereços de identificação relacionam não somente o grupo ao evento em si, mas sobretudo sinaliza para quem busca informações sobre bandas ideologicamente alinhadas ao neonazifascismo que este grupo está de acordo com essas premissas. Essa foto, assim como outras, é utilizada para divulgação da banda em sites de pesquisa como o próprio Metal Archives, Discogs, Letras.mus e Last.fm, para citar alguns.

Figura 26 – Luiz Carlos Oliveira na guitarra e Caio Bildner na bateria (*Warlord* e *Wargun*) – Banda *Evil*.



Fonte: <<https://www.metal-archives.com/bands/Evil/9623>>. Acesso em: 25/09/2024

Figura 27 – Luiz Carlos Oliveira e Caio Bildner (*Warlord* e *Wargun*) – Banda *Evil*.



Fonte: <<https://www.last.fm/pt/music/Evil/+images/cc423302a759903fc2a20cfa6dfb92d2>> Acesso em: 25/09/2024

Figura 28 – À esquerda, Caio Bildner e à direita, Luiz Carlos Oliveira (*Wargun e Warlord*) – Banda *Evil*.



Fonte: <<https://www.lettras.mus.br/evil/fotos.html#374929>> Acesso em: 25/09/2024

Figura 29 – À esquerda, Caio Bildner e à direita, Luiz Carlos Oliveira (*Wargun e Warlord*) – Banda *Evil*.



Fonte: <<https://www.last.fm/pt/music/Evil/+images/cc409d8176484f89b46310abbb89cae8>> Acesso em: 25/09/2024

Em 2008 a banda lança, três álbuns compartilhados e uma compilação. Desses discos compartilhados, um álbum é com a banda alemã *Bilskirnir* e outro com a banda finlandesa *Satanic Warmaster*, *German-Southern Brotherhood* e *Southern/Carelian Black Metal Holocaust*, respectivamente. Ambos os grupos estão ativos e são grupos influentes na cena

black metal NS. Essas parcerias recorrentes mostram como Luiz Carlos fortaleceu os laços entre o *Evil* e grupos reconhecidos mundialmente como bandas NSBM. Dessa forma, em 2009 a banda lança uma nova demo e mais um disco completo, este chamado *Hammerstorm* onde a formação entre Luiz e Caio (*Warloard* e *Wargun*) se consolida. Segundo informações colhidas no Metal Archives, o disco acompanha um livreto de 8 páginas com letras em inglês. As informações de gravação apontam que o disco foi gravado no *Synco Studio* em 2008 e remasterizado por Lauri Penttilä, mais conhecido como *Werwolf*, líder da banda de black metal NS finlandesa *Satanic Warmaster*, no estúdio *Carelian Battlefields* em fevereiro de 2009. As faixas desse álbum são:

1. *Raw Coldness* 06:04
2. *Into the Cosmic Cataclysm* 06:35
3. *Eternal Death* 06:35
4. *Holocaust Black Metal* 02:15
5. *Memories from the Wind* 02:52 (instrumental)
6. *Uralter Hass* 03:16
7. *Behind the Shadow of My Witch* 06:59
8. *Woodland* 09:23 (instrumental)

Observando a sequência de títulos, nota-se que a faixa de número seis, “Uralter Hass”, está em alemão destacando-se das demais músicas compostas em inglês. No tocante a esse álbum, todas as letras estão disponíveis no Metal Archives<sup>136</sup>. Assim, essa música em alemão chamada “Uralter Hass” – “Ódio antigo” traz os seguintes pensamentos:

*Entflammte Dörfer, von Asche bedeckt  
Ich kann das verbrannte Fleisch  
meiner Feinde riechen  
Stärke und Ehre härten meinen Geist  
Träger des wölfischen Erbes*

*Trommeln des Krieges... Wille zur macht!  
Fliegend wie Dämonen... Raben am Himmel*

---

<sup>136</sup> Fonte: <<https://www.metal-archives.com/albums/Evil/Hammerstorm/233195>>.

*Des Todes Trommel ruft... Wölfe warten hungrig  
Schwerter kommen empor aus  
Flüssen voller Blut*

*Schattentänze im tiefen, dunklen Wald  
Sturmwinde des Hasses und der Rache  
Schlachtfelder des endlosen Krieges*

\*\*\*

Aldeias em chamas, cobertas de cinzas  
Eu posso ver a carne queimada  
cheiro dos meus inimigos  
Força e honra endurecem meu espírito  
Portadores da herança lupina

Tambores de guerra... vontade de poder!  
Voando como demônios... Corvos no céu

O tambor da morte chama... Lobos esperam famintos  
Espadas surgem de  
Rios cheios de sangue

Danças de sombras na floresta profunda e escura  
Ventos tempestuosos de ódio e vingança  
Campos de batalha de guerra sem fim<sup>137</sup>

Primeiramente, porque uma música em língua germânica? Utilizar a língua alemã pode indicar algo além da simples aplicação da linguagem em meio às músicas cantadas em língua inglesa. Nesse sentido, é bem comum bandas e grupos de vários subgêneros do rock, que almejam uma carreira internacional, investirem em canções com letras em inglês. Essa carreira de fato aconteceu com a banda *Evil*, mesmo que numa lógica *underground* e longe do

---

<sup>137</sup> Tradução livre.

*mainstream*. Mas, esse não é o ponto, pois a pergunta abrange para com quem a banda *Evil* queria ou quer falar? Para quais grupos eles queriam ou querem estabelecer uma comunicação? Talvez uma determinada faixa do mercado europeu? Seria para os falantes da língua germânica que consomem esse tipo de conteúdo musical? Porém, ao utilizar essa tática, a banda *Evil* comunica não somente para os falantes dessa língua, comunica também para os simpatizantes de ideologias neonazistas espalhados pelo mundo. Podemos lembrar por exemplo que os cariocas do *Nachtkult*, outra banda que teve a sua notoriedade no microcosmo NSBM mundial, carregava não somente o nome da banda em alemão, como também os codinomes dos seus integrantes como: *Der Wachturm* (sic.) na bateria, *Guss* na guitarra, *Herrscher* nos vocais, *M. Gottverlassen* na guitarra, *Satanischer Morder* na guitarra. Curiosamente, apenas um segundo vocalista escolheu um codinome de origem sueco, a saber *Vallhagar*, *pastagens* em tradução livre. A primeira demo e EP desse grupo, 2001 e 2004 respectivamente, intitulada: *Krieg für immer* (guerra para sempre), traz além da música homônima, duas faixas com títulos em inglês – “White Supremacy” e “Blood and Honour” – utilizando nesse caso o inglês e o alemão para comunicar a suas ideologias. Em 2005 lançam o álbum completo *Der Sieg des stolzen Blutes* trazendo faixas em inglês e uma em alemão com título sugestivo “Wir sind die weisse Überlegenheit” ou “Nós somos a supremacia branca” em tradução livre. Completando o ciclo, em 2013, lançam um álbum Split chamado *Das letzte Aufgebot* (*O último recurso*, em tradução livre) com a banda NSBM alemã *Amalek*. Pode-se citar também o caso da banda NSBM francesa *Kristallnacht* que aplica o mesmo princípio de referência ao nazismo alemão para identificar as ideologias utilizando letras em inglês com temas bem mais diretos, além do nome da banda em alemão traduzido como *Noite dos cristais*. No caso da banda *Evil*, poderia sugerir também uma aproximação ideológica através da língua? Nessa direção, traduzindo a letra da música “Uralter Hass” da banda *Evil* para o português, observa-se uma mensagem bélica e mitológica, mais uma vez.

Se pudéssemos fazer um breve exercício de imaginar a cena ou pintar esse quadro descrito, poderíamos notar que esses versos revelam frases com conteúdo simbólico e atemporais, com referências vagas à guerra e ao heroísmo, permeadas por uma estética messiânica e nórdica. O uso do idioma alemão por bandas brasileiras, aliado a menções insistentes ao frio, ao gelo e à glória de um passado mítico, não se justificaria por um vínculo histórico ou cultural, mas sim por uma fabulação idealizada de uma raça branca superior, austera e guerreira que atua como pano de fundo simbólico dessas composições. Esse tipo de construção imagética e textual compõe o que Eco (2021) denominou como “ur-fascismo” ou

“fascismo eterno” que é um conjunto de sentimentos difusos e ambíguos que mobilizam afetos como medo, ressentimento, culto à tradição e rejeição ao diferente. Ao invocar um tom vago de guerra e pureza racial, essas letras abrem espaços para que posições contraditórias, como anticomunismo ou anticapitalismo de forma simultânea, coexistam em uma estética da negação e da intolerância. Ainda que essas composições não sejam abertamente doutrinárias, elas operam por meio de uma poética ambígua e de gestos simbólicos que constroem uma atmosfera propensa à adesão emocional e ideológica a discursos extremistas, como o neonazismo, o racismo e a xenofobia (Dias, 2007). Ao se afastarem de um posicionamento político direto, mas por reproduzirem marcadores simbólicos associados à extrema-direita, tais obras criam um campo de identificação cultural e afetiva que pode ser funcional à reprodução do ódio e da intolerância e do racismo.

Nesse sentido, como exemplo dessas associações observa-se que em dois momentos da música, a letra menciona: “*Träger des wölfischen Erbes*” – “Portadores da herança lupina” e “*Des Todes Trommel ruft... Wölfe warten hungrig*” – “O tambor da morte chama... Lobos esperam famintos”. A menção aos lobos como figuras mitológicas ou totêmica relacionadas ao poder, espírito de lutas e liderança pode ser comum em um universo imaginado de jogos de RPG, ou em jogos virtuais modernos. Contudo, no contexto aqui inserido, bandas de black metal simpatizantes do Nacional-socialismo, nem tudo está tão explícito.

Segundo Moynihan e Søderlind (2021), quando o fundador da banda norueguesa *Burzum*, Varg Vikernes, trocou o seu nome de batismo “Kristian”, pode não ter sido por acaso. Varg em norueguês significa “lobo”. Conforme os autores, pesquisadores semânticos indicam que a palavra *Vargr* em norueguês, proveniente do germânico antigo *Wargus*, possui uma raiz em vários dialetos do norte da Europa em vários deles a conotação seria negativa traduzido como “criminoso”, “fora da lei”, “excluído”, “ladrão”, “malfeitor”, “ser maléfico”, “o amaldiçoado”, até “o Diabo” (2021, p. 362). O estudioso Sabine Baring-Gould, em seu *Book of Werewolves* de 1973, aponta que:

A palavra *vargr*, um lobo, tem um duplo sentido, que foi o que possibilitou o surgimento de diversos relatos de lobisomens. *Vargr* é a mesma coisa que *u-argr*, inquieto; *argr* sendo o mesmo que o *earg* anglo-saxônico. *Vargr* tinha seu duplo sentido em nórdico. Significava lobo, e também um homem sem deus. (...) Os anglo-saxões o consideravam um homem mau: *wearg*, um bandido; *vargs*, para os góticos, um espírito maligno. (...) as antigas leis normandinas diziam dos criminosos condenados por certas infrações, *Wargus esto*: esteja fora da lei! [*seja um varg!*] (...) dentre os anglo-saxões dizia-se de um *utlagh*, ou fora da lei, ter uma cabeça de lobo. Se aí o termo *vargr* fosse aplicado hora a um lobo, hora a um fora da lei que vivia a vida de uma besta selvagem, distante dos assombros dos homens – “ele será afastado como um lobo, e perseguido tão longe quanto os homens perseguem lobos o mais

longe”, era a forma legal da sentença – certamente não é de se surpreender que histórias de foras da lei tenham se cercado de relatos míticos de suas transformações em lobisomens (*apud* Moynihan; Søderlind, 2021, p. 365-366).

Como pode-se notar o termo “lobisomem” provém da conotação de “lobo” e muitas vezes está ligado a figura do Diabo. O olhar negativo sobre os lobos parece ter surgido na Europa no início do período Cristão em oposição a uma percepção completamente diferente da era pagã pré-cristã (Moynihan; Søderlind, 2021).

Várias bandas de black metal demonstram um certo fascínio pela figura do lobo. A banda norueguesa *Ulver* (que significa literalmente “lobos” em norueguês) gravou vários discos baseado em temas que contam as lendas sobre os lobos. Erik Lancelot, o guitarrista da banda diz:

O lobo mítico e personagem satânico. Ele é frequentemente retratado como um antagonista solitário, um representante do animalismo que surge diante dos humanos para promover os valores do egoísmo e da força bruta, como na história da “Chapeuzinho Vermelho” e em certos contos de *La Fontaine*. O lobo vive na floresta, símbolo do mundo demoníaco que está fora do controle da civilização humana, e serve então como uma ligação entre o demoníaco e o cultural, caos e ordem, luz e escuridão, subconsciente e consciente. Contudo, eu não quero dizer com isso que o lobo representa o ponto de equilíbrio entre o bem e o mal – ao contrário, ele é o promotor do “mal” em uma cultura que focou demais no lado iluminado e renegou o animalístico. Ele simboliza as forças que a civilização humana não gosta de reconhecer, e portanto é visto com suspeita e assombro (*apud* Moynihan; Søderlind, 2021, p. 367).

Moynihan e Søderlind (2021) ainda apontam que nos tempos dos vikings, “os lobos eram animais totêmicos para certos cultos guerreiros, os *berserkers*” (p. 367). Curiosamente, nas sagas que retratam esses grupos, um em específico, se vestiam com peles de lobo, os *Ulfhethnar* ou *Wolf-coats* (peles de lobo). Ao usar essas vestes em combate, segundo Baring-Gould (1973):

Eles adquiriam força sobre-humana (...) Nenhuma espada podia feri-los, nenhum fogo queimá-los, apenas um porrete poderia destruí-los, ao quebrar seus ossos, ou fraturar seus crânios. Seus olhos brilhavam como se uma chama queimasse em suas órbitas, eles rangiam os dentes, e babavam pela boca; eles mordiam as bordas dos seus escudos, e diz-se que algumas vezes arrancavam pedaços a mordidas, e ao avançar para o conflito eles latiam como cães ou uivavam como lobos (*apud* Moynihan; Søderlind, 2021, p. 368).

Segundo os autores (2021), esses guerreiros vikings eram descritos nas crônicas antigas como “homens de Odin”. Conforme Moynihan e Søderlind (2021), os “lobos são sagrados para Odin, o “Pai de Todos”, que é frequentemente acompanhado por seu próprio par de lobos-

elementais, Geri e Freki.” (p. 368) Ademais, “muitos nomes próprios germânicos podem ser rastreados até outra raiz da palavra alemã para lobo, *ulv* ou *ulf*, portanto estas claramente não tinham uma conotação ignóbil ou pejorativa, exceto na forma de *varg*”. (Moynihan; Søderlind, 2021, p. 368).

Varg Vikernes hoje é um representante da extrema direita mundial, responsável direto por incentivar atos extremistas em várias cenas de metal extremo pela Europa. Vários autores apontam que o surgimento da cena NSBM também é resultado disso. (Patterson, 2022; Moynihan e Søderlind, 2021; Maspero e Ribaric, 2015). Nesse sentido, pode-se imaginar que o lastro pelo universo licantropo que permeia o black metal é bem profundo. Assim, a sua utilização no NSBM, pode se dar ora pela mitologia pagã, apropriada pelo neofascismo e neopaganismo, ora pelo período histórico de domínio da Alemanha nazista.

Conforme Ian Kershaw (2010), autor da biografia de Hitler, o *Führer* tinha uma simpatia por lobos (*Wolf*) por isso, diversos de seus quartéis foram nomeados com variações desse codinome, por exemplo a “Toca do Lobo” (*Wolfschanze*). O autor aponta que esse era “o pseudônimo favorito de Hitler da década de 1920, quando gostava de chamar a si mesmo de ‘*Wolf*’ (o suposto significado de ‘Adolf’, que implicava força)” (p. 658). O quartel-general de Hitler, chamado de Toca dos Lobos, ainda segundo Kershaw (2010, *ibid.*), “estava escondida nas sombrias florestas da Masúria, a cerca de oito quilômetros da cidadezinha de Rastenburg”.

Observemos outra faixa, a segunda do disco, “Into the Cosmic Cataclysm” – “Rumo ao Cataclismo Cósmico”, para ser exato:

*To the triumph of everlasting power!*

*Tragedy... fate*

*Endless glacial landscapes*

*Eternal journey...*

*...through the four wings of the sun*

*Cry Wolf!*

*Cry howl... WAR!*

*Cry deep as autumnal winds*

*Beyond cold...*  
*Beyond the gates of fire and ice*  
*Ash... Cosmic mass murder holocaust*  
*Storm... The wrath of wolf's blood*

*A fierce cold wind blows*  
*Source of mighty and strength*  
*The beginning of endless war*  
*Will to conquer and destroy*  
*The burning eyes of white beast*  
*Hammer crushing sounds of revenge*

*Immortal! Power!*

\*\*\*

Ao triunfo do poder eterno!

Tragédia... destino  
 Paisagens glaciais sem fim

Jornada eterna...  
 ...através das quatro asas do sol

Grito de Lobo!

Grito de uivo... GUERRA!  
 Grito profundo como ventos outonais  
 Além do frio...  
 Além dos portões de fogo e gelo  
 Cinzas... Holocausto cósmico de assassinato em massa  
 Tempestade... A ira do sangue do lobo

Um vento frio e feroz sopra

Fonte de poder e força  
 O início de uma guerra sem fim  
 Vontade de conquistar e destruir  
 Os olhos ardentes da besta branca  
 Som de vingança esmagadora de martelos

Imortal! Poder!<sup>138</sup>

Nota-se que a figura do “Lobo” mais uma vez é explorada sugerindo o poder mitológico dos guerreiros das terras frias do Norte, “A ira do sangue do lobo”. O verso “Os olhos ardentes da besta branca” é um aceno ao público ariano antisemita, assim como os versos “Além do frio... / Além dos portões de fogo e gelo / Cinzas... Holocausto cósmico de assassinato em massa” sugere o ambiente em torno de campos de concentração nazista, mesmo que de forma aparentemente desconexa.

Assim como na faixa que abre o disco, “Raw Coldness” – “Frieza Crua” pode-se notar que a ideia descrita condensa todo o discurso que o ouvinte escutará ao longo de todo o disco:

*Where the cold spirit born  
 Gathering violence and despair  
 A fierce black wind of hopeless  
 Birds of prey... wolves of war!*

*Where the cursed werewolf born  
 Forgotten woods of eternal winter  
 I came from the abyss of death  
 Where the sun will never rise*

*By fire... the world will falls!  
 Let's the flame burns eternal!  
 Ghastly howling winds of death  
 Distant in the forest's deep*

---

<sup>138</sup> Tradução livre.

*Hammerstorm in the heart of grey  
In a raw and cold winter of death*

\*\*\*

Onde o espírito frio nasceu  
Acumulando violência e desespero  
Um vento negro e feroz de desespero  
Aves de rapina... lobos de guerra!

Onde o lobisomem amaldiçoado nasceu  
Florestas esquecidas do inverno eterno  
Eu vim do abismo da morte  
Onde o sol nunca nascerá

Pelo fogo... o mundo cairá!  
Deixe a chama queimar eternamente!  
Ventos uivantes e medonhos da morte  
Distantes nas profundezas da floresta

Tempestade de martelos no coração do cinza  
Em um inverno cru e frio da morte!<sup>139</sup>

Dessa maneira, quem poderia ter servido como referência para esse “licantropo amaldiçoado” no verso mencionado? Independente de uma resposta conclusiva, nota-se que os discursos líricos desse disco da banda *Evil* são, em termos, “monotemáticos”. Nessa trilha, as mensagens narram cenários imaginários e mitológicos de lutas e guerras em que um passado “heroico” contrasta com um presente mirado em grupos neonazistas. A arte da capa do disco traz um tom monocromático, do ponto de vista da utilização do preto e branco, destacando uma densa floresta e uma longa trincheira aberta ao centro com a logomarca da banda na parte alta e central da imagem. Assim, a capa e o conteúdo lírico trazem entre si uma consonância na produção. As letras são monotemáticas e a arte de capa é monocromática. Quanto à música, pode-se dizer que é monótona, na medida em que, em linhas gerais, sua sonoridade, sobretudo

---

<sup>139</sup> Tradução livre.

no que tange ao timbre, não apresenta variações significativas. Esse conjunto de elementos causaria um efeito em bloco o suficiente para atingir o objetivo do grupo que seria chamar a atenção de um público bastante seletivo, o público NSBM? A versão em CD foi lançada em 2009 pela gravadora finlandesa *Werewolf Records*, a Versão em Cassete no mesmo ano pela gravadora paulistana *Hammer of Damnation* e a versão em Vinil lançada em 2017 pela gravadora alemã *Darker Than Black Records*. As capas do Vinil e CD são as mesmas, porém o cassete tem uma “leve” mudança na paisagem da capa, ainda assim, no mesmo molde/floresta em P&B.

Analisando as associações intercontinentais construídas pela banda *Evil*, a partir de visitas ao site oficial de ambas as gravadoras, notamos que o selo alemão *Darker Than Black Records*, é uma gravadora especializada na produção e distribuição de bandas de metal extremo e NSBM. Segundo consta no site Metal Archives, esse selo foi criado em 1994 por Hendrik Möbus, fundador também, juntamente com seu irmão Ronald Möbus, da banda *Absurd*. Em seu histórico a *DTB* (abreviação de *Darker Than Black*) foi fechada pela justiça alemã por propagar discurso de ódio e conteúdo neonazista. Entretanto, foi reaberta em 2007 e atualmente encontra-se em atividade. De acordo com uma entrevista concedida aos autores do livro *Wolves among Sheep* (2015), quando perguntado como estaria a sua atual relação com as autoridades acerca das atividades da *DTB*, Hendrik Möbus responde que<sup>140</sup>:

*Tenho certeza de que elas continuam me monitorando, e monitorando o que estou fazendo. Bem, esse é um admirável mundo novo em que vivemos, não é mesmo? Um CD de música pode ser mais perigoso do que, digamos, um quilo de TNT. Palavras como armas. Música de destruição em massa. Enquanto ninguém perturbar meus círculos, eu não dou a mínima para o que os outros, incluindo as "autoridades", pensam, dizem ou escrevem sobre a DTB Records<sup>141</sup> (Maspero; Ribaric, 2015, p. 133, grifos dos autores).*

Assim, nota-se que a ideologia da extrema-direita em que a “liberdade de expressão” é substituída pela “liberdade de agressão”<sup>142</sup> é colocada com naturalidade de forma jocosa na afirmação do entrevistado. Tanto a figura de Hendrik Möbus, quanto a sua banda *Absurd* e a

<sup>140</sup> “*I am sure they keep monitoring me, and what I am doing. Well, that’s one brave new world we are living in, is it not? A music compact disc can be more dangerous than, say, one kilogram of TNT. Words as weapons. Music of mass destruction. For as long as nobody does disturb my circles, I could not care less for what others, the “authorities” included, do think, say or write about D.T.B. Records, though.*” (Maspero; Ribaric, 2015, p. 133, grifos dos autores).

<sup>141</sup> Tradução livre.

<sup>142</sup> Aqui, recordamos e fazemos menção à frase proferida pelo Ministro do Supremo Tribunal Federal, Alexandre de Moraes, que afirma veementemente que: “Liberdade de expressão não é liberdade de agressão”. Disponível em: <[https://cultura.uol.com.br/noticias/65499\\_liberdade-de-expressao-nao-e-liberdade-de-agressao-afirma-alexandre-moraes.html](https://cultura.uol.com.br/noticias/65499_liberdade-de-expressao-nao-e-liberdade-de-agressao-afirma-alexandre-moraes.html)>. Acesso: 15/05/2025.

sua gravadora, *DTB*, são importantes referências na criação da cena NSBM na Europa (Maspero; Ribaric, 2015).

Ainda tratando sobre as relações internacionais da banda *Evil*, a gravadora finlandesa *Werwolf Records*, gerenciada por Lauri Penttilä (*Werwolf*), vocalista da banda *Satanic Warmaster*, foi a responsável pelo lançamento da versão em CD do *Hammerstorm* do *Evil* em 2009. Ao acessar o site oficial da gravadora, encontramos a seguinte mensagem:

*WEREWOLF RECORDS (EST. 1998)<sup>143</sup>*

*In this age when Black Metal's worth is questionable, idealism and rigor are the exception when they should be the highest law. We uphold the law of the Wolf - the destruction of the weak and the false so that the original vitality of the dark magic art can continue to grow and create the foundations for an empire. Black metal is Will and Power. We deal with material that inspires us on our journey towards our own kingdom - a kingdom that is not yours, but bears a resemblance to the one there could be for you. WEREWOLF RECORDS releases Black Metal and other dark arts motivated exclusively by theistic Satanist views of the founder Werwolf<sup>144</sup> (Werewolf Records, on-line, 2025).*

Em tradução livre:

Nesta era em que o valor do Black Metal é questionável, idealismo e rigor são a exceção quando deveriam ser a lei suprema. Defendemos a lei do Lobo – a destruição do fraco e do falso para que a vitalidade original da arte da magia negra possa continuar a crescer e criar as bases para um império. Black metal é Vontade e Poder. Lidamos com material que nos inspira em nossa jornada rumo ao nosso próprio reino – um reino que não é o seu, mas que se assemelha àquele que poderia existir para você. A WEREWOLF RECORDS lança Black Metal e outras artes negras motivadas exclusivamente pelas visões teístas e satanistas do fundador, *Werwolf* (*ibid.*).

Dessa forma, nota-se que ambas as gravadoras, com relativo “destaque” internacional, trabalham com lançamentos e a distribuição de bandas de metal extremo envolvidas com ideologias, majoritariamente, extremistas/racistas/neonazistas. Assim, essas associações também podem dizer sobre a projeção em que a banda *Evil* escalou perante um cenário global de bandas que transmitem mensagens de ódio. Defender a lei do “Lobo” nos termos da gravadora é uma condição explícita ao ódio neofascista.

<sup>143</sup> *Werewolf Records* (gravadora finlandesa fundada em 1998; “Lobisomem Discos” em tradução livre).

<sup>144</sup> Fonte: <<https://www.werewolf.fi/>>. Acesso em: 15/05/2025

Figura 30 – Capa do CD *Hammerstorm*, 2009 – Banda *Evil*.



Fonte: <<https://www.metal-archives.com/albums/Evil/Hammerstorm/233195>> Acesso em: 25/11/2024

Nessa contabilidade de materiais fonográficos, o próximo e último álbum completo – até a conclusão dessa pesquisa – se chama *Ashes of old* lançado em 2015. Entre esses seis anos que separam um álbum completo do outro, a saber, *Hammerstorm* e *Ashes of old*, a banda *Evil* produziu e lançou nove álbuns compartilhados, dois EP's, duas Compilações e um *Single*. Este último é uma fita cassete contendo três faixas gravadas entre 2011 e 2013 e, conforme informações de um colaborador, “esta fita não estava à venda, mas sim como brinde para as pré-encomendas do lançamento de *Twilight and Mourning/Where the Sun Was Never Born*<sup>145</sup>”, uma compilação de 2013. Segundo consta, essas fitas seriam numeradas à mão e nomeadas individualmente.

A compilação de 2011 chamada de *Pure Black Evil*, lançada pela gravadora *Hammer of Damnation*, foi uma edição em CD limitada em mil cópias. Segundo informações contidas no encarte: “Esta é uma compilação de músicas retiradas de todos os lançamentos em vinil, coletâneas e algumas músicas inéditas, gravadas durante os anos de 1996 e 2008<sup>146</sup>.” Curiosamente, o texto ainda adverte: “*Pure Black Evil* é o que o verdadeiro Black Metal deve

<sup>145</sup> Em tradução livre: “Crepúsculo e Luto/Onde o Sol Nunca Nasceu”.

<sup>146</sup> Em tradução livre de: “*This is a compilation of songs taken from the whole vinyl releases, compilations and some never before released songs recorded during the years of 1996 and 2008.*”

ser, em sua essência arcaica e ortodoxa, e representa o retorno do nosso antigo culto!<sup>147</sup>”. Nesse aspecto notamos que a compilação traz a figura de um “Sol Negro” estampado em meio a arte de capa, porém de forma que o símbolo não se encontra por inteiro. Lembrando, que a figura do “Sol Negro” representa uma ligação com um tipo de “nazismo esotérico” (Dias, 2007). Contudo, a banda ainda opera nas “entrelinhas” com o neonazismo, pois os elementos que surgem poderiam ser encobertos com narrativas reversas ou apropriações de significados neopagãos.

Em se tratando dos EP’s desse período, em 2010 foi lançado *I Came from the Abyss* e em 2013, *...to the Fallen and Free*. Destacaremos o segundo EP dessa fase, pois é uma homenagem póstuma ao ex-membro da banda *Evil*, Henrique Velasco (*Black Goat of Darkness*). Constata-se isso logo ao observar a arte de capa, em virtude de se tratar de uma foto em que Luiz Carlos Oliveira (*Warlord*) e Caio Bildner (*Wargun*) estão posando ao lado do túmulo de Henrique. Ao que indica a ficha técnica, tanto nas versões em CD quanto em Cassete, das seis faixas que compõem o EP, duas faixas são inéditas e quatro são regravações. Dessas quatro regravações, duas foram escritas por Luiz e Henrique em 1994 sendo regravadas em 2013 por Luiz e Caio. O encarte complementa a homenagem com os seguintes dizeres: “‘...to the Fallen and Free’ raises the banners of death in honor of those who have fallen and is dedicated to ex-member Henrique Velasco aka Black Goat of Darkness and our comrade Jeferson Alves who was cowardly shot in the back and murdered by subhuman scum” (*Evil*, 2013, grifos nossos). Em tradução livre: “‘...aos Caídos e Livres’ levanta as bandeiras da morte em homenagem aos que caíram e é dedicado ao ex-membro Henrique Velasco, também conhecido como Bode Negro da Escuridão, e ao nosso camarada Jeferson Alves, que foi covardemente baleado nas costas e assassinado por escória subumana” (*Evil*, 2013).

Esses dizeres revelam que outro “camarada” também é homenageado sendo relatado como vítima de um assassinato. Curiosamente, o breve texto não menciona que Henrique morreu na prisão e ele estava preso justamente porque cometeu um crime bárbaro e covarde. Contudo, não fica claro quem foi o “camarada” citado e detalhes que possam apontar qual era a participação desse personagem na cena metal local, ou ainda se tinha apenas alguma relação pessoal com os membros da banda *Evil* na época.

---

<sup>147</sup> Em tradução livre de: “*Pure Black Evil is what true Black Metal shall be, in its archaic and orthodox essence and stands for the return of our ancient cult!*”.

Figura 31 – Capa do EP *...to the Fallen and Free*, 2013 – Banda *Evil*. Da esquerda para a direita: Caio Bildner e Luiz Carlos Oliveira posando ao lado do túmulo de Henrique Velasco.



**Fonte:** <[https://www.metal-archives.com/albums/Evil/...to\\_the\\_Fallen\\_and\\_Free/392384](https://www.metal-archives.com/albums/Evil/...to_the_Fallen_and_Free/392384)> **Acesso em:** 25/11/2024

Figura 32 – Foto usada como divulgação de Henrique Velasco – “*Black Goat of Darkness*” – da banda *Evil* no site Metal Archives.



**Fonte:** <[https://www.metal-archives.com/artists/Black\\_Goat\\_of\\_Darkness/45769](https://www.metal-archives.com/artists/Black_Goat_of_Darkness/45769)> **Acesso em:** 25/11/2024

Nota-se que a banda utiliza a imagem póstuma de Henrique para divulgar um disco em sua “homenagem” e a foto que é usada como divulgação de membro da banda *Evil* é a imagem do túmulo. Essa referência acaba ficando livre nas redes, pois o site Metal Archives não restringe esse tipo de uso. Essa utilização não é novidade no meio “artístico” do metal extremo, pois é comum se deparar com cenas de violência reais e, por ventura, sendo divulgadas em

forma de “arte visual”, sobretudo, transgredindo regras sociais com objetivo de ganhos de capital simbólico.

Exemplo disso, nas crônicas da segunda onda do black metal norueguês, quando o guitarrista (*Euronymous*<sup>148</sup>) da banda *Mayhem*, chegando em sua casa encontra o corpo do vocalista (*Dead*<sup>149</sup>), vítima de autoextermínio. Os relatos dão conta que, a sua primeira atitude foi a de sair para comprar uma máquina fotográfica para registrar a cena. Essa foto, mais tarde, se tornou capa de um disco não oficial da banda, sendo amplamente divulgada até os dias atuais (Moynihan e Søderlind, 2021).

Outro caso, com esse tipo de “homenagem” póstuma em arte de capa, ocorreu na então incipiente cena black metal alemã. Segundo relatos, em abril de 1993 três jovens de 17 anos Hendrik Möbus, Sebastian Schauscheill e Andreas Kirchner, membros da banda neonazista de black metal alemã *Absurd*, assassinaram brutalmente um garoto, com então 15 anos, chamado Sandro Beyer. O crime ocorreu em uma cabana construída pelo pai de Hendrik, onde a banda ensaiava, num bosque nas redondezas da cidade. A vítima tinha se tornado um desafeto do grupo e segundo os criminosos ele estaria ameaçando revelar uma traição conjugal de Sebastian. Moynihan e Søderlind (2021) ainda apontam que:

Liricamente, eles sempre cantaram louvores à vingança contra os inimigos, e várias de suas primeiras canções parecem se referir a – ou antecipar, dependendo de quando elas foram escritas – o seu assassinato, através de um *leitmotif* recorrente de homicídio na floresta. Levando para longe os limites do mau gosto, uma das cassetes do *Absurd* lançadas depois de sua prisão usa a foto do túmulo de Sandro Beyer como arte de capa (2021, p. 498).

No período de 2009, a banda *Evil* lançou três álbuns compartilhados, abrangendo uma relação com grupos dos Estados Unidos da América, Alemanha, Austrália e Japão. Nessa geografia observa-se além da própria banda *Evil* da América do Sul, grupos da América do Norte, da Europa, da Oceania e da Ásia. São bandas autodeclaradas NSBM ou pagãs como *Pantheon*, *Bilskirnir* e *Drowning the Light* ou patriotas como *Abigail*. Nesse sentido, duas coisas ficam claras, a influência da banda *Evil* em uma rede global de contatos e como o NSBM se espalhou por lugares completamente díspares.

No ano seguinte o único lançamento da banda foi mais um álbum compartilhado, dessa vez com grupos de São Paulo. O disco chamado de *Unholy Trinity*<sup>150</sup> celebra a parceria da

<sup>148</sup> Pseudônimo de Øystein Aarseth. Acabou sendo assassinado em agosto de 1993 por Varg Vikernes, outro músico do gênero, fundador da banda *Burzum* e ex-colega de *Mayhem* a época.

<sup>149</sup> Pseudônimo de Per Yngve Ohlin.

<sup>150</sup> “Trindade profana” em tradução livre.

banda *Evil* com as bandas *Dethroned Christ* e *Hammergoat*. Todas essas bandas têm algo mais em comum além do estilo, o black metal extremo. Observando por alto, as três bandas contam com as presenças de Luiz Carlos Oliveira e Caio Bildner, além de ex-membros da banda *Evil* como o caso do guitarrista F. Daemon membro da banda *Dethroned Christ*. Observando de perto a banda *Hammergoat*, esta guarda outra curiosidade, além do fato de estar ativa hoje, segundo consta no site Metal Archives. A banda é formada por L.C. no contrabaixo e vocais, C.B. na bateria e vocais, O.W.S.P. na guitarra e F.D. também na guitarra. Traduzindo, Luiz Carlos no contrabaixo e vocais, Caio Bildner na bateria e vocais, (*Oldwolf*) Saulo Peghin na guitarra e F. Daemon também na guitarra. Ou seja, todas as três bandas têm os mesmos membros, pois Saulo fez parte da banda *Evil* entre os de 2016 a 2022.

Em 2011, o *Evil* retorna com mais dois álbuns compartilhados, um com a banda japonesa *Lone Suffer*, e outro com as bandas polonesas, referência em NSBM, *Graveland*, *Ohtar*, *Dark Fury* e a banda *Skinhead* neonazista estadunidense *Deathkey*. Em 2012, em outro álbum compartilhado, a banda *Evil* retoma a parceria com os poloneses do *Dark Fury* e complementa com os canadenses da banda *Pagan Hellfire*. Nessa trilha, em 2013 a banda lança com outra banda polonesa de black metal chamada *Necrostrigis*, um disco compartilhado e com a banda ucraniana *Moloch*, outro disco nesse modelo.

Então, em 2015, a banda *Evil* lança *Ashes of Old*, o seu último álbum considerado completo. Esse álbum mantém a formação em duo – Luiz Carlos e Caio –, porém traz algumas participações de artistas ligados ao universo NSBM. Entre elas, destaca-se *Azgorh*, vocalista da banda australiana *Drowning the Light*, que participa da sétima faixa, intitulada “The Wolf Order”. Já na primeira faixa do disco, o convidado Newton Schner Jr. executa um piano solo registrado como “The Return of Darkest Wolves”. Por fim, na terceira faixa há a colaboração de Hendrik Möbus, da banda alemã *Absurd*, autor da letra de “In the Bottomless Pit”, conforme consta no site Metal Archives.

Esse álbum possui um total de oito faixas e foi lançado em diferentes mídias, a depender da gravadora. A gravadora paulistana *Hammer of Damnation* lançou duas edições limitadas em CD's com um total de mil cópias. O lançamento em fita cassete pela gravadora polonesa *Werewolf Promotion*<sup>151</sup> teve a tiragem de quinhentas cópias, e a gravadora alemã *Purity Through Fire* lançou a sua versão em vinil com trezentas cópias. Ainda conforme o site Metal Archives, a gravadora de Hendrik Möbus, *Darker Than Black Records*, também lançou uma versão em CD no formato *digipack*, porém não consta o registro de número de cópias.

---

<sup>151</sup> Não confundir com a gravadora finlandesa *Werewolf Records*.

Assim, as faixas gravadas nesse álbum são as seguintes:

1. *The Return of Darkest Wolves (Intro)*
2. *When the Pillars of Heaven Will Fall* 11:21
3. *In the Bottomless Pit* 05:36
4. *Medieval Spells in the Ancient Vastlands*
5. *Triumph of Sword* 08:49
6. *Gates to Oblivion* 07:47
7. *The Wolf Order* 04:54
8. *Ashes of Old* 12:06

Notamos que a quarta faixa desse álbum, “Medieval Spells in the Ancient Vastlands”, esteve presente em uma dezena de discos lançados anteriormente pela banda *Evil*. Curiosamente, essa faixa se tornou recorrente na carreira da banda sendo muitas vezes relançada. A cada nova versão, ao que parece, a forma da música é revista, pois a depender do disco, a duração varia significativamente.

Vamos observar aqui duas letras. A primeira letra é relativa à faixa de número três, “In the Bottomless Pit”, escrita por Hendrik Möbus. A letra seguinte compõe a sétima música, “The Wolf Order”, assinada pelos membros da banda *Evil*. Nessa direção, a faixa três diz:

*When Helter Skelter rages above  
And earth is purged from humanity  
We remain lurking in the shadows  
Feasting on the rampant insanity*

*Where man not dares to tread  
And even God does avert His gaze  
We dwell in the bottomless pit  
Forever removed from His grace*

*We are dead but keep dreaming  
Of times of grandeur, aeons ago  
Ere we were cast from Heaven*

*Damned to suffer in eternal woe*

*We tear at the chains that bind us  
So mankind trembles in awe and fear  
Their doomsday is about to come  
We will rise up and escape from here*

*We return as giant beasts of prey  
As carnivores, clad in fire and steel  
Empires fall, so does the house of God  
Crushed to dust under the Iron Heel*

\*\*\*

(No Poço Sem Fundo – em tradução livre)

Quando *Helter Skelter* ruge acima  
E a terra é purgada da humanidade  
Nós permanecemos espreitando nas sombras  
Festejando com a insanidade desenfreada

Onde o homem não ousa pisar  
E até mesmo Deus desvia o olhar  
Nós moramos no poço sem fundo  
Para sempre removidos de sua graça

Estamos mortos, mas continuamos sonhando  
Com tempos de grandeza, eras atrás  
Antes de sermos lançados do Céu  
Condenados a sofrer em eterna desgraça

Nós rasgamos as correntes que nos prendem  
Então a humanidade treme de admiração e medo  
Seu dia do juízo final está prestes a chegar

Nós nos levantaremos e escaparemos daqui

Nós retornamos como gigantescas bestas de rapina

Como carnívoros, vestidos de fogo e aço

Impérios caem, assim como a casa de Deus

Esmagado até o pó sob o Calcanhar de Ferro

A menção ao termo *Helter Skelter* é uma referência direta à música homônima do grupo britânico *Beatles*. O termo seria uma referência a um tipo de escorregador em espiral, geralmente externo a uma torre no estilo farol, comum em parques de diversões do Reino Unido, imagina-se à época do lançamento da música, idos de 1968. Poderia ser uma metáfora para a “falta de controle”. Porém, essa música acabou carregada de polêmicas por ter sido apropriada e reinterpretada de forma equivocada pelo assassino em série estadunidense Charles Manson. Na versão de Manson, a música “Helter Skelter”, assim como todas as outras canções do álbum duplo, a saber o chamado *Álbum Branco*, foi usada, segundo reportagem divulgada no jornal *Financial Times* (2021), para criar “uma filosofia incoerente, violenta e baseada em raça<sup>152</sup>” que acabou inspirando uma onda de assassinatos.

Assim, essa letra é uma *ode* à interpretação equivocada do líder de seita, assassino em série, condenado à prisão perpétua, Charles Manson e nessa visão a questão racial era fundamental para cometer os crimes. O autor da letra “In the Bottomless Pit”, Hendrik Möbus, demonstra a sua simpatia aos crimes racistas e à supremacia branca ao reforçar a mesma ideia deturpada de “Helter Skelter”. Esse caso ilustra bem o fato que indivíduos que se identificam com o NSBM produzem obras construindo uma retórica permeadas por uma fantasia racializada, na maioria das vezes de uma Europa medieval fria, porém sempre marcada por imagens de glória ancestral e guerra atemporal. Essas composições são muitas vezes elaboradas de maneira deliberadamente vaga, com frases e narrativas ambíguas, que evitam posicionamentos políticos explícitos, mas que mobilizam códigos simbólicos reconhecíveis por grupos da extrema-direita. Trata-se de uma prática que, conforme observa Kahn-Harris (2007), permite que certos discursos extremistas circulem de forma estética e difusa, atingindo públicos politicamente afins sem necessariamente incorrer em ilegalidade. Esses discursos, embora mascarados sob o manto da fantasia ou pelo neopaganismo, operam nas margens da legalidade

---

<sup>152</sup> Publicado por Nic Fildes, em 03 de maio de 2021. Disponível em: <<https://ig.ft.com/life-of-a-song/helter-skelter.html>>. Acesso em: 20/05/2025.

e da institucionalidade democrática, criando zonas de identificação ideológica subterrânea. Ou seja, para esses grupos dizer de forma direta seria imediatamente ocorrer em um crime. Contudo, dessa maneira eles se esquivam de seus atos.

A próxima faixa que apontaremos é a música batizada de “The Wolf Order”. Curiosamente, “A ordem do lobo” em tradução livre mantém o título em inglês, porém é cantada em língua nativa, ou seja, o português. Poder-se-ia imaginar uma suposta intenção ou afirmação “nacionalista” nesse sentido? Observaremos o que a letra poderia revelar:

*Desde tempos distantes... antigas hordas marchando  
Silenciosos como a morte... uma nevoa entre os vales.  
Por entre montanhas... gigantes serpentes de fogo.  
Rasgando o céu de vermelho... nem fera, nem humano!  
Com lanças e adagas... ceifando sua esperança  
Com sombras na noite... assassinos na escuridão!*

*Mais forte que antes... a velha ordem dos lobos!  
Mais certo que a morte... o retorno hiperbóreo  
Antigas canções de guerra, ecoadas pelo tempo,  
Gritos de loucura; triunfantes brados de horror.  
Marchando sobre corpos, com estandartes ao vento,  
Com armas em punho... a vitória será nossa!*

*Mais forte que antes...a velha ordem dos lobos!  
Mais certo que a morte...o retorno hiperbóreo*

*Pelo fogo... o poder... honrando a velha guarda!  
Pelo aço e tirania... rasgando as entranhas da vida!  
Pelas asas do destino, a criação para destruição!  
O sol negro nascente... das cinzas do passado*

*Um ciclo é desfeito... a eterna roda é rompida.  
Insanidade ofensiva... o evangelho do caos e angústia  
vermes nascituros... anunciam uma nova era*

*Trazendo pestilência e nada mais que a morte!*

Em uma audição desse faixa, disponível no YouTube<sup>153</sup>, observa-se que os instrumentos aplicados são: guitarras (com distorção), contrabaixo, bateria e vocais. Nota-se que a música é caracterizada por uma cadência rítmica marcada em compasso composto. Essa cadência rítmica percorre toda a melodia onde a letra é acomodada. A mensagem é acentuada nos tempos fortes do ritmo, gerando uma sensação imperativa de ordem, como se todos os versos, e não apenas alguns, viessem acompanhados de um ponto de exclamação. A música em si, poderia possuir um caráter próximo a algo “militaresco” pela forma como é cantada declamando as suas “palavras de ordem”. O fato é que a banda, nessa música, passa a sua mensagem sem muito esforço. Os vocais são relativamente claros com pouco “drive” ou distorção na voz. Analisando o andamento, observamos que se encaixa em 88 bpm (batidas por minuto), uma sutil referência ao HH ou “*Heil Hitler*”, como é conhecido esse “apito de cachorro”. Para além disso, os andamentos entre 75 e 107 bpm são considerados em italiano como “*Andante*” no metrônomo, o que significa “andar” ou “caminhar”. Porém, o andamento da música pode ser considerado um tipo de “marcha moderada”, corroborando com o seu caráter.

A produção audiovisual disponível na internet traz imagens alternando entre os membros da banda em performance ao vivo e em algum tipo de programa turístico diante de uma pirâmide pré-colombiana no México. Nesse sentido, a mensagem transmitida é de uma ideia de grandeza de uma civilização do passado e heroica. Curiosamente, lembramos que, de forma muito diferente, a banda *Echoes* de Minas Gerais também tematizou sobre pirâmides em seu material audiovisual. Ao que parece, ambos confluem na mesma ideia de grandiosidade que hoje decaiu e que precisa ser resgatada, em um tom bélico.

Mais uma vez, a presença da figura “*dos lobos*” aponta para uma temática constante nas produções da banda, o que é de fato recorrente no subgênero black metal, sobretudo o NSBM. A título de curiosidade, entre uma estrofe e outra, em partes pontuais, os vocalistas ecoam “uivos”, imitando lobos na canção. Esse arranjo vocal criado pela banda poderia sugerir em seu caráter imagético da figura mitológica lupina uma demonstração de poder primitivo? Ou seja, uma encenação de um animal que representaria um passado heroico de grupos extremistas beligerantes? Assim, são declamados nos versos: “Mais forte que antes...a velha ordem dos lobos!”, “Mais certo que a morte...o retorno hiperbóreo” antecedendo os grunhidos. Nesse

---

<sup>153</sup> Imagens do vídeo clipe da música “The Wolf Order” mostrando a banda em visita ao México. Disponível em: <<https://www.Youtube.com/watch?v=fB53Zr7DfLU>>. Acesso em: 20/05/2025.

sentido, o termo “hiperbóreo” se destaca. De acordo com o dicionário Michaelis on-line, o termo se refere a: 1 – na mitologia – “Indivíduo dos hiperbóreos, povo que, segundo a tradição grega, habitava a extremidade setentrional da Terra, além do vento norte, numa região constantemente ensolarada, onde se vivia até mil anos, em completa virtude e felicidade”. 2 – “Pessoa que vive em clima frio, no norte da Terra<sup>154</sup>”. No caso da música, o termo é usado nessa mistura entre o contexto mitológico e aquele que reforça uma ideia de povo do norte, obviamente, povo branco. Existe uma vertente apontada por Nicholas Goodrick-Clarke (2005) como Hitlerismo esotérico, a mesma que utiliza as figuras do lobo, do sol negro e que se apropria do termo hiperbóreo. Um dos mentores dessa linhagem é conhecido com Miguel Serrano e conforme o autor:

Na visão de Serrano, a derrota do Terceiro Reich em 1945 é apenas uma perda temporária no mundo exterior. Os nazistas já haviam preparado um refúgio secreto sob a calota polar da Antártida, possivelmente em aliança com os *hiperbóreos*<sup>155</sup> que há muito tempo colonizaram o interior da Terra oca. Sua tecnologia avançada, baseada em implosão e antigravidade, é responsável pelos incontáveis avistamentos de OVNI no pós-guerra e também antecipa uma nova civilização que irá enobrecer ao invés de espoliar a terra. Hitler permaneceu por algum tempo nos quentes oásis da Antártida, mas provavelmente há muito viajou de OVNI através da “janela” de Vênus de volta ao lar arquetípico do Sol Negro e do Raio Verde além da galáxia (2005, p. 189).

Dessa forma, esse retorno sempre exaltado e condicionante: “Mais certo que a morte...o retorno hiperbóreo”, poderia se referir tanto a uma volta de um passado “glorioso”, quanto a volta do próprio Hitler – como um messias – reafirmado em “O sol negro nascente... das cinzas do passado”, alinhando assim o pensamento ideológico da banda *Evil* nesse lugar do neonazismo contemporâneo. Ademais, vale lembrar que essa faixa teve a participação do cantor *Azgorh* da banda australiana *Drowning the Light*. Imagina-se que essa participação poderia ter se dado nos arranjos vocais introdutórios à letra, nos “uivos” ou na repetição de parte do verso final, “nada mais que a morte!” Pois mesmo que em português, percebe-se uma diferença de timbres nessa parte vocal em comparação com a voz principal. A título de observação, segundo consta no Metal Archives, esse vocalista participou e participa de mais uma dezena de bandas ativas na Austrália, muitas declaradamente NSBM ou do universo RAC.

Nesse sentido, retomando uma participação aparentemente aleatória, pois todos os colaboradores internacionais possuem uma extensa ficha no mundo do metal extremo neonazista, quem seria o músico/pianista que gravou a faixa de introdução do disco? Seria

<sup>154</sup> Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/palavra/vkkk9/hiperb%C3%B3reo/>>. Acesso em: 20/05/2025.

<sup>155</sup> O grifo aqui é de minha intenção.

apenas um músico contratado para um trabalho qualquer? De fato, o músico possui credenciais para essa função em estúdio de gravação, dada sua carreira como pianista neoclássico, observando as suas redes sociais. Newton Schner Jr. é um músico natural da cidade de Ponta Grossa no Paraná, nascido em 1989. Aparentemente, trabalha em um projeto musical chamado *Lebensessenz* tocando piano e em outro projeto tocando bateria e sintetizadores chamado *Feuerberg*. O primeiro deles é frequentemente divulgado pelo músico em suas redes sociais, revelando apresentações em vários países da América Latina. Em suas redes também consta que é ativo em uma página que tem o intuito que promover a valorização da cultura germânica no Sul do Brasil chamado *Südbrasilien*. Aparentemente, não existiria nenhuma relação entre a sua carreira e a banda *Evil*, se não fosse pelo passado do músico. Segundo consta no *Metal Archives*, Newton Schner Jr. participou de vários grupos de metal, muitos deles extremistas. A longa lista abrange grupos NSBM de Ponta Grossa, Paraná, como *Ecce Hommo* – onde participou como vocalista entre 2007 e 2008 e *Hyperborean* – tocando bateria em 2005 – para citar alguns. Como músico de estúdio gravou para o *Drowning the Light* da Austrália em 2010 e para o *Evil* em 2015, também para citar alguns. Participou como letrista da banda Sueca *Kyla* no disco *Glory of Negativity* em 2005, dentre outros projetos com vários grupos de black metal. Enfim, trata-se de um músico profissional, aparentemente, fora da cena metal nos dias de hoje. Contudo, observando as suas redes sociais abertas, conceitualmente os seus trabalhos musicais escapam para temas onde o próprio músico exalta o orgulho de suas raízes germânicas ou europeias. Essa forma de demonstrar esse orgulho, por exemplo, divulgando um vídeo em sua rede social em que declama um poema de Peter Rosegger em uma floresta na Alemanha pode ressoar apenas excêntrico. Entretanto, quando associamos isso aos projetos que participou na cena de metal extremo em sua região, no sul do Brasil, as relações poderiam ter um outro sentido. Acredita-se que nenhuma participação na produção do disco *Ashes of Old*, de 2015, da banda *Evil* tenha sido escolhida ao acaso.

Nessa direção, para reafirmar uma ideia actual com as religiões pagãs nórdicas, a capa do disco traz a figura de Odin acompanhado de dois corvos. Segundo a pesquisadora Adriana Dias, (2007, p. 126) “Nas lendas escandinavas, Odin era sempre descrito com dois lobos, águias e dois corvos ao seu lado. Estes animais foram bastante utilizados como símbolos pelo Nacional-socialismo e são atualizados nos sites e comunidades racistas”. Assim, também não

se dão por acaso as escolhas iconográficas da banda materializadas pelo autor<sup>156</sup> da arte da capa a seguir:

Figura 33 – Capa do Álbum *Ashes of Old*, 2015 – Banda *Evil*.



Fonte: < [https://www.metal-archives.com/albums/Evil/Ashes\\_of\\_Old/444656](https://www.metal-archives.com/albums/Evil/Ashes_of_Old/444656)> Acesso em: 28/11/2024

A partir de 2016 até 2024, a banda lança mais de uma dezena de trabalhos. Nesse período nota-se que além das habituais coletâneas, demos, EPs e álbuns compartilhados a banda amplia sua discografia com discos de apresentações ao vivo. Algumas dessas produções foram capturadas de apresentações em grandes festivais internacionais de metal neonazista, como o caso do disco *Unica Fede - Unica Volonta (Live at Hot Shower)* de 2016, gravado ao vivo no festival *Hot Shower Quattro*, em 21 de março de 2015, na Itália. Esse disco especificamente, além de ser ao vivo, é um disco compartilhado com a banda NSBM grega *Der Stürmer* que também esteve presente nesse festival. Esse álbum possui uma arte de capa que ilustra duas mãos empunhando armas brancas. A logomarca da banda grega está logo abaixo de uma mão empunhando uma espada e, na direção oposta, onde está a logomarca da banda brasileira, outra mão sustenta uma clave de madeira. Ao fundo das figuras está um mapa representando, ao centro, o território da Itália. Assim, a partir dessa perspectiva (Euro)centralizada da representação territorial italiana, a Grécia estando à direita do mapa coaduna com a posição da logomarca da banda grega, além da espada em punho. Sugestivamente, o palco desse encontro

<sup>156</sup> De acordo com o site Metal Archives, a capa foi produzida por um desenhista/tatuador do ABC Paulista chamado Allan Luís. Segundo consta, entre 2013 e 2015 trabalhou para nove grupos de metal extremo, dentre eles a banda *Evil*. Em suas redes sociais abertas divulga desenhos e tatuagens realizadas, algumas com símbolos neonazistas. Fonte: <[https://www.metal-archives.com/artists/Allan\\_Luis/604054](https://www.metal-archives.com/artists/Allan_Luis/604054)>. Acesso em 20/05/2025.

entre a clave e a espada é o festival *Hot Shower Quattro* na Itália. Quando pensamos em fascismo, logo vem essa imagem histórica do seu berço na Itália, assim como o nazismo na Alemanha. Segundo Umberto Eco (2021, p. 29), “o fascismo italiano foi o primeiro a criar uma liturgia militar, um folclore e até mesmo um modo de vestir”. Para o autor (Eco, 2021), a Itália é o berço do fascismo histórico. Nesse sentido, a imagem do mapa ao fundo se torna mais significativa pelo contexto, para além do ponto físico geográfico do próprio festival onde se apresentaram várias bandas NSBM. Naturalmente também pelo contexto, observa-se que ambos os punhos em riste com suas armas, na arte da capa do álbum citado, são representados como punhos “brancos”.

Outro ponto que se pode notar é a escolha das armas representadas na arte, a clave e a espada. Ambos os instrumentos conferem “poder” a quem os detém. Nessa direção, podemos imaginar que essas armas foram ferramentas de dominação e controle em períodos distintos (ou concomitantes) da humanidade. Contudo, no campo das hipóteses, a espada representaria a “civilização”, a “evolução” e a clave o “primitivo”, o “exótico”? Sabe-se que no fascismo o passado heroico e mitológico é parte da ideologia. Curiosamente, muitas bandas de black metal com temáticas medievais utilizam em suas sessões de foto armas como espadas e facas, em alguns desses casos a fantasia abrange até trajes medievais ou vikings. Entretanto, armas de fogo também é algo possível de detectar nas buscas por imagens de bandas de black metal, sobretudo as bandas assumidamente NSBM ou como uma variação velada, o war metal.

O segundo álbum ao vivo da banda *Evil* intitulado *Empunhando a espada de Ares* foi lançado em 2020, porém a sua gravação ocorreu quatro anos antes, em 17 dezembro de 2016, no *Solstício Metalfest* ocorrido na cidade de Cordeirópolis em São Paulo. Nesse disco o repertório percorre músicas de várias fases anteriores da banda, assim como no terceiro disco ao vivo lançado tempos depois. O disco *Evil Storming Onwards Steelfest and Asgardsrei* como o título indica (Tempestade do Mal avante *Steelfest* e *Asgardsrei*) foi gravado em 2019 em dois lugares distintos, porém lançado em 2022. O festival chamado *Steelfest* aconteceu na Finlândia e o *Asgardsrei* na Ucrânia. Ressaltamos que ambos os festivais são considerados, pela mídia especializada em metal extremo, os mais importantes eventos dedicados à música neonazista do mundo. Esse material foi transformado em CD e DVD, contendo 19 faixas. A arte de capa desse disco mostra a banda em um palco utilizando máscaras estilo balaclavas encobrendo seus

rostos. Ao fundo, nota-se uma bandeira do Estado de São Paulo<sup>157</sup> estendida entre a bateria e um amplificador.

Figura 34 – Capa do álbum *Split Unica Fede - Unica Volonta (Live at Hot Shower)*, 2016, *Evil e Der Stürmer*.



Fonte: <[https://www.metal-archives.com/albums/Evil/Unica\\_Fede\\_-\\_Unica\\_Volonta\\_%28Live\\_at\\_Hot\\_Shower%29/574394](https://www.metal-archives.com/albums/Evil/Unica_Fede_-_Unica_Volonta_%28Live_at_Hot_Shower%29/574394)> Acesso em: 28/11/2024

---

<sup>157</sup> Curiosamente, em festivais internacionais é comum notar pessoas carregando bandeiras de seus países. A banda *Sepultura* explora isso desde os anos 1990 ornamentando com a bandeira brasileira os seus palcos mundo afora. Porém, acredita-se que em festivais com caráter extremista, uma bandeira “desconhecida” talvez chamasse menos atenção que o verde e amarelo da bandeira nacional. Uma das facetas do extremismo brasileiro, além do contraditório, é a ideia separatista entre sul/sudeste contra o restante do país.

Figura 35 – Propaganda do evento *Hot Shower* na Itália com a banda *Evil*.



Fonte: <<https://www.last.fm/pt/event/4051049+Hot+Shower+Quattro>> Acesso em: 28/11/2024

Figura 36 – Capa da cassete ao vivo *Empunhando a Espada de Ares*, 2020, banda *Evil*.



Fonte: <[https://www.metal-archives.com/albums/Evil/Empunhando\\_a\\_Espada\\_de\\_Ares/875453](https://www.metal-archives.com/albums/Evil/Empunhando_a_Espada_de_Ares/875453)> Acesso em: 28/11/2024

Figura 37 – Divulgação do evento *Solstício Metal Fest*, 17 de dezembro, 2016, Cordeirópolis - SP.



Fonte: <<https://www.Facebook.com/solsticiometalfest666/>> Acesso em: 28/11/2024

Figura 38 – Foto de C. Higa do show da banda *Evil* no *Solstício Metal Fest*, 17 de dezembro, 2016, Cordeirópolis - SP.



Fonte: <<https://www.Facebook.com/solsticiometalfest666/>> Acesso em: 28/11/2024

Em 2016, a banda *Evil* lança a demo, *Morbid Spectres of Ravenous Holocaust* e junto a esse lançamento, o nome do guitarrista Saulo Peghin, com o codinome *Oldwolf*, aparece pela primeira vez juntamente com Luiz Carlos Oliveira e Caio Bildner. Este novo integrante não está registrado nos discos seguintes, *Rites of Cleansing*, um EP lançado em 2017 e na compilação *The Call from the Endless Grave* lançada em 2018. Entretanto, o lançamento de

2019, um disco chamado *De Volta aos Crimes Primitivos / Trờ lại tội phạm nguyên thù*<sup>158</sup>, confirma na arte da capa uma foto da banda *Evil* posando como um trio, revelando a entrada de Saulo Peghin como membro oficial do grupo. Esse disco, compartilhado com a banda NSBM estadunidense *Vothana*, de uma só pessoa, com letras exclusivamente em vietnamita, foi lançado pela gravadora *Hammer of Damnation* em vinil, com o lado A a banda paulistana e o lado B a banda estadunidense. As faixas desse disco como se percebe estão em português:

#### Lado A

1. Evil - Intro 03:15
2. Evil - Crimes de Pureza Transcendental 03:35
3. Evil - A Era em que Prevalence a Escuridão 03:13
4. Evil - Em Blasfêmia Pagã (*Dethroned Christ* cover) 03:01

#### Lado B

5. Vothana - *Trờ lại tội phạm nguyên thù* 12:03

Figura 39 – Capa do Álbum *De Volta aos Crimes Primitivos / Trờ lại tội phạm nguyên thù*, 2019 – Banda *Evil* e *Vothana*.



**Fonte:** <[https://www.metal-archives.com/albums/Evil/De\\_Volta\\_aos\\_Crimes\\_Primitivos\\_-\\_Tr%E1%BB%9D\\_1%E1%BA%A1i\\_t%E1%BB%99i\\_ph%E1%BA%A1m\\_nguy%C3%AA\\_n\\_th%C3%B9y/782978](https://www.metal-archives.com/albums/Evil/De_Volta_aos_Crimes_Primitivos_-_Tr%E1%BB%9D_1%E1%BA%A1i_t%E1%BB%99i_ph%E1%BA%A1m_nguy%C3%AA_n_th%C3%B9y/782978)> **Acesso em:** 29/11/2024

<sup>158</sup> O título “*Trờ lại tội phạm nguyên thù*” em tradução livre do vietnamita é “*De Volta aos Crimes Primitivos*”.

Figura 40 – Capa do album ao vivo *Evil Storming Onwards Steelfest and Asgardsrei*, 2022. Da esquerda para a direita: Saulo Peghin, Caio Bildner e Luiz Carlos Oliveira – Banda *Evil*.



**Fonte:** <[https://www.metal-archives.com/albums/Evil/Evil\\_Storming\\_Onwards\\_Steelfest\\_and\\_Asgardsrei/1043968](https://www.metal-archives.com/albums/Evil/Evil_Storming_Onwards_Steelfest_and_Asgardsrei/1043968)> **Acesso em:** 29/11/2024

Figura 41 – Da esquerda para a direita: Luiz Carlos Oliveira, Saulo Peghin e Caio Bildner – Banda *Evil*.



**Fonte:** <<https://www.last.fm/pt/music/Evil/+images/c93ab7cb31975f843fc2a26600198320>> **Acesso em:** 29/11/2024

Figura 42 – Da esquerda para a direita: Caio Bildner, Saulo Peghin e Luiz Carlos Oliveira – Banda *Evil*.



Fonte: <<https://www.lettras.mus.br/evil/fotos.html#374930>> Acesso em: 29/11/2024

No ano de 2020 a banda lança a coletânea *Mors Triumphalis - Fidelissima in Bellum (1994-2019)* agrupando músicas dos períodos entre 1994 a 2019. O mesmo ocorreu em 2022, porém com músicas entre os anos 2013 a 2019 com a coletânea *Coldness of Perpetual Evil Storm*. A última coletânea catalogada no site Metal Archives é uma compilação lançada em novembro de 2024 pelo selo NSBM finlandês *Out of the Dungeon*. Trata-se de um vinil contendo a demo *Depression and Mourning* no lado A e o disco *Hate Spirit* no lado B. Segundo informações desse lançamento no site<sup>159</sup>, a demo *Depression and Mourning* foi gravada entre 2004 e 2005, enquanto o álbum *Hate Spirit* surgiu de uma coletânea de músicas antigas gravadas em 1995 durante os ensaios da demo *All Evil* de mesmo ano.

Ainda no ano de 2020, o *Evil* lança um álbum compartilhado chamado *Werewolves of the Black Holocaust*, em tradução livre *Lobisomens do Holocausto Negro*, com a banda paulistana *Walsung*<sup>160</sup>. Essa banda tem em sua formação Saulo Peghin e Luiz Carlos Oliveira. *Walsung* é um grupo que, segundo consta no Metal Archives, está em atividade desde 2016 e se identifica como *pagan black metal*. As suas músicas abrangem temas como o neopaganismo e o nacional-socialismo. O logotipo da banda traz, além de armas medievais (o chicote de roldão), um símbolo rúnico utilizado pelos grupos racistas chamado Othala. Segundo a

<sup>159</sup> Em tradução livre de: *Depression and Mourning* recorded during 2004-2005. *Hate Spirit* is a Compilation, featuring old songs recorded in 1995, during the rehearsal sessions of *All Evil*. Está Disponível em: <[https://www.metal-archives.com/albums/Evil/Depression\\_And\\_Mourning\\_-\\_Hate\\_Spirit/1340427](https://www.metal-archives.com/albums/Evil/Depression_And_Mourning_-_Hate_Spirit/1340427)>. Acesso em: 02/06/2025.

<sup>160</sup> Fonte: <<https://www.metal-archives.com/bands/Walsung/3540415448>>. Acesso em: 30/05/2025.

pesquisadora Adriana Dias, Othala é um “símbolo rúnico vinculado a raça e sangue, ornamentava o uniforme dos soldados. Quer dizer também família e era o símbolo maior das brigadas eugênicas do Estado nazista. [...] Esta runa era adorada por Himmler como símbolo de Sangue e Honra” (2007, p. 184). *Walsung* segue os mesmos padrões da banda *Evil*. Trata-se de um projeto liderado por Saulo Peghin, porém com a presença de Luiz tocando baixo e distribuído pela sua gravadora, *Hammer of Damnation*. O grupo contabiliza vários lançamentos compartilhados, com bandas NSBM europeias e paulistanas, um DVD ao vivo e vários EPs, além de um disco completo que inclui músicas em inglês e em alemão.

Enfim, em 2022 a banda *Evil* lança um álbum compartilhado com a banda NSBM alemã *Absurd* chamado *Berserks of the Asgardsrei*. Esse disco em vinil é lançado pela gravadora alemã *Darker than Black Records*. Esse disco traz uma faixa de cada banda em lados opostos do vinil. Segundo consta no Metal Archives, o lado do *Absurd* foi gravado ao vivo em Kiev, Ucrânia, no festival *Asgardsrei VII*, em 16 de dezembro de 2018, e o lado do *Evil* foi gravado ao vivo em Kiev, Ucrânia, no *Asgardsrei VIII*, em 14 de dezembro de 2019. Ou seja, esse álbum compartilhado é um disco ao vivo, porém com faixas captadas em edições diferentes do festival ucraniano. A capa desse disco também retrata símbolos neonazista como o Sol Negro (hitlerismo esotérico) e o Algiz. Dias (2007, p. 184), traz os seguintes comentários sobre esse símbolo: “[...] Era o símbolo da exposição O Milagre da Vida em que se configura o ideal eugênico ariano. Também ornamentou a Sociedade SS Lebensborn que acolhia as mães dos soldados da SS mortos em combate”. Na arte de capa, como o título indica “*Berserks*”, os guerreiros “lobisomens” aparecem em posição de ataque com uma figura “angelical” ao centro.

Figura 43 – Capa do álbum *Split Werewolves of the Black Holocaust*, 2020, *Evil* e *Walsung*.



Fonte: <[https://www.metal-archives.com/albums/Evil/Werewolves\\_of\\_the\\_Black\\_Holocaust/909422](https://www.metal-archives.com/albums/Evil/Werewolves_of_the_Black_Holocaust/909422)> Acesso em: 12/12/2024

Figura 44 – Capa do álbum *Split Berserks of the Asgardsrei*, 2022, *Absurd e Evil*.



**Fonte:** <[https://www.metal-archives.com/albums/Evil/Berserks\\_of\\_the\\_Asgardsrei/1089300](https://www.metal-archives.com/albums/Evil/Berserks_of_the_Asgardsrei/1089300)> **Acesso em:** 12/12/2024

Na sequência pode-se observar a longa lista de material produzido pela banda *Evil* entre 1994 e 2024. São produções que revelam, pelas suas associações materializadas em produções fonográficas, uma forte ligação com a cena NSBM de vários países. A construção da carreira do *Evil* esteve sempre sob o comando de Luiz Carlos Oliveira. Porém, cada colaborador que passou pela banda também possui um lastro com a cena NSBM brasileira. Veremos após o quadro que lista a discografia da banda, uma breve história desses três integrantes: Caio, Saulo e Luiz Carlos.

Item 3 – Quadro 1 – A discografia da banda *Evil* (1995 até 2024)

<b>DISCOGRAFIA - EVIL</b>		
<b>Nome</b>	<b>Tipo</b>	<b>Ano</b>
1 - <i>...from the Black Horde of Pure Evil!</i>	Demo	1995
2 - <i>All Evil</i>	Demo	1995
3 - <i>A Southern War from the Winter's March</i>	Demo	1996
4 - <i>...Evil Storming Onwards to the Battlefield...</i>	Demo	1997
5 - <i>Blood and Honour</i>	Álbum Split	1997
6 - <i>Warlike Songs</i>	Compilação	1997
7 - <i>Revenge of Iron and Thunder</i>	Álbum Completo	1998
8 - <i>Nocturnal Rites of the Black Pentagram</i>	Demo	1998

9 - <i>A Southern War... Warlike Songs</i>	Compilação	1998
10 - <i>French / Southern Black Metal War</i>	Álbum Split	1999
11 - <i>Fuck Peace! We're at War!</i>	Álbum Split	1999
12 - <i>Hate Spirit</i>	Álbum Completo	2001
13 - <i>DT Colections</i>	Compilação	2001
14 - <i>Only the War Is Hygiene of the World</i>	Álbum Split	2002
15 - <i>Iron and Thunder</i>	Compilação	2004
16 - <i>Depression and Mourning</i>	Demo	2005
17 - <i>Aryan Blood / Evil</i>	Álbum Split	2005
18 - <i>Pagan Fury 1994-1996</i>	Compilação	2005
19 - <i>Arktogäa</i>	EP	2006
20 - <i>Distant in Forest's Deep</i>	EP	2006
21 - <i>Chaos to Unleash a New Age</i>	Álbum Split	2006
22 - <i>Warriors of Pagan Victory</i>	Álbum Split	2006
23 - <i>Those Who Want to Create... Must Have the Will to Destroy!</i>	Álbum Split	2007
24 - <i>...of Winter Woods</i>	Álbum Split	2008
25 - <i>Raw Coldness</i>	Compilação	2008
26 - <i>Southern / Carelian Black Metal Holocaust</i>	Álbum Split	2008
27 - <i>German-Southern Brotherhood</i>	Álbum Split	2008
28 - <i>Deep Grey Winter</i>	Demo	2009
29 - <i>Hammerstorm</i>	Álbum Completo	2009
30 - <i>Raw Black Thrashing Madness</i>	Álbum Split	2009
31 - <i>Under the Sign of the Hammer</i>	Álbum Split	2009
32 - <i>A Reflection of the Past / Where the Sun Was Never Born</i>	Álbum Split	2009
33 - <i>Unholy Trinity</i>	Álbum Split	2010
34 - <i>I Came from the Abyss</i>	EP	2010
35 - <i>Lhotský Vlkodlak - Vlkodlakův řev VI</i>	Álbum Split	2011
36 - <i>We Bring the Gallows of Hope</i>	Álbum Split	2011
37 - <i>Pure Black Evil</i>	Compilação	2011
38 - <i>We Know How to Hate</i>	Álbum Split	2012
39 - <i>Source of Primitive Wisdom</i>	Single	2013
40 - <i>Winter Darkness Storm</i>	Álbum Split	2013
41 - <i>Moloch / Evil</i>	Álbum Split	2013
42 - <i>Twilight and Mourning / Where the Sun Was Never Born</i>	Compilação	2013
43 - <i>...to the Fallen and Free</i>	EP	2013
44 - <i>Ashes of Old</i>	Álbum Completo	2015
45 - <i>Unica Fede - Unica Volonta (Live at Hot Shower)</i>	Álbum Split (ao Vivo)	2016
46 - <i>Morbid Spectres of Ravenous Holocaust</i>	Demo	2016
47 - <i>Rites of Cleansing</i>	EP	2017

48 - <i>The Call from the Endless Grave</i>	Compilação	2018
49 - <i>De Volta aos Crimes Primitivos / Trở lại tội phạm nguyên thù</i>	Álbum Split	2019
50 - <i>Mors Triumphalis - Fidelissima in Bellum (1994-2019)</i>	Boxed set	2020
51 - <i>Empunhando a Espada de Ares</i>	Álbum ao Vivo	2020
52 - <i>Werewolves of the Black Holocaust</i>	Álbum Split	2020
53 - <i>Coldness of Perpetual Evil Storm</i>	Compilação	2022
54 - <i>Evil Storming Onwards Steelfest and Asgardsrei</i>	Álbum ao Vivo	2022
55 - <i>Berserks of the Asgardsrei</i>	Álbum Split	2022
56 - <i>Depression and Mourning / Hate Spirit</i>	Compilação	2024

Fonte: <[https://www.metal-archives.com/bands/Evil/9623#band\\_tab\\_members](https://www.metal-archives.com/bands/Evil/9623#band_tab_members)> Acesso em: 12/12/2024

### 3.3.2 Codinome *Wargun* ... entre mais alguns

Figura 45 – Caio Bildner – *Wargun* – foto de divulgação da banda *Evil*.



Fonte: <<https://www.metal-archives.com/artists/Wargun/26259>>. Acesso em: 20/01/2025

Caio Bildner, nascido em dezembro de 1976, é um baterista da cena de metal extremo de São Paulo. Segundo consta no site Metal Archives, Caio permanece ativo em mais de uma dezena de bandas de black metal em São Paulo. Analisando os materiais produzidos observa-se que várias dessas bandas podem flertar com ideologias racistas e neonazistas. A sua participação na banda *Evil* foi apenas mais uma entre as muitas bandas das quais já participou e ainda participa.

A estratégia de utilizar um codinome é recorrente na carreira de Caio Bildner. Na maioria dos trabalhos, Caio é associado ao codinome *Holokhaosto*<sup>161</sup>. Contudo, não é o único

<sup>161</sup> Imagina-se que aqui o baterista buscou combinar as palavras holocausto e caos, em inglês.

codinome utilizado, pois um exemplo disso está na banda de black metal paulistana *Assassinato*, onde, ainda nos dias de hoje, Caio toca bateria e divide os vocais se identificando com o complemento *Conductor*. Outro grupo de black metal paulistano atualmente ativo, chamado *Ritualmurder*, Caio utiliza o codinome *Horseman the Plagues*, algo como “Pragas do cavaleiro” em tradução livre. Com as iniciais de seu nome, C.B., Caio se identifica como o baterista da banda, também em atividade, *Hammergoat* juntamente com seus ex-colegas de *Evil*, Luiz Carlos e F. Daemon, ambos identificados como L.C. e F.D. respectivamente. No extinto grupo de São Paulo *Evil Mayhem*, Caio somou um codinome às suas iniciais se identificando como *C. B. Sabbatical Gorgon*. Em outro grupo paulistano desativado chamado *Wytchkraft*, utilizou o codinome *Desgraçator* (sic.).

Caio Bildner responde pelo codinome *Wargun* na banda de black metal paulistana *Soturno*, onde toca bateria, e no grupo internacional *Sturmgraf* onde participa como vocalista, cantando músicas em português. A discografia desse último projeto é composta apenas por uma demo gravada em 2022 chamada *Stahlsturm* contendo duas faixas. Nessa direção: “Todas as músicas são tocadas em português e todas as letras são impressas em português e inglês no encarte deste disco de 10 polegadas. Fotos da capa e do fundo tiradas na Serra Nevada, no norte da Califórnia”, avisa a página do grupo no Metal Archives. Assim como, “Todos os instrumentos foram gravados no noroeste da Virgínia. Todos os vocais foram gravados em São Paulo, Brasil, e toda a bateria/percussão foi gravada no Reino Unido. Toda a mixagem e masterização foi feita por Kolan, no Reino Unido<sup>162</sup>”. Ainda na página desse grupo, um breve texto “biográfico” aponta que: “*O Sturmgraf foi formado por CRG, Wargun e Kolan em 2020, com a intenção de criar um projeto que homenageasse o BBH. Sturmgraf não é alemão propriamente dito, mas as palavras, separadamente, são alemãs. A tradução geral é Stormlord ou Lordstorm, que é o significado pretendido*<sup>163</sup>” (grifos nossos). Pesquisando sobre os colegas de grupo de Caio Bildner nesse projeto, *Kolan* é um baterista polonês residente no Reino Unido que toca em vários grupos de metal extremo, um deles de NSBM, racista e antisemita chamado *Antisemitex*. O outro companheiro, identificado apenas por *C.R.G.* é um multi-instrumentista

<sup>162</sup> Texto traduzido livremente a partir de: “All songs performed in the Portuguese language, and all lyrics printed in both Portuguese and English language on insert for these 10 inches. Photos for cover art and background art taken the Sierra Nevadas Mountain Range in Northern California. All instruments recorded in NorthWestern Vinland. All vocals recorded in São Paulo Brazil, and all drums/percussion recorded in United Kingdom. All mixing and mastering by Kolan in United Kingdom.” Disponível em: <<https://www.metal-archives.com/albums/Sturmgraf/Stahlsturm/1068668>>. Acesso em: 02/06/2025.

<sup>163</sup> Tradução livre de: “Sturmgraf was formed by CRG, Wargun, and Kolan in 2020, with the intent of making a project that pays homage to BBH. Sturmgraf is not proper German but the words separately, are German. The general translation is Stormlord or Lordstorm, which is the intended meaning”. Disponível em: <[https://www.metal-archives.com/bands/Sturmgraf/3540511624#band\\_tab\\_members](https://www.metal-archives.com/bands/Sturmgraf/3540511624#band_tab_members)>. Acesso em: 02/06/2025.

estadunidense que toca em vários trabalhos racistas e supremacistas, dentre eles um chamado *Panzerjager*, além de comandar a gravadora NSBM *Brotherhood of Light Recordings*.

Então, Caio Bildner como *Wargun* esteve presente na banda *Evil* nos anos 2007 até 2024, porém esse pseudônimo também foi mantido em sua passagem pelos grupos *Morcrof* em 2005 e o *Dethroned Christ* em 2007. Caio responde como *Wargun* também em participações ao vivo e gravações com outros grupos NSBM importantes, por exemplo com os gregos do *Wodulf* e *Der Stürmer* em 2019. Colaborou também em gravações com o grupo argentino NSBM *Thule Jugend* em 2023 e os australianos do *Entsetzlich*, para citar alguns.

Como *Holokhaosto*, Caio está presente e em atividade com bandas NSBM, RAC, antissemita, racista, supremacista e separatista. Nesse lastro, podem-se citar as bandas *Além-Homem*, *Furor Volturno*, *Le Marchand*, *Paulistarum*, *Ravendark's Monarchal Canticle*.

Para ilustrar, o disco completo da banda *Além-Homem* de 2021, chamado *À Postos em Prelúdio ao Eterno*, traz as seguintes músicas:

1. *Intro 01:56 instrumental*
2. *Ao Sublime como Voz Nacional 03:05*
3. *À Postos em Prelúdio ao Eterno 11:23*
4. *Para Além do Homem 04:52*
5. *Acta Non Verba 11:55*
6. *The Road to Valhalla (White Lion cover) 04:15*
7. *Canção de Ares (SS Marschiert in Feindesland) 03:52*
8. *Algozes das Eras 03:32*

Na letra da segunda faixa, “Ao Sublime como Voz Nacional”, disponível na página da gravadora *Brotherhood of Light Recordings* na plataforma de vídeos YouTube<sup>164</sup>, observa-se a seguinte narrativa da letra da música:

---

<sup>164</sup> Na descrição desse vídeo na plataforma YouTube a gravadora *Brotherhood of Light Recordings* anuncia que: “Este hino foi retirado da gravação completa de estreia do ALÉM-HOMEM, intitulada ‘À Postos em Prelúdio ao Eterno’. 46 minutos/8 faixas (incluindo cover de SKREWDRIVER) de Black Metal Pagão Brasileiro com qualidades românticas/clássicas exclusivas do ALÉM-HOMEM, com membros do RAVENDARK'S MONARCHAL CANTICLE, ex-EVIL, SOTURNO e alguns outros projetos. Lançado anteriormente/recentemente em CD pela Acta Non Verba Rex, Total War Records, Übermensch Rex e WP & RO Prod., todos da América do Sul. Agora aqui na América do Norte, a Brotherhood of Light Recordings e a Vinlandic Werewolf Distribution têm o orgulho de anunciar o próximo lançamento em fita pro-tape deste álbum completo. Lançamento previsto para o início de fevereiro de 2022”. Em tradução livre. Disponível em: <<https://www.Youtube.com/watch?v=h5bYGG5IfG4>>. Acesso em: 03/06/2026.

*Da herdada essência e dos mais profundos abismos do espírito*  
*Sobrevive em poucos, de sangue nobre, a chama constante do criar*  
*E nela queima o que em força transcende o tempo e as épocas, como uma voz para além*  
*O mundo das fraquezas que nos cerca está condenado à si, e pouco importa*  
*Nossas guerras são travadas à vitória*  
*Independente da forma que termine, o seu sentido é maioral*  
*E o maioral conversa conosco*  
*A arte é a voz dos deuses e a luta materializada*  
*Ao sublime como voz nacional*

*Dos mais profundos abismos escuros*  
*Onde emergem os antigos da fúria*  
*Comungam conosco o que é puro*  
*O dever para a vida ou a morte em justiça*  
*Ao sublime como voz nacional socialista*  
*Sieg Heil!*

Observamos também a sétima faixa desse disco, a música chamada “Canção de Ares (SS Marschiert in Feindesland)”:

*Nossa honra afronta em território inimigo e entoa a canção de Ares*  
*Do sangue a voz não cessa*  
*Respiramos sussurrando a canção*

*Sob insígnias confiantes e adestrados*  
*Não importa o que atribuem à nós*  
*Nosso dever é de aço e sagrado*  
*Nossa herança é inabalável*

*Onde quer que estejamos avançamos e o espírito da guerra gargalha*  
*Lutamos ao líder*  
*Lutamos ao sangue*  
*Sub-humanos pagarão sem perdão*

*Lutamos em muitas batalhas  
Nos quatro cantos do mundo estamos  
À postos em combate  
Ao além*

*Para a glória e altiva dos deuses  
Nossa causa não vai descansar  
E com fúria iremos destruir  
Até que com o sol nasça forte*

*Onde quer que estejamos avançamos e o espírito da guerra gargalha  
Lutamos ao líder  
Lutamos ao sangue  
Sub-humanos pagarão sem perdão*

Para ilustrar um pouco mais a intenção ideológica desse grupo, *Além-Homem* do qual Caio Bildner faz parte, apreciaremos a capa do EP *Renascer*<sup>165</sup> lançado em 2021:

---

<sup>165</sup> A faixa homônima do EP, “*Renascer*”, da banda *Além-Homem* também está disponível na plataforma do YouTube. Fonte: <<https://www.Youtube.com/watch?v=20b9dUx7lC0>>. Acesso em: 03/06/2025.

Figura 46 – Capa do álbum EP *Renascer*, 2021, *Além-Homem*.



Fonte: <<https://www.metal-archives.com/albums/Al%C3%A9m-Homem/Renascer/950698>> Acesso em: 20/01/2025

Caio Bildner hoje em dia, aparentemente, lidera a banda paulistana *Furor Volturno*. Depois de uma miríade de álbuns compartilhados, lançaram dois álbuns completos, um deles chamado *Regionalismo Coercitivo* de 2016. Trata-se de uma banda com uma retórica voltada para o separatismo e o nacional-socialismo, semelhante ao caso do grupo *Le Marchand*, uma banda onde o baterista Caio, junto com seus companheiros de banda, tematiza sobre o nacionalismo de São Paulo, o paganismo, guerras, negativismo, natureza, satanismo, o separatismo e, segundo consta no site Metal Archives, é um grupo que se identifica como raw black metal. Ainda conforme observado no site, outro grupo extremista de Caio Bildner é a banda *Paulistarum* que também defende o tema nacional-socialista e mantém uma sonoridade raw black metal/RAC. Sobre esse grupo destacamos a demo de 2017 intitulada *Sao Paulo Invicto* com as seguintes faixas:

1. *Intro - 01:28 instrumental*
2. *Locomotiva 88 - 06:57*
3. *Doutor Joseph Mengele - 06:14*
4. *1932 - 02:02*

5. *Street Hooligans S.S. (Intro Finale) - 06:19*

Figura 47 – Capa da demo *Sao Paulo Invicto*, 2017, *Paulistarum*.



Fonte: <[https://www.metal-archives.com/albums/Paulistarum/Sao\\_Paulo\\_Invicto/653888](https://www.metal-archives.com/albums/Paulistarum/Sao_Paulo_Invicto/653888)> Acesso em: 20/01/2025

Figura 48 – Capa do EP *Paulistânia*, 2020, *Le Marchand*.



Fonte: <[https://www.metal-archives.com/albums/Le\\_Marchand/Paulist%C3%A2nia/868699](https://www.metal-archives.com/albums/Le_Marchand/Paulist%C3%A2nia/868699)> Acesso em: 20/01/2025

Figura 49 – Capa do álbum *Regionalismo Coercitivo*, 2016, *Furor Volturmo*.



**Fonte:** <[https://www.metal-archives.com/albums/Furor\\_Volturmo/Regionalismo\\_Coercitivo/599362](https://www.metal-archives.com/albums/Furor_Volturmo/Regionalismo_Coercitivo/599362)> **Acesso em:** 20/01/2025

Com a banda de black metal/RAC *Ravendark's Monarchal Canticle*, Caio Bildner assume a dupla função de baterista e vocalista. Curiosamente, assim como aconteceu com a banda *Evil* durante muito tempo, essa banda é catalogada como um duo, onde Caio Bildner divide as atenções com um guitarrista chamado Carlos Pimentel. A discografia desse grupo é vasta. O catálogo no site Metal Archives revela sessenta lançamentos entre 2004 e 2025. Nesse grupo, Caio Bildner e Carlos Pimentel alteram as suas identificações nos discos. A primeira mudança aparentemente ocorreu em 2015 com o álbum compartilhado com a banda tcheca *Poprava*, chamado *Pure Hate Attack*. Caio Bildner deixa o codinome *Holokhaosto* de lado e passa a se identificar como *OIAC MCM/32 - INFANTARIA E HOLOCAUSTO DA GUERRA* e seu companheiro de banda, Carlos Pimentel, como *SOLRAC MCM/32 - DOR E TOTAL E DESOLAÇÃO*, descrito dessa forma em caixa-alta. Alguns anos mais tarde mantiveram apenas *Oiac MCM/32* e *Solrac MCM/32*. Como se percebe os pseudônimos são os nomes Caio e Carlos escritos ao contrário. Complementando, um baixista chamado Carlos Cabral foi companheiro de Caio Bildner. Porém, segundo consta nas redes sociais, foi assassinado em 2019. Naturalmente, esse personagem utilizou codinomes. Se apresentou como *Hekatombe* na banda *Furor Volturmo* e *Larbac* (Cabral ao contrário) na banda *Ravendark's Monarchal Canticle*.

Curiosamente, o álbum *Sobre as Cinzas do Fracasso Alheio* de 2015, lançado pelo grupo de Caio, *Ravendark's Monarchal Canticle*, inspirou uma resenha escrita por um consumidor europeu de metal extremo. A resenha a seguir foi publicada no site Metal Archives

em julho de 2020 por Robert Z., um colaborador de 27 anos, morador da ilha de Malta utilizando o codinome *Spatupon*. Assim, para o maltês:

*O black metal lusófono nunca deixa de me surpreender. O Brasil pode ser o berço mais valioso das bandas de black metal. Este país é considerado o berço de tantas grandes bandas em geral, como Sarcófago, Northern Forest, Vulcano e Holocausto, só para citar algumas. Este vasto país desfruta de uma das maiores economias do mundo e abriga uma grande população humana e milhares de outras formas de vida, algumas exclusivas da região da floresta amazônica. Embora o Brasil tenha tido uma presença bastante impactante no cenário internacional em termos de diversos setores, como agricultura e tecnologia, o país ainda sofre com a praga da desigualdade econômica, pobreza, insegurança alimentar, diversas doenças e altos índices de crimes violentos/mortais. Toda rosa tem seu espinho, alguns espinhos são venenosos, alguns são malévolos, mas em última análise, ineficazes. A personificação dessa ineficácia, na minha opinião, pode ser vista em vários gêneros musicais latino-americanos/lusófonos, como o reggaeton, que, na minha opinião, é a forma mais baixa de expressão musical. Quando realidades tão perturbadoras se chocam, uma banda como o Ravendark's Monarchal Canticle, tem a oportunidade de procriar e até mesmo ajudar a desenvolver uma nova onda de intérpretes e imitadores. O Ravendark's Monarchal Canticle,, é uma banda envolta no senso de nacionalismo latino-americano e lembra profundamente a glória alcançada pelo Brasil após sua independência de Portugal, que era, à época, apenas uma sombra da grande e poderosa potência colonial naval que já foi. Este álbum completo contém dois covers impressionantes: o primeiro, uma versão de uma música do Sodom, traduzida para o português, e o segundo, um cover de um clássico do Holocausto, 'Regimento Da Morte'. Essas duas músicas ajudam o ouvinte a entender melhor as fontes de inspiração da banda. 'Sobre As Cinzas Do Fracasso Alheio' é provavelmente um dos álbuns mais singulares que já ouvi. Há muitos temas e tropos recorrentes neste álbum. A primeira, e provavelmente a mais impactante forma de autoexpressão, é o uso extensivo de marchas de guerra e clipes sonoros de batalhas para tentar criar uma atmosfera belicosa. A maioria das músicas deste álbum, definitivamente, se inclina mais para o estilo mais bestial e inspirado no thrash do black metal, pioneiro de bandas como Blasphemy e Sarcófago. No entanto, há músicas onde influências mais variadas podem ser ouvidas. A música 'Hino à Revolução Paulista' expõe uma faceta diferente, mais melódica e realista da persona do Ravendark's Monarchal Canticle. A música é definitivamente o marco máximo de como criar e compor um black metal pagão/atmosférico sem que a música se torne entediante ou pareça que todo o exercício é apenas um exercício de arrastar cada música ao extremo apenas para desmoralizar sob seu próprio peso. A faixa que encerra este álbum, 'Destruição em Massa', faz um trabalho perfeito na continuação da versão cover do Holocausto, pois mantém e introduz uma força motriz mais malévola por trás da música. A produção é incrível, não é muito clara ou polida, mas soa exatamente como um lançamento de black metal bestial/de guerra deveria soar. Recomendo fortemente a qualquer um que goste de ouvir formas mais criativas de black metal que confira este lançamento<sup>166</sup> (Metal Archives, on-line, 2020, grifos nossos).*

---

<sup>166</sup> Tradução livre de: *Lusophone black metal never ceases to amaze me. Brazil might just be the most valuable cradle of black metal bands. This country is claimed as a homeland to so many great bands in general like Sarcófago, Northern Forest, Vulcano, Holocausto just to name a few. This vast country is which enjoys one of the biggest economies in the world and home to a large population of humans and thousands of other lifeforms, some exclusive to the region of the Amazon rainforest. Even though Brazil has had quite an impactful presence on the international stage in terms of many industries such as agriculture and technology, Brazil still suffers from the plague of economic inequality, poverty, food insecurity, various diseases and high violent/deadly crime rate. Every rose has its thorn, some thorns are poisonous, some are malevolent but ultimately ineffective. The personification of such ineffectiveness, in my opinion, can be seen in numerous Latin/Lusophone American music genres like Reggaeton which in my opinion is the lowest form of musical expression. When such disturbing realities clash together, a band such as Ravendark's Monarchal Canticle is allowed to procreate and even help evolve a*

Figura 50 – Capa do álbum *Sobre as Cinzas do Fracasso Alheio*, de 2015, *Ravendark's Monarchal Canticle*.



**Fonte:** <[https://www.metal-archives.com/albums/Ravendark%27s\\_Monarchal\\_Canticle/Sobre\\_as\\_Cinzas\\_do\\_Fracasso\\_Alheio/537583](https://www.metal-archives.com/albums/Ravendark%27s_Monarchal_Canticle/Sobre_as_Cinzas_do_Fracasso_Alheio/537583)>  
**Acesso em:** 20/01/2025

A música “Hino à Revolução Paulista”, citada na resenha está disponível nas plataformas de vídeo<sup>167</sup>. Porém, vejamos o que diz a segunda faixa desse álbum de 2015, *Sobre*

---

*new wave of interpreters and copy-cats. Ravendark's Monarchal Canticle is a band draped in the sense of Latin-American nationalism and is keenly reminiscent towards the glory achieved by Brazil after its independence from Portugal, which was by then, just a shadow of the large and powerful naval colonial power that it was once was. This full-length album contains two impressive cover songs, the first covering a Sodom song which they translated in Portuguese, and the second covering their co-national counterparts Holocaustos' classic song called 'Regimento Da Morte'. These two songs help the listener to better understand the sources from which this band is drawing its inspiration. 'Sobre As Cinzas Do Fracasso Alheio' is probably one of the more unique albums I've heard in a while. There are a lot of recurring themes and tropes in this album. The first, and probably most impactful forms of self-expression, is the extensive use of war marches and sound-clips of battles to try to create a feeling of bellicose atmosphere. Most of the songs on this album, definitely lean more towards the more bestial and thrash-inspired style of black metal, pioneered by bands such as Blasphemy and Sarcófago. However, there are songs where more varied influences can be heard.*

*The song 'Hino à Revolução Paulista' exposes a different, more melodic and down to earth facet of Ravendark's Monarchal Canticles' persona. The song is definitely the ultimate benchmark of how to create and compose a pagan/atmospheric black metal song without the song getting boring or feel like the whole exercise is just an exercise in dragging each song to the furthest stretches only to collapse under their own weight. The closing track on this album called 'Destruição em Massa' does a perfect job on following up to Holocaustos' cover version because it maintains and ushers a more malevolent driving-force behind the music. The production is amazing, it's not too clear or polished, but sounds exactly like how a bestial/war black metal release should sound like. I strongly suggest to anyone who enjoys listening to more creative forms of black metal to check this release out.*

Disponível em: <[https://www.metal-archives.com/reviews/Ravendark%27s\\_Monarchal\\_Canticle/Sobre\\_as\\_Cinzas\\_do\\_Fracasso\\_Alheio/537583/Spotupon/322707](https://www.metal-archives.com/reviews/Ravendark%27s_Monarchal_Canticle/Sobre_as_Cinzas_do_Fracasso_Alheio/537583/Spotupon/322707)>. Acesso em: 03/06/2025.

<sup>167</sup> Disponível em: <[https://www.Youtube.com/watch?v=apPeQ\\_pLJCA](https://www.Youtube.com/watch?v=apPeQ_pLJCA)>. Acesso em: 03/06/2025.

as cinzas do fracasso alheio, chamada de “Execução final”, também disponível nas plataformas de vídeo<sup>168</sup>:

*O chamado lhe toma como assalto  
 Eis a incineração generalizada  
 Queda de padrão estabelecido  
 A vala comum, muito vos aguarda  
 Além das grades, só a mente emana  
 Pois nas cinzas hereditárias o fracasso se revela  
 Na neblina aponta o tanque  
 Memória indistinta em escombros tange  
 A fuga só conduz ao nada  
 Existência para onde Deus se esconde  
 Além das grades, só a mente emana  
 Pois nas cinzas hereditárias o fracasso se revela  
 Demônios povoam as mentes  
 No necro território austral  
 Ativismo que nunca se esgota  
 Soberba vitória do mal*

Esse álbum teve o lançamento em CD, em 2015, pela gravadora *Hammer of Damnation* e, em cassete, pela *Brotherhood of Light Recordings*. Na página dessa última gravadora no YouTube, onde a música “Execução final” está disponível, encontramos a seguinte descrição:

Este hino foi retirado do álbum completo de 2015 do RAVENDARK'S MONARCHAL CANTICLE, "Sobre as Cinzas do Fracasso Alheio". Originalmente lançado em CD pela Hammer, do Damnation of Brazil, a Brotherhood of Light Recordings tem o orgulho de anunciar o lançamento da versão pro-tape deste álbum de Black Metal Cult!!! Vindo do Brasil, o R.M.C. conta com membros do EVIL/SOTURNO/ALÉM-HOMEM/CURSED CHRIST/, entre muitos outros, e eles têm gravado e tocado ao vivo desde o final dos anos 90!!! O R.M.C. continua a unir os diversos gêneros do metal, criando uma ameaça ao Metal Brasileiro verdadeiramente coesa! Este lançamento será limitado a 100 fitas numeradas à mão e duplicadas profissionalmente, com capas coloridas e adesivos impressos profissionalmente em frente e verso. Este lançamento também inclui covers de músicas do SODOM e do HOLOCAUSTO! Esta fita profissional estará disponível para compra no final de maio e início de junho pela loja virtual da Brotherhood of

<sup>168</sup> Disponível em: <<https://www.Youtube.com/watch?v=115-O4xL99Y>>. Acesso em: 03/06/2025.

Light Recordings e logo depois por meio de gravadoras de apoio/distribuição<sup>169</sup> (YouTube, on-line, 2021).

Figura 51 – Banda NSBM paulistana *Ravendark's Monarchal Canticle*. Caio Bildner no vocal e bateria, Carlos Pimentel na guitarra e Carlos Cabral no Baixo. Foto de divulgação.



**Fonte:** <[https://www.metal-archives.com/bands/Ravendark%27s\\_Monarchal\\_Canticle/32565](https://www.metal-archives.com/bands/Ravendark%27s_Monarchal_Canticle/32565)> **Acesso em:** 20/01/2025

Atualmente outras bandas de black metal em atividade com temáticas sobre guerras, niilismo, vampirismo e misantropia como o grupo de Franca, interior paulista, *Cursed Christ*, os grupos de Cuiabá/São Paulo *Die Human Race* e *Goatrench*, os paulistanos do *Dieseldörf* e *Umbrivago Sombrio* têm em comum a presença atuante de Caio Bildner como *Holokhaosto* na bateria.

---

<sup>169</sup> Tradução livre de: This hymn was taken from RAVENDARK'S MONARCHAL CANTICLE's 2015 full length, "Sobre as Cinzas do Fracasso Alheio". Originally released on CD By Hammer of Damnation of Brazil, Brotherhood of Light Recordings is proud to announce the release of the pro-tape version of this Cult Black Metal album!!! Hailing from Brazil, R.M.C. features members of EVIL/SOTURNO/ALÉM-HOMEM/CURSED CHRIST/ among many more and they have been recording and playing live shows since late 90s!!! R.M.C. continues to bridge the gaps between many different genres of metal, creating a truely cohesive Brazilian Metal Menace! This release will be limited to 100 hand numbered and professionally duplicated tapes with double sided color pro-printed covers and tape stickers. Also this release includes covers of SODOM and HOLOCAUSTO songs! This pro-tape will be available for purchase in late May- early June through Brotherhood of Light Recordings Webstore and soon after from supporting/distributing labels. Disponível em:<<https://www.Youtube.com/watch?v=115-O4xL99Y>>. Acesso em: 03/06/2025.

### 3.3.3 Vulgo *Oldwolf*

Figura 52 – Saulo Peghin – *Oldwolf* – foto de divulgação da banda *Evil*.



Fonte: <[https://www.metal-archives.com/artists/Saulo\\_Peghin/272131](https://www.metal-archives.com/artists/Saulo_Peghin/272131)>. Acesso em: 25/01/2025

Saulo Peghin é um guitarrista atuante na cena de metal extremo paulistano, mais precisamente na região do ABC paulista, tocando em quatro bandas. Segundo o seu perfil no Metal Archives, desde 2010, está presente na banda *Arthanus*, além da banda *Walsung*, desde 2015. Em outros projetos, é membro da banda *Hammergoat*, desde 2016 e, enfim, da banda *Wolfhord*, desde 2020. Dentre os grupos que fez parte, participou da banda *Hate for Revenge* entre os anos de 2001, 2006 e 2008 e da banda *Evil* de 2016 a 2024.

Desses grupos, apenas a banda *Evil* não está ativa hoje. Observa-se também que a banda *Hate for Revenge* é rotulada como *heavy metal* e a banda *Arthanus* por um subestilo chamado de *melodic death metal*. A banda *Hammergoat* assume um rótulo que transita entre o death e o black metal. As bandas *Walsung* e *Wolfhord* estão catalogadas como black metal pagão (*pagan black metal* como costumam dizer os ouvintes). Naturalmente, lembramos que a banda *Evil* é catalogada como black metal, assim como a *Wolfhord*. A temática “pagã” e NSBM aparecem com as bandas *Walsung*, *Wolfhord* e *Evil*. Porém, os temas relacionados à mitologia viking e os períodos históricos europeus são tratados pelas bandas *Arthanus* e *Hate for Revenge*.

Observando todos esses grupos, curiosamente na banda *Hammergoat*, além de Saulo, temos a presença de Luiz Carlos Oliveira, Caio Bildner e *F. Daemon* como membros, ou seja, uma formação estendida da banda *Evil*. Nessa banda, Saulo se identifica como O.W.S.P. – Imagina-se que sejam as iniciais de “*Old Wolf Saulo Peghin*”. Reiteramos que Luiz Carlos

também participa com Saulo nas bandas *Walsung* e *Wolfhord*. Assim, de todos os grupos em que Saulo toca ou tocou, a sua participação principal é como guitarrista. Contudo, com a banda *Walsung*, sob o codinome *Oldwolf*, Saulo atua nos vocais, nas guitarras, no baixo e nos teclados. Segundo o *release* da banda disponível no site da *Black Metal Store*<sup>170</sup>, loja que distribui o material da banda, o grupo:

*Criado em solo brasileiro, Walsung executa um black metal pagão inspirado no antigo espírito ancestral e no culto transcendental ao sangue, onde suas canções trazem toda sua jornada caótica e cataclísmica. [O grupo também foi] Criado por OldWolf por volta de 2014 e inspirado em bandas como Bathory, Burzum, Moonblood, Fullmoon, Veles, Bilskirnir, Graveland e outros, este projeto explora diversos instrumentos musicais e estilos, indo desde uma música acústica ao Black Metal antigo (Black Metal Store, 2024, on-line, grifos nossos).*

Dessas bandas citadas que inspiraram Saulo nesse projeto, a maioria, pode-se dizer, são bandas envolvidas em alguma medida com a cena NSBM mundial.

A banda *Walsung* possui três EPs lançados nos anos 2016, 2021, 2024. Além disso, possui um álbum completo chamado *Perpetual Blood*, lançado em 2016, e um DVD ao vivo compartilhado com a banda *Ravendark's Monarchal Canticle*, chamado *Live Pagan Massacre*, lançado em 2021. Entre o disco completo de 2016 e o EP de 2021, a banda participou de seis álbuns compartilhados dividindo espaço com bandas reconhecidas do universo *pagan black metal*/NSBM como a banda alemã *Bilskirnir*, os ucranianos do *Blutfahne*, os franceses do *Maléfice* e os conterrâneos do *Ravendark's Monarchal Canticle* e o *Evil*.

O álbum completo de 2016, *Perpetual Blood*, possui doze faixas:

1. *Perpetual Blood* 06:05
2. *Pagan's Demoliton Squad* 00:45
3. *Pagan Pride* 04:26
4. *Forest's Whisper* 03:28
5. *Wolf's Journey* 05:45
6. *Crow the Obscure* 03:01
7. *Wotansdienst* 05:12
8. *Death and Honour* 01:38
9. *Old Trees* 02:56

---

<sup>170</sup> A Loja *Black Metal Store* atua como gravadora e distribuidora especialista em metal extremo. Disponível em: <[https://blackmetalstore.com/walsung/?srsltid=AfmBOorBkL2Oi\\_b8cIKHkqUcOyeNT8VWHSJCzzfLh95nDq7K9MJ\\_Xz0Z](https://blackmetalstore.com/walsung/?srsltid=AfmBOorBkL2Oi_b8cIKHkqUcOyeNT8VWHSJCzzfLh95nDq7K9MJ_Xz0Z)>. Acesso em: 04/06/2025.

10. *Into the Cosmic Cataclysm (Evil cover) 07:00*

11. *The Elder Chief and the Oaken Tree 03:17*

12. *A Wide Age, a Wolf Age 04:48*

Curiosamente, as músicas são cantadas em inglês, islandês e alemão. No caso, nota-se que a faixa de número 7, “Wotansdienst”, está em alemão, algo como “Serviço de Wotan” em tradução livre. A base instrumental é guitarra, contrabaixo, teclados e bateria. As divisões rítmicas sugerem um compasso composto. A voz executada sem *drive* ou canto gutural, de forma declamatória, articula os versos buscando uma clareza relativa na oratória. Assim, o texto da música, em alemão, diz:

*Winde widerhallen zwischen die  
Hügeln bei der göttenr säuseln.*

*Es ist so kalt, dass meine  
Haut eingedrungen wird.*

*Das geheul derwölfe höre  
Ich dort hinten*

*Die machen michaufgewacht  
Und weitergehen.*

*Ich nehme das vermächtnis  
Meiner vorfahner mit.*

*Das in mein herz verwurzelt ist.*

*Wotan führen sie  
Mich zu der schlacht.*

*Ich suche die ruhe in  
Brutalitäts macht*

*Das blutt in mein gesicht  
Macht mir lebhalft.*

*Raben fangen zu krächzen an.  
Es ist das ende.*

*Dieses mal ging ich  
Nicht nach Walhala.*

*Aber ich weiss, dass der  
Tag kommen wird.  
So ich werde mit meiner  
Brüder sein.  
Am Wotansdienst.*

\*\*\*

*Em tradução livre:  
Os ventos ecoam entre as colinas onde os deuses sussurram.  
Está tão frio que minha pele é penetrada.  
Ouço o uivo dos lobos  
lá atrás.  
Eles me acordam  
E seguem em frente.*

*Levo o legado  
dos meus ancestrais comigo.  
Isso está enraizado no meu coração.  
Wotan, eles me lideram  
para a batalha.  
Busco paz  
no poder da brutalidade  
Que sangra em meu rosto  
Me faz viver.  
Corvos começam a grasnar.  
É o fim.  
Desta vez eu fui  
Não para Valhala.  
Mas eu sei que  
o dia chegará.  
Então estarei com meus  
irmãos.  
A serviço de Wotan.*

Observando as faixas, notamos que a sexta música onde a letra está em islandês, o título está em inglês, a saber “Crow the Obscure”. Aparentemente, se trata de um poema islandês medieval que faz parte do folclore nórdico – segundo detectamos em tradutores on-line, a língua é o islandês antigo (ou islandês medieval). O título original em islandês seria “Krummavísa” e traduzindo para o inglês seria algo como “The Raven Verse” ou “The Raven’s Song”, que por sua vez, traduzindo para o português seria algo como “A Canção do Corvo” ou “A Balada do Corvo”. Porém, na tradição oral esses poemas não tinham títulos definidos. Imagina-se que a banda criou a sua versão de título para o poema, traduzido como “Corvo, o Obscuro”. Vejamos o que diz o poema:

*krummi svaf kletta gjá, - kaldri vetrar nóttu á,  
Verdur margt ad meini; Verdur margt ad meini  
Fyrr en dagur fagur rann  
Fredid nefid dregur hann  
Undan stórum steini. Undan stórum steini.*

*Allt er frosid úti gor, ekkert faest vid ströndu mor,  
Svengd er metti mína; Svengd er metti mína;  
Ef ad húsunm heim ég fer, heimafrakkur bannar mér  
Seppi' úr sorpi' ad tina. seppi' úr sorpi' ad tina.*

*Öll er pakin ísi jörd, ekki séd á holta börd  
Fleygir fuglar geta; Fleygir fuglar geta;  
En pó leiti út um mó, auda hvergilitur tó;  
hvad á hrafn ad éta?  
hvad á hrafn ad éta?*

*Sáladur á sídu lá  
Saudur feitur gardihjá,  
Fyrrum frá á velli.  
Fyrrum frá á velli.  
'Krúnk, Krúnk! Nafnar,*

*Komid hér!*

*Krúnk, Krúnk! Pvi oss búin her!*

*Krás á köldu svelli.*

*Krás á Köldu svelli.'*

\*\*\*

Em tradução livre:

*O corvo dormia na fenda da rocha,*

*Numa fria noite de inverno;*

*Muitos males podem acontecer,*

*Muitos males podem acontecer,*

*Antes que o belo dia se levante,*

*Pois o corvo tira o bico*

*Debaixo de uma grande pedra.*

*Debaixo de uma grande pedra.*

*Tudo está congelado lá fora,*

*Nada se encontra junto à costa;*

*Minha fome não tem alívio,*

*Minha fome não tem alívio;*

*Se eu for à casa,*

*O guarda não me deixa*

*Tirar nada do lixo.*

*Tirar nada do lixo.*

*Tudo está coberto de gelo na terra,*

*Nada se vê no alto da colina;*

*Nem mesmo pássaros podem voar,*

*Nem mesmo pássaros podem voar;*

*E mesmo quando olho pela charneca,*

*Tudo está vazio e sem cor,*

*O que o corvo há de comer?*

*O que o corvo há de comer?*

*Jazia um carneiro gordo*

*Lá perto do curral,*

*Antes veloz pelos campos.*

*Antes veloz pelos campos.*

*"Krúnk, krúnk! Companheiros,*

*Venham todos aqui!*

*Krúnk, krúnk! Pois está preparado para nós,*

*Um banquete no frio campo de neve,*

*Um banquete no frio campo de neve!*

O poema original reflete o tema do corvo no folclore nórdico, a escassez no inverno e a luta pela sobrevivência. Essa faixa de três minutos está composta em duas partes. Na primeira parte, o poema é declamado em coro ao som de um corvo crocitando. Na segunda parte, a paisagem sonora se modifica para um arranjo de piano, cordas (violinos) e uma percussão. Esse disco está disponível na plataforma YouTube<sup>171</sup> de forma integral e fragmentada em vídeos com algumas faixas separadamente. A figura do corvo é materializada na arte da capa do álbum, assim como o guerreiro medieval na paisagem em tons de cinzas, sugerindo um período invernal encoberto pelo gelo. Toda essa arte em preto e branco e tons de cinza está envolta por uma “moldura”, como se fosse um “quadro de parede”. Nota-se a presença de “tinta vermelha” lançada, sugerindo, talvez, a representação de sangue derramado. O Nome do álbum está grafado com um tipo de fonte que lembra a estética das runas vikings. Ao utilizar essa fonte, imagina-se que a banda procurou criar um efeito visual que transmita uma sensação de antiguidade ou “magia”.

---

<sup>171</sup> Um exemplo de página do YouTube que divulga o disco completo *Perpetual Blood*, 2016, da banda *Walsung*. Disponível em: <<https://www.Youtube.com/watch?v=KWmvDAeUx2w>>. Acesso em: 07/06/2025.

Figura 53 – Capa do álbum *Perpetual Blood*, de 2016, *Walsung*.



Fonte: <[https://www.metal-archives.com/albums/Walsung/Perpetual\\_Blood/598855](https://www.metal-archives.com/albums/Walsung/Perpetual_Blood/598855)> Acesso em: 25/01/2025

### 3.3.4 *Warlord*, a alcunha para além do *Evil*

Figura 54 – Luiz Carlos Oliveira – *Warlord* – foto de divulgação da banda *Evil*.



Fonte: <<https://www.metal-archives.com/artists/Warlord/26256>> Acesso em: 05/02/2025

Luiz Carlos Oliveira é reconhecido na cena *underground* paulistana, assim como no cenário nacional e internacional pelas suas gravadoras e distribuidoras, a saber, a *Southern Productions*, a *Hammer of Damnation* e a *Black Metal Store*. Entretanto, paralelo aos seus vários empreendimentos comerciais, o mais recente a casa de shows *Necrópole Hall*, Luiz Carlos também é reconhecido pela participação em várias bandas de black metal da região do

ABC paulista. Sobre isso, observamos que a banda *Evil* foi a mais produtiva de sua carreira, pois notamos uma extensa quantidade de materiais fonográficos lançados em quase trinta anos de existência. Contudo, Luiz Carlos não trilhou esse caminho como músico apenas com a banda *Evil*. Constatamos muitos projetos paralelos ativos, até o presente momento, que revelam uma capilaridade de grupos onde tem atuado, além de outros, teoricamente, desativados.

Primeiramente, vamos tratar dessa teia de grupos que envolve Luiz Carlos, ora como um músico aparentemente “coadjuvante”, ora como um ator fundamental. Logo a seguir, abordaremos o histórico dos selos, das gravadoras e da loja especializada em metal extremo do qual Luiz Carlos é o responsável. Para ilustrar, veremos trechos de entrevistas em que Luiz se manifesta em *podcasts* especializados, disponíveis na plataforma de vídeo YouTube, a respeito de temas relacionados à sua carreira e à cena metal de forma geral.

#### 3.3.4.1 As bandas do passado, desativadas ou quase

Dentre as bandas listadas que tiveram a participação de Luiz Carlos Oliveira, além da *Evil* entre 1994/95 até 2024, podem-se contabilizar as bandas *Bael*, *Dethroned Christ* e *Resistencia 88* nos anos 1990. Na banda *Evil*, Luiz participou como guitarrista, baixista e vocalista em fases distintas, porém nas outras duas bandas – *Bael* e *Dethroned Christ* – está creditado apenas como guitarrista. A banda *Resistencia 88*<sup>172</sup> foi um projeto solo de Luiz Carlos colocando voz e instrumentos de cordas, somados a uma bateria programada.

Vamos destacar aqui a banda *Resistencia 88*, pois ela não está inativa, apenas mudou de nome para *Command*, apesar de coexistirem com lançamentos paralelos entre os anos 1998 e 2000. Curiosamente, ambas as bandas estão registradas no site Metal Archives como originárias do Estado do Paraná, diferentemente dos outros grupos de Luiz Carlos que são de origem paulista. Assim, no site Metal Archives, segundo a página que se refere à banda *Resistencia 88*, observa-se a indicação de duas produções. Uma demo de 1997 intitulada *A nova ordem* e um álbum compartilhado, lançado no ano 2000, chamado *Acireman Southern Aryan Terrorists* com a banda estadunidense *Gestapo SS*.

Além dessas associações evidentes, essa banda carrega no próprio nome a indicação 88, que é um código referente ao HH, a oitava letra do alfabeto que se torna um “apito de cachorro” para a saudação nazista, *Heil Hitler*. O SS da banda com quem compartilha o álbum de 2000 é, semelhantemente, uma referência aos dois S’s em cruz da suástica nazista, abreviando a

---

<sup>172</sup> Disponível em: <[https://www.metal-archives.com/bands/Resistencia\\_88/115121](https://www.metal-archives.com/bands/Resistencia_88/115121)>. Acesso em: 08/06/2025.

organização paramilitar *Schutzstaffel*, ligada ao Partido Nazista e a Hitler. Entretanto, nessa primeira demo, *A nova ordem*, contendo quase onze minutos, observamos os seguintes títulos de músicas:

1. *Hino ao Fuhrer (Intro) 01:12*
2. *Ziklon-B 03:38*
3. *Orgasm of War 03:07*
4. *Império Facista 02:51 (sic.)*
5. *Junto a Longa Glória 00:07*

A primeira “música” é indicada como instrumental, porém trata-se de um discurso proferido por Hitler, assim como a última faixa. Na verdade, todas as faixas são antecedidas por uma fala sampleada de algum discurso de Hitler. Nota-se que o título da segunda faixa, *Ziklon-B*, é nome do gás utilizado nas câmeras de gás dos campos de concentração nazistas. Essa demo também está disponível em plataformas como o YouTube<sup>173</sup>. Contudo, observamos que para não chamar atenção o usuário que disponibilizou as músicas “mascarou” a imagem do vídeo, omitindo a capa da demo e deixando apenas uma bandeira do Estado de São Paulo estampada. A capa da demo possui claramente, sinais e mensagens de apologia ao nazismo.

Figura 55 – Capa da demo-cassete *A nova Ordem*, de 1997, *Resistencia 88*.



Fonte: <[https://www.metal-archives.com/albums/Resistencia\\_88/A\\_Nova\\_Ordem/181554](https://www.metal-archives.com/albums/Resistencia_88/A_Nova_Ordem/181554)> Acesso em: 05/02/2025

<sup>173</sup> Disponível em: <<https://www.Youtube.com/watch?v=hiLIpvBxc3g>>. Acesso em: 08/06/2025.

Nota-se nessa capa uma certa quantidade de elementos apologéticos. Destacamos na parte interna da capa uma associação entre a sigla SP, provavelmente uma referência ao Estado de São Paulo, com o emblema da caveira “*Totenkopf*” ligado às tropas SS responsáveis pela segurança dos campos de concentração e, na sequência, o número 88. Na parte lateral à esquerda vemos uma citação em alemão que diz: “*Der Kampf Geht Weiter...*” que em tradução livre para o português quer dizer: “A luta continua...”. Ao lado dessa inscrição vemos os números 14/88. O número 14, frequentemente utilizado ao lado do 88, segundo Dias (2018, p. 22), “representa as letras 1 e 4 do alfabeto e serve como abreviatura para ‘*Auf Deutschland*’”, algo como “Na Alemanha” em tradução livre. Contudo, ainda como aponta a autora (2018) o número 14 é mais relacionado com as 14 palavras proferidas pelo terrorista racista estadunidense David Eden Lane: “Devemos assegurar a existência de nosso povo e um futuro para as crianças brancas<sup>174</sup>”. A capa da demo em cassete ainda traz a águia nazista e vemos um total de três suásticas. Ainda na contracapa, notam-se os dizeres “*Unfer Führer*”, que pode ser traduzido como “Nosso Líder”, entre uma águia e uma suástica e na base a saudação “*Heil Hitler*”. Não por acaso, Luiz Carlos Oliveira utiliza o codinome de *Herr Wolf* nesse projeto.

Uma informação que consta no site Metal Archives é que essa demo foi lançada em 1997 apenas em fita cassete com 88 cópias pela gravadora de Luiz Carlos Oliveira, hoje desativada, a *Southern Productions*. Em 2021, três gravadoras especializadas em bandas NSBM relançaram esse material em CD, Cassete e Vinil, a saber, a gravadora finlandesa *Breath of Pestilence*, a estadunidense *Vinlandic Werwolf Distribution* e a misteriosa gravadora NSBM *SCI800*, respectivamente, todas em atividade nos dias atuais.

O álbum compartilhado lançado no ano 2000, *Acireman Southern Aryan Terrorists* com a banda estadunidense *Gestapo SS*, possui quatro músicas, duas para cada banda. As músicas que Luiz Carlos utilizou nesse *Split* foram “Ziklon-B” e “Orgasm of War”, músicas retiradas da demo de 1997. Esse álbum foi distribuído em Cassete também na quantia de 88 cópias. O lançamento foi realizado pela gravadora brasileira *Combat Records*. Observamos que essa gravadora distribuiu materiais das bandas brasileiras *Evil*, *Resistencia 88*, *Command* e das bandas NSBM estadunidense *Gestapo SS* e *Pantheon* no período entre os anos 2000 e 2001 antes de fechar.

---

<sup>174</sup> As 14 palavras citadas por David Lane são: “*We must secure the existence of our people and a future for White Children*” (DIAS, 2018, p. 42).

### 3.3.4.2 As bandas em operação até então

A lista de bandas em atividade em que Luiz Carlos atua é considerável do ponto de vista do volume de material desenvolvido por todos esses grupos ao longo de anos de produção de material fonográfico. Nesse sentido, Luiz Carlos opera em sete bandas ativas na região do ABC paulista. Todos os grupos são classificados como black metal com algumas variações desse estilo. Assim, o perfil de Luiz Carlos Oliveira, vulgo *Warlord*, está conectados às seguintes bandas: *Command*, *Hammergoat*, *Ritualmurder*, *Temple of Hyperborea*, *Walsung*, *Werewolf Bloodorder* e *Wolfhord*. Destacaremos aqui as bandas *Command* e *Werewolf Bloodorder* pelos discursos apresentados e por serem bandas onde Luiz Carlos atua basicamente solo.

### 3.3.4.3 *Command*, a continuação

Durante a produção do presente texto, como mencionado, detectamos que a maioria dessas bandas se encontram ativas, porém estrategicamente elas são desativadas e reativadas a qualquer momento. Segundo Maspero e Ribaric, a banda *Evil* estava ativa durante a pesquisa realizada pelos autores para o livro *Wolves Among Sheep*, de 2015. Entretanto, a banda *Command* estava desativada, no mesmo período. Segundo os autores<sup>175</sup>:

*Command*, uma banda de um homem só que não está mais ativa, nos deixou apenas um álbum lançado em 2004, intitulado *Sturmangriff*, mas que foi o suficiente para deixar uma marca. Nascidos das cinzas da *Resistência 88*, seu passado RAC emerge nas simples estruturas das músicas Oi! tingidas de black metal e todos os enfeites típicos do metal nacional-socialista, como resumos históricos, estética marcial e letras monotemáticas sobre orgulho e defesa da raça. O resultado final é convincente o suficiente para permitir que a banda estreasse na *Totenkopf Propaganda*, e se encontrasse dentre a infinidade de bandas afiliadas ao *Pagan Front* (Maspero; Ribaric, 2015, p. 509).

Ressaltamos que os autores indicam que a banda *Command*<sup>176</sup> é uma banda de um “homem só”, porém eles não mencionam quem era esse homem e nem as ligações óbvias com

---

<sup>175</sup> Em tradução livre de: *Command*, a one-man band that is no longer active, left us only one album which came out in 2004, titled *Sturmangriff*, but that was enough to leave a mark. Born from the ashes of *Resistência 88*, their RAC past emerges in the simple Oi! Structures of the songs, tinged with black metal and all the typical trimmings of National Socialist metal, such as historical samples, martial aesthetics and monothematic lyrics about pride and defense of the race. The end result is convincing enough to allow the band to debut for *Totenkopf Propaganda*, and finds them in the plethora of the bands affiliated with the *Pagan Front*. (Maspero; Ribaric, 2015, p. 509).

<sup>176</sup> Disponível em <[https://www.metal-archives.com/bands/Command/16202#band\\_tab\\_members](https://www.metal-archives.com/bands/Command/16202#band_tab_members)>. Acesso em: 08/-06/2025.

a banda *Evil*, apenas com a banda *Resistencia 88*. A gravadora citada, *Totenkopf Propaganda*<sup>177</sup>, é uma gravadora grega ativa, desde 1996, especializada em distribuir e lançar discos de bandas NSBM de vários lugares do mundo, como as bandas: *Absurd*, *Ad Hominem*, *Aryan Blood*, *Capricornus*, *Der Stürmer*, *Spear of Longinus*, *Wodulf* e *Evil*, para citar algumas. O *Pagan Front* é um seletto movimento NSBM com atores de vários lugares do mundo, encabeçado por Hendrik Möbus do *Absurd*. Luiz Carlos entrou para esse grupo respondendo, a princípio, pela banda *Evil*. Então, pode-se imaginar que qualquer outro projeto que tivesse a assinatura de *Warlord*/Luiz Carlos e fosse uma banda declaradamente NSBM, naturalmente estaria participando desses seletos grupos neonazistas.

A banda *Command*, de Luiz Carlos, gravou um álbum completo em 2004, chamado *Sturmangriff*, como citado por Maspero e Ribaric (2015), porém antes disso, a banda lançou duas demos, em 1998 e 2003, e um álbum compartilhado, em 2000. Entre os anos 2016 e 2023 lançou mais quatro álbuns compartilhados.

A demo de “estreia” da banda *Command* de 1998, lançada pela *Southern Productions*, gravadora à época de Luiz Carlos, traz o título de *Kulturkampf*, ou *Guerra Cultural* em tradução livre do alemão. As músicas dessa demo estão em inglês e alemão, ora com títulos em alemão e letras em inglês, ora com título e letra em inglês, ora com título e letra em alemão. Segundo observa-se, são oito músicas gravadas na seguinte sequência:

1. *Die Fahne hoch (Horst Wessel Lied)* 02:59
2. *Stormfront Fighters* 04:17
3. *Das Marsch zum Kampf* 02:52
4. *Die braune Kompanie* 02:15
5. *Southern National Socialist* 01:34
6. *When the Iron Eagle Flies Again* 02:12
7. *Kulturkampf Kommando* 03:12
8. *Outro* 01:04

Notamos que a quarta faixa, “Die braune Kompanie”, foi gravada com a letra em alemão. O texto dessa música está disponível na página da banda *Command* referente à demo *Kulturkampf*, no site Metal Archives. Vejamos o que diz essa letra:

---

<sup>177</sup> Disponível em <[https://www.metal-archives.com/labels/Totenkopf\\_Propaganda/1496#label\\_tabs\\_albums](https://www.metal-archives.com/labels/Totenkopf_Propaganda/1496#label_tabs_albums)>. Acesso em: 08/-06/2025.

*Ich bin noch jung an Jahren,  
Ich bin noch weit vom Tod,  
Und hab' doch schon erfahren  
Des Volkes bitt're Not.  
Und ob mein Glück mich freue,  
Mein Herz vergißt dich nie.  
Ich diene dir in Treue,  
Du braune Kompanie!*

*Schon mancher ist gefallen  
Von unserm Hitlerkorps;  
Die Glocken hör ich schallen  
Und heb' den Arm empor.  
Ich schwöre und erneue  
Den Schwur, den Wessel schrie:  
Ich diene dir in Treue,  
Du braune Kompanie!*

*So will ich wacker streiten  
Bis an das blut'ge End,  
Daß einst in fernen Zeiten  
Mein Deutschland Fried fänd',  
Und daß einst Rosen streue  
Der Sieg, den Gott uns lieh.  
Drum dien' ich dir in Treue,  
Du braune Kompanie!*

\*\*\*

Em tradução livre para o português, o texto revela os seguintes dizeres:

*Ainda sou jovem em anos,  
Ainda estou longe da morte,*

*E, no entanto, já experimentei  
A amarga necessidade do povo.  
E embora minha felicidade se alegre,  
Meu coração jamais os esquecerá.  
Eu os sirvo fielmente,  
Companhia marrom!*

*Muitos já caíram  
Do nosso corpo de Hitler;  
Eu ouço os sinos tocando  
E levanto meu braço bem alto.  
Eu juro e renovo  
O juramento que Wessel gritou:  
Eu os sirvo fielmente,  
Companhia marrom!*

*Portanto, lutarei bravamente  
Até o fim sangrento,  
Para que um dia, em tempos distantes,  
Minha Alemanha possa encontrar a paz,  
E que um dia a vitória que Deus nos emprestou possa espalhar rosas.  
Portanto, eu os sirvo fielmente,  
Companhia marrom!*

Notamos aqui, que Luiz Carlos se refere ao grupo paramilitar da SA nazista chamada de “companhia marrom”, em referência aos uniformes de cor marrom. Esse era um grupo que agia com muita violência e que era utilizado para preparar eventos nazistas e “manter a ordem”. Segundo Kershaw (2010, p. 122), era a “Tropa de Choque” nazista criada em meados de 1920.

A capa da demo traz uma representação de um guerreiro/soldado em um barco medieval, aparentemente, viking. Na imagem, representada em estilo de “arte egípcia”, observa-se que a personagem segura uma espada, utiliza um capacete com símbolo da SS e sustenta um escudo com uma suástica estilizada estampada. Na lateral esquerda, observa-se o termo “Southern”, imagina-se que seja a gravadora de Luiz, e logo abaixo, além do endereço

de contato com número de caixa postal, o nome de Luiz C. Oliveira escrito em fonte Gótica, assim como essa primeira logomarca da banda *Command*.

Figura 56 – Capa da demo-cassete *Kulturkampf*, de 1998, *Command*.



Fonte: <<https://www.metal-archives.com/albums/Command/Kulturkampf/41760>> Acesso em: 05/02/2025

Em 2000, Luiz lança com a banda *Command* um álbum compartilhado com a banda NSBM estadunidense *Pantheon*, distribuído em fitas cassete pelo selo brasileiro *Combat Records*. Em 2004, o projeto de Luiz Carlos lança o álbum completo *Sturmangriff*, seguindo os mesmos padrões da primeira demo com letras em inglês e alemão mixando títulos e conteúdos. Esse álbum possui uma sequência de dezesseis músicas, incluindo músicas da demo de 1998 e do *Split* de 2000, como podemos observar:

1. *Ein Krieg, ein Sieg! (Intro) 01:59 instrumental*
2. *Der Angriff 03:15*
3. *...and the Earth Will Tremble Again 02:31*
4. *Das March zu Kampf (new version) 04:15*
5. *A Call of Blood 03:43*
6. *Leben und Sterben 03:41*
7. *Das SonnenReich 05:09*
8. *The Gates of Heaven (Absurd cover) 02:56*
9. *Intro 02:53*
10. *Stormfront Fighters 04:10*
11. *Das Marsch zu Kampf 02:48*

12. *Die Braune Kompanie* 02:14
13. *Southern National-Socialist* 01:33
14. *When the Iron Eagles Flies Again* 02:10
15. *Kulturkampf Kommando* 03:06
16. *Outro* 01:00

A arte de capa desse álbum traz um corpo de soldados em desfile militar com a logo da banda *Command* acima. A segunda música desse álbum, “Der Angriff” está disponibilizada por um usuário da plataforma de vídeo YouTube<sup>178</sup>. A letra também está disponível no site Metal Archives, assim como a maioria das dezesseis faixas do disco *Sturmangriff*, de 2004. Essa música tem a letra em inglês e o título em alemão. Assim, a música “Der Angriff” de Luiz Carlos diz:

*Aryan Youth, open your minds!  
remember the blood of our forefathers  
First our folk... Later ourselves!  
Honour the fallen heroes of our race*

*There was land and there was soil  
ancestors' heritage is coming back  
Following the new black sunrise  
Proud Indo-Europeans awake!*

*Heathen Struggle against modern world  
today's fight will look heroic tomorrow  
kill this people which wanted to kill us  
in the name of those who stands before us*

*We are the ones who return to fight  
again and again, back to beginning*

---

<sup>178</sup> Disponível em:

<[https://www.Youtube.com/watch?v=6yKdkQodH0c&list=RD6yKdkQodH0c&start\\_radio=1](https://www.Youtube.com/watch?v=6yKdkQodH0c&list=RD6yKdkQodH0c&start_radio=1)>. Acesso em: 10/06/2025.

*Never surrender! The Stronger Survive*  
*Join us, we are the future*

\*\*\*

Em tradução livre, “O ataque” seria o título em alemão e o restante traduzindo livremente do inglês obtemos os seguintes dizeres:

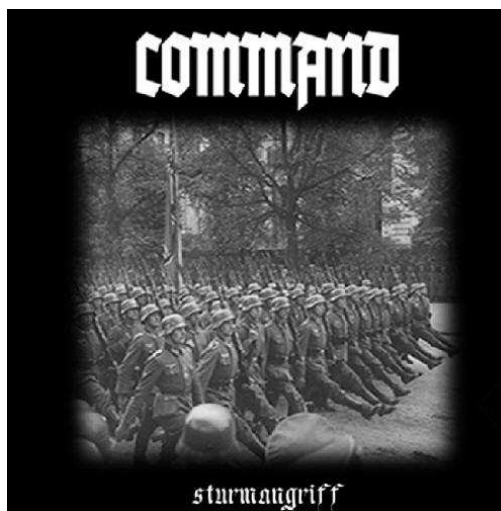
*Juventude Ariana, abra suas mentes!*  
*lembre-se do sangue de nossos antepassados*  
*Primeiro nosso povo... Depois nós mesmos!*  
*Honre os heróis caídos de nossa raça*

*Houve terra e houve solo*  
*A herança dos ancestrais está retornando*  
*Acompanhando o novo amanhecer negro*  
*Orgulhosos indo-europeus, acordem!*

*Luta pagã contra o mundo moderno*  
*A luta de hoje parecerá heroica amanhã*  
*Matem este povo que queria nos matar*  
*Em nome daqueles que estão diante de nós*

*Somos nós que voltamos para lutar*  
*Repetidamente, de volta ao começo*  
*Nunca se rendam! Os mais fortes sobrevivem*  
*Juntem-se a nós, nós somos o futuro*

Figura 57 – Capa do álbum *Sturmangriff*, de 2004, *Command*.



Fonte: <<https://www.metal-archives.com/albums/Command/Sturmangriff/48294>> Acesso em: 05/02/2025

Em 2016, a banda *Command* de Luiz é reativada após um período inativa. Assim, a banda participa de um álbum compartilhado com as bandas *Der Stürmer*, *Reek of the Unzen Gas Fumes* e *Fogged by Fleshflies*. Observaremos uma resenha desse álbum escrita em 18 de dezembro de 2016, por um colaborador do site Metal Archives chamado R. T. Andersen, utilizando o codinome *Ranur5555*. Ao que tudo indica, é um consumidor norueguês desse estilo musical com aproximadamente trinta anos de idade. Em tradução livre<sup>179</sup>, o resenhista revela que:

<sup>179</sup> Texto original disponível em: <[https://www.metal-archives.com/reviews/Der\\_St%C3%BCrmer\\_-\\_Command\\_-\\_Reek\\_of\\_the\\_Unzen\\_Gas\\_Fumes/Der\\_St%C3%BCrmer\\_-\\_Reek\\_of\\_the\\_Unzen\\_Gas\\_Fumes\\_-\\_Command\\_-\\_Fogged\\_by\\_Fleshflies/621223/Ranur5555/220298](https://www.metal-archives.com/reviews/Der_St%C3%BCrmer_-_Command_-_Reek_of_the_Unzen_Gas_Fumes/Der_St%C3%BCrmer_-_Reek_of_the_Unzen_Gas_Fumes_-_Command_-_Fogged_by_Fleshflies/621223/Ranur5555/220298)>. Acesso em: 10/06/2025. “Ranur5555, December 18th, 2016

Terror is back in control...

As of lately, I've started to develop this blind trust in Finnish label Breath of Pestilence's release-roster. I think I first got to know about them in 2015 with the excellent re-issue of Wehrhammer's *Deutsche Sturmtruppen*, and after that I've bought every CD-release by them without hesitating. In addition to re-issuing albums by Wehrhammer, they've also dug up obscure stuff from Vornat as well as standing behind some truly violent NSBM and death metal. This latest one here is quite a collection of filth. Firstly, we have *Der Stürmer*, who's been on fire on the split-front this year. Then, we have the crazy *Reek of the Unzen Gas Fumes* from Japan, who's also been pretty heavy on the splits this year. And then there's the first new studio-tracks from Brazilian *Command* in what, 12 years? That sure is something. Lastly, we have a mysterious entity by the name *Fogged by Fleshflies*. So, that's one helluva congregation of bands.

*Der Stürmer* continues in very much the same path as their previous split, with *Auschwitz Symphony Orchestra*, also released on Breath of Pestilence earlier this year. I'd say they sound pretty great now. Sure, the sound is very digital and not as tight as their previous full-lengths, but the energy and the riffs are still there. And also, Jarl von Hagall seem to improve his vocals more and more with each release. I mean, now he actually sounds good, which he certainly didn't on *A Banner Greater Than Death*. In terms of quality of the songs, it's maybe a slight step down from the aforementioned split, but they're still pretty good. They present three songs. The next band, *Reek of the Unzen Gas Fumes*, presents two, and that's probably enough here. Sure, I love *Reek* and everything they've done so far, but the mixing on these two songs is pretty fucked up. I get that they want to sound as extreme as possible, but come on... That drum machine is just so in your face that it's actually a little distracting. But that's okay in a

*O terror está de volta ao controle...*

*Ultimamente, comecei a desenvolver uma confiança cega na lista de lançamentos do selo finlandês Breath of Pestilence. Acho que os conheci em 2015, com o excelente relançamento de Deutsche Sturmtruppen, do Wehrhammer, e depois disso comprei todos os lançamentos em CD deles sem hesitar. Além de relançar álbuns do Wehrhammer, eles também desenterraram material obscuro do Vornat, além de apoiarem um NSBM e death metal verdadeiramente violentos. Este último aqui é uma bela coleção de sujeiras. Primeiro, temos o Der Stürmer, que está arrasando no split este ano. Depois, temos o louco Reek of the Unzen Gas Fumes do Japão, que também está bem pesado nos splits este ano. E depois há as primeiras faixas de estúdio novas do Brazilian Command em quê, 12 anos? Isso com certeza é alguma coisa. Por fim, temos uma entidade misteriosa chamada Fogged by Fleshflies. Então, essa é uma baita congregação de bandas. O Der Stürmer continua praticamente no mesmo caminho de sua separação anterior, com a Orquestra Sinfônica de Auschwitz, também lançada pela Breath of Pestilence no início deste ano. Eu diria que eles soam muito bem agora. Claro, o som é bem digital e não tão preciso quanto seus álbuns anteriores, mas a energia e os riffs ainda estão lá. E também, Jarl von Hagall parece melhorar seus vocais cada vez mais a cada lançamento. Quer dizer, agora ele realmente soa bem, o que certamente não acontecia em A Banner Greater Than Death. Em termos de qualidade das músicas, talvez seja um pequeno declínio em relação à separação mencionada, mas eles ainda são muito bons. Eles apresentam três músicas. A próxima banda, Reek of the Unzen Gas Fumes, apresenta duas, e isso provavelmente basta por aqui. Claro, eu adoro o Reek e tudo o que eles fizeram até agora, mas a mixagem nessas duas músicas está bem foda. Eu entendo que eles querem soar o mais extremo possível, mas vamos lá... Aquela bateria eletrônica é tão chamativa que chega a ser um pouco distrativa. Mas, de certa forma, tudo bem. Quando o Reek toca os riffs, isso meio que compensa a bateria eletrônica ridícula, porque eles sabem como compor riffs cativantes! Então, é isso. E vamos para a próxima horda, Command. Acho que foi anunciado no início deste ano ou no final de 2015 que o Command voltaria depois de mais de 10 anos com material novo. Quando li isso, torci para que um novo álbum completo estivesse a caminho, visto que gostei bastante do Sturmangriff com toda a sua desleixada e arquetípica essência NSBM. Espero que isso aconteça eventualmente, mas agora temos pelo menos essas três novas músicas. E certamente, a julgar pelos títulos das músicas, essa essência NSBM ainda está muito presente. "Return to Our Power", "LSSAH"... Sim, isso é NSBM, sem dúvida. E sim, soa muito bem. A produção é um pouco mais elaborada aqui, mas ainda soa bem crua. Os vocais profundos e guturais de sempre são muito bons e os riffs são simples e punk. Talvez não seja um retorno tão majestoso quanto as notas*

---

way. When Reek deliver the riffs, that sort of makes up for the ridiculous drum machine, 'cause they sure know how to write catchy riffs! So, that's that.

And over to the next horde, Command. I think it was announced earlier this year or late 2015 that Command would be back after over 10 years with new material. When I read that I hoped a new full-length was on it's way, seeing that I quite enjoyed Sturmangriff in all it's sloppy and archetypical NSBM-ness. Hopefully that will come eventually, but now we have these three new songs at the very least. And certainly, judging by the song titles, that NSBM-ness is still very much there. "Return to Our Power", "LSSAH". Yup, that's NSBM alright. And yeah, it sounds pretty alright. The production is upped a notch or two here, but it still sounds pretty raw. The usual deep, throat-y vocals are pretty good and riffs are simple and punky. Maybe not as majestic of a return as the liner notes will have you believe (see review title), but it is still very good. Then there's the last kick, Fogged by Fleshflies. I think I read somewhere that this is a new Japanese ambient outfit. That may be true, but the one track they/he/she/whatever present here is more industrial and beat-driven. It's not very abrasive, but still sounds very crisp and analogue so that's nice. I liked the song.

All in all, I enjoy this split a lot. I've listened to it many times and really appreciate the straight, in-your-face attitude these bands convey. Definitely recommended for fans of the bands involved, but know that neither delivers their best material. But there is something with that combination of bands and the violent imagery that really does it for me. So, nice job from the bands and the labels Breath of Pestilence and Deathabyss Productions."

do encarte querem fazer você acreditar (veja o título da resenha), mas ainda é muito bom. E tem a última música, *Fogged*, do *Fleshflies*. Acho que li em algum lugar que se trata de uma nova banda japonesa de ambient. Pode ser verdade, mas a única faixa que eles/ele/ela/qualquer que seja apresenta aqui é mais industrial e com batidas mais fortes. Não é muito abrasiva, mas ainda soa bem nítida e analógica, o que é legal. Gostei da música. No geral, eu gosto muito desse split. Já ouvi muitas vezes e realmente aprecio a atitude direta e reta que essas bandas transmitem. Definitivamente recomendado para fãs das bandas envolvidas, mas saibam que nenhuma delas entrega seu melhor material. Mas há algo nessa combinação de bandas e na imagem violenta que realmente me cativa. Então, bom trabalho das bandas e dos selos *Breath of Pestilence* e *Deathabyss Productions* (Metal Archives, 2016, on-line, grifos nossos).

Figura 58 – Capa do álbum compartilhado de 2016, *Command*.



**Fonte:** <[https://www.metal-archives.com/albums/Command/Der\\_St%C3%BCrmer\\_-\\_Reek\\_of\\_the\\_Unzen\\_Gas\\_Fumes\\_-\\_Command\\_-\\_Fogged\\_by\\_Fleshflies/621223](https://www.metal-archives.com/albums/Command/Der_St%C3%BCrmer_-_Reek_of_the_Unzen_Gas_Fumes_-_Command_-_Fogged_by_Fleshflies/621223)> **Acesso em:** 06/02/2025

Em relação à banda brasileira, o autor da resenha deixa claro a ideologia do grupo e uma certa “satisfação” em torno do acesso da banda no microuniverso NSBM. O autor cita duas das três músicas da banda *Command* nesse álbum compartilhado, “Return to Our Power” e “LSSAH”. A música não citada se chama “Neuschwabenland” que em tradução livre seria “Nova Suábia<sup>180</sup>”. Nessa direção, observando o título da música, nota-se que a retórica NSBM se mantém, assim como o resenhista afirmou sobre as outras duas músicas. A gravadora

<sup>180</sup> Nova Suábia seria um “mito” de um local nomeado pelos nazistas na Antártida. Essa região foi reivindicada em agosto de 1939 pela Alemanha. Fonte: <[https://www-coolantarctica-com.translate.google.com/Community/antarctic-mysteries-hitlers-secret-base.php?\\_x\\_tr\\_sl=en&\\_x\\_tr\\_tl=pt&\\_x\\_tr\\_hl=pt&\\_x\\_tr\\_pto=tc](https://www-coolantarctica-com.translate.google.com/Community/antarctic-mysteries-hitlers-secret-base.php?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=tc)>. Acesso em: 10/06/2025.

responsável por distribuir esse material se chama *Breath of Pestilence*<sup>181</sup>. Trata-se de uma gravadora finlandesa de metal extremo com vários grupos NSBM em seu elenco.

Esse projeto de Luiz Carlos se mantém em atividade lançando, em 2020, mais dois álbuns compartilhados. O primeiro álbum é uma participação com a banda neonazista *Wolfsschanze* e o segundo álbum é uma participação com a banda estadunidense NS *Vothana*. Em 2023, Luiz Carlos Oliveira lança com a banda finlandesa *Goatmoon*, de NSBM, o último trabalho compartilhado da banda *Command*. Assim, reafirmando, segundo consta no site Metal Archives, a banda *Command* está como originária do Estado do Paraná, assim como é catalogada a banda *Resistencia 88*. Ainda segundo observa-se no site o gênero é o black metal e dentre os temas abordados pelas bandas estão o nacional-socialismo, o paganismo, guerras, ódio e o antissemitismo. Enfim, requisitos para identificar-se como uma banda NSBM.

#### 3.3.4.4 *Werewolf Bloodorder*, “um retorno?”

Luiz Carlos, se valendo do codinome *Warlord von Ravenclaw*, organiza uma nova banda a partir de 2020. Trata-se de um novo projeto solo chamado *Werewolf Bloodorder*. A página inicial da banda no Metal Archives traz os seguintes dizeres: “de acordo com *Warlord*, a banda é o renascimento de seu último projeto de black metal de sucesso, *Evil*”. Essa relação ideológica entre os dois projetos, *Evil* e *Werewolf Bloodorder*, é confirmada em um *podcast* chamado “*Wolf Transmissions*” publicado em 2022. Esse episódio do *podcast* contém uma entrevista cedida por Luiz Carlos narrando algumas mudanças em sua carreira musical.

Essa entrevista continua disponível em plataformas de vídeo como o YouTube, em um perfil chamado “*bLACK METAL 666*<sup>182</sup>”, e na plataforma chinesa Bilibili, em um perfil chamado “*Videos 666*<sup>183</sup>”, ambos publicados em dezembro de 2024. Em outros episódios do *podcast*, o apresentador sugere para os ouvintes participar de um grupo no aplicativo de mensagens Telegram onde estariam disponíveis todos os conteúdos do “*Wolf Transmissions*”.

O locutor desse *podcast* se identifica como “DF” e avisa que não menciona o próprio nome. Veremos a transcrição da primeira parte dessa entrevista onde Luiz Carlos comenta as mudanças, a criação do novo projeto musical e um pouco da trajetória da banda *Evil*. Assim, a

<sup>181</sup> Disponível em: <[https://www.metal-archives.com/labels/Breath\\_of\\_Pestilence/1065](https://www.metal-archives.com/labels/Breath_of_Pestilence/1065)>. Acesso em: 10/06/2025.

<sup>182</sup> Disponível em: <<https://www.Youtube.com/watch?v=mcG9w7QAj4c>>. Acesso em: 10/06/2025.

<sup>183</sup> Disponível em: <<https://www.bilibili.tv/th/space/1519485889>>. Acesso em: 10/06/2025.

transcrição a seguir é de um trecho de quase sete minutos sem cortes. Nesse sentido, depois das apresentações, o locutor começa com a seguinte pergunta:

(1min 25seg.) **DF** – Bom, vamos começar falando um pouquinho da tua trajetória, pois, porque assim, a galera que escuta aqui o podcast, inclusive, e tal, né, eles sempre elogiam bastante o trampo do *Evil* e agora, né, do *Werewolf Blood Order*. Mas já falando um pouquinho também sobre a questão *Evil* para *Werewolf Blood Order*, a gente já conversou disso em algum momento anteriormente, né, eu e você, mas você quer falar qual foi a motivação de deixar o *Evil* na geladeira e partir pra próxima aí com o *Werewolf*?

(1min 57seg.) **Luiz Carlos** – Cara, a questão mais do final do *Evil*, né, vamos dizer assim, foi mais uma questão de, como eu posso falar, eu acho que cumpriu o que tinha que ser feito, sabe? Eu não consegui observar nada mais no horizonte, em termos de *Evil*, né, e eu percebi, aí eu senti que começou a se perder um pouco, né, nós estávamos, inclusive, enquanto a gente tava se preparando, entre o *Steel Fest* e o *Asgardsrei*, a gente tava com um álbum composto, um álbum completo, e não foi gravado, porque eu senti que aquilo não era mais o *Evil*, era um álbum muito bom, por sinal, mas não tinha característica nenhuma do que eu queria pro *Evil*, ele tava seguindo um rumo bom, legal, mas não era o que eu queria dentro da essência da coisa, da coisa mais velha, e foi aí que a ponte foi até natural pra que viesse o *Werewolf Blood Order*, eu queria algo mais pessoal, onde eu estivesse 100% ligado na composição, na criação, em tudo, e foi aí que acabou rolando essa transição, vamos dizer assim, né.

(3min 13seg.) **DF** – Foda, até porque o *Werewolf Blood Order*, não que o *Evil* não seja, no caso não fosse, mas eu vejo o *Werewolf Blood Order* mais como uma banda mais preto no branco, o *Evil* já tava adquirindo contornos, muito mais distintos, eu poderia dizer, a coisa já tava, não vou dizer degradingando de forma alguma, mas o *Evil* já tava se tornando diferente do que era a concepção original dele, você concorda?

(3min 41seg.) **Luiz Carlos** – Totalmente, totalmente, ah... isso porque você ainda não chegou a ouvir as músicas novas, que aí você realmente tinha fugido, não era de todo o mal, as músicas, volto a dizer, as músicas eram boas pra caramba, mas eu não conseguia enxergar aquilo como o *Evil*, tanto que a gente tá com um projeto rolando aí pra rever aquelas músicas mas não como o *Evil*, mas um projeto no futuro, que aí você tem mais liberdade e não se prende tanto à ideia do que eu queria com o *Evil*, que o *Evil* na verdade é algo mais minimalista, que onde entra a ideia do preto no branco, que é a ideia do *Werewolf Blood Order*, é aqui, é isso, eu não pretendo mudar esse direcionamento com cores e tudo mais, é pra manter o estilo velho mesmo, captar a essência antiga mesmo, é por aí mesmo.

(4min 37seg.) **DF** – Tá certo, e assim, no que diz respeito ainda ao *Werewolf Blood Order*, tipo, de uns tempos pra cá a coisa tá bem agitada, você já teve lá a primeira demo, que já causou um bom impacto, aí tivemos a EP, e agora teve o split que saiu com várias outras bandas nacionais, ele saiu recentemente a fita, inclusive obrigado pelo presente, e daqui a pouco tá saindo o disco, vai ser uma parceria entre a *Hammer of Damnation* e a *Signal Hex*, é isso?

(5min 05seg.) **Luiz Carlos** – É isso mesmo, a gente desde o início, quando eu optei por trilhar esse caminho com o *Werewolf Blood Order*, o Flávio da *Signal* entrou em contato comigo já oferecendo um contrato meio que de exclusividade, então basicamente o que sai referente ao *Werewolf Blood Order*, tem uma certa preferência pra ele, e não foi diferente no caso do *split*, eu já tinha, na verdade esse material do *Werewolf Blood Order*, que foi gravado e tudo mais, era o que eu enxergava como se fosse um álbum novo do *Evil*, é como se fosse uma continuação do *Evil* sim, dentro do estilo antigo, dentro daquela essência primordial mesmo que o *Evil* tinha, mas eu não conseguiria fazer isso com o, no caso, o Caio ou o Saulo, nada contra, pelo contrário, a participação deles, se não fosse eles, a gente não teria atingido os patamares que o *Evil* atingiu, vamos dizer assim, na segunda metade da sua existência, então eu devo muito a eles a questão do próprio fanatismo dos caras, os caras são sangue no ‘zóio’ mesmo pra fazer a coisa acontecer, só que foi uma questão de

direcionamento mesmo, o *Evil* não estava tomando o direcionamento que eu queria, aí foi pra essa questão do *Werewolf Blood Order*, e já tem esse material gravado, já tinha, eram ideias que já estavam comigo já fazia muito tempo, muito tempo mesmo, tanto que pro material novo vai ter muita coisa do *Evil* antigo literalmente ali.

(6min 38seg.) **DF** – Na verdade isso é uma coisa que já ia ser até minha próxima pergunta, porque eu sei que muito do que acontece no *Werewolf Blood Order* é quase que um resgate do que era o *Evil* ali na primeira metade dos anos 90 já, no finalzinho no caso, que o *Evil* começou em 94, foi isso mesmo?

(6min 56seg.) **Luiz Carlos** – Foi, foi no final de 94, na verdade a gente já tinha outras bandas em 92 existiu o *Satanic Rites*<sup>184</sup>, que era uma banda extremamente tosca, podre, com o pessoal ... era uma reunião de amigos na verdade, que depois de um tempo se tornou o *Bael*, e a partir daí em dezembro de 94, eu e o Henrique fomos montando o *Evil* e algumas das músicas que foram escritas pra... nessa época, foram regravadas com o *Evil* mesmo depois, e agora eu estou usando algumas pro *Werewolf Blood Order* que não saíram num formato, por exemplo, gravado num estúdio mais profissional, a gente gravava no rack e na tape lá.

(7min 45seg.) **DF** – Eram momentos áureos assim da cena, quando tipo tinha que fazer tudo na base do improvisado mesmo, né?

(7min 50seg.) **Luiz Carlos** – Sim, pô, era um tapedeck cara, pô, eu lembro que aqueles gravadorzinhos de fita, que rolava rádio e tinha uns microfoneszinhos do lado, então você tinha que posicionar eles num canto legal que pegasse o som bom e cara, as demos foram gravadas assim, as demos do *Evil* desse jeito aí (Wolf Transmissions, on-line, 2022).

Essa nova banda de Luiz Carlos segue os mesmos padrões estéticos da banda *Evil*, mas como deixa claro, mantendo o controle total de todos os aspectos do projeto. Assim, a banda inicia uma nova escalada de lançamentos entre os anos de 2020 a 2024. Luiz Carlos iniciou com a demo, *Rites of Murder and Sacrifice* em 2020. Logo em seguida, lançou um EP, em 2022, chamado *Return by Fire*. Nos anos 2023, lançou dois álbuns compartilhados, *Sorceries of Blood and Iron* e *Wolves of Hatred & War*, o single *Imperial Blood Order* e um álbum completo chamado *The Rebirth of the Night and the Fog*. Em 2024, Luiz lança a demo *Murmurs from the Realm of Hades*, o álbum compartilhado *Ritos de Misticismo Primitivo* e o single *Division Werewolf*.

Os álbuns compartilhados seguem a mesma fórmula de participações, Luiz se associa com outras bandas de black metal nacionais e internacionais com temáticas “neopagãs” e NSBM. Dentre os grupos associados observamos a banda paranaense antissemita *Inexistência*, a banda neonazista alemã *Morke*, a banda “nacionalista” brasileira *Fantôme Oublié*, essa última com todas as letras de suas músicas em francês, para citar algumas dessas associações.

---

<sup>184</sup> Sobre essa banda mencionada por Luiz Carlos, observamos no site Metal Archives que não há menção sobre uma banda de São Paulo com o nome *Satanic Rites*. Apesar dos esforços, não foi encontrado nenhum registro na internet sobre essa fase anterior aos outros grupos *Bael* e *Evil*. *Satanic Rites* é o nome da terceira demo da banda suíça *Hellhammer*, de 1983, uma das bandas protagonista da primeira onda do black metal (Patterson, 2022).

O álbum completo, composto por Luiz Carlos, chamado *The Rebirth of the Night and the Fog*, de 2023, está disponível no YouTube na página da gravadora portuguesa *Signal Rex*<sup>185</sup>, assim como no perfil dessa banda na mesma plataforma<sup>186</sup>. Esse disco possui as seguintes faixas:

1. *Imperial Blood Order (Werewolf Returns)* 06:28
2. *Fullmoon Spectres Marches over the Falling Zion* 09:03
3. *Southern Thrones in the Moons Shadows* 02:38
4. *Spell of Hatred* 05:29
5. *Thy Spring Will Never Come* 06:01
6. *Kali Yoga* 04:04
7. *Triumphant Desolation (We Leave a World in Flames)* 04:11

Sobre esse material, encontramos uma resenha publicada em janeiro de 2025, no site Metal Archives, onde um colaborador identificado apenas como *Blackenedthrash66X* relata o seguinte em tradução direta<sup>187</sup>:

---

<sup>185</sup> Disponível em:

<[https://www.Youtube.com/watch?v=a5wfz6kRXgk&list=RDa5wfz6kRXgk&start\\_radio=1](https://www.Youtube.com/watch?v=a5wfz6kRXgk&list=RDa5wfz6kRXgk&start_radio=1)>. Acesso em: 10/06/2025.

<sup>186</sup> Disponível em: <<https://www.Youtube.com/channel/UCzv37B8ehHV9wV2SOd4rd1A>>. Acesso em: 10/06/2025.

<sup>187</sup> O colaborador que relatamos se mantém anônimo. O texto está disponível no endereço: <[https://www.metal-archives.com/reviews/Werewolf\\_Bloodorder/The\\_Rebirth\\_of\\_the\\_Night\\_and\\_the\\_Fog/1139184/](https://www.metal-archives.com/reviews/Werewolf_Bloodorder/The_Rebirth_of_the_Night_and_the_Fog/1139184/)>. Acesso em: 10/06/2025.

“Blackenedthrash66X, January 11th, 2025.

‘A Solid Introduction’

‘I came to Werewolf Bloodorder unaware of Warlord’s previously heralded act Evil, so my introduction to the band has been wonderfully fresh. I first came across Werewolf Bloodorder via a Youtube video of their spirited live cover of The Black’s ripper ‘The Book of Leviathan’.

The Rebirth of the Night and the Fog starts with an ominous sampled song before launching into the track proper, and what we’re treated to from here on out is 37 minutes of well-studied, and well-executed black metal.

Musically, Werewolf Bloodorder has more in common with their European counterparts than the more bestial black metal that is prevalent throughout Brazil and Southeast America. While just as furious in execution as their local bestial counterparts, (check out the great drum break a bit over the halfway mark in ‘Fullmoon Spectres Marches over the Falling Zion’ for a treat of pounding, swaying drum work) the tracks here have a sense of melancholy and triumph.

The guitar work across the album is engaging without overt technicality – tremolo picked single notes and power chords build upon one another without cacophony. Warlord has a strangled groan of a voice, which may not be for everyone, but his vitriol in tracks like ‘Southern Thrones in the Moons Shadows’ drives the record forward. Rhythm-work on the album is top notch, which is showcased quite well on the back half of ‘Kali Yoga’.

Where this album excels is when Werewolf Bloodorder leans into their influences – across the album you can hear elements of Oi and hardcore and of course traditional 2nd wave black metal. The album moves swiftly, sometimes too much so, but will leave repeat listeners with many ear worms to uncover.

Newcomers will find much to enjoy here, and Evil supporters will likely be intrigued to watch the band continue to grow. Key Tracks: ‘Imperial Blood Order’, ‘Spell of Hatred’, ‘Kali Yoga’”.

*Uma introdução sólida*

*Cheguei ao Werewolf Bloodorder sem conhecer o Evil, banda anteriormente aclamada do Warlord, então minha introdução à banda foi maravilhosamente inovadora. Conheci o Werewolf Bloodorder pela primeira vez através de um vídeo no Youtube do animado cover ao vivo da música 'The Book of Leviathan', do The Black. The Rebirth of the Night and the Fog começa com um sample sinistro antes de se lançar na faixa propriamente dita, e o que nos é oferecido daqui em diante são 37 minutos de black metal bem estudado e bem executado. Musicalmente, o Werewolf Bloodorder tem mais em comum com seus equivalentes europeus do que com o black metal mais bestial que predomina no Brasil e no Sudeste Americano. Embora tão furiosas na execução quanto suas contrapartes bestiais locais (confira o ótimo break de bateria um pouco depois da metade em 'Fullmoon Spectres Marches over the Falling Zion' para um deleite de bateria pulsante e oscilante), as faixas aqui transmitem uma sensação de melancolia e triunfo. O trabalho de guitarra em todo o álbum é envolvente, sem tecnicismos evidentes – notas isoladas tocadas em tremolo e acordes poderosos se complementam sem cacofonia. Warlord tem uma voz estrangulada e gemida, o que pode não agradar a todos, mas seu vigor em faixas como 'Southern Thrones in the Moons Shadows' impulsiona o disco. O trabalho rítmico do álbum é de primeira qualidade, o que é bem demonstrado na segunda metade de 'Kali Yoga'. O destaque deste álbum é quando o Werewolf Bloodorder se apoia em suas influências – ao longo do álbum, você pode ouvir elementos de Oi, hardcore e, claro, black metal tradicional da segunda onda. O álbum se move rapidamente, às vezes até demais, mas deixará os ouvintes recorrentes com muitas lembranças para descobrir. Os novatos encontrarão muito o que aproveitar aqui, e os fãs do Evil provavelmente ficarão intrigados em ver a banda continuar crescendo. Faixas Principais: 'Imperial Blood Order', 'Spell of Hatred', 'Kali Yoga' (Metal Archives, 2025, on-line, grifos nossos).*

Dessa forma o autor da resenha compara não somente os trabalhos anteriores de Luiz Carlos, o *Evil* ao *Werewolf Bloodorder*, mas também compara este último aos grupos europeus com afinidades estéticas e musicais. Dentre as sugestões de músicas, a primeira sugerida pelo autor é a faixa que abre o disco, "*Imperial Blood Order (Werewolf Returns)*", após uma introdução sampleada. Na letra, Luiz Carlos diz:

*Bebendo o sangue da guerra celestial*

*Antes do amanhecer... dos sussurros ancestrais*

*Segurando o cálice da sabedoria e do fogo sagrado*

*Orgulhosos da Morte... possuídos pela guerra!*

*Saqueando a aurora dourada...*

*coroa cravejada de joias do céu!*

*Nós cavalgamos as carruagens da roda de fogo*

*Descendo do céu vermelho-sangue*

*Olhos cheios de ódio em direção ao céu  
 Marchando através do som do trovão  
 Através da noite e do pavor...  
 o lobisomem ascende em chamas  
 A ordem de sangue imperial marcha orgulhosa da morte  
 O retorno majestoso do lobisomem... uivando para sempre!*

*Eu sou aquele que viu a Terra, de longe...  
 E eu sou aquele que carrega os chifres do antigo...*

Notamos que as temáticas são aproximadas em todos os projetos. Observando as gravadoras que distribuem a banda *Werewolf Bloodorder*, o selo português *Signal Rex* especialista em metal extremo, incluindo NSBM, e a gravadora de Luiz Carlos, *Hammer of Damnation*, são responsáveis pela venda e distribuição de toda a discografia produzida.

Figura 59 – Capa do álbum *The Rebirth of the Night and the Fog*, de 2023, *Werewolf Bloodorder*.



**Fonte:** <[https://www.metal-archives.com/albums/Werewolf\\_Bloodorder/The\\_Rebirth\\_of\\_the\\_Night\\_and\\_the\\_Fog/1139184](https://www.metal-archives.com/albums/Werewolf_Bloodorder/The_Rebirth_of_the_Night_and_the_Fog/1139184)> **Acesso em:** 08/02/2025

#### 3.3.4.5 Sobre as dinâmicas e as tramas dos negócios

Luiz Carlos Oliveira é o idealizador das gravadoras, selos e distribuidoras *Southern Productions*, *Hammer of Damnation* e *Black Metal Store* e de um espaço/casa de shows denominado *Necrópole Hall*. Nesse sentido, Luiz se tornou um empresário de um nicho muito específico, um perito em metal extremo, que através de contatos firmados ao longo dos anos, dentro e fora do país, arquitetou uma longa carreira nessa área.

Segundo observamos no site Metal Archives, o selo *Southern Productions* foi fundado por Luiz em meados dos anos 1990 na região do ABC paulista. Porém, mesmo não estando ativo atualmente, é reconhecido na cena metal pelo histórico de distribuição de grupos NSBM brasileiros e europeus daquela época. Em sua lista de colaboradores estavam os franceses do *Celestia* e os alemães do *Moonblood*. Dentre os brasileiros, além do *Evil*, *Command*, *Resistencia 88* – todos esses envolvendo diretamente Luiz Carlos – as bandas paulistanas *Thallium* e *Maseregoth*, além da banda de Brasília – DF, *As Vampiric Shades and Belial Winds*, hoje residente na Áustria. O fim desse selo aconteceu ainda nos anos 1990. Uma hipótese do motivo seria que, quando Henrique Velasco foi preso pelo seu crime, Luiz foi investigado por envolvimento com grupos neonazistas tendo material apreendido pelos investigadores de polícia, como citado por Maspero e Ribaric (2015), o que pode coincidir com o período em que Luiz desativou o selo e iniciou novos projetos comerciais.

Observamos que a *Hammer of Damnation* e a *Black Metal Store* são empreendimentos de um determinado nicho, em que Luiz Carlos atua no mercado fonográfico. Porém, essas marcas não surgiram de forma concomitante, houve uma certa “partilha” entre elas. Sobre essa transição funcional entre a *Hammer of Damnation* e a *Black Metal Store*, Luiz Carlos relata as suas motivações em um *podcast* publicado no canal do YouTube da sua loja *Black Metal Store*. Esse programa era chamado *Satans Command podcast*<sup>188</sup> e trazia entrevistas com o próprio Luiz Carlos em alguns episódios. Além disso, outros episódios eram monólogos onde Luiz explica os rumos de seus empreendimentos, como os lançamentos e os próximos projetos. Entretanto, o canal do YouTube, e por consequência todos os episódios do *podcast*, foi retirado do ar por algum motivo que não podemos mensurar. Contudo, antes disso, já havíamos feito a transcrição dessas entrevistas. Assim, citaremos um breve trecho onde Luiz responde às perguntas de um entrevistador em um episódio do *Satans Command podcast*.

(14min 50seg.) **Entrevistador** – Agora, falando da *Black Metal Store* e *Hammer of Damnation*, que, na verdade, quando surgiu a *Black Metal Store*, você sabe, tomou

<sup>188</sup> Disponível em: <<https://www.Youtube.com/watch?v=1NK0j11UmcU>>. Acesso em: 15/10/2023. Observamos que esse vídeo foi removido do ar no endereço indicado por motivo desconhecido.

todo mundo de assalto. Chegou de uma maneira muito... Foi uma surpresa e já chegou como se fosse uma explosão. O *Black Metal Store* trazendo muitos licenciamentos, que a gente já vai falar a seguir. Mas agora, tem muita gente que tem uma dúvida, né. Inclusive, eu tive essa dúvida, até você me explicar a respeito da *Black Metal Store*. Que a *Black Metal Store* acabaria com a *Hammer of Damnation*? Seria, vamos dizer, uma empresa que substituiria a *Hammer of Damnation*? Mas, com o tempo, eu percebi que não. Eu queria que você me explicasse, como funciona essa transição *Black Metal Store, Hammer of Damnation*?

(15min 51seg.) **Luiz Carlos** – Bom, na verdade, a *Hammer of Damnation* estava tomando um caminho, que começou a incorporar algumas licenças. Desde o início dela, o foco era mais voltado para lançamento. Lançamento de banda independente, bandas nacionais, bandas internacionais, CD, LP, enfim, todos os formatos aí. Mas, em um determinado momento, nós conseguimos alguns contratos de licença e começamos a incorporar na *Hammer of Damnation*. E eu percebi que ali, a gente estava perdendo um pouco o foco da história da *Hammer of Damnation*. Estava mudando um pouco o direcionamento. A partir daí, que a gente decidiu. Nós sentamos e conversamos e eu optei por mudar para a *Black Metal Store*, para que a *Black Metal Store* cuidasse exclusivamente de licenças. Então, houve um período de transição, em que algumas das licenças foram lançadas pela *Hammer of Damnation* e outras pela *Black Metal Store*, que deu continuidade. Se você vê, no início da discografia do *Impaled Nazarene*, os três primeiros álbuns saíram pela *Hammer of Damnation*. Os demais saíram pela *Black Metal Store*. Justamente por conta dessa... dessa...

(17min 06seg.) **Entrevistador** – Desse tempo de transição.

(17min 08seg.) **Luiz Carlos** – Isso, exatamente. E hoje, o foco da *Black Metal Store* está sendo trabalhar exclusivamente com licenças. Enquanto a *Hammer of Damnation* trabalha, voltou para a sua ideia inicial, que é de lançar banda independente. Desde o começo, pegar a banda ali, trabalhar em cima dela e lançar. Ainda existiam, agora, esse mês aqui, a gente vai finalizar essa transição, ou seja, já são praticamente dois anos aí de transição, porque a discografia do *Nagaroth* entrou como *Hammer of Damnation*. E a gente está terminando agora de lançar a discografia do *Nagaroth*. É o último licenciamento da *Hammer*. Agora é 100% *Black Metal Store*. Mas, basicamente, são dois caminhos diferentes, trabalhando paralelamente. Né? Ah... Embora a *Black Metal Store* ela tenha sido criada depois da *Hammer of Damnation*, bem depois, ela, na verdade, se tornou a empresa principal. Hoje, a *BMStore Discos* é a empresa principal, com algumas ramificações. Entre elas, a *Black Metal Store*, a *Hammer of Damnation*, e algumas outras que seguem por aí. Mas, basicamente, seria essa a história da *Black Metal Store* (Satans Command podcast, 2022).

Notamos que Luiz Carlos amplia a sua atuação no nicho de mercado em que está inserido criando novas ramificações de seus empreendimentos em que, por sua vez, mantendo o controle ideológico de suas práticas, aprofunda as suas relações comerciais nacionais e internacionais.

Segundo consta no site Metal Archives, o selo *Hammer of Damnation* possui uma lista de aproximadamente 178 bandas cadastradas. Dessas, nota-se que 40 bandas estão em uma lista ativa e 138 tiveram lançamentos pelo selo. Ainda segundo o site, o número total de material distribuído dessas bandas cadastradas, entre CDs, DVDs, LPs e Cassetes, está em 339. Podendo ser um número bem maior, devido à dinâmica de lançamentos da empresa. A grande maioria desse total é de bandas brasileiras. Contudo, observamos bandas da Ásia, das Américas, Europa e Oceania. O subgênero dos grupos relacionados é notoriamente o black metal e muitos estão classificados no site como pagan black metal, dentre outros subgêneros. O nacional-socialismo,

o antissemitismo e o supremacismo são algumas temáticas encontradas nessa lista de bandas. Porém, nem todas as bandas envolvidas se posicionam explicitamente quanto às suas pretensões políticas. Mas, em uma conversa com mais de um interlocutor em pesquisa de campo, na fase incipiente da pesquisa, todos foram categóricos em dizer que a *Hammer of Damnation* era a maior distribuidora de material NSBM do país.

Nessa direção, o selo *Black Metal Store* possui um número menor de participações, com apenas uma banda ativa. Contudo, outras 35 bandas foram distribuídas com um total de 77 lançamentos entre CDs, DVDs e LPs. Reiteramos que esses números também podem ser bem maiores. Notamos que, ao contrário da *Hammer of Damnation*, a maioria das bandas listadas na *Black Metal Store* são estrangeiras.

Curiosamente, observamos outro selo ligado a Luiz Carlos. Trata-se de um selo chamado *Medieval Archives*. O perfil do selo *Medieval Archives* no Instagram traz o seguinte texto: “*Medieval Archives* trazem de volta os antigos clássicos da era de ouro do Black/Death/Thrash/Heavy Metal em edições luxuosas que em breve serão anunciadas”. Esse selo possui duas bandas listadas, com um total de nove lançamentos em CDs, LPs e Cassetes.

Para completar um “ciclo”, Luiz Carlos inaugurou um espaço físico batizado de *Necrópole Hall*. Esse espaço, além de utilizado como loja física da *Black Metal Store*, abriga um estúdio de ensaio/gravação e uma casa de shows, onde Luiz promove eventos com bandas nacionais e internacionais. Nessa direção, o próprio Luiz Carlos explica, no primeiro episódio do seu *Satans Command podcast*<sup>189</sup>, como surgiu esse empreendimento. De acordo com o próprio:

(5min 01seg.) **Luiz Carlos** – Algo muito importante que vem acontecendo desde o início desse ano, foi a reabertura da nossa loja física, e as pessoas que vêm aqui já sabem do que se trata, como tudo aconteceu, mas é claro que o pessoal que está mais distante, acaba não sabendo exatamente como tudo aconteceu, como a coisa está rolando. Pois bem, no final entre outubro e novembro do ano passado, nós começamos a enxergar a necessidade de abrir, a princípio, um ponto de retirada dos nossos pedidos, até por conta da demanda do pessoal mesmo, e há muito tempo atrás eu já estava de olho nessa casa que nós acabamos pegando aqui, que agora é a *Necrópole Hall*, e essa casa é uma casa de show, já era uma casa de show antiga, eu acredito que no final dos anos 90 e início dos anos 2000, se não me engano, era uma... a princípio era uma ONG que foi patrocinada pela Petrobrás, pelo menos essa informação que me passaram, e o pessoal teve um cuidado muito grande, principalmente no tratamento acústico desse local, dessa casa, então nós temos aí um tratamento acústico fantástico, e isso eu já tinha visto nas outras vezes que eu havia vindo aqui, para acompanhar alguns eventos, embora seja uma casa mais voltada ao hardcore, alguns eventos de metal extremo também rolaram por aqui, como *Sex Messiah*, *Thornspawn*, *Impurity*, o *Arthanus*, o *Carpatus*, tiveram várias bandas de metal extremo, além também do

<sup>189</sup> Disponível em: <<https://www.Youtube.com/watch?v=-ZH5fz6uXi4>>. Acesso em: 15/10/2023. Observamos que esse conteúdo foi removido da plataforma.

nosso saudoso, saudoso não, porque ele não morreu ainda, mas tá no bico do corvo, o nosso amigo Boquinha, que sempre fez muito, muito evento aqui com o *Ataque Extremo*, então já é uma casa, era mais caracterizada por ser um local de evento de hardcore, mas também rolou muito metal extremo, e a partir disso, até por conta da pandemia, nós já estávamos aí namorando esse local, que estava obviamente fechado, e com muito custo, e com a grandiosa ajuda do Robson, da *Storm*, que nos ajudou bastante com os contatos, e conseguimos pegar a casa, assumir ela, que estava totalmente detonada, tivemos cerca de dois meses de trabalho pesado para poder levantar o lugar, mas a parte acústica dela, que era a estrutura acústica, que para mim era o principal, estava praticamente inabalável, tanto que eu estou fazendo esse *podcast* na nossa sala técnica, que nós transformamos ela num estúdio, essa sala, no início, ela foi projetada, pelo que me disseram, ela foi projetada para que fosse feita uma rádio, e na parte de baixo, seria um local para evento, isso lá atrás, lá no início dos anos 2000, e nós pegamos esse mesmo *layout*, e estamos aí adaptando para atender as nossas necessidades, a princípio, nós colocamos a nossa loja física, uma pequena parte dedicada para a loja física, porque a casa tem muito potencial para apresentação ao vivo, como nós já fizemos várias, em apenas seis meses, tivemos várias, várias apresentações, entre elas o *Promethean Gate*, a *Spiritual Hate*, *Profane Creation*, *Vetus Kran*, agora recentemente, tivemos também o *WolfLust*, e além da nossa agenda que deve seguir pelos próximos anos, então até para aproveitar melhor esse espaço, nós optamos por deixar a loja apenas com uma pequena parte do nosso estoque, assim, dedicando mais ela para a retirada de materiais, de pedidos, feito pelo site, a parte da loja e do local de evento que nós já temos, com capacidade para 100 pessoas, nós temos também um bar, bem bacana, por sinal, tem atendido bem a necessidade do pessoal, uma área externa também, muito legal, muito bacana, e para quem ainda não conhece a gente, eu deixo aqui também o convite, para quem está em São Paulo é muito fácil, nós estamos em São Caetano, São Caetano do Sul, ABC Paulista, fica a cinco minutos do trem, da estação de trem de São Caetano, na rua (...), bem no centro de São Caetano do Sul, e nós estamos a princípio abrindo às sextas e sábados, por conta da quantidade de evento, nós abrimos por um tempo aos domingos, e por enquanto vamos manter fechada, aos domingos, mas o projeto, aqui em breve, a gente reabra aos domingos também, a princípio nós estamos deixando o domingo, mais para o trabalho de estúdio, que é outro projeto nosso, grandioso, por sinal, que nós viemos aí, desenvolvendo, no decorrer desses seis meses de trabalho intenso que nós tivemos aqui, nós conseguimos montar a parte de... toda a parte acústica, ou melhor dizendo, o equipamento, na parte de baixo, para quem já conhece a parte do palco, onde fica o pessoal, nós fizemos toda a ligação com a área técnica, que é onde eu estou agora, e já estamos conseguindo fazer algumas captações, no show do *WolfLust*, nós fizemos a primeira captação, ficou fantástico, também quero falar sobre isso aí, mais para frente, e agora nesse último domingo, nós gravamos a linha de batera de duas músicas novas do *Promethean Gate*, então nós estamos atuando mais ativamente nessa área de produção mesmo, produção, gravação, isso desde o início, não só pegando agora o material pronto e levando para a prensa, a nossa ideia agora é trabalhar com a produção e a gravação do álbum desde o início mesmo, até mesmo na parte de ensaio, nós temos bastante ensaios também na *Necrópole Hall*, alguns ensaios abertos, outros privados, mas por conta disso, isso vem favorecendo muito a gente nessa parte de produção dos próximos lançamentos, seja pela *Hammer of Damnation*, seja pela *Black Metal Store*, e estamos contando também com a ajuda de um grande produtor aí, do Lucas, que também é guitarrista do *Promethean Gate*, e ele que tem dado todo o suporte técnico para nós aí, para fazer a coisa de fato acontecer, porque ninguém faz nada sozinho, nós temos aí uma equipe que vem crescendo cada vez mais, para fazer com que esse projeto, um projeto grandioso, eu diria, tenha sucesso. Falei um pouco sobre a *Necrópole Hall*, de fundo aí, no som eu estou deixando rolar o *Werewolf Bloodorder* (...) (Satans Command podcast, 2023).

Pode-se observar que Luiz Carlos, como um empresário, expandiu os seus negócios a partir da cena local de forma exponencial. Curiosamente, esse material também foi retirado do

ar na plataforma do YouTube. Porém, o site oficial da casa sustenta os dizeres: “O TEMPLO UNDERGROUND DO ABC PAULISTA! A Necrópole Hall é um novo conceito de casa de shows, loja de discos, estúdio e bar do ABC Paulista”. – E sobre a casa lê-se:

Fundada em 2021, nossa casa de shows nasceu com um propósito claro: fortalecer a cena underground e proporcionar experiências inesquecíveis tanto para o público quanto para os artistas. Mais do que um simples espaço para apresentações, somos um ponto de encontro para quem vive e respira música pesada, valorizando a energia crua dos palcos e a conexão autêntica entre banda e plateia (Necrópole Hall, on-line, 2025).

Luiz Carlos é um ator da cena de metal extremo do ABC paulista que atua no universo *underground* em várias frentes. Ora como músico, produtor musical, ora como empresário dono de selos, loja e casa de show. Nesse microcosmo, as posições políticas extremistas e as associações são mascaradas em várias camadas por diferentes estratégias. A própria convivência da cena, sob o pretexto de quanto mais “impactante” melhor, contribuiu para criar um tipo de rede de proteção para personagens como Luiz Carlos.

Entrevistando um interlocutor da cena black metal de Belo Horizonte, que mantém contato direto com Luiz Carlos, perguntei qual era a sua opinião sobre por que as pessoas, mesmo cientes das relações pró-neonazistas de Luiz, continuam comprando, negociando ou se relacionando com ele. A resposta foi literalmente:

Cara, não sei, todos sempre souberam quem é ele, onde mora, o que ele faz e as opiniões dele, porém ele tem muitos contatos e vende todo tipo de material de metal extremo, às vezes a gente compra um som e vem uns brindes no meio, como esse último lote que comprei na loja dele pela internet, veio um CD de banda Nazi no meio, mas a galera acaba fazendo vista grossa (Interlocutor, 2023).

Em vários momentos Luiz Carlos se declara fã e amigo pessoal do fundador do *Absurd*, Hendrik Möbus, além de outras bandas reconhecidamente neonazistas como o *Der Stürmer*, o *Satanic Warmaster*, *Goatmoon*, para citar algumas. No DVD ao vivo da banda *Evil* onde tocam no festival *Asgardsrei*, na Ucrânia em 2019, observamos várias saudações nazistas direcionadas à banda, executadas pelo público local em sinal de “aprovação” ao final de cada música – aos 40min 15seg, para citar alguns desses momentos; e, com mais intensidade, no fim de sua apresentação no festival<sup>190</sup>. A identificação entre as partes se torna evidente no enquadramento

---

<sup>190</sup> Sobre o exemplo a seguir, no 46min 01seg do vídeo, observamos a interação do público com a banda na parte final do show no festival NSBM ucraniano *Asgardsrei*. Esse vídeo, até a confecção desse texto, está no ar na plataforma de vídeo chinesa Bilibili. Disponível em: <<https://www.bilibili.tv/th/video/4789745575395840>>. Acesso em: 12/06/2025.

aberto do vídeo em que na parte inferior a plateia reage visivelmente à apresentação da banda *Evil*. O registro em vídeo do festival ucraniano foca, durante os 46 minutos de duração do show, na performance dos três músicos no palco – Luiz Carlos, Caio e Saulo.

Esse “*status*” conquistado a partir da cena local é algo de que Luiz Carlos demonstra consciência e, por conta disso, como veremos a seguir em suas declarações, aproveita as oportunidades para sustentar os seus projetos comerciais baseado em suas ideologias.

### 3.3.4.6 Comentários sobre a cena, a visão política e as tretas no ABC

Figura 60 – Luiz Carlos Oliveira. Foto de C. Higa, 2016.



**Fonte:** <<https://www.Facebook.com/solsticiometalfest666/>> **Acesso em:** 08/02/2025

Durante a participação no *podcast Wolf Transmissions*, publicado em 2022, o locutor, sempre em tom jubilatório, exalta as opiniões e visões de Luiz Carlos acerca de sua posição política. Segundo as palavras do locutor, identificado como DF, Luiz Carlos é uma “lenda viva” ativa na cena paulista, brasileira e mundial do metal extremo. Nessa entrevista, Luiz aponta, dentre outras questões, a sua posição social e hierárquica na cena local. Sobre qualquer tipo de perseguição que possa sofrer por causa do conteúdo ideológico de seus negócios, Luiz indica que qualquer tipo de tentativa de cancelamento é uma propaganda a favor de sua imagem. Segundo consta na entrevista a seguir, na visão de Luiz a questão política, apesar de se declarar

imune, separa o “verdadeiro” do “falso” consumidor dentro da cena. Opinião essa compartilhada pelo entrevistador que indaga:

(25min 47seg.) **DF** – ...Falando um pouquinho mais agora como músico, em vista do paradigma que a gente vive hoje em dia, né? Essa... Essa babaquice que a gente vive hoje em dia, não pode isso, não pode aquilo. Para uma banda, digamos assim, lado ‘B’. Como é trabalhar no terreno do inimigo hoje praticamente? Porque tá cada vez mais difícil. Eu vou citar um exemplo: eu tenho um amigo que ele mora numa determinada cidade e a galera enchia o saco dele porque ele tava andando com uma camiseta do *Burzum*, sabe? Ficou apanhando esse cara e não sei o que lá. Antigamente, você volta 10, 15 anos no tempo, a galera, todo mundo usava camiseta do *Burzum*. E agora não pode isso! Não pode aquilo! Como é que você vê essa onda do politicamente correto dentro do Black Metal?

(26min 44seg.) **Luiz Carlos** – Cara, eu vejo só com bons olhos. Só com bons olhos. Primeiro, você separa o joio do trigo. Você pega o cara que se sente ofendido, ele já tá no lugar errado! Então, ele já não serve pra aquilo, se ele tá aqui pra poder criticar porque o cara anda com a camisa A ou a camisa B, ele já tá no lugar errado! Então, você já separa automaticamente. Essa pessoa já não serve pra estar no meio. Ele já tem que ser excluído naturalmente. A natureza vai excluir ele. E segundo, o que eu acho mais importante. Cara, a ofensa gratuita, pra mim, é um bônus. Pra mim, isso aí eu faço. Se apagar, eu vou e pago pra poder fazer. Isso é uma das coisas que também me dá muito prazer, se a pessoa se sentir ofendida, valeu! Obrigado! Eu agradeço, que era essa função mesmo.

(27min 33seg.) **DF** – É, cara, é que na verdade, assim. Eu sou um cara tipo, muito mais novo que você, né? Sei lá, não vou dizer que eu tenho metade da tua idade, mas alguma coisa assim. Só que, o que acontece é que hoje, cara, é um mimimi tão grande! E eu vi isso, tipo, degradingolando dessa vez mesmo sabe? Piorando cada vez mais com o passar dos anos e, eu também vejo isso, de certa forma, com bons olhos porque é uma forma do underground permanecer no underground.

(28min 01seg.) **Luiz Carlos** – Sim, cara, é um dos conceitos do underground, em se tratando de metal extremo, é a clandestinidade, velho. Você tem que andar no caminho da sombra, cara. Não é pra... a gente não vai fazer evento pra dar um quilo de comida pra ninguém, não, cara. Não tem beneficência pra ninguém, não, cara. Não tem essa! O metal extremo nunca foi isso e nunca deveria ser! E no meu ponto de vista, nunca vai ser! E essa parte de cancelamento, nesses termos novos, eu acho legal você falar, ‘sou mais novo’. Eu realmente tô velho pra caralho! Mas, e muitos desses termos que se usam hoje em dia, entre eles, esse ‘cancelamento’ que eu tenho ouvido muito falar. Cara, isso é ótimo! É maravilhoso! É ótimo! Eu posso bater no peito e falar, cara, quer cancelar a gente? Tenta, velho, tenta? Porque a gente tem uma gravadora independente, a gente tem uma loja com 5 mil títulos, trabalhando de forma independente. Não vou nem mencionar a questão de banda, nada mais. A gente tem a nossa própria mídia. Então a gente não precisa da mídia. Se a mídia vai falar mal da gente, ótimo! É melhor pra eles que não falem porque vai estar fazendo propaganda pra gente, fica a dica aqui! Mas se falou, beleza, vão falar mal, ótimo! A gente tem a nossa própria mídia. Ela é totalmente independente, cara, tudo é! São várias ramificações trabalhando aí, e hoje, a gente pode falar que a gente não precisa de ninguém desse pessoal. Se o cara quer agir de maneira bonitinha, cheio de florzinha, vai, cara! Segue teu caminho, vai chorar embaixo da cama, porque lá é o lugar, ou a gente se encontra na rua que era assim que se resolvia as coisas. Até o meu entender era esse, o meu entender antigamente era esse. Mas hoje, o que a gente faz. Quando eu falo que o trabalho com a *Hammer* e todo esse trabalho, me dá uma puta satisfação de fazer exatamente por fazer o que a gente gosta, e eu não quero dizer aqui não que: ah não, o cara é realmente, é um seguidor da extrema direita, que o cara faz... não cara, não, a gente lança banda com membros de direita, a gente lança banda com membros de esquerda, lança muitas bandas com membros que não têm partido político nenhum, sabe? Isso na verdade, pra mim não deveria ter, não tem, né, no meu modo de vista, importância alguma, porque se você estiver defendendo política, você

já é um retardado! Se você defender política no Brasil? Cara, você tem um tumor no cérebro, porque você tem que ser muito retardado, ou você está sendo bancado pelo governo.

(30min 43seg.) **DF** – Com certeza!

(30min 44seg.) **Luiz Carlos** – Diga-se de passagem.

(30min 45seg.) **DF** – Leizinha *Rouanet* aí, né?

(30min 47seg.) **Luiz Carlos** – Por aí vai! Olha, é até pior, você pega aquele professorzinho de merda, que defende a esquerda, de direita, eu não vejo, mas eu faria o mesmo comentário, mas geralmente, via de regra, aquele professorzinho de história de esquerda, que ele já tem um discurso pronto. Cara, ele é um sonhador, cara, ele quer, ele vê aquilo como, ele ‘mama na teta’ do governo, e o governo pra ele ali é aquilo, e tá tudo bom, tá tudo bem. Então ele vai colocar, vai tentar doutrinar as pessoas, né, contra um fascismo, implantando um outro fascismo, né, ao modo deles, é, volto a falar, eu não sou contra a esquerda, nem direita não, cara, eu tô bem além disso aí, já depois de uma certa idade, se fica além. Aquele lance também de bolsonarismo, pra mim isso aí, pra mim é a mesma merda, pra mim é a mesma merda! É de igual peso!... é de igual peso, cara. Hoje em dia o cara defender o Lula ou o Bolsonaro, velho, para! Velho, para! Para, vai, vai tomar um ar, vai respirar, vai viajar, vai andar um pouco, vai pra praia, vai fazer alguma coisa que você não tá bem, sabe? Porque é, são ‘filho’ das putas, é uma cambada única, o que você vê é circo de um brigando com o outro, né? E hoje em dia, por que que eu tô chegando nesse ponto, né, porque você, muitas vezes, essa questão do cancelamento, ela tá, obviamente, ligada no posicionamento político, vamos dizer assim, das pessoas, né? De algumas pessoas, o que é realmente uma grande merda. Aí você fala, pô, mas o *underground* tem a perder com isso, realmente tem, realmente tem, mas não perde tanto assim não, cara, porque se você pega o idiota útil, seja ele de qual lado for, ele já se mostrando nesse ponto, a, tipo, natural, ele é uma questão de tempo pra ele sair dali ele tá aqui parasitando por um curto espaço de tempo, cara, tô nessa nem sei quantos anos, velho. Então já deu pra ver, já deu pra ver muito militante de esquerda sair, já deu pra ver muito militante de direita sair fora também, então não é esse o caminho, cara, nunca foi esse o caminho, sabe, tem uma coisa que vai além aí.

(33min 05seg.) **DF** – É interessante você colocar essas coisas em perspectiva, né, como você separa de fato a politicagem do mundo real com o que é, vamos colocar assim, o black metal de verdade, né? Recentemente eu fiz um episódio aqui no *podcast* mesmo falando sobre: ‘black metal dá pra ser levado a sério?’ E eu, assim, minha opinião, tá, a partir do momento que você sabe o que você tá fazendo. Então, isso vai muito do indivíduo. Como estilo musical, talvez não, mas num ponto de vista mais ideológico do cara que corre atrás, faz o dele e tudo mais assim, talvez sim, é claro que isso é um ponto de contingência e tal, mas eu queria saber a tua opinião também, Luiz, black metal hoje pra você, que tá aí há um tempão, dá pra levar a sério?

(33min 53seg.) **Luiz Carlos** – Olha, é uma pergunta complicada, porque hoje em dia é inevitável, primeiramente, fazer a comparação, como eram as coisas lá atrás. Cara, você tinha um que tinha uma opinião e tinha o outro que tinha outra, se encontrava no lugar, você resolvia e acabou. Pau quebrou e acabou, fim de conversa. Mas naquela época, você tinha muito mais briga de gangue, briga real, não é você subir no palanque de asno do que é o Facebook e fazer um textão, isso aí não é isso, é briga de rua, quebrar nariz, quebrar a mão, essas tretas, mas era assim, era entre metal, entre punk, entre careca na nossa época, bem no comecinho dos anos 90. Cara, eu peguei o finalzinho do headbanger do ABC, bem o finalzinho mesmo, já na verdade já tinha meio que se, como se fosse um grupo, né, já tinha meio que se extinguido ali, mas estavam lá, tinham uns caras mais antigos, os caras mais da metade dos anos 80 e tal, e nessa época... a gente, tinha o nosso grupo ali, e tinha os punk que andava com a gente, que era da nossa vila, e a gente tinha um inimigo comum, que era os *careca*, então andava metal e punk, então a gente fazia som (...) andava, fazia som, o que era fazer som? você que é novo, você não saiba, o que era fazer som, a mãe de um cara vai viajar, junta uma garagem, um lugar, aí o pai do cara, cada um levava um vinil no braço, o cara fazia um toca-discos e deixava o som rolando, fazer som era isso, então tinha som de metal, os punk ia, tinha som de punk, os metal ia, e era um negócio assim cara, cada um no seu quadrado cara, era perfeito, sabe, você não podia, eu na verdade eu acabei tendo até hoje, tenho muito gosto por banda punk antiga, até dessa época, é

uma nostalgia, eu gosto de explodir pra caralho, entre outras bandas, é música né cara, mas assim, era uma época diferente, a gente tinha esse inimigo comum, que era o careca, só que pô, os caras eram grandes, a gente andava em grupo, a gente era metaleiro, cabeludo, raquítico, a gente só tomava pau, certo que você tava às vezes em uma situação específica, que tava com uma galera ainda, a gente conseguia de estourar um paralelepípedo na cabeça de um careca, esse cara aí, ele fez um encontro com a redenção, ele foi e voltou umas 3 vezes, então era, porque falando nisso daí né, porque naquela época era a treta que rolava, pô os careca já me pegaram com perna engessada, me encheu de bicuda com a perna engessada, caralho, então você batia, você apanhava também, não tinha uns fudidão que batia pra caralho, geralmente metal, mas apanhava, porque os caras eram grandes, mas naquela época era isso, se tinha uma treta, e tinha as tretas entre metal, entre até o pessoal do ABC, pessoal da zona sul, tinha assim uma certa rixa, um bairrismo né, o bairrismo é supremo, tem que ser cara, hoje em dia eu enxergo de uma maneira mais madura, vamos dizer assim, então você vai num show pra galera do ABC aqui em São Paulo, a galera do ABC gritou pra ABC, e eu vejo, teve um show em específico que eu fui em São Paulo, e tinha umas bandas do interior, e a galera gritou, cara, que interior, tal, pô, isso é legal pra caralho, ninguém vai ser contra o cara, pô é legal, o cara tá expressando ali o esquema deles ali tal, porque tem uma história por trás, seja do ABC, seja do interior de São Paulo, seja da capital, onde seja, só que aí você pega hoje, a mídia social no modo geral, ela fudeu com tudo, ela humanizou, ela tá humanizando o metal extremo no modo geral, porque quando eu falo metal extremo, não me especifico só ao black metal, porque até dentro do death metal, do thrash metal, naquela época era o mesmo esquema, e hoje em dia, se for thrash metal hoje em dia, minha nossa... você já, você já, é triste, é triste, Zé Coletinho de 15 anos aí, pagando, querendo se vestir nos anos 80! Então assim, beleza! Desde que ele faça o negócio que fique pra ele, beleza! O problema é você querer colocar a sua ideia pro outro, que é o que acontece hoje. Seja em meios de cancelamento, seja o caminho que for, então acho que a grande merda hoje é essa, e não é lado certo, porque não tem lado certo. Cada um tem a sua opinião, cada um tem a sua opinião, o cara pode ter um... tinha uma banda que a gente lançou, e nessa banda tinha membro de direita, membro de esquerda, era a mesma banda, e eu achava legal a harmonia dos caras, e era um membro assim, ativista, sabe, de esquerda e de direita, na mesma banda. Um dos caras uma vez me ligou, fazia uns dois anos que a gente não se falava, o cara: porra e aí meu, o Bolsonaro! Eu falei, cara, eu quero que o Bolsonaro se foda, véi! O cara: porra mano! Eu falei, véi, que se lasque o Bolsonaro e o Lula vai junto! Então no final das contas acabou que não resistiu isso daí, e quebrou a banda todinha.

(39min 15seg.) **DF** – É porque polarizou demais aqui no Brasil também, o negócio aqui tá triste agora, essa questão política nunca foi tão, sabe, Corinthians e Palmeiras quanto é hoje.

(39min 24seg.) **Luiz Carlos** – Totalmente, é foda isso daí, porque exatamente esse é o ponto que eu tô passando. Quero passar aqui, e existe as diferenças, você pensa de um jeito outro pensa do outro, e o Brasil eu costumo sempre falar aqui. O Brasil, você tem o planeta Terra e você tem o Brasil! O Brasil pra tudo, nesse meio do metal extremo principalmente, muda muito as coisas aqui. (...) Vou te dar um exemplo, quando a gente foi tocar na Finlândia, não é porque também lá é bom pra caramba não, porque tem uns perrengues também. Mas, foi uma situação que me chamou muito a atenção. A gente tava no *Steelfest*, que é um lugar muito grande, pra 2.500 pessoas e tal, e na minha frente tinha um cara que ele tava com uma camisa, com uma águia e com uma suástica. Lá é permitido, você pode andar. O governo, enfim, não entendo a lei de lá, é um problema deles, é um problema ou não, mas é uma particularidade deles lá. E no mesmo, do lado, do lado, tava andando um cara, com uma camisa do *Napalm Death* e com uma suástica riscada, e tinha espaço pros dois, véi! Entendeu? Você pensa do teu jeito, bom, se você pensa do seu jeito bom pra você também, tipo um num enche o saco do outro, você não via um enchendo o saco do outro ali.

(40min 38seg.) **DF** – É, antes eu sentia que aqui era mais ou menos desse jeito, só que piorou né cara?

(40min 42seg.) **Luiz Carlos** – Piorou bastante, então isso lá fora eu percebi que tem muito, tem ainda muito... como eu posso falar, acho que é um problema cultural. O Brasil na verdade tem um problema cultural, um déficit cultural muito grande, desde

1500, vamos dizer assim. E hoje, falar pô, na Europa tem... num tô falando que lá é maravilha não! Lá não é mesmo! Não é pagando pau pros caras, pelo contrário. Os caras de lá, ainda em termos musicais, assim eles são, são... um puta apreço pelas bandas daqui da América do Sul, no modo geral, né, e a gente até foi tocar por conta disso aí também, não só a gente, como outras bandas também foram. É... mas, me chamou muita atenção isso, tipo o cara tinha a ideia não rolou uma treta, mas não tinha nada! O cara tava, cada um na dele, tinha as bandas mais orientadas pra direita que tocava, tinha umas bandas que não tava nem aí com nada, tanto que na penúltima edição já rolou já, e começou a vir cancelamento, aí o *Sodom* saiu fora, vieram várias bandas. O próprio *Samael*, né, porque falaram que ‘o *Steelfest* rolava banda nazi!’ Cara, rola! Exatamente nessa ideia, mas aí entra o pessoal e fizeram o cancelamento das bandas. O que os caras fizeram, vai chorar? Colocaram bandas mais foda ainda, fizeram a coisa acontecer e... ruim pros caras que não foram tocar, perderam uma puta oportunidade, né.

(42min 08seg.) **DF** – E agora deixa eu voltar um pouquinho no tempo, falando numa particularidade do *Evil*, você vai inclusive perdoar o meu ‘nerdismo’ agora, tá? Agora falando como fã, falando sobre o *Evil*, vamos voltar lá pro ano de 1997. O *Evil* lançou uma *Split* com a banda *Locomotiva*. E assim, eu não sei se você já se atentou a isso, mas o *Split* que o *Graveland* tem com o *Honor*, lá da Polônia também. Ele é, por muitas vezes, colocado num pedestal assim pela galera que fala, não, foi o álbum que uniu a galera do black metal com a galera mais lado B. Só que se você, esse álbum, esse *Split* também é de 97, só que se você se atentar, o *Evil*, o *Split* do *Evil* com a *Locomotiva* saiu antes, cara! Então assim, foi alguns meses antes, então assim, como é ser vanguardista, hein?

(43min 10seg.) **Luiz Carlos** – É engraçado, cara, foi um negócio muito louco, assim, porque na época, quem fez essa ponte, na verdade, foi o Henrique. Né, porque o Henrique saiu em 95, ele saiu e depois de um tempo ele começou a andar lá com careca, com *Skin* e tal, e aí eu ia muito na casa do Henrique. Eu mantive muito a amizade com ele, né. Eu até respeitava a opinião dele, né, e eu acabei conhecendo esse pessoal, né. Tive contato com esse pessoal e tudo mais, e aí num umas conversas surgiu essa ideia. Pô, a gente podia fazer um *Split*, pra ter essa ideia de juntar, porque eu lembro que até amigos pessoais dos caras da *Locomotiva* chegaram em mim, anos depois: ‘pô, mas que negócio é esse, vocês adoram capeta e não sei o quê... pô, eu vou pra igreja, mano!’ É, porque careca é ele, ele era cristão, cara...

(44min 02seg.) **DF** – Antes tinha muita essa coisa do careca cristão e tal, né, e até por isso que tinha essa treta com a galera do metal, né?

(44min 09seg.) **Luiz Carlos** – Pô, era isso daí, era isso daí, mano, teve uma fita que os caras pegaram a gente em Santo André. E pô, tava a figurinha carimbada lá, cara, a gente tava indo num rodízio. Baita negócio nada a ver, tava em cinco caras. O menor dos carecas entrou no túnel, o menor deles pegou o maior nosso. Era o Alberto na época, ele tava com uma camisa, uma blusa do *Possessed*, que era minha, tava emprestada pra ele, e tinha uma cruz invertida no logotipo, *Seven Church*. Ele amarrou aquela blusa no cara, levantou ele com um braço só e falou: então, você é anticristo, véi? E o cara foi jogado pro alto assim, e nós parados, falando, se nós for, esse cara vai morrer, se não ficar ele vai morrer também. Aí virou aqueles segundos que duraram uma eternidade, até que o pessoal do trólebus ali, que era da estação de trólebus ali, segurança, uns veinho, com uns cacetete, ‘vocês não vão brigar aí não!’ E os caras saíram fora, até hoje a gente não entendeu o que aconteceu, podia ter batido na gente, batido nos veinho, e feito de tudo, não, mas era por conta dessa orientação dos caras. Hoje em dia eu não sei. Não sei, nem se existe mais movimento de careca por aí.

(45min 13seg.) **DF** – É um negócio que morreu pra cá, né cara?

(45min 15seg.) **Luiz Carlos** – Mas naquela época os caras tinham muito esse lance cristão e tudo mais, e na época foi o contato com o Ivan, e ele era até professor, na época, né? Acho que foi em 97, em 96, 97, essa conversa. E foi uma ideia assim que surgiu de nós dois mesmos, uma conversa, e acabou acontecendo. Tempos depois fizeram até um cdzinho. Eu fiquei sabendo. Esse cdzinho apareceu assim, na minha mão é que tem aqui um lançamento um cd, um cdzinho preto, um CDR até. Eu nem isso, eu nem sei até hoje quem foi que fez, né? Mas aí, realmente aconteceu assim, é

uma coisa... bom, vanguarda, legal, mas não era essa, não era essa a intenção de tudo isso (Wolf Transmissions, on-line, 2022).

Nesse excerto, Luiz Carlos narra como foi o envolvimento com a banda RAC *Locomotiva* ressaltando a função do ex-companheiro de banda, Henrique Velasco no início da carreira. Curioso notar que todas as vezes que o entrevistador mencionaria bandas NSBM, RAC ou neonazista, é utilizada a expressão “galera lado B”. Nessa entrevista, observamos uma visão míope de fascismo, além de um “nacionalismo” ambíguo, somente revelado quando conveniente. Ademais, as ideologias relacionadas à extrema-direita em geral estão sempre cercadas por ambiguidade e atitudes reflexivamente antirreflexivas. Naturalmente, não seria diferente dentro da cena metal, que carrega por si só essas várias contradições em várias camadas até desaguar no NSBM.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratado como “metal extremo” (Kahn-Harris, 2007) a estética sonora black metal carrega muito mais que distorções, acordes dissonantes, ritmos intensos, por vezes acelerados, e vocais “guturais”. A essência lírica das bandas se transformou de versos satânicos, inicialmente, para discursos misantrópicos. Nessa direção, se a ideia inicial era “chocar” a sociedade com um discurso anticristão, essa fórmula perdeu o efeito com o passar dos anos. Assim, a passagem do discurso de ódio para a prática de ódio, trouxe a atenção da mídia para toda uma cena que até então mantinha uma “discrição” e “anonimato”, incorporando esse *underground*, especificamente, como um estilo de vida à margem da sociedade. Os incêndios aos templos religiosos, os assassinatos e autoextermínio relatados, criaram um estigma para a cena black metal (Massimo Introvigne, 2017). Logo, o discurso misantrópico se desviou para um discurso xenofóbico e racista (Patterson, 2022). Assim, em meados dos anos 1990, atores de uma cena escandinava “araram” a terra e semearam o que veio a se tornar o black metal nacional socialista.

O NSBM, tema dessa pesquisa, é um fragmento do subgênero black metal. Um subestilo, que caiu nas graças de grupos que, outrora, foram adversários dos “metaleiros” nas ruas das cidades, os skinheads/supremacistas. De acordo com Dias, vários movimentos de extrema direita no mundo “possuem elementos pré-nazificadores, como discursos de ódio de diversas naturezas, homofobia, xenofobia e glorificação do estado militar, com os quais o movimento neonazista dialoga política e simbolicamente” (2018, p. 193). A extrema direita mundial, através de movimentos como a Frente Pagã, utiliza a propaganda aparentemente “velada” desses grupos para cooptar apoiadores. “Nós lutamos não só para assegurar geneticamente nossa existência; é uma luta pelo espírito germânico, o nosso espírito – pelo SANGUE” (Moynihan e Søderlind, 2021, p. 315). Dessa maneira, a pesquisa buscou analisar casos de grupos brasileiros encontrados, ora alinhados à extrema direita nacional em seu discurso político, ora alinhados a um discurso que se diz “apolítico”, porém intimamente conectados ao neofascismo e à extrema direita mundial.

Nos casos analisados foi encontrado um extenso material audiovisual produzido, ora de forma amadora, ora de maneira substancialmente profissional, do ponto de vista comercial. O capítulo três dessa pesquisa buscou levantar dados e indícios dos discursos de ódio produzidos por esses grupos, divulgados abertamente em plataformas de vídeos, como o YouTube, em redes sociais como Facebook, Instagram e X, assim como em sites colaborativos como o

Encyclopaedia Metallum: The Metal Archives, o Last.fm, o Letras, para citar alguns. Essa tarefa revelou uma forma de operação contrastante entre um suposto anonimato e a exposição, dentro e fora da cena, em que esses grupos se manifestam.

Reiteramos que foram muitos os grupos relacionados ao NSBM encontrados no Brasil e não somente os casos apontados por Campoy (2010), a saber, as bandas *Nachtkult* do Rio de Janeiro e *Thornsland* de São Paulo. No site que cataloga bandas de metal extremo, Metal Archives, observamos que o NSBM está presente nas regiões Sudeste, Sul, Centro-Oeste e Nordeste. Nessas regiões existem bandas ativas e aparentemente “inativas”, como: *Além-Homem*, *Furor Volturmo*, *Paulistarum*, *Granatus*, *Pagan Circle*, *Walsung*, *Command*, *Werewolf Bloodorder*, *Ecce Hommo*, para citar apenas alguns nomes.

Nesse sentido, também foram encontradas gravadoras e selos que distribuem material NSBM para várias regiões do Brasil e do mundo. A mais influente delas, a *Hammer of Damnation*, é uma gravadora/selo da região do ABC paulista, de propriedade de Luiz Carlos Oliveira, um ator da cena black metal nacional com conexões evidentes com grupos internacionais de NSBM. A influência desse ator se revelou considerável na cena, justamente pela construção dessas várias conexões e atuações em toda uma cadeia de produção de material relacionado à cena de metal extremo. Atuando dentro e fora do país como um influente empresário do ramo, Luiz Carlos é proprietário, além do selo, de loja, estúdio e casa de shows. A banda com a qual desenvolveu a sua carreira, a *Evil*, é reconhecida dentro e fora do país como parte de uma seleta e influente cena internacional de bandas NSBM (Maspero; Ribaric, 2015). Notamos inúmeras relações de Luiz Carlos com bandas europeias. Entretanto, também se observaram conexões significativas com grupos neonazistas estadunidenses, evidenciando a articulação de movimentos racistas e supremacistas entre o Brasil e os Estados Unidos.

Analisamos grande parte do material produzido pela sua banda, a *Evil*. Seguimos os seus passos, as suas formações, relações com a cena *skinhead*, os crimes cometidos, os diversos projetos paralelos dos membros da banda, os codinomes, as ligações com as bandas neonazistas nacionais e internacionais. Observamos que a forma de operação de vários grupos se revelou aproximada. Como em um “jogo” que, a depender da circunstância, estão ativos quando conveniente e quando não, saem de cena. Entretanto, o material produzido continua disponível nas redes, em lojas físicas e *on-line*. Em vários casos são lançados materiais como coletâneas, mesmo com a banda não estando em “atividade”. Muitos desses materiais carregam ambiguidades aparentes, como a utilização de signos neopagãos, relacionados ao hitlerismo esotérico. Enquanto isso, outros grupos não escondem a sua verdadeira intenção, aplicando

símbolos nazistas em suas capas de disco, utilizando áudio de propaganda nazista em suas músicas e registrando letras exaltando a raça ariana. Em suma, cometendo crimes de apologia ao nazismo.

Notamos também que os grupos, além de se valer de um conjunto de estratégias, para se manter “anônimos ativos” contam com uma rede de “proteção” da própria cena. Em nome do *underground*, do “verdadeiro espírito” black metal, muitos simplesmente ignoram o fato da existência de tais grupos NSBM. Em uma entrevista com um membro de uma banda de black metal de Belo Horizonte, o interlocutor mencionou a possibilidade de lançar as próximas produções de sua banda pela *Hammer of Damnation*. Assim, perguntei a ele se importava o fato de se tratar de um selo que distribui bandas neonazistas. O interlocutor (2023) respondeu: “Cara, eu sempre compro materiais da loja do Luiz, todo mundo conhece o Luiz, todo mundo sabe das ideias dele, o negócio é que a loja dele vende o seu disco pra muitos lugares no mundo, ele tem muitos contatos”. Na concepção desse interlocutor, fazer negócio com alguém que acumula indícios de racismo e de neonazismo não teria problema, uma vez que se trata, segundo ele, de uma relação apenas “comercial”. Em outro caso, outro interlocutor apontou que na sua cidade, Salvador - BA, algumas bandas estavam lançando seus discos pela *Hammer of Damnation* e ele mencionou na entrevista que não compraria o material, por causa disso. Ou seja, nem todos concordam em consumir, mas alguns concordam em ser distribuídos pelo selo de Luiz.

Ainda, dentro desse capítulo de análise, encontramos uma banda de Ribeirão das Neves, região metropolitana de Belo Horizonte, chamada *Echoes*. A análise do material disponível em suas redes possibilitou a identificação de um viés neofascista com contornos específicos, passando por teorias conspiratórias e convergindo em um bolsonarismo latente defendido pelos integrantes da banda. Em suas redes e em seus materiais audiovisuais, a banda se identifica com temas e grupos NSBM, porém se refugia na categoria racista do “humor negro”, autodeclarada em suas produções amadoras com conteúdos políticos, violentos e neonazistas.

Para compreender o tema e os grupos que foram encontrados, buscamos no capítulo I analisar o discurso interno de autores como Berger (1999), Walser (1993), Weinstein (1991), Kahn-Harris (2007), Azevedo (2009) e Ribeiro (2010), para citar alguns. Dessa forma, esse diálogo possibilitou seguir o rastro de bandas do subgênero black metal até convergir com as ideologias do nacional-socialismo. Muitos autores concordam com a participação fundamental de Varg Vikernes, da banda *Burzum*, na criação do NSBM, porém apontam a participação de vários outros atores da cena norueguesa na gênese do black metal nacional socialista (Moynihan

e Söderlind, 2021; Patterson, 2022; Maspero e Ribaric, 2015; Campoy, 2010). Buscamos identificar em que momento o NSBM, de fato, se assenta na cena black metal e se transforma em um estilo “legítimo” do metal extremo. Autores como Maspero e Ribaric (2015) indicam que esse estilo está ativo em diversos países fora do norte global. Uma década após a publicação de *Wolves among Sheep* (2015), observa-se a permanência desse fenômeno em uma realidade local. A obra de Maspero e Ribaric foi tratada como literatura nativa, uma vez que expressa percepções internas ao microcosmo NSBM, em diálogo com outros materiais nativos, como bandas, mídias e plataformas observadas ao longo da pesquisa. Assim, pode-se considerar a urgência em monitorar e denunciar esses grupos que fomentam o racismo e a xenofobia, dentre outros crimes mascarados de “liberdade de expressão”.

No capítulo II desse trabalho buscamos entender a cena de metal extremo a partir da “reflexividade” (Giddens, 1991) e da ideia de “comunidade reflexiva” (Kahn-Harris, 2007; Lash, 2012). Na concepção de Kahn-Harris (2007), a cena metal segue os fundamentos observados por Lash (2012), pois os membros da cena se “mergulham” na cena por iniciativa própria; a cena se alastra no tempo e no espaço; os membros da cena estão a todo instante debatendo a própria cena, como o tempo e que tipo de espaço a cena deveria ser; os produtos que envolvem essa cena são estritamente culturais (Kahn-Harris, 2007). Ao longo da pesquisa, foi possível observar como essas interações reflexivas se manifestaram tanto nas incursões em eventos de metal extremo quanto nas observações das redes sociais, espaços onde parte da cena expressa suas percepções e posicionamentos. Algumas dessas manifestações foram tratadas como falas nativas, permitindo compreender os pontos de vista dos atores da cena, sobretudo os grupos pesquisados.

Contudo o autor (2007) aponta que na cena o fenômeno da “irreflexividade” se torna um comportamento comum, muitas vezes, se transformando em uma “antirreflexividade” convergindo em uma “antirreflexividade reflexiva”. Assim, vale reiterar a lógica apontada pelo autor que entende a “antirreflexividade reflexiva” como “saber mais, mas decidir não saber”. Uma ideia que separa tanto da “antirreflexividade” (não querer saber mais) quanto da “irreflexividade” (não saber mais) e faz com que a “antirreflexividade reflexiva” combine os dois lados em um esforço consciente para desconsiderar ou se desligar do que se sabe. Ou seja, podemos entender como uma ignorância consciente. Observamos que esse comportamento é bastante comum na cena de metal extremo que abordamos. Assim, isso explicaria, mas não justificaria, as atitudes dos atores da cena de metal extremo relatadas ao longo dessa investigação.

Por último, e não menos importante, buscamos fazer uma breve discussão sobre as pesquisas que abordam temas extremos. Esses assuntos podem ser compreendidos como questões voltadas para o monitoramento e denúncia de violências em vários âmbitos. Essas violências, simbólicas ou físicas, podem resvalar na figura do pesquisador. Assim, levantamos relatos de pesquisadores que trabalharam com temas sensíveis como as antropólogas Adriana Dias (2007, 2018, 2020) e Maria Elvira Diaz-Benítez (2015), para citar alguns. Pode-se considerar que é um grande desafio pesquisar grupos de ódio, assim como pondera Lourenço Cardoso (2010).

Finalizando, este trabalho evidentemente não tem a pretensão de ser exaustivo, mas aponta para outros projetos e pesquisas futuras. Espera-se também que os argumentos aqui expostos possam contribuir para reflexões posteriores e que este estudo sirva como material de consulta para aqueles que desejem debater o NSBM, a cena do metal extremo, bem como questões relativas ao neofascismo e à extrema direita a partir do Brasil.

Porém, entende-se que lutar contra a extrema direita requer a compreensão do caráter mutável e perigoso com o qual o fascismo se perpetua, se apropriando de tudo e todos que fecham os olhos e os ouvidos para questões sociais. Assim, se o fascismo é eterno, como diz Umberto Eco (2021), o antifascismo também deve ser. Essa pesquisa não se encerra nela mesma, a ideia é que seja complemento em investigações que abordem o NSBM e temas relacionados. Seguimos!

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. - São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019. 264 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamilia Ribeiro).
- ANDRADA, Lúcia Vulcano de. **We who are not as others: análise das noções de violência no mosh a partir do heavy metal**. 2013. 115 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- ANQUILAÇÃO CLIPES. **Aniquilação**. Blogspot, 09 abr. 2011. Disponível em: <<https://aniquilacaoclipes.blogspot.com/>>. Acesso em: 10 jul. 2025.
- ARNETT, Jeffrey Jensen. **Metalheads: heavy metal music and adolescent alienation**. Boulder, Colorado: Westview Press, 1996.
- AZEVEDO, Cláudia Souza Nunes de. **É para ser escuro! - codificações do Black Metal como gênero audiovisual**. Tese (Doutorado) 239 f. - Programa de Pós- Graduação em Música, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. 2009.
- BERGER, Harris M. **Metal, Rock and Jazz: Perception and the Phenomenology of Musical Experience**. Hannover: University Press of New England, 1999.
- BERTONHA, João Fábio. Resenha de: EVANS, Richard. Conspirações sobre Hitler: o Terceiro Reich e a imaginação paranoica. **Revista Eletrônica Espaço Acadêmico (Online)**, v. 22, n. 239, p. 117-121, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/66824>>. Acesso em: 10 abr. 2024.
- BETIOL, Vinícios. **A arte da guerra online: como enfrentar as redes de extrema direita na internet**. Rio de Janeiro, RJ: Autografia, 2022. 178 p.
- BLACK METAL STORE. **Walsung – Release**. Disponível em: <[https://blackmetalstore.com/walsung/?srsltid=AfmBOorBkL2Oi\\_b8cIKHkqUcOyeNT8VWHSJCzzfLh95nDq7K9MJ\\_Xz0Z](https://blackmetalstore.com/walsung/?srsltid=AfmBOorBkL2Oi_b8cIKHkqUcOyeNT8VWHSJCzzfLh95nDq7K9MJ_Xz0Z)>. Acesso em: 11 out. 2025.
- BLACK METAL 666. **Bapo com o Warlord, Evil**. Podcast Wolfs Transmission (2022). Youtube, 26 dez. 2024. 1 vídeo (aprox. 1h). Disponível em: <<https://www.Youtube.com/watch?v=mcG9w7QAj4c>>. Acesso em: 30 jul. 2025.
- BRIAN, Stanley. **Entrevista concedida a Pierre Avril**. Le Scribe du Rock, maio 2019. Disponível em: <https://www.webzinelescribedurock.com/2019/05/raw-black-metal-brazil-echoes.html>. Acesso em: 10 out. 2025.
- BUESNEL, Ryan. **National Socialist Black Metal: a case study in the longevity of far-right ideologies in heavy metal subcultures**. Patterns of Prejudice, [S. l.], 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/0031322X.2020.1800987>>. Acesso em: 31 jul. 2025.
- CANAL HISTORY BRASIL. **Descrição**. YouTube, 28 jan. 2012. Disponível em: <[www.Youtube.com/@CanalHistory](http://www.Youtube.com/@CanalHistory)>. Acesso em: 10 jul. 2025.

CAMPOY, Leonardo Carbonieri. **Trevas sobre a luz: o underground do heavy metal extremo no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2010. 320 p.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrílica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**. v. 8, n. 1, p. 607-630, 2010.

DIAS, Adriana. Neonazismo hoje: a cena brasileira e suas linhagens. IN: **Antissemitismo, uma obsessão: argumentos e narrativas** / Org. Eliane Pszczol, Heliete Vaitsman. 1. ed.; Rio de Janeiro: Numa Editora, p. 122-141, 2020. 244 p.

\_\_\_\_\_. **Observando o ódio: entre uma etnografia do neonazismo e a biografia de David Lane**. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 2018. 366 p.

\_\_\_\_\_. **Anacronautas do teutonismo virtual: uma etnografia do neonazismo na internet**. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 2007. 329 p.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. **O espetáculo da humilhação, fissuras e limites da sexualidade**. *Mana*, v. 21, p. 65-90, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-93132015v21n1p065> Acesso em: 02 mar. 2024.

ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. Tradução de: Eliana Aguiar – 11ª ed. – Rio de Janeiro: Editora Record, 2021. 64 p.

ENCYCLOPAEDIA METALLUM: The Metal Archives. **Site oficial** [recurso eletrônico]. Disponível em: <<https://www.metal-archives.com/>>. Acesso em: 10 out. 2025.

ESTÚDIOS PANELAÇO. **Clube do Risco #85 – Mystifier (Armando “Beelzebubth”)**. Entrevista com João Gordo. YouTube, 27 abr. 2021. 1 vídeo (aprox. 1 h). Disponível em: <[https://www.Youtube.com/watch?v=5sppp75UW\\_c](https://www.Youtube.com/watch?v=5sppp75UW_c)>. Acesso em: 30 jul. 2025.

FILDES, Nic. Helter Skelter: a música brutal dos Beatles que inspirou uma onda de assassinatos. **Financial Times** - (03/05/2021). Disponível em: <<https://ig.ft.com/life-of-a-song/helter-skelter.html>>. Acesso em: 20/05/2025.

FINCHELSTEIN, Federico. **Uma breve história das mentiras fascistas**; tradução de Mauro Pinheiro. – 1 ed. – São Paulo: Vestígio, 2020. 188 p.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução: Raul Fiker. – São Paulo: Editora Unesp, 1991 – (Biblioteca básica). 194 p.

GOODRICK-CLARKE, Nicholas. **O sol negro: cultos arianos, nazismo esotérico e políticas de identidade racial**. Tradução de Patrícia Biavaschi. São Paulo: Madras Editora, 2005.

INTROVIGNE, Massimo. “I Worship Death, Evil, and All Darkness”: Black Metal and Satanism. (2017). **La Rosa di Paracelso nr 2**. Disponível em:

<<https://docplayer.net/88139218-I-worship-death-evil-and-all-darkness-black-metal-and-satanism-massimo-introvigne.html>> acesso: 30/07/2023.

KAHN-HARRIS, Keith. **Extreme Metal: Music and Culture on the Edge**. Oxford/ Nova York: Berg. 2007. 194 p.

KERSHAW, Ian. **Hitler**. Tradução: Pedro Maia Soares – São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 1080 p.

KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo**. São Paulo: ed. Expressão Popular. 2009. 184 p.

LASH, Scott. A reflexividade e seus duplos: estrutura, estética, comunidade. In: BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. Tradução de Magda Lopes; revisão técnica de Cibele Saliba Rizek – [2. ed.]. – São Paulo: Editora da UNESP, 2012. Cap. 3, p. 167-258.

LÜHNING, Angela; TUGNY, Rosângela Pereira de (Org.). Etnomusicologia no Brasil: reflexões introdutórias. In: LÜHNING, Angela; TUGNY, Rosângela Pereira de. **Etnomusicologia no Brasil**. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2016. 323 p. (21-45).

MASPERO, Davide; RIBARIC, Max. **Wolves among Sheep: History and Ideology of National Socialist Black Metal**. Milan: Tsunami Edizioni 2015. (576 p.)

MENINOS DO BRASIL. Direção: Franklin J. Schaffner. Produção: Stanley O'Toole. Roteiro: Heywood Gould. Elenco: Gregory Peck, Laurence Olivier, James Mason. Baseado na obra de Ira Levin. [S.l.]: Twentieth Century Fox Home Entertainment, 1976. 1 DVD (ca. 125 min.), son., color.

MOYNIHAM, Michael, SØDERLIND, Didrik. **Lords of Chaos**. Tradução de Tavo Mata Machado. 2 ed. – Contagem; MG: Estética Torta. 2021. 668 p.

MUDDE, Cas. The far right today. Cambridge: Polity Press, 2019. Um manual (para) traduzir das novas direitas . Resenha de: SCHUSTER, Karl; FERREIRO-VÁZQUEZ, Óscar. **Crítica Historiográfica**. Natal, v.2, n. esp. (Novas Direitas em discussão), ago. 2022. Disponível em: <<https://www.criticahistoriografica.com.br/3233/>>

NECRÓPOLE HALL. **Sobre o Necrópole Hall**. Disponível em: <<https://necropole.com.br/>>. Acesso em: 11 out. 2025.

NEMIDIAL, Frater. **Liber Azerate**. Tradução e adaptação: Zeis Araújo (Inmost Nigredo). Revisão: Gabriela Paiva. [S. l.]: MLO – Anti-Cosmic Productions, 2014. Copyright © 2002.

OLIVEIRA, Dennis de. **Racismo estrutural : uma perspectiva histórico-crítica**. - 1. ed. - São Paulo : Editora Dandara, 2021. 210 p.

PALCO MP3. **Aviso legal e termos de uso**. Disponível em: <[https://www.palcomp3.com.br/aviso\\_legal.htm](https://www.palcomp3.com.br/aviso_legal.htm)>. Acesso em: 10 out. 2025.

PATTERSON, Dayal. **Black metal: a história completa, Volume 1**. Traduzido por Adriano Scandolaro. 1 ed. – Contagem; MG: Estética Torta. 2022. 480 p.

PATTERSON, Dayal. **Black metal: a história completa, Volume 2**. Traduzido por Adriano Scandolaro. 1 ed. – Contagem; MG: Estética Torta. 2022. 416 p.

PAXTON, Robert O. **Anatomia do fascismo**. Ed. Paz e Terra, 2023. 462 p.

PEEL, Bill. **Tonight it's a world we bury: Black Metal, Red Politics**. London: Repeater Books, 2023. 192 p.

POPPER, K. R. **A sociedade aberta e seus inimigos**. Tradução de Milton Amado. v.1. Belo Horizonte – São Paulo: Itatiaia – EDUSP, 1974.

RIBEIRO, Hugo Leonardo. **Da Fúria à Melancolia: a dinâmica das identidades na cena rock underground de Aracaju**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2010. 378 p.

SANTOS, Taís Vidal dos. **O true contra o poser: um estudo das condições e contradições de ser e fazer metal underground na cidade do Salvador**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador -BA. 2013. 142 p.

SENA, Raffael Silveira. **Da transgressão ao conservadorismo: a escalada da extrema direita na cena metal**. Dissertação (Mestrado). Campina Grande, 2019. 144 f. : il.

SILVA, Luiz Rogério Lopes; BOTELHO-FRANCISCO, Rodrigo Eduardo. **Gestão de conteúdo de ódio no Facebook: um estudo sobre haters, trolls e naysayers**. P2P & Inovação, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 55–76, jan./jun. 2020. Disponível em: <<https://revista.ibict.br/p2p/article/view/5114>>. Acesso em: 5 mar. 2024.

SPRACKLEN, Karl. **Metal Music and the Re-imagining of Masculinity, Place, Race and Nation**. Bingley; Emerald Publishing Limited, 2020. 272 p.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”**; tradução Bruno Alexander. – Porto Alegre [RS]: L&PM, 2022. 208 p.

UNDERGROUND NOISE PRODUCTIONS. **Echoes (Black Metal infame, extremo e provocador com muito humor negro)**. Blogger, 21 nov. 2023. Disponível em: <<https://undergroundnoisetm.blogspot.com/>>. Acesso em: 10 jul. 2025.

VASCONCELOS, Francisco Thiago Rocha. O suprafascismo de Julius Evola e os fundamentos da nova direita iliberal. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n. 119, p. 1–34, maio/ago. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/6PWpC6RWN9n3XYWtK7SPFSv/>. Acesso em: 29/04/2025.

WALSER, Robert. **Running with the devil: Power, Gender, and Madness in Heavy Metal Music**. Wesleyan University Press, 1993

WEINSTEIN, Deena. **Heavy Metal: the music and its culture**. New York: De Capo, 1991.

WEREWOLF RECORDS. **About Werewolf Records (Est. 1998)**. Disponível em: <https://www.werewolf.fi/>. Acesso em: 10 out. 2025.

ŽIŽEK, Slavoj. **Violência: seis reflexões laterais**. Tradução de Miguel Serras Pereira. São Paulo: 1 ed. Boitempo, 2014. 195 p.